

A ESTRUCTURA POLITICA DO BRASIL

I - NOTAS PREVIAS

PELO

Prof. Dr. EVERARDO BACKHEUSER

(Cathedratico da Escola Polytechnica do Rio de Janeiro)



Mendonça, Machado & Ca.

Editores - Rio de Janeiro

: : : : : 1926 : : : : :

DIGITALIZADO

PELA

NACIONALISTA BIBLIOTECA NACIONALISTA

BIBLIOTECA NACIONALISTA

bibliotecanacionalista1.blogspot.com
bit.ly/bibliotecanacionalista (drive)

Todos os exemplares desta obra são numerados e assignados
pelo autor.

N. 173

MacKuen

*A' minha querida, santa e heroica Esposa,
Companheira de todas as Horas;*

*Incomparavel na Bondade;
Admiravel na Dedicção;
Brilhante na Intelligencia;
Inexcedível no Cumprimento
dos Deveres Domesticos
e Civicos.*

PRIMEIRA PAGINA

... eine Grenze hat Tyrannennmacht
Schiller.

Mudando de rumo

Este livro — ou se preferirem — a idéa deste livro nasceu quando eu estava preso.

Não só deste. Também de outros que se lhe hão de seguir, porque este volume é apenas uma especie de cornetim a annunciar os que virão depois.

Mas este livro tem, para mim, uma outra significação. Marca uma sensível deflexão no typo de producção intellectual que até hoje vinha tendo. Os assumptos das minhas ultimas publicações, como reflexo das minhas quasi unicas preocupações, eram de character scientifico especializado e se referiam sempre ás materias de minha cadeira na Escola Polytechnica.

Mas foi, afinal, pela minha propria especialização em Geologia que fui conduzido a themas sociaes. De facto. Graças a ella comecei a me interessar pela *Geographia Physica*; desta passei á *Anthropogeographia* e á *Geographia politica*; só mais um degráu precisava subir para me embrenhar na Politica, na larga e profunda feição que lhe está dando Kyellén.

Erro, porém, se disser que o meu unico guia para ingressar na Politica scientifica foi a Geologia. Houve outro: — o governo Bernardes. Mais do que a minha sciencia predilecta, foi elle, como vai ver o leitor, quem me empurrou para a direcção que agora estou trilhando.

Posso dizer que o anno de 1925 fixa uma grande transformação em toda minha vida.

Não alludo á circumstancia de haver estado preso. Esta quasi já não dá mais honra a ninguém, tanta é a gente que tem sido encarcerada nestes ultimos tempos por motivos politicos — ou sem motivo nenhum. Uma estatística grosseira, feita quando estava em custodia, mostrou-me, pelo depoimento de varios companheiros, que, áquelle tempo, já haviam transitado pelas enxovias policiaes do Rio de Janeiro nada menos de 5.000 pessoas! Uffa! E' muita gente!

Quem versa a literatura hispano americana está acostumado a encontrar, a cada passo, livros escriptos nas prisões ou nos exilios. No Brasil este facto não era regra. Estou, porém, que depois deste quadriennio terrivel, a nossa bibliographia se vai enriquecer de volumes compostos nesses lugares sordidos.

As causas, pelas quaes attribuo tão larga influencia do anno de 1925 sobre a minha existencia, são de outra especie.

Ha umas de ordem privada, muito, muitissimo intimas. Consegui, por exemplo, devido ao facto da minha prisão conhecer bem, na sua verdadeira luz, pessoas de cujas qualidades moraes, apesar de conviver diariamente com ellas, não aquilatava sufficientemente. A profunda reviravolta que tal revelação produziu em todo o meu sêr, foi extraordinaria; mas, por ser profundamente pessoal, não comporta uma explanação em publico. Basta que fique assignalado que foi nesse anno de 1925 que ella se deu.

Ha, porém, uma outra causa mais tangivel para determinar a alteração completa na marcha de uma existencia ha longo tempo votada ao trabalho diuturno. E' tambem do anno de 1925 a data da minha disponibilidade no magisterio, disponibilidade que me veio offerecer com bastante antecedencia aquelle otium cum dignitate que só me era licito esperar depois dos meus 60 invernos e que graças ao sr. Bernardes, pela mão da sua brilhante reforma do ensino, alcancei ainda com os meus rigidos e risonhos 46 outomnos. Poderia assim descancar prematuramente. Como não o sei fazer, carregarei pedras, não aquellas a que já me havia habituado — as rochas e os mineraes — mas outras muito differentes.

E' verdade que quando fui preso já tinha iniciado os estudos de Anthropogeographia, mas tambem é verdade que versava o assumpto roubando o tempo que da minha acanhada capacidade de apprehensão exigiam a Geologia e a Mineralogia. Minha demorada reclusão nos presidios do longo sitio vigente veio me facilitar um lazer de que andava, ha muito, necessitado.

A chave do xadrez

Estavamos em Janeiro de 1925, em plena estação estival, e vivia cançadissimo da labuta de um mez esfalfante de exames e de contra pêsos, do preparo de umas tiradas com pretensões literarias para me apresentar "condignamente" na posse de uma cadeira que me fôra offerecida na Academia Fluminense de Letras. Parece que os "homens de letras" no Estado do Rio não são abundantes; só assim se pôde perceber a insistencia de amigos com assento naquelle Cenaculo para me fazerem entrar para sua "Companhia". Mas, para acolá penetrar, o regulamento exigia uma arenga literaria. Compor essa tal "peça", que entendi de obrigação argamassar com petulante preciosidade, foi para mim, durante muito tempo, uma enormissima causa de enxaquecas, pois a escrevi e rasguei um sem numero de vezes. Adquiri como professor (que o sou desde os meus 13 annos) mais ou menos a capacidade de expôr com singeleza o meu pensamento. Mas dahi a um discurso academico, com phrases buriladas e figuras de rhetorica, vai a sua distancia.

Tive um trabalho. E de que me sahi pessimamente dizem-me: — em primeiro lugar, a minha consciencia ainda não totalmente embotada para a critica; em segundo lugar, as palavras justissimas de Tristão de Athayde no seu rodapé dominical n.º "O Jornal"; e, finalmente, o estagio pelas prisões politicas durante quatro mezes. Porque creio que a minha prisão está ligada áquelle meu desconchavado discurso de recepção na Academia Fluminense de Letras. Senão, vejamos.

Querendo me meter em funduras literarias, andei a fazer comparações que me pareceram adequadas ao meu proposito de deista recém convertido. A certa altura, alludi, por exemplo, ao "Quo Vadis?" A assistencia, interpretando maldosamente certas

referencias feitas a Nero e a Tigelino e acreditando serem ellas allusivas a personagens da nossa triste epoca, prorompeu em ovações calorosissimas e persistentemente prolongadas.

Ai de mim! Dias depois, o "O Estado" de Niteroi começou a publicar, em fatias, o meu aranzel academico. A 4 de Janeiro inseria, em columna aberta, precedido de referencias tendenciosas, o trecho em que eram descriptas as infectas e "geladas" prisões neronianas, onde se apinhavam os que ousavam divergir do cobardissimo Nero, imperador todo poderoso. (*)

Sem muita tardança, com um dia de intervallo apenas, a 6 de Janeiro, de manhã bem cedinho, era eu convidado "a ir dar esclarecimentos ao sr. Marechal Chefe de Policia."

Fui. Nem era possivel deixar de attender a um tão gentil "convite"... contra o qual pelo telephone protestei junto ao sr. Presidente do Estado do Rio, como se pode ver no meu depoimento.

Fui. Não me pediram "esclarecimento" algum. Era uma prisão pura e simples. A policia nunca me interrogou; nem naquella occasião, nem depois. Nunca me ouviu, mas lá fiquei. Fiquei quatro mezes.

Afinal de contas foi bom, porque descancei, coisa que ha muitos annos não fazia.

Na Ilha Rasa

A ILHA RASA, para onde me conduziram logo na madrugada de 7, em rebocador especial, com mil recommendações e cautelas porque se tratava de um preso "perigosissimo", é um recanto admiravel. Fresca, alegre, risonha, com vista para o collar luminoso de Copacabana e com a diversão de ver passar

(*) Este discurso foi publicado, ainda em 1925, sob o titulo "POESIA, SCIENCIA E IDEALISMO", e apesar das "inconveniencias" que continha, não teve a sua venda impedida. Bastou, parece, ser preso o autor. E' verdade que a policia já andava de olho em cima de mim ha muito tempo, pois na Congregação da Polytechnica votamos eu e Labouriau contra uma moção bajulatória ao governo do sr. Bernardes. Mais tarde, as iras se augmentaram quando fui a unica voz a se levantar, vibrante, naquelle recinto para protestar contra a suspensão illegal do meu collega Prof. Labouriau, suspensão da lavra juridica do sr. João Luiz Alves, cavalheiro que não me via com bons olhos desde que ouvira calado a minha réplica vivaz a um officio seu a mim dirigido em meados de 1924.

pertinho os transatlanticos, seria o ideal das "residencias", se não fosse a horripilante comida que nos davam, peor do que a que recebiam nas gamellas os escravos antes de 13 de Maio; se não fosse o barracão-alojamento, onde chovia dentro como se estivessemos ao ar livre; e se não fossem tambem os mãos bôfes de um tenente por alcunha "Boi Tatá", que de vez em quando se lembrava de mandar fazer exercicio de pontaria sobre os exilados que gostassem de estudar a natureza petrographica das penedias daquella Ilha.

Salvo esses "senões" (a que o governo não attendia, porque infringindo o miserando art. 80 da Constituição o que elle queria era nos "castigar") o "repouso" da Ilha Rasa me foi util.

José Oiticica, que já era veterano no presidio e que, com alma estoica, cumpria ha seis mezes o fadario que eu ia iniciar, pôz á minha disposição a sua bibliotheca em retribuição do unico livrinho que, por feliz acaso, se achava no bolso do casaco com que me vesti para attender ao "convite" do magnanimo Scarpia carioca. Ironia das coisas! Este livrinho era o Wilhelm Tell de Schiller. Que candentes estrophes contra a tyrannia!

Nunca, como então, penetrei tão profundamente no sentido daquelle grande poema dramatico.

Oiticica deu-me, em troca da edição artistica de Schiller, o alentado volume de Ratzel sobre a "Politische Geographie". Tive tempo para o ler. Os dias inteiros, á sombra da torre do Pharol ou entre blocos de granito das encostas escarpadas, sentindo a frescura da brisa ligeira, meditava, Ratzel na mão, sobre a estrutura politica do Brasil. Foi um banho por dentro.

Vi então, em toda calma, a limpida evidencia de que a melhor e mais segura base para entender a rígida concatenação historica dos destinos de um povo, está em apreender as linhas scientificas fundamentaes da sua geographia politica.

Foi dahi que, percebendo a falta que aos nossos sociologos faz o conhecimento exacto da Geographia Racional, me veio a idéa inicial de investigar os problemas brasileiros da Unidade Nacional á serena luz da Anthropogeographia.

Na Detenção

Estava achado o título do livro que, aliás, foi modificado posteriormente como se está vendo.

Quando, já na Detenção (1), fui visitado por Lacerda Nogueira, o infatigável secretario perpetuo da Academia Fluminense de Letras, disse-lhe em que occupava o meu tempo. Elle, exuberante, permanente vulcão cerebral em permanente ebulição, logo divulgou a noticia pelos jornaes onde collabora. Estava assim assumido o compromisso com o publico.

Principei a escrever febrilmente, apesar do estado de irritada indignação que me causava a permanencia illegal na Casa de Detenção.

Quem nunca esteve entre as grades de um presidio de reus de crime commum não póde conceber o que faz a nervos sensíveis aquelle roc-roc das enormes chaves trancando, á tardinha, as portas dos cubiculos, e os apitos ininterruptos da vigilancia nocturna e as campainhas a tilintarem freneticas por todos os longuissimos corredores mergulhados no gelido silencio daquellas noites interminaveis, toda a vez que o carrilhão da Torre da Correcção batia as badaladas de quarto em quarto de hora.

Apesar de todo esse mau estar continuo (como tinha saudades da Ilha Rasa!) comecei a escrever o meu livro. E, o que mais é, escrevia-o sem azedume, sem mergulhar a minha penna em bilis contra a tyrannia que dominava minha Patria. Ao contrario. Só me preocupava o Brasil em seu conjunto territorial, na sua evolução historica, nas suas "possibilidades", nos seus defeitos geraes, nas suas qualidades bellissimas. Para mim, encarcerado, neurasthenico, atacado daquella terrivel tantalite (2) dos

(1) Fui removido a 16 de Fevereiro para a Casa de Detenção. Recusei-me a entrar, pois julgava aquelle um lugar infamante para presos politicos. Allegaram-me que não valia a pena resistir porque só alli estaria até prestar declarações ao procurador criminal. Mas, apesar de terem as minhas declarações satisfeito áquelle funcionario judiciario, que me julgou sem qualquer laivo de culpabilidade, ainda assim fiquei detido mais dois mezes e meio. E' incrivel a arbitrariedade!

(2) Tantalite chamavamos nós ao supplicio, mais tetrico do que o da propria prisão, pelo qual os agentes do governo nos torturavam annunciando sempre "para muito breve", "para a proxima semana", a ordem de soltura, o "alvará" como lhe chamam os presos communs, ordem porém que era adiada indefinidamente, semanas e semanas, mezes e mezes, annos e annos. Era o supplicio de Tantalos. De Tantalite soffri muito tempo. Foi talvez a unica epoca em que perdi um pouco do meu afamado bom humor.

presos politicos, o sr. Arthur Bernardes, pequenino e odiento, era um accidente minimo na longa vida da nação, accidente doloroso sem duvida, que faria o Brasil andar para traz muitos lustros, mas afinal um accidente passageiro, um accidente sem importancia. Visto de perto, como nós o estamos agora vendo — vendo e sentindo, ai de nós! — parece de grande vulto, mas afinal elle é como esses morrotes, que olhados do sopé dão a impressão de muito altos, mas que no entretanto se esbatem na paisagem geral, por serem assás insignificantes.

Precisava para hygiene do meu proprio funcionamento mental não pensar nessa gente. E não pensava.

Os outros companheiros — quasi todos — enchiam o figado do fel do rancor, deblaterando contra aquelles que os haviam enclausurado, ou engalanavam-se festivamente á mais longinqua esperanza da victoria do povo contra o despotismo. Eu, não. Eu estudava. Acordava muito cedo; ia ao chuveiro ás 4 horas da madrugada, para me poupar da vergonha de me banhar promiscuamente com os presos communs; tomava o meu café (por mim mesmo preparado) e escrevia até á hora do almoço.

A maior parte deste livro foi assim composta.

Depois, o interesse de ir divulgando as idéas pela imprensa, unica maneira que no Brasil a gente tem de ser um pouco lido, fez com que o recortasse em retalhos para os ir expondo "como amostras" pelas columnas d'O Jornal. Encontrará o leitor neste volume pedaços já publicados e pedaços ainda virgens de leitura. Si eu não dissesse que os havia escripto dentro das horriveis grades da Casa de Detenção, o estylo e a calma com que estão redigidos não n'o indicariam. Pois o foram, quasi todos.

Bem se vê, assim, que Schiller tinha razão de pôr na bocca de Stauffacher as palavras que tomamos para epigraphe deste capitulo. O poder dos tyrannos tem um limite. Podem, por exemplo, prender o corpo, mas não podem encarcerar o pensamento.

Projecto a realizar

Neste primeiro volume da serie prefiro manter ainda o regimen de retalhos. Não arrumo os capitulos em ordem systematica; não lhes dou contextura didactica. Esta e aquella ficam re-

servadas para a obra maior em que abordarei de frente A Estrutura Política do Brasil, título que é mais geral e mais expressivo que aquelle, que primitivamente havia escolhido. Com o rotulo de "Unidade Nacional á serena luz da Anthropogeographia" só me poderia occupar de um certo grupo de problemas, ao passo que agora tenho o direito de alargar o campo das minhas cogitações, das minhas experiencias e das minhas observações.

A obra será subdividida em seis grandes partes, cujos detalhes estão dados na Ultima pagina deste volume e de que um resumo synthetico encontrará o leitor no capitulo -- A Política e a geopolítica, segundo Kyellen (pag. 46).

Dessas cinco partes a primeira apparecerá em breve, pois já está no prelo, e pouco mais é do que o curso que sob tal titulo fiz, de Junho a Setembro deste anno, no Instituto de Alta Cultura da ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO. As outras partes virão a seu tempo.

Este volume, portanto, faz o papel de batedor, ou como disse acima, de cornetim annunciando o que ha de vir. Com synonymia mais sisuda, poderia dizer que aqui estão algumas notas prévias. E' assim que os homens de sciencia costumam cognominar as informações que vão dando a publico de um trabalho que ainda não está concluido de todo. De facto. Este volume contém apenas algumas idéas das varias que a obra maior abraçará e desenvolverá.

Icarahi, Julho de 1926.

ASSUMPTOS GERAES

DIZER A VERDADE

Dizer ou calar?

Antes de começar a redigir este livro, perguntámos muitas vezes a nós mesmos, se seria conveniente fazel-o. Conveniente e patriótico.

E' que elle ia ser escripto com o fim de dizer verdades, e ha verdades duras de quvir. Ainda mais: ha verdades que mais convem desconhecer. Convirá, de facto, que cada nação saiba tudo, de bom e de máo, que possue? Ou convirá, ao contrario, que ignore o justo conceito em que é tida pelos outros povos, conceito que é, em geral, o reflexo da sua situação real?

A demora em iniciar a redacção deste nosso trabalho residiu exactamente nessa terrivel duvida em que se debatia o nosso espirito: dizer ou calar? Que será mais vantajoso ao futuro do Brasil: que elle conheça ou que elle desconheça os seus achaques? E portanto, o que será mais patriótico: entoar hosannas ás nossas "inegualaveis" riquezas ou descrever com precisão os fundamentos physicos e ethnicos que originam as falhas da nossa organização social?

A nossa situação de escriptor é a de um medico em face de um enfermo. O medico deve, ou não deve, dizer ao doente a gravidade do seu mal?

Cada clinico na presença de um consulente necessita de lhe fazer preliminarmente a psychologia e, só então, resolver o modo de proceder. Se a doença lhe parece "mortal", sendo ao medico impossivel achar na sua arte um remedio efficaz, é quasi um crime proclamar desabaladamente a verdade. Preferivel e caridoso, será occultal-a. Nada adiantaria ao doente conhecer o "seu caso" uma vez que não soubessem cural-o. Só se conseguiria o abatimento do organismo e uma mais accelerada marcha para o final e fatal resultado antecipadamente previsto.

A situação psychologica já é totalmente outra se a doença, embora grave, pôde desaparecer uma vez que o paciente se subordine a um rigoroso tratamento. Nesta hypothese o medico deve com clareza e minucia expôr a sua opinião. Ha doentes recalitrantes e optimistas, aos quaes é preciso não só dizer a verdade como ainda mais — carregar nas tintas do quadro pathologico para que, vendo proximo o espectro da morte, procure cuidar convenientemente da sua saude. Tomará, então, as mais repugnantes drogas, sujeitar-se-á aos mais pedantescos regimens, privar-se-á dos gosos mais queridos e dos vicios mais enraizados.

O medico que deixa no cliente a impressão de que a molestia não tem importancia é um máo psychologo, pois não lhe inculca a vontade de sarar, não faz gerar a fé e a confiança nos effeitos da medicação, faz com que o organismo se afunde em um nocivo relaxamento sem que desperte a melhor cooperadora da medicina, que é a ansia do proprio moribundo para a vida.

Assim, vejamos. A situação do Brasil pôde ser considerada pessima, mortal, não havendo nas pharmacias sociologicas, especificos recommendaveis para a cura? Se assim é, é sensato e recommendavel o discreto silencio lisongeador ou mesmo as largas e encorajadoras tiradas optimistas. Ou, ao contrario, a nossa situação é optima e perfeita? Neste caso, não ha mal em que o Brasil ouça tudo que de bem ou de mal se disser a seu respeito, pois o organismo rijo e são não se incomoda com prognosticos pessimistas nem com palavras exaggeradamente encomiasticas. Ou, ainda, a situação moral, intellectual e material, ou seja a situação economica e politica do paiz é grave mas susceptivel de restabelecimento? Nesta hypothese — que é a nosso ver a verda-

deira — por que então o receio, por que o medo, por que o pavor de dizer as coisas como as coisas são?

Em outras palavras: poder-se-á ou antes dever-se-á escrever, no Brasil, um livro nos moldes da formidavel obra que é *Créer*, do sr. Edouard Herriot, ou dever-se-á ficar eternamente nas lôas de certos escriptores? Supportará a mentalidade brasileira — sem pedir logo o catafalco para o impio — que sobre a nossa patria sejam ditas por um brasileiro as cruas e duras verdades que sobre a França disse um francez, quando aqui estamos a ver todo o dia a irritabilidade patrioteira dos jornaes se qualquer estrangeiro nos analysa com imparcialidade e exactidão?

A leitura dos volumes do sr. Herriot deu-nos o ultimo argumento de que precisavamos para lançarmos mãos á obra. As magnificas paginas traçadas em 1920 por aquelle que teria de vir a ser presidente do Conselho de Ministros da França nos causaram uma excellente impressão. O volume dedicado, aliás, "*aux jeunes gens de France pour qu'ils soient plus intelligents et plus hardis que nous*" parece estar escripto para brasileiros, de tal modo, pelo caracter psychico e pela similitude dos problemas sociais, se assemelha o Brasil á França.

O regimen da franqueza

Nos paizes teutonicos e anglo-saxonios, o povo está acostumado a que lhe falem sempre com sinceridade e presta ouvidos aos que lhe dizem a verdade exacta. As publicações nos moldes das do sr. Herriot são innumeras nesses paizes. Os ministros publicam nos seus relatorios dados precisos, rigorosos, por mais dolorosos que sejam, e não artificiosamente camouflados, como é costume praticar aqui e em outros paizes latinos. E' que a população não se abate ao saber de uma situação pouco lisongeira, porque isto lhe serve de incentivo para trabalhar mais, em vez de se apossar da massa popular o desanimo e os pendores derrotistas. Viu-se isso durante a ultima guerra. Os communicados inglezes eram nitidos, precisos, declarando sem reboços as derrotas que soffriam com a mesma sobriedade e franqueza com que noticiavam as victorias.

Nos paizes latinos, e no Brasil em particular, os governos oc-

cultam systematicamente a verdade, principalmente no que diz respeito á vida financeira e economica da nação. Só é ella revelada — e então com grande escandalo e aos berros — pelo governo subsequente. Cada periodo presidencial é sempre uma maravilha administrativa na penna dos seus ministros e é quasi sempre uma “pavorosa calamidade” na descripção que della fazem os relatorios ministeriaes seguintes.

O que se dá com os politicos ocorre, tambem, não raramente, entre os escriptores de assumptos sociaes. Aqti, porém, ha varias hypotheses para justificar o uso e abuso da mentira. Muitos publicistas não se referem aos nossos males por miopia intellectual; outros, porque a sua pratica de raciocinar lhes impede de perceber a verdade; outros, ainda, porque não ousam fazel-o por lhes faltar a coragem civica de arrostar com a animosidade geral do momento.

Um exemplo. Alberto Torres é talvez o autor brasileiro que mais fundo cravou o bisturi na pesquisa dos cancos sociaes e politicos que corroem o organismo brasileiro. Escreveu as suas obras em plena maturidade intellectual, depois de ter passado muito tempo na politica militante e na magistratura activa, isto é, depois de ter sido ministro, presidente de Estado e membro do Supremo Tribunal Federal. De todas as suas paginas ressumbra o esforço para que o Brasil se organize. E' um escopo perfeitamente analogo ao de Herriot. No entretanto, a obra de Alberto Torres longe está de ter a sinceridade, a franqueza e precisão de detalhes da do notavel estadista francez. Percebe-se a cada momento que Alberto Torres está occultando uma parte da verdade. A carne sangrenta das feridas postas a nú obumbra os seus proprios olhos e elle prefere, então, não mostral-a ao publico ignorante.

No entretanto, dizer a verdade — e a verdade toda — não é aggreir, não é descompôr, não é desmoralizar as coisas brasileiras. Ao contrario. E' salientar o que ha de bom, que ficará em relevo, ao lado do que ha de máo.

Acostumemo-nos pois a dizer sempre a verdade.

A PRATICA DO PATRIOTISMO

A Patria é a alma da Nação.
Alberto Torres.

A sensação de patriotismo

Sentir o patriotismo é coisa relativamente facil. Interpretal-o e pratical-o, difficil.

O patriotismo tem qualquer coisa que se refere ao passado e ao futuro. Fala-nos dos feitos que nossos avós realisaram, mas nos diz tambem da felicidade, e bem estar, e alegrias, e venturas que hão de vir a fruir nossos netos. Tem, pois, uma finalidade edificada sobre uma tradição. E' o elo entre o que foi e o que ha de vir.

Mas a esse sentimento vago, abstracto, embora latente em todos os corações, junta-se um outro mais preciso. E' o do affecto e carinho por um certo e determinado pedaço de terra. O limite do amor é a linha da fronteira. Cada qual de nós traz gravado na alma o mappa territorial da patria.

Todo pedaço de terra que estiver além do “nosso” territorio já não é olhado com igual sentimento.

Sendo esta a noção basica, essencial, incorruptivel de patria, claro é que a noção de patriotismo, que é o “amor á patria” tem de se deduzir della.

Não será, portanto, patriota aquelle que não tiver amor ao pedaço de terra em que nasceu e ás tradições essenciaes da sua historia.

Este sentimento cada homem traz em si, immanente. E' quasi tão instinctivo como o amor da familia, isto é, o respeito pela memoria dos paes e o esforço para a melhoria de situação dos filhos.

Amar á sua familia não significa, porém, odiar e perseguir as outras familias. O affecto pode ser distribuido; pode ser compartilhado. Embora tenhamos muita amizade pelos nossos, podemos ser imparciaes no seu julgamento, comparando-os com ou-

tros indivíduos. Identicamente, amar sua patria não exige menosprezar as outras patrias; não significa mesmo achar que só a sua possui o que é bom e que tudo quanto nella se fizer ha de ser sempre louvavel; não indica que devamos perder o respeito pelas boas qualidades alheias.

Assim entendido, o sentimento de amor á familia leva ao de fraternidade, e o de patriotismo leva ao de internacionalismo. Uma coisa não impede a outra. Podemos respeitar e ter amizade por toda uma população e no entanto trabalharmos apenas para a “nossa” familia; podemos admirar, imitar e auxiliar todas as nações da Terra e no entretanto devemos procurar engrandecer e elevar principalmente a “nossa” patria.

Creemos que um tal modo de perceber o patriotismo está hoje em dia bastante generalizado para que seja preciso insistir no assumpto. Podemos assim dizer que todo o homem é mais ou menos patriota.

Grandeza e unidade da patria

O que importa estudar é o melhor modo de praticar o patriotismo.

E' evidente que a orientação que cada individuo dá ao “seu” patriotismo é especifica, quer dizer, varia de pessoa a pessoa, de temperamento a temperamento. Varia segundo a instrução e a educação de cada qual. Varia segundo o modo de julgar as tradições. Este dá mais importancia aos fastos militares e aquelle mais ás conquistas pacificas. Qual pensa que maior admiração merece a cultura intellectual e qual opina que os melhoramentos materiaes são de maior monta.

Em um ponto, porém, todos se põem de accordo: é no respeito ás linhas de demarcação do territorio. Seja esta linha fructo da conquista ou resultado da mera conservação de propriedade, ninguém despega os olhos daquelle cordãozinho imaginario que separa o “seu” paiz do paiz “dos outros”. A alteração dessa linha só é acceita de bom grado — e até festivamente — quando se objectiva um augmento de area.

Nós temos no Brasil um exemplo. Apesar do nosso grande territorio, alegra-nos sempre a noticia de novas aquisições nos

litigios que temos resolvido. Nenhum brasileiro sente falta de “espaço” para viver. Muito pelo contrario. Temos enormissimas areas totalmente despovoadas. Mas o facto de sermos senhores de muitas “terras” satisfaz a nossa vaidade de “herdeiros ricos”. Resulta disso a idolatria que existe em todo Brasil pelo nome do Barão do Rio Branco. Não ha guerreiro do tempo do Paraguai, não ha estadista do Imperio ou da Republica que tenha provocado em vida, e depois de morto, o entusiasmo que o povo brasileiro manifesta pelo “Barão”. Ha na massa popular um grande respeito pela memoria de Caxias, de Osorio, de Pedro II, de Floriano, de Pereira Passos, de Oswaldo Cruz. Nenhum, porém, se eguala a Rio Branco. E' que os outros nos deram glorias e o Barão augmentou o nosso patrimonio territorial, alargou o “sólo” do paiz, o “espaço” que nos pertence.

Como consequencia deste sentimento de grandeza e vastidão da patria, gera-se um outro: o da importancia da unidade da patria. Quando uma patria se divide, formam-se duas patrias, cada uma das quaes será menor do que a primeira. Muitas vezes a porção destacada, embora territorialmente menor, pode ser economica e politicamente mais importante. Mas mesmo neste caso ha uma diminuição na somma geral das tradições, da historia, da vida da nação. E' o que succederia si, no Brasil, o Sul se separasse do Norte.

Quando se dá a bipartição de uma patria, pode se garantir que o movel foi o egoismo. Egoismo apparente ou occulto, mas sempre egoismo. Ora, é a porção mais rica da patria que se quer libertar das porções mais pobres; ora, é uma parte que se não sujeita ao predomínio politico da outra.

O amor pela grandeza e unidade da patria é, portanto, um ponto sobre o qual existe completo accordo de vistas entre todos os habitantes de um paiz. E' a mais lidima manifestação do patriotismo. Todo patriota deseja manter a sua patria una e indivisivel.

Mas — ha sempre em tudo na vida um mas — mas ha forças que brotam sem se saber como, pequeninas e imperceptiveis, e que acabam provocando a scissiparidade das patrias. Nascem sem que as pessoas se apercebam dellas; crescem, acalentadas pelo calor de sentimentos que cada cidadão em boa fé considera

patrioticos; prosperam no entrecocar de interesses antagonicos; e dominam nos instantes de loucura collectiva. São ainda manifestações egoisticas, embora de um egoismo insentido.

Os homens que pelo microscopio do estudo e da observação, chegam a ver o pequenino microbio da temivel doença do separatismo, devem denuncial-o sem rebugos. Denuncial-o e propôr adequada medicação quando estiverem em condições de o fazer.

A' primeira vista parece facil encontrar os remedios para o mal nascente, porque dependem elles, os remedios, tão somente da acção do patriotismo, qualidade que cada homem possui. Mas ahi exactamente é que reside o obice. Cada qual, como dissemos, pratica o patriotismo a seu geito e ninguem quer ceder ao outro os louros com que adorna a propria fronte. Ha tambem mães que adoram os filhos, e, por falsa visão das coisas, os induzem a praticas prejudiciaes. Ha casaes que se amam até á loucura e todavia se torturam com scenas de ciume. São modos de ver, ou antes, são modos de sentir, fóra do estrieto dominio do raciocinio. Se cada qual pudesse com reflexão estudar e raciocinar sobre o proprio caso, muitos males seriam evitados.

O que se dá com os individuos, pode succeder com os povos. Convém cada qual raciocinar em voz alta para que o raciocinio seja acompanhado por todos.

E' o que faremos no nosso trabalho sobre a Estructura Politica do Brasil, todo elle escripto para mostrar, entre outras coisas, os perigos do desmembramento de nossa patria, e portanto do melhor modo de orientar a nossa acção de brasileiros com o fim de manter, sinão solidificar mais, a unidade nacional.

Deixando de lado, no momento, o exame deste aspecto do patriotismo, detenhamo-nos um pouco na feição militarista e na feição nacionalista que tambem pode tomar o sentimento de amor á patria.

Patriotismo militarista

Ha quem julgue que o melhor patriotismo é o que se manifesta pelas armas. Os militares de todas as partes do globo parecem ter a convicção de serem elles as unicas pyras onde arde

o fogo santo do amor á patria. São elles que garantem, com a defesa das fronteiras, a integridade do solo nacional. São elles que "se sacrificam", dando á patria aquillo que cada um tem de mais precioso: a propria vida. Esquecem-se que a guerra é um instituto que ha de desaparecer e que ridiculo seria pensar que o patriotismo pudesse acabar pelo facto de não haver mais guerras.

Esta opinião dos militares é partilhada por muita gente. Os bordados de um general ou a jaqueta de "um velho lobo do mar" causam sempre impressão agradável nos circulos populares. O povo admira, e mesmo se extasia, deante da farda. E' a fôrma mais tangivel do patriotismo: querer bem a quem "defende" a patria. Esse sentimento ha de ainda perdurar por muito tempo, porque é creença generalizada que "um povo sem guerras é um povo sem historia".

Esta proposição, que era irretorquível verdade ha um seculo, já começa a ser posta em duvida e amanhã será quiçá substituida pelo axioma contrario: "a historia de um povo não é narrada pelas guerras que teve".

Ha mesmo quem, precipitando-se nesta direcção, chegue ao exaggero opposto e declare que si os militares procuram mostrar o exercito e a marinha como a arca santa do patriotismo, é para se justificarem aos olhos de toda gente da sua inactividade remunerada. E ridicularizam a função militar comparando-a á dos boiões onde se guarda, de conserva e vinha d'alho, o patriotismo em fatias superpostas para utilização duvidosa nos momentos criticos, porque nesses momentos se verifica que a conserva está mofada e é preciso recorrer á carne fresca dos voluntarios, adestrados ás pressas.

Longe estamos de perfilhar estas tiradas porque as forças armadas são sem duvida indispensaveis á grande obra da unidade nacional. Nas fileiras do exercito fazem conhecimento reciproco os filhos de todos os Estados, e se estreitam assim as amizades tão uteis ao interesse do Brasil unido.

O que é fóra de duvida, porém, é que o modo de encarar o patriotismo vae sendo substituido. As câmaras mais cultas ou mais reflectidas da sociedade, já dão aos trabalhos de ordem pa-

eifica muito justa importancia no computo geral das obras patrioticas. A discussão sobre esta these tem sido feita por tão diversos modos, com argumentos tão brilhantes e por autoridades tão conspicuas, que desnecessario se torna repetir todo o debate. Embora, portanto, não seja possivel desconhecer o valor e importancia do exercito e da marinha na sua função, licito não nos é tambem deixar á margem ou em lugar secundario os serviços prestados á nação por quem esteja fóra das fileiras militares.

Patriotismo nacionalista

Uma outra modalidade que toma de frequencia o patriotismo é, de um lado, o odio permanente ao estrangeiro e, de outro lado, o que poderemos denominar o instinto da macaqueação.

Ha quem pense que o melhor modo de ser patriota é desprezar e mesmo guerrear o advena que nos procura, mas ha tambem quem entenda que o melhor patriotismo consiste em transplantar para a nossa terra tudo quanto seja de fóra, só por ser de fóra.

Para uns, não ha paizagem aspera dos nossos morros que não seja logo decantada como as da Suissa ou dos Andes; não ha melhor demonstração da fertilidade do nosso sólo do que o pé de milho que nasce no beiral de um telhado; não ha rio enrodilhado de cipós onde uma canoa não possa abrir caminho, que não equivalha, pelo menos, ao Rheno, cheio de castellos e reminiscencias pinturescamente dispostas.

Para outros, tudo que nos venha do exterior é melhor. O melhor quitute nacional não vale a mayonaise franceza. A feérica illuminação do Rio de Janeiro e o asseio da nossa metropole são inferiores á escuridão e sujeira do "Boulevard des Italiens". Da gigantesca obra humana e essencialmente brasileira das "Bandeiras" nada sabem, mas podem recitar de cór todas as marchas e contramarchas dos exercitos de "Napoléon".

Naquelles o patriotismo paizagista condul-os ao jacobinismo technico, sciентifico e literario. Os nossos poetas hão de ser pelo menos iguaes a Goethe ou a Schiller. A' technica largamente se-

dimentada dos engenheiros e medicos europeus superpõem a in-experiencia do primeiro pelintrinha saído dos cueiros do Largo de S. Francisco ou da Praia Vermelha. E isso só porque é preciso oppôr a intelligencia do brasileiro (capaz de resolver por intuição divina os mais complicados problemas) á massiga estupidez do estrangeiro, que é bronco "só porque é estrangeiro".

Os outros — isto é, os descrentes da nossa capacidade, — só seguem as prescripções de facultativos de Vichy e Karlsbad; só conseguem achar bonito e impressionante o desenho architectonico que seja subscripto por um nome arrevezado; só mobilham as casas e só vestem por figurinos importados. "Isto" aqui é para elles, como para os francezes — "un sale pays de sauvages".

Emquanto o odio ao estrangeiro é apenas a manifestação isolada de algumas pessoas, não apresenta grande perigo, como grandes prejuizos não ha na exteriorisação dos sentimentos de imitação inconsciente ou mesmo de cópia servil dos estrangeiros, quando feita por meia duzia de individuos. O perigo existirá — ou já existe — quando esses sentimentos deixam de ser individuaes para serem collectivos, quando elles se concretizam como bandeira de um partido.

As idéas ditas nacionalistas estão refloreescendo no Brasil. Agora não é, como no momento da Independencia, apenas o odio ao portuguez, o que até certo ponto se justificava naquelle instante critico do nosso nascimento como nação. Agora a propaganda, embora mais caracteristicamente contra o portuguez, é contra todo e qualquer estrangeiro, venha de onde vier, tragamos o progresso que nos trouxer. A' frente desse movimento ha hoje homens de responsabilidade, que não hesitam em nos querer encerrar em uma muralha chinesa de isolamento do mundo, propondo que se prohiba a entrada de homens... e de capitaes.

No emtanto um tal "partido" seria uma cópia, aliás mal feita, das retrogradas idéas nacionalistas que ha "no estrangeiro". O nacionalismo europeu é a corrente contraria ao socialismo. E' a extrema direita dos partidos conservadores. E' o detestavel imperialismo, que é a fórmula tomada pelo patriotismo quando em

estado de supersaturação. O odio ao estrangeiro é quasi que a parte secundaria no arcabouço da idéa nacionalista européa. O essencial é o predomínio da nação "de cada um" sobre as nações "dos outros".

O nosso nacionalismo é mais modesto, mas igualmente nocivo. E' apenas o odio ao estrangeiro.

O nacionalismo largo traduzido como amor á patria é o proprio patriotismo e não vale a pena mudar o nome. O nacionalismo estreito é o desejo de segregar a nossa nação do convívio com as outras em uma epoca em que os diversos Estados da Terra se intromettem uns por dentro dos outros, graças ao trafego mutuo nas estradas de ferro, á navegação rapida, á aviação, ao telegrapho sem fio. Hoje em dia ninguem pode viver isolado. Assim como a existencia dos seres vivos seria impossivel sem a dupla troca de compostos chimicos entre o organismo e o meio, assim tambem a vitalidade das nações se manifesta pelo commercio que é o instrumento para a dupla troca dos productos.

Quando falamos em dupla troca, não nos limitamos a imaginar a dupla troca, apenas, de productos do sólo ou de artefactos manufacturados; referimo-nos tambem ao intercambio intellectual. Hoje, nenhuma idéa, ou invenção, ou philosophia é patrimonio de uma só nação. Uma vez lançada á publicidade, é modificada, augmentada, melhorada por todas as outras. Muitas vezes estes aperfeiçoamentos são recambiados para o paiz de origem, onde soffrem novas alterações e melhorias.

Generalizando ainda mais a idéa de intercambio internacional, pode-se dizer que a troca de pessoas — immigrantes ou emigrantes — e a troca de capitaes é, na essencia, a mesma coisa. Um paiz que precisa de braços importa gente dos paizes onde ha superavit de população. Os capitalistas que não têm como empregar remuneradoramente o seu dinheiro no proprio paiz, exportam-n'o para as nações mais pobres. E' o mesmo principio do commercio, applicado ás pessoas e ao dinheiro. No commercio propriamente dito o lucro é reciproco para comprador e vendedor. No novo caso, tambem. O paiz de onde se dá a emigração, lucra, porque diminue o total de habitantes

inactivos a alimentar; e lucra o paiz para onde se dá a immigração porque verá crescer riquezas onde até então, por falta de braços, só havia miseria.

O estrangeiro que vem para o Brasil nos traz o seu trabalho, a sua actividade, o seu bom sangue, a sua capacidade, os seus conhecimentos, a sua intelligencia. Em troca, quer ganhar dinheiro, quer enriquecer, quer conquistar posição que lhe era difficil, ou impossivel, alcançar dentro do seu paiz superpovoado. E' justa e equitativa a troca. Ambas as partes ficam bem servidas.

Os nossos nacionalistas insurgem-se contra isso. O estrangeiro deve nos dar tudo, mas lhe será vedado o direito de ficar rico. Certas profissões — como a de poveiro — já lhe estão fechadas. Outras sel-o-ão talvez dentro em breve. Fica-lhe, apenas, a nobre "honra" de "servir" ao Brasil na qualidade de "servo da gleba". Ora, com esse só objectivo de ser um "escravo remunerado" nenhum estrangeiro se encaminhará para cá; dirigir-se-á para outras regiões de melhor clima ou onde se dê interpretação mais intelligente ao papel do colono.

Esse antipathico odio lançado sobre os estrangeiros — de que precisamos — pelos escriptores nacionalistas, causar-nos-á muitos males. Irrital-os-á contra nós. Respondam a isto os nacionalistas dizendo que "o estrangeiro é que precisa de nós". E' um lamentavel erro, que revela a absoluta ignorancia em que estão da moderna geographia economica. Ha innumeradas regiões da Terra, desde o Canadá até a Argentina, desde a Africa até a Oceania, pedindo gente e offerecendo vantagens. Não falta lugar onde localisem as nações européas o seu excesso de população.

A justificativa que encontra o nacionalismo para a sua propaganda reside na contra propaganda que é preciso fazer para contrabalançar o exaggero de enthusiasmo que muitos brasileiros têm em abandonar os nossos habitos, as nossas tradições, as nossas riquezas para se arrojar de joelhos aos pés do estrangeiro "só porque é estrangeiro".

Igualmente pouco louvavel e pouco desejavel é essa tendencia. Entregar de pés e mãos atados o nosso paiz á explora-

ção estrangeira é perigo immenso. A transformação dos nossos bens em riqueza effectivamente nacional só se dará se não houver a emigração para a Europa do “pé de meia” do colono, da renda total das companhias, de todos os lucros dos negociantes. E’ preciso que parte ao menos — e mesmo grande parte — destes beneficios se transforme em bens que se fixem ao sólo nacional.

Surge dahi a necessidade de impedir que certas industrias vitais para a nação, como por exemplo a cabotagem, as estradas de ferro, a siderurgia — sejam exploradas exclusivamente pelo capital estrangeiro. Surge dahi a urgencia de engendrar modos de affeição o commerciante estrangeiro ao nosso paiz por uma legislação adequada, de modo que elle não se sinta desejoso senão de empregar os beneficios dos seus negocios no proprio Brasil. Surge dahi a conveniencia de fixar o colono, para o que é de extraordinaria premencia uma rapida subdivisão dos enormes latifundios que existem pelo interior do Brasil e mesmo ás barbas das grandes cidades. O loteamento das terras feito por particulares ou, compulsoriamente pelo governo, será uma das maneiras mais efficazes de interessar o estrangeiro laborioso na sorte e futuro do paiz onde aportou.

Parece-nos que a politica patriotica do Brasil, em relação ao estrangeiro, não pode ser nem uma politica de isolamento nem uma politica de mimetismo.

A NOVA CONCEPÇÃO DA GEOGRAPHIA (*)

Sciencia antiga e moderna

Erich Obst, uma das maiores autoridades nos assumptos de que se preoccupa a nossa Sociedade, disse, ao firmar em 1923 um artigo no “Preussische Jahrbuch”, que “a geographia é, ao

(*) Conferencia realisada na Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, ao se inaugurar, em 1926, o Curso Livre de Geographia Superior daquelle benemerito gremio scientifico, actualmente presidido pela intelligencia comprehendedora do illustre general dr. Moreira Guimarães.

mesmo tempo, uma das sciencias mais antigas e uma das sciencias mais modernas”.

E elle tinha razão !

Deixando sem maior exame — por agora — a asserção de ser a geographia “uma sciencia”, é fóra de duvida que ella é uma das mais antigas e uma das mais modernas.

Egypcios, assyrios, babilonios, posivelmente outros povos orientaes, mas, em especial, gregos e romanos, fizeram a “descripção da superficie da Terra”, narrando a seu geito e com technica ás vezes bem precisa, o ecumeno de então, e, mais do que isto, provocaram elles mesmos, pela força de suas repetidas conquistas, o alargamento da área occupada por povos civilizados e crearam, portanto, novas zonas de estudo. Tudo isso, leva-nos a poder considerar a geographia uma das sciencias que o homem ha praticado desde os mais remotos tempos. Teria sido companheira de berço da astrologia e da geometria.

Com o segundo Plinio e com Ptolomeu, os romanos emprestam-lhe uma feição utilitarista e pratica. Os assumptos geographicos são por elles encarados sob o prisma de vantagens immediatas, quer para o commercio, quer para a administração. Tudo visa informes que possam mostrar qual o melhor caminho para novas conquistas.

Os gregos, ao contrario dos romanos, sempre haviam dado á geographia um caracter mais especulativo: procuravam encadear os phenomenos em exame de um modo algo philosophico e racional. Podem, assim, os sabios da Hellade ser considerados verdadeiros pioneiros da geographia moderna, como, com justiça, são vistos como os precusores de varias outras sciencias.

E esta geographia moderna, que está desabrochando sob os nossos olhos, tem caracteristicos tão bem definidos, tão nitidos, e, principalmente, tão differentes dos que foram utilizados pelos geographos, até os meados do seculo 19, que Obst tem caradas de razão em declarar que ella é a mais nova das sciencias contemporaneas. E’ coeva da physico-chimica, cujas descobertas estão revolucionando os dominios das sciencias experimentaes exactas; é quasi da mesma idade da metapsychica, que está pondo em ebulição os espiritualistas e os scientistas puros, assombrados

Ecuménico-adj. - Universo-relativo a toda a Terra Habitada.

com o que se desvenda por meio do ectoplasma, da dupla visão e da levitação dos objectos pesados.

O que distingue a geographia com as suas roupagens modernas da geographia vestida pela moda antiga, é que ella não se occupa simplesmente, seja de um modo secco e dogmatico, seja de uma maneira colorida e poetica, da méra "descripção da superficie da Terra". Ao contrario. Depois principalmente das seguras directrizes que lhe imprimiu Davis, procura dar a "explicação" do que se passa sobre a Terra. A geographia não descreve apenas: explica. Não se preocupa o geographo moderno em indicar a altura dos morros, o comprimento dos rios, a área das bacias, a população exacta das cidades. São dados que mudam, que variam, que se alteram, que só podem ser guardados de cór. E o que de cór se aprende, depressa se esvae da memoria, como a agua escorre de um reservatorio furado, e ao fim de algum tempo está totalmente esquecido tudo quanto foi adquirido por um tal processo. Decorre disso o successo fugaz das crianças que começam a estudar geographia, e a lembrança vaga que mais tarde têm de cousas innumeradas "que souberam e não sabem mais". Dahi, a desprezível collocação que á geographia fica sendo dada por toda gente que a estudou por tão barbaros processos. Ora, "essa" geographia está hoje apagada no conceito dos scientistas. Foi substituida por uma outra, nova, moderna, tonificada, que guarda de semelhança com a antiga quasi que só o nome; uma geographia em que se raciocina, que "explica", que induz, que deduz, que "prevê" factos physicos e acontecimentos sociaes; uma geographia que tem, portanto, todos os caracteristicos de uma verdadeira sciencia: uma geographia de que podemos determinar as origens no seculo passado, nas obras de Humboldt e Karl Ritter; que se consolidou com Peschel e Ratzel; que se alargou com Davis, com Dubois, com Vidal de la Blache, com Henderson, com Richthofen, com Supan, com Hettner, e de que hoje são sacerdotes conhecidos os Pencks, os Brunhes, os Huntington, os Maull, os Obst, os Vallaux. Uma geographia que está para a antiga na mesma proporção da astronomia para a astrologia; da biologia para a historia natural; da chimica para a alchimia.

Hoje em dia, a pesquisa geographica tem mais largos hori-

zontes do que tinha, quer na antiguidade e na Idade Média, quer mesmo nos tempos contemporaneos, por aquelles que não conseguiram se libertar ainda do enfadonho "descriptivismo". Os verdadeiros geographos modernos se sentiriam amesquinçados nas suas funções, se tivessem objectivos tão restrictos para seus estudos.

Um dos primeiros passos na nobre direcção hoje trilhada foi dado, como dissemos, pelo barão von Humboldt. Desvendando a correlação entre o typo de vegetação de cada região e as respectivas condições climatericas, Humboldt realmente fixou o ponto inicial de uma série de estudos verdadeiramente geographicos.

A planta não nasce senão onde "póde nascer", e, ainda mais, o ambiente physico lhe modifica tão radicalmente a physionomia que aqui se atrophia e mingua, para acolá se tornar magestosa e linda.

Em cada região da Terra onde as condições de calor e humidade forem as mesmas, haverá sempre o mesmo typo florestal. A Hylea da Amazonia tem o seu similar na floresta exuberante do Congo, ambas na zona equatorial humida. Os climas seccos geram por toda parte estêpes e desertos. Todos esses factos são determinados com rigidez mathematica. Póde-se prevêr onde apparece um deserto ou onde surge uma floresta, com rigor scientifico igual ao que nos dá a physica ou a chimica.

Os trabalhos de Humboldt não são, porém, de botanica, são de geographia. A botanica, assim como, aliás, a zoologia, estuda familias, generos, especies, nos seus caracteres morphologicos e physiologicos. A investigação dos caracteristicos geraes das "associações" botanicas é, porém, do puro dominio da geographia, pois ahi o que se tem em vista é examinar o comportamento de todas as plantas, não importa de que familia, sob a influencia meteorologica reinante em certas e determinadas "localidades". Desde que o phenomeno depende, para se realizar, de uma "localização", elle é geographico. Quando os botanicos abordam taes questões, fazem-no escapulindo á sua propria esphera de acção e invadindo a do geographo. Este, a seu turno, se entra a querer classificar cada vegetal ou cada animal que encontra, perde o ponto de vista de conjunto, de "local", que é o seu, para se tornar

um especialista, não na sua sciencia, mas naquellas em que deve ser hospede.

O geographo precisa ter da botanica ou da zoologia — como aliás de muitas outras sciencias — um solido conhecimento propedeutico; apenas isso, isso apenas e nada mais.

A genial observação de Humboldt percebendo que existia uma correlação estreita entre as plantas e o meio, “conforme o logar”, applica-se tambem aos demais seres vivos. Nenhum ha que escape á regra. Os animaes, por isso que são dotados de auto-locomção, parecem ter a ella menor subordinação. Lembremos, porém, que o só facto de fugir um animal de logares menos favoraveis á sua vida é já uma concludente prova da influencia que o meio está exercitando. Perecendo ou emigrando, o animal prova tanto a influencia do meio, como a elle se adaptando.

Haeckel, que era principalmente um biologo naturalista, quiz constituir para tal ramo de estudos uma sciencia á parte, e denominou-a “Ecologia”, definindo-a como “a sciencia que estuda as relações mutuas de todos os organismos, vivendo em um só e mesmo lugar, e sua adaptação ao meio que os cerca”. Com a feição nova que tomou a geographia, a Ecologia de Haeckel passa a ser um dos seus capitulos, e capitulo dos mais importantes.

O homem, como agente geographico

Da mesma fórma, o homem.

O homem, tendo embora sobre os outros animaes a propriedade de uma intelligencia mais desenvolvida, não está menos sujeito ao sólo e ao clima que os demais seres vivos. Nas épocas pre-é proto-historicas teria sido excessivamente irrequieto e nomade, precisamente para fugir ao “meio”, contra o qual não podia lutar. O homem é, na phrase de Ratzel, um *unruhiger Tier*; é, na essencia, nomade. E tão nomade é, reflectamos bem, o beduíno que estadea os desertos, em constantes correrias, como o povo agricultor que abandona um campo de mandioca para plantar um outro mais além. A differença consiste apenas na velocidade da deslocação. Essa deslocação — digamos o nome — essa “migração” se dá sempre, quer com o homem, quer com os outros ani-

maes, quando não conseguem se adaptar ao ambiente em que forem chamados a viver.

Vê-se assim que as “migrações” de animaes, em geral, e do homem mais particularmente, têm causas typicamente geographicas. Geographicas são tambem, por outro lado, as adaptações que soffrem animaes e povos quando acabam supportando o peso decisivo do meio physico, que deixa nos individuos e nas agglomerações signaes indeleveis.

Quasi que contemporaneos das obras de Humboldt (1769-1859), são os trabalhos de Blumenbach (1775), assentando as bases de uma classificação das raças segundo o criterio geographico, e a “Tiergeographie” de Zimmermann (1778). Sente-se assim que essa geração de sabios veio estabelecer em definitivo os principios racionais da sciencia geographica, libertando-a da mesquinha restricção descriptivista, a que estivera até então subordinada.

Os horizontes da moderna geographia clareiam-se, porém, de modo definitivo com o apparecimento das theorias de Karl Ritter, expostas na sua “Vergleichende Erdkunde. Elle é, aliás, tambem um contemporaneo dos autores que acabámos de citar.

O trabalho de Ritter foi bem o de um verdadeiro e erudito historiador. Isso contribuiu para que a geographia fosse, depois do apparecimento dessa monumental obra, considerada por alguns como um méro auxiliar da historia, caracter differente do que ella tem, e do que lhe queria dar o proprio Ritter. Voltava-se, devido a esta interpretação, a tirar á sciencia geographica a sua feição de independencia.

Procurando-se subordinal-a, ora a este, ora áquelle outro ramo de saber scientifico, os proprios geographos diminuiam — pensando alargar — o campo de acção da sciencia de que se tinham feito cultores.

Assim tem sido, mais ou menos, até hoje. E assim tem sido porque á geographia se vae ter por dois caminhos diversos. Ora é o geologo que, esmiuçando a Terra na sua contextura petrographica e em varios outros accidentes geoestaticos e geodynamicos, é levado ao estudo da morphologia geographica; ora é o historiographo, que, accumulando detalhes sobre a vida preterita

da humanidade, chega a imaginar as varias paizagens physicas e culturaes em que o homem se agitara, e passa, portanto, a se preoccupar com problemas de anthropogeographia. Os que espontaneamente chegam, por uma ou por outra de taes estradas, ao dominio da geographia, acabam dando maior valor e maior importancia ao detalhe que lhes serviu de fio conductor. Os geologos, como Richtofen, Suess, Supan e Martonne, que se fazem geographos, attribuem ao estudo da parte physica do globo o escopo primordial da geographia. Mas todos aquelles que antes tenham sido economistas e historiadores, como Ag. Vital de la Blache, attribuem, por irrefragavel sugestão aos problemas ethnographicos e humanos, o maior relevo na geographia. Nem estes, nem aquelles têm razão. A geographia não é apenas a geographia physica, como não é apenas a geographia humana. A geographia é a ligação estreita e indissolúvel entre o sólo e o homem.

Todos aquelles, portanto, que dão um caracter dualistico á geographia, acreditando que qualquer pessoa que estude ou apenas a geographia physica ou apenas a geographia humana, seja um verdadeiro geographo erram, pensamos nós. Póde a pessoa se especializar neste ou naquella ramo da sciencia. O que não póde é, ao conceber um phenomeno geographico, lidimamente geographico, em sua totalidade, abandonar a ligação estreita que existe entre homem e meio physico. A concepção moderna da geographia tem, por força, de ser monistica, como tão bem precisou Banse, dizendo que "die Geographie ist die einheitliche Philosophie der Erdhuelle" (a geographia é a philosophia unitaria do envoltorio terrestre.)

Temos para nós que Ratzel foi quem viu com mais clareza os objectivos da geographia. Lendo-se os seus escriptos, cada qual deduz o que é realmente a geographia, quaes os seus fins, quaes os seus methodos de estudo. Não encontramos em Ratzel propriamente uma definição; antes ressumbra de todas as paginas da obra formidavel o espirito director, segundo o qual deve ser encarada a sciencia.

De um lado o actor, de outro o theatro. De um lado o homem, de outro a terra onde elle pisa e se move, o ar que respira,

as aguas de que se utiliza. A descripção do scenario não é tudo, porque esse scenario só toma valor e realce quando o homem nelle penetra e começa a desenrolar o drama historico.

O estudo da componente humana se traduz, segundo o nosso modo de ver, pelo exame dos diversos estagios da cultura da humanidade.

Essa avaliação do grão de cultura nos parece ser um elemento de enorme valor geographico. E' por elle que vemos a actualização do factor homem. De facto, o que importa em geographia, estudando o Homem, não é saber a sua raça, a sua conformação craniana, o pigmento da sua pelle, ou a côr dos seus cabellos. O que tem valor, é saber o estado da sua cultura. Um mesmo sólo póde ser um factor positivo ou negativo, conforme o homem esteja em estado de explorá-lo ou não. A importancia da Inglaterra e da Allemanha só veio a se tornar preponderante na civilização quando foram achados os meios de aproveitar o ferro e o carvão, cujas minas superabundavam nesses paizes. Só, pois, quando o grau de cultura do Homem foi tal que elle soube se utilizar do sólo em que vivia, é que as regiões carboníferas, posuindo ao lado jazidas de ferro, se tornaram de exploração industrial vantajosa; antes, eram cousa inutil. Inversamente, esses povos — o inglez e o allemão — não teriam adquirido a importancia que alcançaram, se não tivessem estado em condições de explorar o seu valioso sólo.

Quando se fala geographicamente em "sólo", deve estar cada qual mentalmente fazendo referencia ao momento historico em que podia elle ter real valor. Comparece assim na geographia um outro factor:— o tempo. O estudo geographico é feito, pois, sempre para uma dada e determinada época. A importancia geographica de um lugar varia, assim, de momento a momento, tornando-se maior ou menor, conforme as conquistas que a civilização e a cultura vão fazendo. A geographia (considerada, repetimos, na sua feição monistica como a estreita ligação entre o homem e o seu ambiente de actividade), a geographia de um dado periodo historico póde ser comparada com a de outro periodo, mas não é, em regra, igual ou superponível. O sólo rendilhado da Grecia, cujo valor foi immenso na antiguidade, pelas facili-

dades de intercambio ao commercio e ás idéas, em uma época em que a navegação só podia ser feita em pequenas embarcações a remo, passou a ser secundario, logo que, com a véla, com a balsa e com o vapor, foi possível fazer longas viagens sem precisar bater em todas as angras. A Grecia de hoje, embora tenha o mesmo clima que sempre teve, não pôde mais possuir a antiga importancia geographica: — a civilização moderna, que usa o ferro, que usa o carvão, que usa o petroleo, não pôde ficar atada a um paiz só porque a sua costa tem numerosas endentações, de que ninguem mais precisa se servir. Exemplos como este poderiamos repetir sem conta.

Vê-se assim que o sólo tem uma decisiva influencia geographica, subordinada sempre, como se deduz da propria leitura das obras de Ratzel, do momento historico, ou seja, como nós denominamos, do grau de cultura do povo que habita esse sólo. A famosa theoria das “possibilidades”, de que tanto alarde faz Lucien Febvre e outros autores francezes, assim como a nossa do “grau de cultura”, nada mais são, afinal, como se está vendo, que a propria theoria de Ratzel, intelligente e largamente interpretada, sem que, com isso, se destrua o principio basico de subordinação essencial e ineludivel do Homem ao solo, porque quanto mais civilizado, tanto mais preso e ligado está elle ás condições ambientes.

Tanto como o sólo, influe o clima, que o homem consegue domar ou attenuar pelo agasalho, pelo aquecimento, ou pelos meios de refrigeração. Isto quer dizer que o sólo e o clima recebem do Homem uma continua reacção.

A civilização tem caminhado do Equador para os polos — ou citando o melhor exemplo, do Mediterraneo para o Baltico — á proporção que, pelo desenvolvimento do grau de cultura, veio o homem a saber dominar o frio. Por certo quando souber dominar o calor voltará a civilização de novo para o Equador, habitat natural da especie humana, como deduzimos na nossa Theoria do grau de cultura. (Vide pag. 65).

A reacção do Homem contra o meio é tanto mais efficaz quanto parte de um factor intelligente, que cada vez mais augmenta a propria capacidade de reacção pelo exercicio de gym-

nastica intellectual adquirida nas lutas que ha milenios vem travando com o meio physico. A's vezes, é vencido, quando estes dous elementos que formam o meio physico, ou seja o sólo e o clima — conjugando-se, tornam-se mais fortes do que elle. Outras vezes, este pygmeu gigante, que é o homem, mostra-se mais resistente e acaba encontrando remedios para melhor aproveitar as riquezas até então desconhecidas. Forma-se assim um circulo fechado: — sólo fornecendo ao homem elementos de aperfeiçoamento para saber se utilizar de outros sólos, que por sua vez irão desenvolvendo novas capacidades nos grupos humanos de maior efficacia de construcção geographica.

Todo problema geographico se traduz, portanto, no reconhecimento das ligações de interdependencia entre uma dada região e o povo que a explora.

Uma nova definição de geographia

Com a exposição que acabamos de fazer, temos elementos para poder precisar os termos de uma definição. Vamos dal-a por diversos itens, para em seguida resumil-a em uma só phrase:

1º — A geographia se occupa de tres factores: sólo, clima e homem, como, com tanta precisão, resumio Penck. Não de cada um delles isoladamente, mas nas suas relações de interdependencia, ou seja agindo e reagindo uns sobre os outros.

2º — A geographia estuda esses phenomenos localizando-os, isto é, o faz de modo preciso quanto á região em que elles se desenrolam, como claramente estabelece a 3ª conclusão do Congresso de Geographia de Veneza (1881).

Para que se caracterise o phenomeno como geographico, preciso é que elle seja “delimitado no espaço”, grande ou pequeno, em uma cidade, em um planalto, em um paiz, em uma zona qualquer da Terra, seja de que extensão fôr. Neste item se incorporam os problemas de Lage e de Raum, isto é, de “posição” e de “espaço” cujos melhores fundamentos Ratzel nos dá.

3º — A geographia se preocupa com as paisagens naturais ou com as paisagens culturaes, em “diversos periodos historicos ou prehistoricos” da Vida do Planeta. A paisagem geographica varia, sempre no tempo e no espaço.

Uma, a paisagem physica, muda mui lentamente, tão imperceptivelmente que parece ás vezes inalterada, por isso que o quadro natural permanece quasi o mesmo por muitos seculos; a outra, a paisagem cultural, é, ao contrario mais movediça, mais nervosa, mais voluvel, e por isso mesmo, espiritos menos attentos, julgam nada terem ellas de constante e de regular. Em qualquer caso mudam, variam, se transformam, se adaptam. A geographia toma para estudo "cada uma das phases da transformação".

4º — A geographia é em virtude de todos esses caracteristicos acima apontados uma verdadeira sciencia. Não uma sciencia abstracta, nos moldes das sete que figuram no quadro modelar de Augusto Comte; mas uma sciencia do mesmo typo da Botanica, da Zoologia, da Anthropologia, em que, ao lado de principios geraes e rigidos, ha um vasto campo de actividades nas applicações dessas mesmas leis geraes. A geographia é algo de sciencia natural e algo de sciencia social. Com ella póde-se estabelecer uma cadeia de ligação entre a geologia e a sociologia, como algures lembramos nós mesmos (*).

Estão dados nesses quatro itens, os caracteristicos da definição em que pretendemos enfeixar em uma phrase todos os objectivos da geographia. E assim definimos:

"Geographia é a sciencia que estuda as relações de interdependencia, ou sejam as acções e reacções que entre si exercem os factores: — sólo, clima e homem, em uma certa e determinada região da superficie da Terra e em um dado momento da sua Historia"

Não é esta a definição que se tem dado de geographia, nem será talvez a melhor. A nossos olhos ella tem a belleza que para a coruja offerecem os proprios filhos: — é nossa. Foi articulada por nós, oração a oração, palavra por palavra.

E' possível que ella não seja intrinsecamente nossa, porque afinal nada mais é do que a traducção em uma phrase da maneira pela qual os mestres da geographia moderna a ensinam, evitan-

(*) Vide — Ev. Backheuser — Breve noticia sobre a Geologia do Districto Federal (1926).

do muitas vezes definil-a, com receio talvez de irritar demasiado o tradicionalismo sempre poderoso. E' possível ainda que ella seja mais obra do nosso sub-consciente supersaturado da leitura de innumerous autores que se occupam da questão, do que mesmo um producto da nossa intelligencia. Valha em tudo isso a nossa boa fé.

Ha tantas definições da geographia que é quasi uma ousadia dar mais uma, quiçá menos perfeita e menos eloquente. Poderíamos citar aqui varias de autores acclamados, mas para que? Ellas são bem conhecidas, e impossivel para nós será citá-las todas. Aquella que talvez mais concretiza o pensamento antigo, corporificada em uma phraseologia moderna, é a de Richtofen: — "geographia é o estudo da superficie da Terra", o que equivale quasi a ess'outra, repetida em todos os compendios elementares que declaram ser a "geographia a sciencia que trata da descripção da superficie da Terra e de tudo quanto nella se contém". O nosso presado amigo e mestre Prof. Delgado de Carvalho, diz que "a geographia é a descripção da Terra especialmente em relação ao Homem." Alguns autores allemães são, porém, mais ousados: alargam-se em um vôo amplicissimo e proclamam, com Rathe, que a geographia é nada mais nada menos que a *Erdwissenschaft*, isto é, a "Sciencia da Terra", não se contentando com a designação já vasta de Ritter, que a denominava *Erkunde*, ou seja, "o estudo da Terra".

Todas essas tentativas de designar a sciencia de Humboldt peccam pela vastidão pomposa que lhe querem dar. A geographia assim definida seria, afinal, inacessivel ao commum dos mortaes, pois exigiria um saber encyclopedico, que os homens de hoje não podem possuir. Os geographos teriam de ser da categoria dos *Übermenschen*, da altura dos super-homens de Nietzsche. Isso é demais para nós, pobres mortaes!

A designação que propomos tem a vantagem — quer nos parecer — de ser mais modesta, pois delimita para a geographia certo e determinado campo de actividade. Não é pomposamente a "Sciencia da Terra", nem mesmo, mais modestamente, a "Sciencia de tudo que se passa á superficie da Terra"; é menos do que isso, mas é qualquer cousa de preciso e rigoroso como indica o

nosso enunciado, que abrange o definido, apenas o definido, mas todo o definido.

Como o fazemos o quadro de actividade da geographia não é vago, arbitrario, indeciso, mas fica clara e rigorosamente caracterizado.

Não trata a geographia do estudo nem do sólo isoladamente, nem isoladamente do clima ou do homem. O estudo do sólo é feito pela geologia e pela agronomia; o do clima pela meteorologia; o do homem pela biologia e pela sociologia. Do que se occupa a nossa sciencia é da acção que cada um dos tres factores exercita sobre os outros, da reacção que recebe. A resultante de todas essas acções e reacções compostas em um symbolico polygono de Varignon, dá a resultante geographica de cada momento historico.

A geographia não se póde confundir, portanto, nem com a geologia nem com a sociologia, nem com a meteorologia. Dependê dellas, por um lado, e, por outro, a ellas presta auxilio.

Sciencias correlatas

Não coincide tampouco com a historia. Cada época historica tem a sua physionomia anthropogeographica ou geopolitica. A rapida passagem de todas essas "vistas photographicas" deixar-nos-ha na retina intellectual a impressão da perspectiva historica.

A geographia se occupa de estudar factos, phenomenos, occurencias e relações em um dado espaço da Terra; a historia se destina a estudar esses diversos quadros em tempos successivos.

Nem a geographia se subordina á Historia, nem esta áquella. Auxiliam-se: completam-se uma á outra. "Was heute Gegenart ist, wird morgen Geschichte sein", disse-o com razão Ratzel. Não menos exacto é o conceito de Herder, de que a "historia é como que uma geographia posta em movimento". (Geschichte ist als eine in bewegunggesetzte Geographie).

A geographia estuda uma dada "photographia" de um longo film cinematographico; a historia deduz as leis que resultam do

estratificação operada por meio da qual se dispõe um ou mais substancias em estratos ou camadas successivas. O que se usa na construção das cimentos que se acaunam formando estratos alternados de terra e de cimentos. Disposição das massas minerais e dos terrenos por camadas.

movimento rapido de todas essas vistas, ou seja, estuda o film em si.

A differença que se quiz estabelecer entre a geographia e a historia é fallaz. Cada qual volta ao seu lugar desde que o observador queira reflectir sobre as respectivas áreas de actividade.

Aliás a geographia tem, como dissemos, identicas correlações com varias outras sciencias, das quaes recebe e ás quaes presta importante auxilio, sem que por isso seja, um *carrefour* das sciencias, como disse algures o prof. Raja Gabaglia.

Houve, de facto, uma tendencia ha alguns annos atraz, de querer que a especialização geographica fosse feita tomando cada geographo, para arena de investigação, um dos capitulos da geographia geral. Isso deu lugar a que os geographos se embaraçassem pelas casas alheias e acabassem fazendo má figura. E' que nenhum delles podia ser tão arguto em botanica, como um botanico, nem em zoologia, como um zoologo, nem em commercio, como um economista. Pelo facto de precisar se utilizar de variados conhecimentos das mais diversas sciencias não seria preciso que o geographo se tornasse tão profundo como qualquer desses especialistas.

O geologo fornece ao geographo os dados de que este precisa sobre a natureza petrographica da região, sobre as occurencias mineraes, sobre os vieiros; da leitura das cartas geologicas saberá o geographo tirar as informações de que se irá utilizar, quer sobre as dobras e falhas dos terrenos, quer sobre as synclinaes e anticlinaes, quer sobre o trabalho da erosão, erupções vulcanicas e movimentos orogenicos. Depois, por si, baseado nisso, concluirá, já na qualidade de geographo, da evolução morphologica ou economica do paiz.

Da botanica e da zoologia receberá todos os informes sobre as familias de plantas e animaes; mas irá examinar, elle mesmo, no local, o modo como estão ellas associadas, quaes as suas possibilidades de exploração e commercio.

Dados meteorologicos e de geophysica lhe serão de utilidade para o estudo e classificação dos climas, bem como para o conhecimento das influencias que esses mesmos climas estarão em situação de exercitar sobre o homem na região da Terra que o geographo estiver estudando.

Anticlineo - a.d. (geof.) - Quando em uma serie de colinas ou mesmo em um valle, se apresentam estratificacoes em sentidos contrarios, chamam-se linhas anticlineas, as linhas de intersecção dos planos de estratificação de vidamento produzidas. São as ant...

A ethnographia lhe porá nas mãos o dossier humano: as varias raças e grupos que as circumstancias reuniram naquelle espaço de terra, a cuja descripção se entregou. O geographo deverá saber manipular essa papelada ethnographica, sem que aliás se tenha elle mesmo mergulhado em estudos da anthropologia da região, senão para ter uma impressão de conjunto que só o exame visual "in situ" póde dar.

De valor não menor são os dados estatísticos de toda sorte que sobre população, commercio, industria, agricultura, lhe possam ser fornecidas pelos serviços demographicos. Isso não significa que o geographo se tenha de transformar em um estatístico, e, ainda menos, em um agricultor ou em um commerciante.

A especialização geographica

Reunidas, compiladas, enfeixadas na sua mão, todas as varias informações, terá o geographo a documentação indispensavel para fazer o seu trabalho de synthese. Trabalho de alta e enorme valia, a que poucos se podem abalarçar. E' que mesmo sem se tornar um detalhista de cada um desses departamentos scientificos, o geographo necessita ter uma grande variedade de conhecimentos geraes, rigidamente argamassados por uma cultura propedeutica pouco vulgar.

Durante algum tempo o escopo dos grandes geographos esteve reduzido a poder achar as grandes leis da sciencia geographica. Alcançada com Ratzel e seus discipulos, confessos ou camouflados, essa etapa, ficaram sendo sabidos os principios fundamentais da nova sciencia.

Cremos bem que todas as leis geographicas ainda não estão descobertas, mas as essenciaes já são conhecidas. O que se torna preciso agora é retomar as geographias especiaes e refundil-as em moldes modernos. Póde-se dizer que quasi todas, sinão todas, as regiões da Terra estavam conhecidas pelo modo descriptivista antigo, trabalho herculeo esse executado de modo brilhante, mas com feição passadista, por Elysée Reclus, na sua "Geographie Universelle". Preciso se torna agora recommear o estudo, á maneira scientifica moderna. E' este o programma que se impõe aos geographos de todo o Universo. A elle se refere

o Prof. Erich Obst, da Polytechnica de Hannover, na monographia que citamos ao iniciar esta conferencia. Não é outra cousa o que lembra o illustre presidente da Royal Geographical Society de Londres, no seu discurso de 1923, quando diz que "o estudo da geographia deve ser feito por artistas, capazes de lhe narrar as bellezas e por naturalistas que lhe devassem as leis essenciaes, tudo isso applicado em detalhe para cada região da Terra".

O campo de investigação que é dado ao "Naturforscher" da geographia nos tempos de hoje, é dos mais elevados, nobres e difficeis. Têm os geographos de fazer agora a systematica da geographia. E' papel analogo ao que têm botanicos, zoologos, geologos mineralogistas, naturalistas, emfim, de todo o mundo. Cada paiz, cada região, cada continente, será o campo de novas pesquisas methodicamente orientadas. E na geographia esse trabalho terá de ser sempre renovado, de tempos a tempos, porque, de seculo em seculo, ou de quartel de seculo em quartel de seculo, a paisagem geographica muda, sem duvida, de physionomia politica, e ás vezes mesmo, de physionomia physica. Ainda mais. Como nas outras sciencias naturaes, o exame de cada "especie geographica", isto é, de cada região tem de ser articulado no quadro geral dos conhecimentos para controlar os resultados das leis já conhecidas e permittir a descoberta de novas leis. O trabalho dos geographos é, pois, continuo, ininterrupto e sempre brilhante.

No Brasil tudo está por fazer e seria um prazer e uma honra que fossemos nós mesmos os geographos do nosso paiz. Se não tomarmos a dianteira, outros virão. Outros já estão vindo, com mais amor ao trabalho, com mais base scientifica, com mais audacia, com mais ambição de renome, e farão o nosso trabalho se nós brasileiros não o executarmos.

O grupo de professores aos quaes a Sociedade de Geographia confiou o ensino do curso que hoje se inicia se dará por bem pago si conseguir formar um nucleo de brasileiros a que se torne aprazivel o estudo e as explorações geographicas.

A POLITICA E A GEOPOLITICA, SEGUNDO KYELLEN (*)

Os primeiros passos

A Geopolitica é uma parte da Politica

A palavra é um neologismo introduzido em sciência pelo erudito sociologo sueco Rudolf Kyellén, e no sentido em que foi por elle empregado não corresponde exactamente áquillo que se convencionou chamar a geographia politica. E' mais e é menos.

E' menos, porque a Geopolitica de Kyellén não aborda muitos assumptos de que se occupa a geographia politica, mesmo nos moldes modernos e superiores concebidos pelo sabio fundador da Anthropogeographia, Frederico Ratzel, moldes pelos quaes a insipida geographia descriptiva passou a formar um corpo de doutrina verdadeiramente scientifico, como tive a felicidade de poder demonstrar ha pouco menos de um mez, abrindo o Curso Livre de Geographia da Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro.

A Geopolitica de Kyellén é, por outro lado, mais do que a Geographia politica de Ratzel porque definitivamente incorporada á Politica, vem a constituir um dos ramos, quiçá o ramo fundamental dessa nobre e elevada sciência que fórma a cupula do saber humano

O grande mal que teve a sciência geographica ao ser fundada pelos Humboldt, pelos Ritter, pelos Ratzel, foi de ser lançada com certa timidez e mesmo com certa hesitação. E isto resultava de ser uma sciência social creada por sabios que não tinham ainda voz muito autorizada nos concilios de sociologos. Eram naturalistas habituados a olhar a Terra de um modo muito differente daquelle que deve ser encarada pelos sociologos. Eis porque não foram até hoje ouvidos com a devida attenção no novo culto que quizeram prestar a essa Mãe-Terra na qualidade de "base physica", tangível e insubstituível, em que se agita e vive a Sociedade.

(*) Conferencia realisada na abertura do nosso curso no Instituto de 1926, curso que tinha por titulo A Estructura geopolitica do Brasil.

Por outro lado, os sociologos julgavam conhecer de sobra a influencia do "meio", a que Montesquieu e Taine alludiam com tanta frequencia, dando-lhes um enorme valor, valor que, todavia, não transparecia com nitidez e precisão nas suas proprias obras, pois que, em certos pontos, lhes davam excessiva importancia, e, em outros, reduziam-na á acanhada e inexpressiva actuação.

No entretanto, na concepção de Ratzel o "meio", em vez de ter os vagos valores que lhe dão os philosophos francezes, é qualquer coisa de preciso e vigoroso; é tão sómente o "meio geographico" determinado não só pelo "espaço" e pela "fórma" do paiz, como principalmente pela "posição", quer a indicada pelas coordenadas de latitude e longitude quer a fixada pelos accidentes physicos e, de modo especial, pela situação politica, relativamente aos demais paizes circumvisinhos ou afastados. A palavra "meio", na penna dos discipulos de Ratzel, não equivale á mesma imprecisa expressão climaterica de Montesquieu, contra a qual tanto articulam criticos desconhecedores do pensamento ratzeliano, julgando poder ferir com essa argumentação as doutrinas do geographo allemão. Para Montesquieu o "meio" era principalmente, ou quasi exclusivamente, o "clima"; se assim fosse, para Ratzel, ninguém poderia comprehender com clareza que houvesse desaparecido, por exemplo, a predominancia politica da Grecia que lá continúa até hoje no mesmo lugar, a gosar do mesmissimo clima que tinha na Idade Antiga. Seguindo porém, a orientação de Ratzel tudo se aclara, relativamente a este exemplo tão insistentemente citado. Segundo elle, a Grecia desempenhou aquelle importante papel historico, "apezar do seu clima", e devido exclusivamente á sua "posição" em um dado momento historico em que a civilisação fugia dos tropicos, ou seja do Egypto, para se radicar em regiões mais amenas como as do Mediterraneo. O valor politico da Grecia foi condicionado pela sua "posição" indicada pelos parametros geographicos de Ratzel, que os subordina a um certo conceito historico, ou, como preferimos dizer, a um certo "estagio de cultura" quando tivemos occasião de desenvolver a nossa theoria geographica que denominamos do "grau de cultura".

Mas, não vem agora ao caso, discutir a personalidade empolgante de Frederico Ratzel. O facto que desejamos accentuar é que,

por isso ou por aquillo, os sociologos, principalmente aquelles de cujos tratados é mais frequente a leitura no Brasil, não lhe deram ainda a importancia devida. E não lhe deram, ousamos repetir, por essa macula inicial, qual a de não ter Ratzel iniciado a sua carreira de scientista laborando logo a seara sociologica, mas, ao contrario, de ter conquistado os primeiros postos de celebridade no campo das sciencias naturaes.

Algumas definições

Agora, porém, as coisas estão mudando de figura.

E' um sociologo, mais do que isto, é um internacionalista e um politico (no sentido scientifico do vocabulo) quem considera os principios que formam a essencia mesma da doutrina ratzeliana não simplesmente como base scientifica da geographia, mas como o rigido alicerce da "Politica". E' Rudolf Kyellén, autor acclamado de uma obra monumental sobre "As grandes potencias e a crise mundial" e desta outra não menos conceituosa do "Estado como organismo vivo" (Staten Som Lifsform), bem como de um "Fundamento para um systema de politica", isto é, é um cultor eminente das letras juridicas quem considera o estudo do sólo em suas relações com a sociedade humana, ou seja "o sólo politico", como um dos cinco grandes ramos do estudo da Ciencia Politica.

Tudo faz crer que partindo o conceito de tão alta autoridade em sciencia social passe o exame do sólo a ser tomado em melhor consideração pelos estudiosos desses elevados degrãos do saber humano. O sólo é examinado na Ciencia Politica, não em si, como o fazem os geologos ou os physiographos, mas como sólo politico, como "Reich", como "paiz". Desse sólo politico, e tão sómente delle, é que se occupa a Geopolitica. Isto mesmo é, aliás, o que queria Ratzel.

A Política estuda o Estado por cinco modos diferentes, por meio de cinco elementos quasi da mesma força, que são, na phrase de Kyellén, "como que os cinco dedos da mão, que trabalha nas épocas de paz e luta nos tempos de guerra". Desse cinco dedos, o dedo pollegar é o da Géopolitica, a qual, como dissemos acima, tem por objecto de investigação o paiz, ou

o sólo exclusivamente nas suas relações politicas ou anthropo-geographicas.

Antes de ir além, um parenthesis.

Como sobre as expressões paiz, povo, raça, nação, nacionalidade e estado, não ha um accordo geral, devemos dizer em que accepções as vamos empregar. Paiz é um pedago de sólo, delimitado por fronteiras e habitado, nós Estados homogeneos, por um só povo que constitue assim uma nação, a qual possuirá um espirito nacional definido toda vez que tenha chegado a um perfeito gráo de unidade. Quando o Estado fôr, porém, heterogeneo, como era a Austria-Hungria, e até um certo ponto a Russia, será então constituido por varias nacionalidades, cada uma das quaes com sentimentos de cohesão interna, existindo apenas entre ellas certos élos oriundos de conveniencia politica momentanea. Em regra, essas nacionalidades falam linguas diferentes e pertencem a raças tambem diversas. A reciproca não é verdadeira: o facto de falarem dois povos a mesma lingua e terem a mesma origem ethnica não os obriga a formar uma só nacionalidade e, ainda menos, uma só nação. Na Austria e na Allemanha, assim como no Brasil e em Portugal, os povos falam a mesma lingua sem que por isso os sentimentos nacionaes sejam os mesmos, não havendo, portanto, uma mesma nacionalidade. A palavra raça não será empregada neste curso no sentido anthropologico classico, mas antes na accepção politica corrente. Rigorosamente consideradas de um modo scientifico, as raças são apenas tres: a branca, a amarella e a negra. Haverá variedades dessas raças originarias, já por mestiçagens entre ellas (o que é corrente no Brasil), já por diferencições locais, o que é habitual em todos os continentes. Slavos e Occidentaes, Mediterraneos e Nordicos são grandes classes da raça branca, classes que comportam ainda muitas outras subdivisões. Do mesmo modo, ha numerosas variedades entre amarells (o que é pouco perceptivel aos nossos olhos brasileiros) e entre negros, o que qualquer de nós pôde distinguir com facilidade em individuos que tenhamos visto. Para este facto, aliás, já Oliveira Vianna chamou a attenção dos estudiosos.

As subdivisões da Política

Voltemos, agora, á subdivisões da Política. O primeiro dedo corresponde, como dissemos, ao paiz e fica assim separado de todos os outros que se referem mais directamente ao Homem. O paiz será, segundo Kyellén, estudado pela Geopolítica que tem estreitas relações com a Geographia politica sem que, todavia, com ella se confunda.

O segundo ramo da Política é o da Ethno-politica de Kyellén, ou talvez melhor indicando, da Demo-politica que estuda o povo e as raças, não como o faria a Ethnographia, mas tambem apenas nas suas relações politicas como nação. Fazendo como que uma ligação deste ramo ao primeiro, a Política se occupa de um terceiro campo de investigações — a exploração do paiz pela nação para o desenvolvimento da autarcia economica. Póde ser denominado Autarcopolitica, que não é portanto a Economia Política e mais se approxima da Geographia Economica. O estudo da sociedade em si, nas suas relações de character subjectivo, é objecto de observação da Cenopolitica (*), coisa o seu tanto differente da Sociologia propriamente dita. Como quinto e ultimo ramo de estudo, Kyellén compendia todos os assumptos que se referem directamente ás questões de governo e administração, ou seja ao regimen politico e ás manifestações da soberania e que são habitualmente considerados pelo vulgo como os unicos, ou os principaes objectivos da Política. Poderemos chamar a esta quinta subdivisão de Crato-politica ou Dynamo-politica.

Assim considerada, a Política tem as mais estreitas relações com a Geographia, no largo sentido que lhe é dado modernamente, assim como com a Ethnographia, com a Economia Política, com a Sociologia e com o Direito, considerado este no seu aspecto primordial de Sciencia do Estado.

E' talvez com a ultima subdivisão de Kyellén (a que se refere ao regimen de governo) que a Política tem sido considerada como tendo a maior ou a mais intima dependencia, porque, para

(*) Kyellén usa a palavra hybrida Sociopolitica. O dr. Ramiz Galvão, a quem consultámos, suggere o vocabulo Cenopolitica, linguisticamente mais homogeneo.

muitos, as propriedades principaes do Estado estão resumidas no seu governo. Outros entendem que essas funções cabem principalmente ao povo, mas, como veremos adiante, a noção do Estado tem de ser subordinada aos tres caracteristicos, indispensaveis e indissolavelmente ligados, do paiz, do povo e do governo.

Segundo Bluntschili e Jellinek, que são por excellencia classicos nessas materias, a Política é nada mais do que a pratica da Sciencia geral do Estado. Ha entre ambas as mesmas relações que vão da theoria á applicação em qualquer sciencia, pois que ella, a Política, é “a doutrina que se propõe a alcançar determinados fins politicos pelos meios mais adequados em relação ás circumstancias e mediante o aproveitamento dos factores da vida social ou politica”. Bismark, que foi principalmente um grande homem de Estado, com a visão clara dos phenomenos sociais da sua patria, expressou a sua concepção da politica pratica, dizendo que ella “tem por objecto prever tão exactamente quanto possível o sentido em que um determinado conjuncto de circumstancias actua sobre todos os demais”.

Tudo isso equivale, afinal, ao modo usual de encarar a Política como sendo a “arte que tem por fim conduzir as massas humanas até á realisação dos seus ideaes collectivos”.

Para a realisação desses ideaes collectivos é que os politicos praticos, ou sejam os estadistas com encargos passados, presentes ou futuros de governo precisam conhecer os varios modos pelos quaes os phenomenos politicos se podem manifestar, e não apenas um delles, aquelle que se refere á Constituição escripta ou ao Regimen de Governo. Para ser politico no sentido largo e distincto do termo, é preciso saber preparar uma legislação adequada ao povo, com o material scientifico theorico e pratico que lhe fôr fornecido não só por aquellas cinco sciencias acima indicadas — e que são as que tem mais estreita correlação com a Política e que, portanto, são as suas verdadeiras fontes de abastecimento intellectual — como tambem pela Psychologia Social, pela Estatistica, cujos methodos são tão preciosos, e pela Historia.

Esta tem por certo a maior intimidade com a Política. Das duas se póde dizer o mesmo que Mac-Kinder disse da Geologia e

Peru e Paes
Geographia Economica
Sociologia
Governo e adm.
Politica

da Geographia Physica: que a Geologia é a Geographia do passado e que a Geographia Physica é a Geologia do presente. A Historia é a Politica de antanho e a Politica é a Historia dos nossos dias.

Para conhecer, pois, a Estructura Politica de um Estado não basta lêr a sua Constituição, nem mesmo as suas leis escriptas, já porque não hajam sido feitas muitas vezes com a indole e as necessidades da nação, sendo, não raro, simples decalque de outra Constituição ou da legislação de outro povo de psychologia e possibilidades muito differentes, já porque, na hypothese de ter sido redigida em exacto e perfeito accordo com os interesses e condições nacionaes, não possa indicar tudo quanto, com o correr do tempo, convenha ser aproveitado em bem da collectividade. O politico que considerar como unico livro de cabeceira o Livro da Constituição, não poderá jámais conhecer as verdadeiras manifestações da alma de um povo, e não estará em condições, portanto, de occorrer ás necessidades da nação. Preciso é que elle se sature das noções fundamentaes da Sciencia Politica, nas suas subdivisões acima indicadas para dahi auferir conhecimentos de utilidade pratica, que tornem efficiente a sua acção publica e proveitosa a sua vida de estadista.

Essa falsa noção que em geral os politicos — daqui e de alhures — têm do dominio de estudos que lhes deva ser mais familiar, decorre um pouco da aprendizagem que fazem e na qual ao Estado é dado um aspecto mais subjectivo que objectivo. Essa feição subjectiva nasce do modo de encarar o Estado apenas pelos aspectos indicados no quarto e quinto ramos de Kyellén, ao passo que o olhando mais pelos caracteristicos suggeridos pelas tres primeiras categorias, o Estado toma um aspecto algo material não sendo apenas a pessoa juridica ou o sujeito de direito, que o querem considerar certos tratadistas, aliás dos mais modernos e dos mais notaveis.

Todo aquelle que consegue um conceito equilibrado de Estado, sem incluir na definição nem o predomínio do poder, nem do povo, nem do paiz, mas, ao contrario, considerando-os a todos tres como de igual peso, este sim, se pôde considerar com as condições de um verdadeiro e util politico.

Ainda mais. Convém que o politico não se esqueça nunca

que a sua nação não vive só e isolada no mundo, tendo, ao contrario, as contingencias da sua vida e do seu desenvolvimento condicionadas pelo progresso e pelas pressões de outros povos da Terra. Para prover, pois, ás necessidades do povo do seu paiz, elle precisa conhecer muito bem os outros paizes, as condições economicas e de evolução desses outros Estados, e as suas respectivas organizações sociaes.

O estudo de cada Politica nacional terá de ser feito sempre á luz da Politica Internacional dominante. O exame de cada um dos ramos em que se subdivide a Sciencia Politica terá igualmente de ser encarado, confrontando-o, passo a passo, com o ramo correspondente nos varios outros paizes da Terra.

Assim pois, a Geopolitica Brasileira, que é o estudo que nos propomos a fazer neste curso, não poderá ser desenvolvida imaginando que o Brasil é o unico paiz do Orbe Terraqueo; mas, ao contrario, de momento a momento, poremos em comparação a nossa com as demais terras do Globo, e de modo muito especial com aquellas que, ao nosso vêr, podem vir a ser as nossas concorrentes ou com aquellas outras que nos possam servir de modelo, desde que dellas façamos uma imitação intelligente.

Alargando horizontes

A Politica de um paiz que se faça apenas no ponto de vista social ou juridico, desapojada do prévio exame da sua estrutura geopolitica e sem o permanente controle com a Politica dos demais paizes, ficará, portanto, desarticulada e falha.

Como entender, de facto, a evolução de um povo, como nortear-lhe as convenientes directrizes, se se desconhecem as possibilidades do paiz, que são afinal o principal objecto da Geopolitica?

E' que não ha um Estado sem sólo, sem o indispensavel torrão de terra. O povo Judeu, o tão citado povo judeu, pôde continuar talvez a ser uma nação disseminada por toda a superficie do Planeta, mas não forma "um Estado" exactamente porque lhe falta uma área delimitada em que se exercitem as funções publicas peculiares ao Estado, funções que tanto podem ser de coersão pela punição de contravenções, como de protecção

por intermedio dos órgãos da Justiça. O judeu é um povo sem paiz; não é, pois, um Estado. Conservando embora obrigatorio para seu uso principios de religião ou de tradição peculiares á sua grey, elle se ha de subordinar ás leis politicas do paiz de nascimento; é um cidadão, não da Judéa, mas da França, da Alemanha ou do Brasil.

Nenhuma outra organização social, religiosa, scientifica, litteraria ou mesmo politica, por mais vasta e autorizada que seja — a Igreja Catholica, por exemplo — jámais alcançará poderes iguaes aos de um Estado, exactamente por lhes faltar sempre o substratum physico, o alicerce material representado pelo sólo, isto é, pelo paiz.

A definição de Ratzel de que “o Estado é um pedaço de sólo ligado a um pedaço de humanidade” pôde estar sujeita a criticas quanto á sua ultima parte; quanto á primeira, não.

Para formar um Estado é preciso que este povo, “pedaço da humanidade”, esteja organizado, que haja uma ordem juridica. O enunciado de Ratzel claudica neste ponto; mas na delle, como em todas as definições geraes e modernas, não se prescinde do pedaço de terra, do territorio, do sólo.

Si houvesse tempo, e tivéssemos autoridade, seria aqui a occasião de discutir com mais detalhe as multiplas definições de Estado que os tratados classicos reproduzem. No alentado volume de Jellinek nada menos de 60 paginas são consagradas a tal. Querendo nos parecer que sahiram da moda, por falta de razoavel justificação scientifica, as definições do typo das de Kant, que dava o Estado como sendo “uma reunião de pessoas que vivessem sob um regimen de direito”, preferimos tomar de um manualzinho qualquer — o de Fischbach por exemplo — uma definição consagrada pelo consenso geral, e considerar “o Estado como uma associação de homens estabelecidos sobre um territorio delimitado e submettidos a um poder supremo”.

E’ possivel que em outra occasião retomemos o assumpto.

O Estado como ser vivo

E’ habito antigo, que vem desde Platão, comparar o Estado a seres vivos. Se asism é, se a doutrina do Estado “organismo vivo” pôde encontrar apoio em opiniões autorizadas, o ser vivo

que por analogia mais se pôde pôr em comparação com o Estado é a arvore, pois que esta não pôde existir sem lançar as suas raizes ao sólo. O sólo é o apoio indispensavel ás arvores como aos povos; é nelle que ambos se alimentam e sem elle não poderiam viver.

Por outro lado, mantendo ainda analogias biologicas, sempre no character de analogias e não no de similitudes, o paiz pôde ser considerado como o corpo do Estado e a elle indissoluvelmente preso para que haja vida Politica. Desse corpo, a soberania, isto é, o governo seria a intelligencia culta e directora (é claro que na hypothese de estarem os governos bem orientados) e a nação seria a alma, sentindo e obrando. De facto, a nação tem sentimentos; a sociedade economica tem interesses; o governo tem deveres; mas todas essas qualidades moraes só podem actuar através de um corpo, apoiadas nelle, por elle sustentadas, a elle ligadas como Saldunes fieis.

E’ por isso certamente que Preuss considera, em direito internacional publico, as lesões de territorio como sendo attentados contra a pessoa e não contra a propriedade. O sólo do paiz não é propriedade da nação; é a sua essencia mesma. Isso tambem explica a sensibilidade especial que se manifesta em todos os povos toda vez que, pela guerra ou pela violencia, são retirados pedaços do seu sólo secularmente unificados, porque são como que nacos da propria carne, são membros arrancados, que não podem ser refeitos por processo algum de autocreação, ao passo que um grupo de pessoas que venha a morrer na guerra é logo no dia seguinte substituida por uma nova geração, mantendo-se a continuidade da nação, que supporta e vivifica a alma nacional.

Quanto mais longa é a vida de um povo em um dado territorio, tanto mais indissoluveis se tornam os liames entre ambos, principalmente se, nesse periodo, concomitantemente se desenvolveu o grão de cultura do povo. Os povos primitivos que não têm ainda uma organização social e politica bem consolidada, sentem-se menos presos ao seu sólo do que aquelles que attingiram maior nivel de civilização. Isto quer dizer que estes povos primitivos não formam propriamente Estados, no sentido moderno do vocabulo.

Quanto mais ganha uma nação em organização social, mais

adstrieta fica ella na sua subordinação ao sólo. Houve quem supuzesse que com a elevação do gráo de cultura o povo fosse perdendo essa sujeição ao sólo, sujeição não só politica, como meramente economica. O contrario é o que se passa. Os germanos e os francos que não conheciam o uso do ferro e do combustivel fossil, jámais se degladiariam para se apossar do territorio do Sarre, do Ruhr ou da Lorena. Hoje, o sólo, especialmente nos seus aspectos economicos — assim como nos politicos — é objecto de muito maior cubiça do que o que teria sido talvez para os romanos e sem duvida alguma para todas as collectividades humanas mais rudimentares.

Tudo isso demonstra quão importante é o conhecimento exacto do “paiz” para o desenvolvimento efficiente dos sentimentos da “nação” e das idéas politicas dos governantes que se queiram bem orientar.

ASSUMPTOS GEOPOLITICOS

O NOSSO FATALISMO E' INGENITO

“Jedes Volk traegt die Merkmale seines Landes”.

Ratzel

O homem e o clima

O clima é o melhor e o peor inimigo do homem. Isto quer dizer que, mais do que qualquer outra condição physica, o clima modela um povo, imprimindo-lhe feições indeleveis.

Houve quem dêsse a este conceito um valor excessivo, attribuindo ao clima, só ao clima, exclusivamente ao clima, os destinos historicos de cada patria. Assim não é; assim não entendem os bons mestres. Não procedem, portanto, as ironicas criticas de Peschel, quando poz lado a lado a Grecia gloriosa — de Salamina e de Pericles — e a infeliz Grecia — dominada pelos romanos e pelos turcos — sempre “com a mesma risonha natureza e com o mesmo lindo céo”. Na evolução historico-geographica da Grecia o clima cede lugar á sua “posição”, á sua “Lage” usando a palavra allemã generalisada entre os geographos de todo o Planeta. Mas, apesar disso, o clima ainda teve e ainda tem decisiva influencia. Foi exactamente o clima amoleecedor da Helade o obice que a natureza oppoz “sempre” ao progresso grego e só a sua

"Lage" excepcionalmente importante no momento em que a civilização se encaminhava da Mesopotamia e do Egypto para a Europa, lhe valeu "uma hora" de florescimento. E' que a Grecia foi apenas, como nota o prof Otto Maul na sua excellente obra "Griechenland", um mero "corredor da civilização", embora um fulgurante corredor.

Todos os anthropogeographos e todos os sociologos devem, pois, ter em muita conta o clima ao investigar as "possibilidades" do surto de uma nação.

Alguns brasileiros, no hypertrophismo chauvinista de tudo louvar desde que seja nosso, de entender que só é patriota quem occulta as verdades que nos são duras, enchem a bocca com a "suavidade" e "clemencia" do nosso clima. E', a nosso ver, um erro esse ponto de vista. Temos, não ha duvida, nas regiões meridionaes e em certos pontos dos planaltos central e mineiro, condições algo favoraveis á implantação de uma cultura superior. O resto do paiz, porém (e tristemente dizemos), é infenso ao nosso progresso. O bordo costeiro, toda a Amazonia e grande parte do interior, são pelo seu calor humido nocivos á energia corporal e espiritual, debilitantes, e prejudiciaes á saude porque são viveiros prolificos dos germens do impaludismo, da ankilostomiase e de tantas outras molestias que devastam e anniquillam a nossa patria, como tão brilhantemente demonstrou o illustre dr. Belisario Penna, no seu formidando livro "Saneamento do Brasil". O nordeste, salvo o planalto cearense, é quente e sequissimo; é, portanto, de aridez quasi desertica que ninguem póde considerar condição "feliz" para um paiz.

Os dois typos de ambiente geographico do Brasil

Dos tres typos de ambientes geographicos com que o homem luta quasi sem poder dominar, dois existem no Brasil em vasta escala. Esses tres ambientes são: as calotes polares, inhospitas e deserticas, que apenas na orla da tundra russa, siberiana, canadense e groelandica, o homem tem podido attingir, e assim mesmo com pouca efficacia economica; os desertos quentes dos continentes massiços, de que por desgraçada aberração geographica, veio se implantar um no nordeste brasileiro; e, finalmente, as

florestas tropicaes, quentes e humidas, cheias de lianas e de esmagadora exuberancia, isto é, as "hyléas" do Amazonas e do Congo.

Destas tres paisagens só não nos aquinhoou a sorte com a primeira, que é, de facto, a de mais penosa dominação, contra a qual o homem até hoje nada conseguiu. O nosso "deserto" nordestino é apenas, felizmente, um semi-deserto que a resolução corajosa do sr Epitacio Pessoa enfrentou e que a competencia tecnico-geographica do sr. Arrojado Lisboa irá resolvendo, através das oscillações e indecisões da nossa politica. As nossas terras quentes e humidas da depressão tropical amazonica (incluindo Pará, Maranhão, Norte de Goiaz e Matto Grosso) e das varias baixadas litoraneas serão aproveitadas quando nos resolvermos ao estudo comparativo do Brasil com a Africa, com a India, com as Ilhas da Oceania equatorial, ao invés de querermos tomar para paradigma a Europa, os Estados Unidos, e mesmo a Argentina, que nada — ou pouco — têm que ver com a nossa "situação" geographica.

O progresso destes paizes tropicaes, que são os nossos concorrentes naturaes, deveria nos interessar mais do que nos interessa. Isto nos interessa tão pouco, que parece haver o proposito de impedir que estudemos essas regiões.

Confrontos e comparações com a Africa

Eu, por exemplo, — attendendo ao distincto e honroso convite do eminente professor Alfred Wegener, da Universidade de Hamburgo — estava me preparando, em janeiro ultimo (1925), para uma viagem á Africa. Levaria como objectivo principal o exame de certas questões geologicas de alta relevancia scientifica, mas aproveitaria o ensejo da viagem para um exame geral da paisagem geographica, quer physica, quer economica. Pois bem, estava a bem dizer com o pé no estribo quando alguém preferiu me "convidar" ao estudo de um ambiente muito mais estreito, mais desinteressante e mais monotono — limitado apenas por quatro altos e lisos muros — e que me privam da satisfação de poder prestar melhores serviços á minha patria. A ignorancia em que vivemos da geographia do mundo, faz com que, no Brasil,

se imagine que a Africa é, ainda hoje, o mesmo continente economicamente despresível, que era ao tempo em que lá iam buscar escravos, que tanto contribuíram para a escuridão moral em que ainda hoje nos debatemos.

Quem se quizer convencer — o que aliás não precisa muito esforço — da utilidade dessas comparações, queira poisar os olhos sobre um mappa trazendo curvas isothermicas, isobaricas e indicações das precipitações atmosfericas.

Um parentesco climaterico

Se o confronto com a Africa é interessante, mais flagrante, eloquente, gritante, é a comparação com a India. Desde a fôrma triangular até o seu enclavamento entre o Equador e o tropico, o Brasil se parece com a India. Dominam, lá como aqui, as mesmas chuvas abundantes, com uma média de 200 cm. annuaes, havendo tambem temperaturas elevadas; ha, lá como aqui, uma pequena região secca, semi-árida. Possui a India como o Brasil um planalto central (que acolá é o Dekão), uma baixa e estreita orla oceanica e uma grande depressão regada por um poderoso rio — o Ganges — que nasce no Himalaya, altissimo e gelado, como nos Andes nevados é que tem as suas raizes o nosso Amazonas. A mesma flora originaria nos seus caracteristicos typos ecologicos, permite a adaptação vegetal que facilitou a muda para aqui da “Mangifera indica”, tão apreciada entre nós, e daqui para lá da “Hevea brasiliensis” que o inglez trasladou com tamanho damno para o imprevidente Brasil.

Quando se reflecte nesse parentesco climaterico do Brasil e da India, começa-se a comprehender alguns dos caracteres psychologicos do nosso povo. Sempre achei irritante dizer que no Brasil tudo é grande excepto o homem, quando a verdade é que o homem luta aqui, corajosamente, valentemente para vencer um clima debilitante e amortecedor. Em vez de estarmos a businar aos ouvidos do povo que “tudo” aqui é grande e optimo, melhor e mais patriotico parece ser mostrar as maneiras e os methodos de que nos poderemos servir para subjugar, ou, pelos menos, para reduzir as acções climatericas que “pesam” sobre o Brasil. E’ mesmo um dever de gratidão apreciar e louvar uma população

que luta, que se debate sob uma esphera escaldante e humida, como é a nossa abobada celeste, especie de gigantesca estufa, e onde, apesar de tudo, ha homens capazes de conduzir “bandeiras” pelo interior do sertão, ou de empurrar para o nordeste de São Paulo a rica “onda verde” de que nos fala Lobato, ou de, nas visinhanças de Blumenau e Braço Sul, fazer viver uma intensa colmeia trabalhadora. Como exigir mais do “homem”, se elle faz o que o “meio” lhe permite realizar!

O nirvanismo do brasileiro

E’ ao clima do Brasil, semelhante ao da India, que devemos attribuir a feição de nirvanismo do brasileiro. Aceitamos com resignação e fatalismo o que nos cêe sobre a cabeça, seja bom ou seja máo. Cançamo-nos se fazemos qualquer esforço physico ou intellectual; não temos, como disse Guerra Junqueiro para Portugal, “a energia de um coice”. Achamos que “isso” vae mal vae muito mal, mas nos curvamos, submissos e covardes, esperando de Deus a solução dos problemas. O “time is money” dos inglezes traduzimos pelo “tem paciência, meu filho, volta amanhã”

Desse estado d’alma não é culpado o homem. Cada qual sabe qual é o seu dever mas não consegue cumpril-o porque... porque não pôde. Somos um producto do nosso meio physico e principalmente do nosso clima, como lá diz a phrase de Ratzel que tomei para epigraphie deste artigo. “Cada povo traz em si a marca que a sua terra lhe imprime.”

Um dos característicos desse estado d’alma collectiva proveniente do ambiente physico é a nossa inconstancia, a nossa imprevidencia e a nossa inconsequencia. O brilhantismo fulgurante de latinos que temos nas veias, faz brotar projectos lindos e redemptores, sobre os quaes muitas vezes todos ficam de accordo; o clima, porém, os amollece e os abafa no nascedouro. Paramos sempre a meio, em uma palavra, não sabemos realizar. Um indice dessa indecisão e falta de persistencia pôde ser exemplificado materialmente com os varios edificios publicos e projectos de embelezamento do Rio de Janeiro, paralysados em começo de execução e nunca mais levados a cabo. O vulcão fervente que nos dá o caracter physionomico da raça irrompe, explode, mas faz os

seus derrames em jactos descontínuos, sobre uma crosta de indifferntismo que logo resfria a lava do entusiasmo. Como diz Brandt em sua obra — “Kulturgeographie von Brasilien” — que deveria ser livro de cabeceira dos meus compatriotas — ha, no Brasil, uma distancia enorme entre planejar e realizar.

Não nos zanguemos com o povo por não ter elle capacidade de pôr em pratica as suas excellentes idéas. Os culpados não são os homens, mas o clima e, um pouco, o meio geographico. Só uma longa educação, realisada por processos que não é agora, neste fim de artigo, o momento de suggerir, seria capaz de dar pertinacia ou, melhor do que isto, de dar “organização” a um povo com escassez de methodo de viver e com excesso de fatalismo ingenito.

A EQUAÇÃO GERAL DO BRASIL

O nosso fatalismo tem cura

Quando se diz que “o nosso fatalismo é ingenito” não se quer significar que seja elle incuravel.

Que existe aqui um nirvanismo doentio ninguém, de boa fé, pôde contestar, pois ahí estão os exemplos na nossa historia e contemporaneamente. A que attribuil-o? Quer me parecer que a causa principal decorre do clima, por estar o Brasil na sua maior extensão, salvo nos Estados meridionaes, mergulhado em zonas enervantes e deprimentes.

Mas o clima, como qualquer outro factor geographico, é susceptivel de ser attenuado em seus effeitos. “Uma longa educação e uma boa organização, dizia eu no capitulo anterior, seriam capazes de dar pertinacia a um povo com escassez de methodo de viver e com excesso de fatalismo ingenito”.

O grande problema brasileiro é, portanto, o da “organização. “Assim dito, toda a gente está de accordo. Mas é um modo vago de falar.

Organizar como? de que modo? quando se deverá iniciar, com maior profieuidade, esse trabalho? São perguntas ás quaes

cada patriota sincero procura dar resposta, moldando-a pelas suas tendencias, e portanto de accordo com as suas proprias especialidades. Tratar, ou mesmo esboçar, em curtos artigos de jornal a solução que, a meus olhos, lhe dá a anthropogeographia é quasi impossivel. ‘E’ assumpto para uma obra de um pouco mais de vulto a que me estou dedicando e que talvez um dia venha a lume.

Uma vantagem existe, sem duvida, em ser a relevante questão estudada á serena luz da anthropogeographia: é que esta sciencia consegue reduzir um systema de muitas equações e muitas incognitas a um outro de contextura muito mais simples. Os especialistas “á outrance” — financistas, economistas, juristas e educadores, etc. — vêm tudo pelo “seu” prisma e suppõem assim que todos os males do organismo nacional são oriundos da doencasinha em que são autoridade. Com os geographos (mesmo com um pretendo geographo como é o autor destas linhas) tal não se deve dar, pois adquirem, pelo genero de estudos a que se entregam, a estricta obrigação de examinar todas as questões sob multiplices aspectos.

Espaço e posição

Para chegar assim á solução daquillo que poderíamos chamar “a equação geral do Brasil” tal como ella é posta pela Moderna Geographia, preciso se torna examinar, em todo o detalhe, as duas noções fundamentaes que Ratzel genialmente fixou: a de “Raum” (Espaço) e a de “Lage” (Posição), e que outros autores, francezes, americanos e allemães, nada mais têm feito do que explanar, dando nomesinhos especiaes e fazendo desses nomesinhos um grande cavallo de batalha. Vidal de la Blanche e seus discipulos, “criando” a “theoria das possibilidades” e a “theoria dos contrastes”, repetem meudamente o que lá disse syntheticamente o grande mestre, cujos livros, por serem escriptos em allemão não são de facil accesso aos que desconhecem esta lingua.

Quasi todas as questões que se prendem ao “espaço” são favoraveis ao Brasil, desde a da capacidade de população (como demonstrou Penk), até á dos contrastes physicos, até ás resultantes das nossas possibilidades economicas, e até á influencia

psychologica que os grandes espaços exercem sobre o espirito popular. O mesmo não succede, infelizmente, no que se possa deduzir da nossa "posição", pois ahi encontramos varias condições que nos são desvantajosas, desde o clima adverso até a nossa situação no hemispherio sul, longe dos centros de maior actividade politica, condição esta, aliás, hoje em dia secundaria, graças á rapidez dos transportes.

Solo e clima

A acção do espaço e da posição equivalem, afinal, — em conjunto, embora não termo a termo — á acção do sólo e do clima. Esses factores comprimem o terceiro agente geographico: o homem, que por sua vez reage sobre os primeiros. E' que o homem não é (repetindo eu uma imagem lida algures) como essas figurinhas chinezas que fluctuam sem ponto de apoio. Elle tem um papel importante, importantissimo na evolução geographica de um paiz, "condicionado", porém, pelo ambiente physico que o cerca. O homem não faz o que quer, embora tenha recursos fornecidos pela sua actividade intellectual para tambem actuar sobre o meio.

Ninguém melhor que Ratzel viu isto, pois elle dá a Cesar o que é de Cesar e ao homem o que é do homem.

Sentindo a estreita ligação de interdependencia que ha entre esses tres factores geographicos é que defini, no curso que sobre a "Moderna Geographia" realizei em 1924 na Escola Normal de Nietheroy, a geographia como sendo a "sciencia natural que estuda as acções e reacções que em um dado momento historico, entre si exercem os tres factores: sólo, clima e homem".

Toda esta digressão veio para demonstrar a possibilidade em que está o Brasil de reagir contra os effeitos amollecadores do clima. Até hoje não o tem feito, precisamente porque tem sido dominado por elle sem perceber talvez que o está sendo.

Apontando as causas profundas dos nossos males, estou convencido de estar prestando um salutar e patriotico serviço á minha patria. Melhor é conhecê-los para procurarmos um correcti-

vo, do que nos embalarmos com fagueiras cantigas de uma riqueza apenas em estado potencial.

Ora, dominado pelo clima, o homem é incapaz de qualquer proficuo esforço. Convencido, porém, de que o mal está exactamente na famosa "amenidade" reinante nas nossas terras, iniciará um processo de clarividente reacção que só poderá ser util ao paiz. Não é só das risonhas campinas do sul e dos planaltos do Paraná, S. Paulo e Minas que devemos cuidar com carinho, mas de todo o paiz.

Tem sido nosso vezo ir pouco a pouco dando ao Sul o predominio politico e social da nação. Para tal contribuem sem duvida as condições geographicas mais favoraveis desta região, onde ha mais riqueza intrinseca e mais resistencia organica do povo. Esta orientação é porém victoriosa e está fortalecendo as forças centrifugas da Unidade Nacional e cooperando, pela resistencia, para a desaggregação do conglomerado federativo. Contra isso é preciso emprehender energico combate. Tanto mais insuspeita é esta opinião da minha parte quanto eu, como fluminense, sou filho do sul.

"Sangue novo" e "gymnastica"

Uma das reacções mais efficientes que o brasileiro precisa tentar é, pois, repito, contra o clima, que não pôde ser considerado como um inimigo invencivel. Mesmo os gelos polares que têm permanecido até hoje impermeaveis ao homem, ponho em duvida que o sejam eternamente. Não podemos deserer da victoria contra a floresta tropical quando já estamos a emergir triumphantes do embate contra as regiões aridas. Climas tão inhospitos como os da Africa, da India e de parte da Australia já estão sendo vantajosamente aproveitados pelo europeu, que tambem conseguiu tomar pé na região quente e humida das Ilhas da Sonda.

O que ha, portanto, a fazer contra o clima não é — e seria irrisorio pensal-o — não é modificar o proprio clima, mas dar resistencia ao homem, de modo que este adquira as capacidades energeticas que possui quando nas zonas temperadas. Como?

O que se passa no Brasil é quasi analogo áquillo que se dá

com um doente soffrendo de debilidade geral. A medicação não pôde visar um certo e determinado órgão. Só o uso de tónicos apropriados é a pratica de exercicios gymnasticos methodicos poderão salvar o enfermo.

O tónico, no caso nacional, é o "sangue novo" que por imigração seleccionada — evitados rigorosamente os analfabetos e os infeccionados de molestias contagiosas — acabará nos entrando nas veias por processos de selecção eugénica, com a clarificação da raça, approximando-nos do typó ethnico que está dando pujança á Africa, á Australia e á Oceania.

A gymnastica de que precisa a nossa terra é a educação. Mas poderá com efficiencia ser ella tentada por nós mesmos? Se cuvirmos a filancia dos professores jacobinos, a resposta será affirmativa: bastará a prata de casa. Eu, pessoalmente, não temo de me inscrever entre os que tenham ponto de vista opposto. Não sentiria o meu amor proprio de professor ferido se fossem chamados estrangeiros com verdadeira competencia e não meros fazedores de discursos, como alguns dos que aqui têm vindo, para nos ensinar a ensinar. Depois, quando estivessemos bem habilitados, então sim, poderíamos tomar sobre os hombros o grosso da tarefa. Actualmente quasi todo o magisterio é constituido por autodidactas e quem faz o autodidactismo sabe bem quanto isso custa e é penoso.

Com a eugénia e com a educação da intelligencia, e, portanto, também, com a educação da vontade, conseguiremos dominar, em parte, os effeitos do clima. Tudo está em que este mesmo clima — e eis ahí a dolorosa questão — nos permitta encarar de frente o problema e nos dê continuidade de pensamento para levar a cabo a tarefa. Estamos, afinal, em uma angustiosa petição de principio: para caminharmos, precisamos attenuar a acção climaterica, mas é esta mesma que põe impecilhos a que a subjuguemos.

Para a realização desta tarefa preciso fôra o esforço e a boa vontade das nossas camadas directoras, quer a politica, quer a intellectual. Quando é que isso começará a dar-se? Daqui a 20 annos? Daqui a meio seculo? Quando?

CLIMA E CIVILISAÇÃO: THEORIA DO GRAU DE CULTURA (*)

Sahindo do Equador

Embora não se interessem hoje em dia os anthropologos em investigar o local de apparecimento do homem; embora esteja fóra da moda a discussão sobre a monogenese ou plurigenese da nossa especie, parece que não repugna á maioria dos scientistas admittir que o *homo sapiens* é originario ou, pelo menos, deu-se muito bem na zona equatorial onde ainda hoje vivem os seus parentes mais proximos, que são os macacos.

Nos tropicos teria vivido o homem em estagios mui distantes, talvez antes mesmo que a humanidade houvesse chegado áquelle periodo que ha sido denominado de prehistorico. Teria vivido bem, folgadoamente, encontrando facil alimento durante todo o anno. De facto, assim é nos tropicos. Em suas florestas existe sempre uma recolta de frutos alimenticios colhidos sem esforço. Vivía uma vida de indolencia e imprevidencia. Havia, em uma palavra, um gráo de cultura rudimentarissimo. Por outro lado, os mais longinquos conhecimentos de agricultura não poderia elle aspirar a ter em uma região de densa floresta, sem clareiras e sem descampados.

Pouco a pouco, com lenta, com lentissima velocidade que não nos é dado hoje calcular, teriam as massas humanas, se tornado menos ralas, e se deslocado pouco a pouco, á proporção que fosse escasseiando o alimento.

(*) A esta theoria temos nós nos referido em diversos artigos e conferencias. Só porém, na sessão de 15 de Agosto de 1926 da Academia Brasileira de Sciencias fizemos um resumo methodico da mesma, completando-a com as tres leis fundamentaes sobre Clima e civilisação. Pouco depois, ao expormos no nosso curso do Instituto de Alta Cultura da Associação Brasileira de Educação (Agosto de 1926) as diversas doutrinas sobre a influencia do clima sobre a civilisação, detivemo-nos a estudar a de Huntington, a ella apresentando varias objecções. Como conclusão dessa critica é que explanamos a nossa theoria.

Foi com certo orgulho e satisfação que vimos, algum tempo depois (setembro de 1926), o illustrado prof. Alvaro Osorio se manifestar de accordo com as nossas conclusões, ao fazer elle analogo estudo na serie de conferencias em que, no mesmo Instituto, encarou o problema sob o ponto de vista physiologico.

A nebulosa prehistorica não deixa ver bem os caminhos trilhados nessa phase da evolução ethnica e deslocamento geographico, mas sente-se que a maioria dos habitantes da zona equatorial africana não teriam podido facilmente caminhar para o norte através do intransponível Sahara. Teria parado em rudimentares estagios culturaes, nos quaes o branco o foi encontrar recentemente. Nem teria sido possível áquelles homens se tornarem navegadores porque as costas muito compactas da Africa não instigam a essa digressão evolutiva. A unica sahida que se lhes offerecia para melhores climas era a subida para a orla montanhosa, para onde naturalmente teriam seguido.

Alguma coisa de analogo havia de ter succedido na America do Sul e na Australia. Na nossa America o empuchão equinoctial teria levado o homem para as altitudes dos Andes, onde desabrocha, já em época historica, a rica colonisação dos Incas e dos Aztecas.

Não nos interessa investigar com muitos detalhes as marchas e contra-marchas das columnas migratorias. Queremos, apenas, accentuar as etapas principaes. Quizessemos descer a detalhes na questão anthropologica sul-americana e seria aqui o momento de expôr, discutir e criticar as theorias do sabio argentino Ameghino, sobre o homem terciario, da formação pampeana. E' um curioso estudo, que escapa, porém, ao campo da nossa dissertação neste momento.

Agora estamos querendo simplesmente fixar pontos de triangulação de 1ª ordem, que nos levem ás directrizes principaes do movimento geographico da civilisação.

Como na parte já propriamente historica, os dados que nos fornece o continente eurasico são os mais seguros, voltemos a elle.

Vemos os primeiros estagios da civilisação se desenvolverem pelas savanas que circumdam as florestas tropicaes. Das savanas passaram aos estepes que bordam o deserto eurasico, o qual com interrupções pequenas em certos planaltos, como no Iran, se prolonga desde a Africa até a China, do Sahara ao Gobi. O homem que estaria fugindo ás florestas equatoriaes, esbarra em um accidente mais hostil: a aridez do deserto. Está comprimido entre dois inimigos, ambos inclementes: de um lado o charco humido e quente, cheio de sombra, de liames, e de insectos, e de microbios

prolíficos de uma floresta compacta, e, de outro lado, a areia esaldante, a falta dagua, as nuvens suffocantes de poeira a rolar em dunas ameaçadoras. O deserto, porém, teria tido para o homem primitivo a vantagem do horizonte largo; e a miragem traçoira da chapa quente da planicie, dando a illusão de uma poça, tel-o-ia feito correr á sua busca, na ansia de mudar de poiso. O deserto teria desempenhado assim a função que mais tarde vai ter o oceano. A orla do deserto é o lugar onde, então, se começa a dar o fervilhar de uma civilisação nova. O deserto é como o mar, onde ninguem vive permanentemente, mas que todos atravessam em correrias; das "praias" partem as caravanas como se fossem "flotilhas". Os beduinos são os primeiros navegantes. Os oasis são as ilhas.

Longo tempo passa a civilisação debruçada sobre as areias, como por muitos séculos hade ficar peiada, até a bussola e principalmente até Colombo, nas praias do Atlantico. Demora-se no Egypto, na Chaldéa, em Babilonia, como antes havia vivido nas margens quentes e humidas do Ganges e do Bramaputra.

E' ponto obscuro saber ao certo nesses imprecisos tempos da protohistoria aryana se a civilisação escalou em etapas successivas dos fundos talwegues do Industão ás alturas do Pamir, ou se, ao contrario, teria descido encachoeirada dos pinaros desse archifabuloso planalto para as partes mais baixas e para as visinhanças do mar. Talvez se haja dado as duas marchas em periodos diversos, e que depois de subir e se ter retemperado nas bellas altitudes do celebrado altiplano, voltasse de novo á planicie paludosa.

Evitemos, porém, este escolho, deante do qual têm parado os mais eruditos historiadores. Não nos importa, aliás, esmiuçar-o. Quaesquer que sejam os factos — elles servirão sempre á demonstração da nossa these.

No Mediterraneo

Sublinhemos apenas que só depois de prosperar e se enrijar nas vicissitudes da vida nomade, é que se desenvolve a agricultura e com ella se esbogam e desabrocham as artes e as sciencias. Está a civilisação a esse tempo nas bordas do Mediterraneo, onde

crece, prospera, floresce. Encontra acolá um clima doce, ameno e macio. Baloça-se ali alguns seculos, como alguns outros seculos estivera frente a frente com o deserto e muitissimos outros na penumbra da floresta. Cada metro que se vence nos primeiros passos da marcha migratoria exigiria talvez um milenio; pouco a pouco, porém, como o movimento terá de ser acelerado, as balisas vão sendo deixadas atrás com maior rapidez.

E', pois, em pouco tempo que os romanos transpõem a floresta temperada que os separa dos germanos e a civilização se installa na planície pomerana e rhenana, de onde, em grau de maior atrazo, já se teria espalhado, com os francos e saxões, para as partes mais occidentaes da Europa.

Esses francos, esses saxões, esses germanos, esses eslavos, esses nordicos em uma palavra, teriam vindo tambem de outra região aggressiva: os gelos polares. Não seriam de lá originarios, mas até lá teriam chegado por outros caminhos, que é impossivel fixar com muita exactidão, mas que, por certo, não estamos longe de acertar, dizendo que passariam pelo lado norte do Caucaso e através da estepe russa se teriam dirigido para o septentrião.

Em qualquer caso, o facto historico que nos convém destacar para exposição do nosso raciocinio, é que os germanos teriam uma civilização inferior á dos romanos.

E por que? Porque o gráo de cultura daquella época da historia não os teria posto em estado de dominar vantajosamente o clima aspero em que viviam.

Eis o grande ponto que precisamos accentuar.

Apesar de viverem em um clima estimulante, o mesmo que hoje desfrutam, os homens daquellas regiões eram áquelle tempo inferiores, quer nas artes, quer nas sciências, na cultura, enfim, aos habitantes do Mediterraneo.

Qual é, pois, em largos traços, a marcha que tem tido até então a civilização? Ella caminha dos climas quentes para os frios, escorregando pelos meridianos na direcção do polo norte.

Não teria caminhado tambem na direcção do polo sul?

Não temos dados para responder, pois o archivo proto-historico e prehistorico do hemispherio meridional é muito escasso. Provavelmente não. A forma compacta das costas dos continentes austraes, quer na America, quer na Africa, não é de

molde a desenvolver o intercambio pela navegação primitiva, donde o facto de se não ter aguçado e intensificado a actividade intellectual e terem permanecido esses continentes em gráo de atrazo cultural.

As famosas viagens de phenicios e de egypcios, em torno do continente africano são duvidosas, e quando verdadeiras, não foram frequentes. Ainda mais problematicas as excursões desses navegadores ao litoral brasileiro.

Ao contrario do que se dá no hemispherio sul, ha no hemispherio septentrional a interposição de mares interiores — seja o Mediterraneo, sejam o mar das Antilhas e golpho do Mexico — entre a zona torrida e as regiões temperadas. Donde a civilização romana e a civilização de aztecas.

Em qualquer caso, nota-se indubitavelmente uma marcha do Equador para o polo.

Notar-se-á, porém, tambem uma outra direcção de movimento: a civilização se dirige sempre mais ou menos do oriente para o occidente. Teria vindo da India para a Chaldéa, Jahi para o Egypto, para a Grecia, para Roma. De Roma se teria irradiado um pouco para toda parte, dilatando-se em avanços successivos a partir da orla marinha do Mediterraneo, e teria parado diante do obstaculo enorme que era o Atlantico.

O choque das columnas

O que caracteriza a phase mais recente da historia, aquella que estamos atravessando ha cerca de 15 seculos, é sem duvida a do predomínio dos povos que habitam as zonas frias. E' indubitavel o facto. Seria ridiculo contestal-o. Convém, porém, discutil-o, dando á palavra discutir o seu sentido mathematico e não rhetorico.

Temos, pois, em frente a nós uma curva — uma curva geographica — continua entre limites. As coordenadas iniciaes não são rigorosas, por se perderem na prehistoria mais longinqua, mas são bastante provaveis; o trecho médio está determinado com certo rigor. Resta, pois, obter, por extrapolação, o curso final do phenomeno.

Raciocinemos.

E', sem duvida, naquella região temperada — delimitada pela Pomerania e o Rheno, — na chata planície turfosa do norte da actual Allemanha, que se dá o grande caldeamento de duas civilisações, ambas importantes, embora em graus diversos de cultura, civilisações que estiveram muitos seculos separadas por um modesto accidente geographico: as serras da Floresta Negra, que nenhuma das duas conseguia com facilidade vencer "aquelle tempo", isto é, "no grau de cultura" em que estavam.

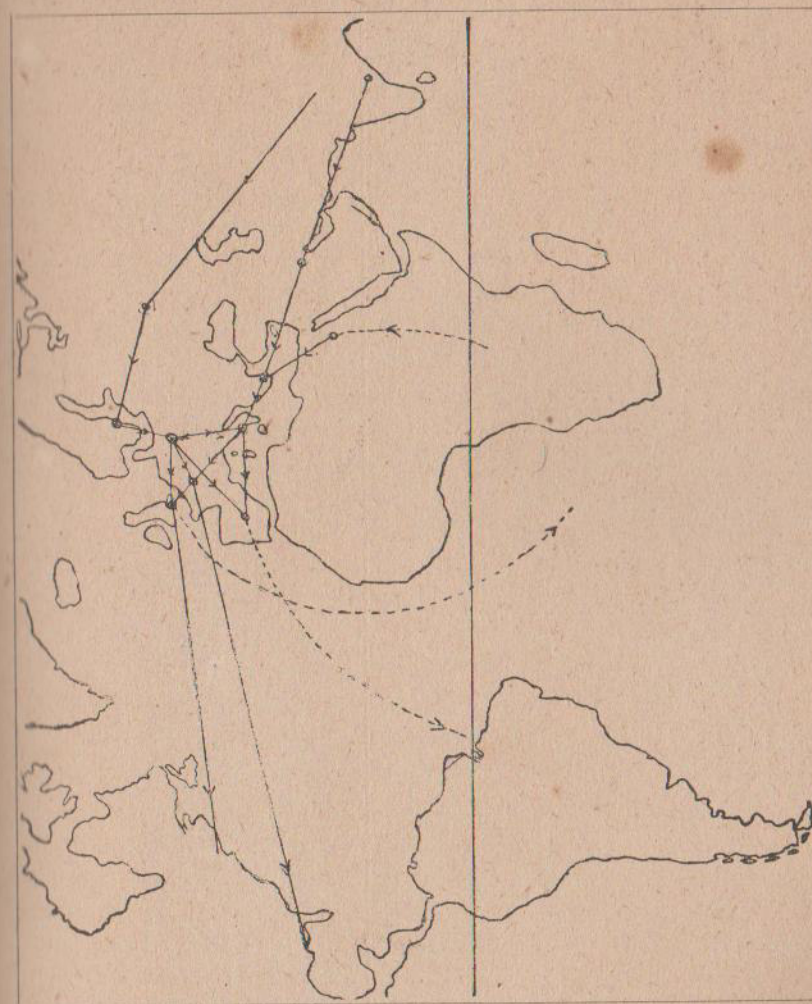
Uma das columnas vinha fugindo ao calor, e tinha as suas raizes na Mesopotamia e no Egypto; a outra se afastava do frio intenso que reinava na Escandinavia. Calor e frio eram, como já dissemos, elementos hostis ao homem que não os sabia então dominar.

Caldeados pela guerra, fundidos pelo casamento, irmanados mais tarde pela crença commum em um Deus novo — o Christo — que não pertencia á tradição de nenhum dos dois, formou-se uma civilisação forte. De lá haviam partido os saxões que foram habitar e dominar a Inglaterra, sobrepujando celtas e normandos e formando essa vigorosa estirpe anglo-saxonia, que é o porta-bandeira actual da cultura mais adiantada, da pujança transbordante que se extravasa dos Estados Unidos; é lá que tem as suas raizes os francos, que se implantaram no sólo gaulez, com cujo sangue se haviam de misturar os romanos para formar esse outro typo leader dos tempos modernos, que é o povo francez; de lá, finalmente, é que partem os godos e outros "barbaros" que caminham até a Peninsula Iberica para, entrelaçando-se com arabes e o antigo nucleo latino, acabarem se atirando aos mares para dominar o resto de toda a Terra, carregando o estandarte de Castella e da Lusitania.

E' esta, como dissemos, a phase mais moderna da historia da Humanidade. A mais moderna e a menos longa. Não tem senão 15 seculos, quando as antecedentes teriam durado muito mais.

Nas regiões cyclonicas

Parará ahi? Ficaré sempre a direcção do mundo installada nos paralelos em que actualmente repousa? Será essa zona da Terra, comprehendida entre os tropicos e os circulos polares,



A marcha geographica da civilisação

Os traços interrompidos indicam as regiões onde não ha segurança absoluta da direcção da marcha.

aquella que offerecerá sempre as condições de optimum para a civilisação?

Quem estuda a geopolitica do mundo, limitando-a ao curtissimo espaço de tempo que representa a vida contemporanea da Humanidade, poderá responder affirmativamente. Quem, porém, como nós, orientar as suas investigações, guiado pela lei que temos denominado do "grau de cultura" e de que pensamos ser o autor, dirá que não.

Quando o grau de cultura não permittia dominar o frio, a civilisação esteve no Mediterraneo, como antes havia se fixado nas orlas dos desertos; só quando foi possível ter o aquecimento artificial, comodo e prompto, é que os homens do norte puderam desenvolver as artes e as sciencias, pois que até então a propria agricultura, sujeita á inelencencia das estações, não se havia desenrolado como na parte meridional da Europa. Juntem-se a isso certas descobertas que o grau de cultura crescente foi permittindo utilizar: o vidro, a bussula, o aço, a electricidade e tantas outras.

A theoria da "posição geographica" exposta pelo notavel mestre, que é Ratzel, carece, a nosso ver, repetimos ainda uma vez, desse indispensavel complemento restrictivo, fixando o seu valor não só na superficie do planeta, como queria o Mestre, como tambem no momento historico a que se referir. Assim, pois, quando Ratzel diz, logo nas primeiras paginas da "Politische Geographie", que os maiores e mais importantes Estados da Terra formaram-se nas zonas temperadas, convém accrescentar, para precisão do conceito: "os Estados que existiram nestes ultimos tempos da historia".

A directiva geral do caminhamto geographico da civilisação coincide com a dos ventos. Não queremos com isso estabelecer uma correlação, mas um simile. O movimento do ar é de facto, como se sabe, este: sóbe em columna vertical das vastas chapas aquecidas que são as regiões equatoriaes e se encaminha para os polos, e lá chegariam os ventos se não esbarrassem na sua trajectoria com uma outra onda de ar vinda dos polos. Encontam-se, lutam, rodopiam muito tempo sob a fórmula cyclonica e acabam voltando ao Equador em uma contra-corrente de cota inferior, que são os aliseos. Estes se movem do oriente para o oc-

cidente talqualmente — continuamos a manter o simile — a civilisação.

Actualmente a civilisação está gyrando, rodopiando como o vento, em torno de tres focos cyclonicos das regiões temperadas: Japão, Estados Unidos e do grupo social europeu representado pelo triangulo Inglaterra-França-Alemanha. E' desses tres pontos que se irradia hoje a civilisação, como em época anterior se irradiou do Mediterraneo e do planalto de Yucatan.

Hoje, actualmente, no presente momento da vida do Homem, está ali. Ficará ali eternamente chumbada, como em grilbeta?

Apesar da ousadia da affirmação, ousamos dizer que não. Não está presa, não ficará ali para sempre.

Para onde irá então? Irá para os pontos de onde fugiu, isto é, para os polos e para o Equador?

Parece que sim.

Vejamos qual das duas direcções parece a mais razoavel admittir. Para isso ponhamos em equação o problema geopolitico actual.

Regiões chamadas hostis á civilisação

Hoje o Homem encontra, segundo dizem os melhores tratadistas em obras que analysaremos dentro em breve, que: o clima mais energetico é o das regiões cyclonicas, da zona temperada, da faixa occupada pelos Estados Unidos, Inglaterra, França, Alemanha e Japão ao Norte, e pela da Argentina e Australia ao Sul.

Dizem mais que tem o Homem dois inimigos physicos indomaveis quando procura alargar o ecumeno:

- 1) os lugares onde a vida não pôde prosperar, ou sejam: a) os desertos, e b) os geleiros polares ou das alturas, e
- 2) os lugares onde a vida, por ser demasiado exuberante, se enfraquece, ou sejam as regiões intertropicaes.

Admittamos, sem entrar já na discussão das affirmativas, que a excellencia das regiões temperadas seja a exacta expressão da verdade. Quanto á segunda, vemos logo que ella não representa com rigor os factos que se estão desenrolando aos nossos olhos.

Estamos assistindo desde já á dominação do deserto, quer

nas zonas semi-áridas — até bem pouco completamente inaproveitadas — quer do “Far-West” norte-americano, quer do proprio Sahara, como já dissemos em outra occasião. Tudo indica que se procura dominar o deserto e que em curto prazo, com a accleração que caracteriza o actual momento do percurso da civilisação, será possível explorá-lo economicamente.

Os desertos frios, são de facto os que mais resistentes têm estado a qualquer penetração. Os polos continuam, assim como os píncaros nevados, refractarios ao Homem. Além das duas enormes calotes de gelo das extremidades do eixo da Terra, ahí estão, sem vegetação, sem exploração, sem gente, os oasis negativos que são os geleiros de montanha, espalhados por todo o globo.

Quanto ao calor quente e humido dos tropicos, elle gera um excesso de vida que “no grau de cultura actual” é realmente nocivo. A vegetação cresce rapida de mais, e isso é um mal porque difficulta a agricultura e a viação. As arvores sobem muito e por isso mesmo perdem o vigor que é necessario aos robles para se tornarem multiseculares. A exuberancia acarreta uma variedade de essencias nas florestas que é até certo ponto prejudicial ás industrias extractivas e aos exploradores commerciaes de madeira. O calor humido permite uma fauna damninha de vermes, e insectos, e microbios que transmittem molestias varias e acabam afinal produzindo a degenerescencia ou mesmo matando os ousados que se atrevem a permanecer no seu interior. Ainda mais, o calor até certo ponto estafa, estrompa, atrophia o trabalho physico e intellectual dos homens. Tudo isso será verdade, mas quem nos diz que amanhã o engenho humano não descobrirá meios de evitar, por refrigeração, ou por meio de uma especial movimentação do ar, os excessos daminhos do calor?! Tambem os homens que vivem nos afamados climas estimulantes e energeticos precisam, pelo caloriferos e pelas bebidas excitantes, contrabalançar os effeitos damnosos do frio. Os moradores dos climas quentes não podem permanecer nos periodos de canicula postos ao sol, porque com o suor se lhes esvaem as forças; os homens dos climas frios não podem, tão pouco, trabalhar ao relento, porque se lhes gelará nas veias o sangue se não tiverem sufficiente agasalho.

Quem louva a força energetica da visinhança dos circulos

polares não são por certo os pobres operarios, que por falta de vestimentas adequadas, morrem estarrecidos, quando dentro dos seus laboratorios e dos seus gabinetes confortavelmente aquecidos, alguns sabios lhes descrevem o valor da “incomparavel” posição geographica.

Para que a civilisação volte a poder se sentir bem nos climas quentes e humidos basta, portanto, que algumas descobertas sejam feitas de modo a attenuar o excesso de calor e a inutilizar a virulencia da pequena fauna. Diz-se-á que os tropicos não tão exaustivos que embora os seus homens saibam essas coisas que estamos acabando de dizer, não conseguem por si mesmos fazer inventos que os libertarão de todo, e esperam que sejam os sabios das zonas actualmente privilegiadas os realisadores.

De accordo.

Mas de quantas outras estes se utilisaram, que haviam sido trabalho dos romanos? E de quantas se valeram os romanos realisadas pelos egypciós da orla desertica? E estes não teriam acaso aproveitado conhecimentos dos seus avoengos das florestas?

O declinio da Europa

O proximo abandono da civilisação das plagas europeas é sensível a qualquer observador. Percebeu-o o philosopho Spengler, que é antes um historiador que um philosopho, como o denunciou tambem o geographo Demangeon. O livro de Oswald Spengler “Der Untergang des Abendlandes” descreve no ponto de vista da morphologia historica o mesmo phenomeno que Demangeon caracteriza no — “Déclin de l'Europe” — orientando-se pelos ensinamentos da Geopolitica. Para Spengler é um dos famosos “circulos da historia” que se está fechando deante dos nossos olhos. Afinal, a concepção historica de Spengler dos “circulos fechados” coincide com a nossa geographica do “grau de cultura”.

A Europa está em declinio evidente. De lá o sceptro de commando, na classica trajetoria do Oriente para o Occidente, já atravessou os mares e está nas mãos dos Estados Unidenses. Mas não só para lá, como tambem para o Equador se está diri-

gindo ella, e quem a está levando nesse rumo são os proprios homens eurasicos e norte-americanos, talqualmente como foram os romanos — relevem-nos insistir no argumento — que a encaminharam para o Norte da Europa.

E o symptoma tangivel de que o homem civilisado está de novo procurando o habitat que fôra o mais propicio ao homem primitivo, são os imperios coloniaes que se estão desenvolvendo agora exactamente nas zonas quentes.

Quando estudarmos os phenomenos geopoliticos sob o seu aspecto autarcico veremos as causas geographicas que determinaram a creação dos imperios coloniaes. Isso não tem, porém, a menor importancia para a presente discussão, porque o facto inilludivel é que os imperios tropicaes estão creados e hão de prosperar politicamente. Está, portanto, fixada a directriz futura da curva geographica da civilisação.

Variação no tempo

Do estudo da "Lage", feita sob o seu aspecto climaterico, chegamos, como se acabou de ver, á conclusão da sua relatividade no tempo.

E' possivel que haja alguém que supponha que essa conclusão nós a forjamos *ad hoc* para satisfazer o nosso patriotismo alarmado com as perspectivas dolorosas da má "posição" geographica do Brasil, em face dos principios correntes entre os melhores tratadistas de Anthropogeographia.

E' um engano.

Presentindo o que havia de relativo no seu conceito repugnava-nos a "theoria dos contrastes" de Vallaux, que, a nossa ver, é falsa e inexpressiva porque não fêre de frente o assumpto. Sentiamos no brilhante escriptor antes o desejo de opposição a Ratzel do que o nobre anseio scientifico de completar uma obra inacabada. As citações eram, em Vallaux, como em Lucien Febvre, feitas em falso, truncando e torcendo o pensamento de Ratzel. Tal modo de proceder nos parecia contrario á indole ethica dos homens de sciencia e por isso sempre rejeitamos os principios geographicos da chamada escola franceza.

Foi na leitura da importante obra do proprio Ratzel que fo-

mos afinal buscar os fundamentos da nossa concepção. Lemol-a duas e mais vezes, attenta e demoradamente, reflectindo em cada pagina, em cada paragrapho, em cada phrase. Examinámos, guiados pelo glorioso Mestre, varios casos expostos por elle com aquella proficiencia e com aquella exhaustiva erudição que todos lhe reconhecem.

E foi olhando e examinando os phenomenos geographicos estrangeiros que chegamos á conclusão de que um pequeno addendo deviamos propor ao preceito da Lage ratzeliana.

De facto. Não é apenas sob o aspecto climaterico que a Lage tem um valor relativo. Tambem os outros caracteristicos sugeridos por Fred. Ratzel ficam sujeitos a esta restricção.

O valor economico de um deposito mineral é muito variavel no tempo, e a geologia nos ensina que os mineraes podem não ser e passar a ser minerios, como podem ser e deixar de ser. Tudo depende sempre do "grau de cultura" da occasião. Que importancia tiveram os depositos de ferro fosforoso da Lorena antes do processo Thomas para fabricação de aço? Que valor teriam tido as jazidas de ouro da Africa antes dos processos metallurgicos de cyanetação?

A propria "posição geographica" de um paiz relativamente ao mar tem variado durante os só periodos historicos. Aquillo que na antiguidade grega se chamava um "paiz central" não o é mais hoje. Que superioridade terão de futuro as "Lage" maritimas, quando a navegação aerea se houver desenvolvido tanto que os "caes de atracação" existam em qualquer ponto do territorio e as alfandegas não precisem ser installadas nas fronteiras? Os caracteristicos psychologicos das "posições" do *hinterland* deduzem-se do seu isolamento. Que valerão elles quando não houver mais esse isolamento?

A "posição" que nos parece mais solidamente differencial entre os povos que é a da montanha em comparação com a da planicie, esta mesma poderia desaparecer um dia se surgissem processos de viação e de exploração agricola do sólo, que não existem, nem se esboçam, nem sequer conseguimos conceber hoje em dia, mas que puzessem as regiões accidentadas na mesma situação de explorabilidade das planicies distendidas.

Tudo é possível imaginar com a variabilidade do grau de cultura.

Isso que estamos a discursar não infirma, senão confirma, a legenda sapientíssima de Ratzel, que *Jedes Volk die Merkmale seines Landes traegt*, uma vez que, mentalmente, estejamos fazendo a restrição que a esse conceito impõe o “grau de cultura” da Humanidade.

Dentro de cada longo periodo historico — medido em dezenas de seculos, — ou seja dentro de cada “circulo fechado” de Spengler, a sentença é verdadeira e incorruptivel.

A “posição” que o paiz occupa no scenario geral do Planeta imprime aos homens que o habitam, caracteres indeleveis que não podem ser facilmente apagados. Cada povo tem marcado sobre a sua estrutura physica, moral e intellectual os signaes da região que habita.

E nem podia deixar de ser assim. Todos os seres soffrem a já tão decantada influencia do “meio”, sob essa palavra devendo ser compreendidos não só os factores cosmicos como outros. Os vegetaes, que se não podem mover, fixados como estão ao solo, são verdadeiras photographias climatericas. Quem quer que olhe para um mappa da distribuição do calor e da humidade e examine em seguida a disseminação dos typos de vegetação — desde a tundra até a hylea — verá como esses tres mappas se superpõem por coincidência. Os animaes, por isso que têm automobibilidade, fogem ás inclemencias climatericas; desertam dos lugares muito frios ou muito quentes, ou morrem se não podem escapulir a tempo, mas têm tambem a sua zona de habitabilidade typica. O homem, animal intelligente, engendra meios de combater o que ha de inhospitabilidade no ambiente que o cerca e não raro consegue ser o vencedor. Vence, não perece, não desaparece, mas recebe sobre o seu physico, sobre a sua intelligencia e até sobre o seu moral as cicatrizes da peleja, cicatrizes veneraveis por certo, mas que não raro o tornam invalido e incapaz de se abalarçar a novas lutas.

Essa incapacidade, que é evidente e insophismavel, convem declarar-o com lealdade, pode ser combatida desde já, em certos pontos da Terra, pela educação — como é o caso do Brasil, que

analysaremos com mais detalhe em outra occasião — ou poderá nem ser computada em um estagio futuro da civilisação.

Todos os ultimos exemplos citados mostram que não foi sob o acicarte do patriotismo que engendramos a nossa theoria. A ella chegámos por uma estrada mais ampla e mais imparcial.

Havia a nossa intelligencia alcançado uma concepção monistica da geographia — guiados que haviamos sido pelos trabalhos de Banse e de Hettner, — concepção essa que explanámos em uma conferencia na douta Sociedade de Geographia do Rio de Janeiro, cujo surto se vae tornando notavel depois que lhe tomou as redeas o nosso eminente amigo General Moreira Guimarães.

Leis do “grau de cultura”

Dessa concepção monistica — no espaço e no tempo — da geographia racional só mais um passo precisamos dar para redigir algumas das suas principaes leis.

A primeira serie que apresentamos a publico é a que se refere ao valor da posição deduzida do grau de cultura.

Podemos assim enunciar-as:

1ª lei — A velocidade de dilatação do ecumeno dominado por um dado centro geographico é função do gráu de cultura da epoca.

A palavra “ecumeno” está aqui empregada no seu sentido restricto. “Ecumeno” quer dizer “mundo habitado”, de modo que, de um modo geral, se pode dizer que o ecumeno se vae sempre alargando. No sentido restricto e etimologicamente erroneo que tem sido attribuido ao vocabulo, “ecumeno” significa uma certa porção de espaço habitado. O ecumeno romano era o “mundo” dominado pela cidade eterna, e que vivia ao lado dos varios ecumenos barbaros.

O que queremos indicar nessa primeira lei é que a velocidade de propagação de dominio geographico depende do grau de cultura.

Isso se comprehende por si mesmo, porque os meios de transporte, a rapidez de locomoção, a capacidade bellica de subjugar é cada vez maior. Os egypeios tinham menores possibilidades de

dominio material que os romanos, estes do que os portuguezes e hespanhoes do seculo XV, estes ainda menores do que os inglezes dos dias de hoje. Mais rapidamente pois se alargam as conquistas hoje em dia do que na epoca de Roma, pois que hoje o grau de cultura que possuímos permite a existencia de rapidissimos transatlanticos, de velozes trens de ferro e automoveis ainda mais velozes que podem levar promptamente aos confins do Globo enormes exercitos.

2ª lei — O optimum de valor de uma “posição geographica” (Lage de Ratzel) varia com o grau de cultura da humanidade.

Esta lei é o resumo de toda a discussão que vimos fazendo desde o principio deste capitulo. Quando apreciarmos com mais detalhe as theorias de Huntington veremos que até mesmo este autor, que dá uma tão grande e predominante influencia ao clima, como factor geographico, não pode evitar de se apoiar nella.

Queremos apenas frisar que o grau de cultura a que nos referimos não é tão somente a da nação ou grupo de nações dominantes, mas o grau de cultura que pode ter a humanidade naquella epoca. Assim, na epoca de Roma, embora o grau de cultura geral (de romanos e “barbaros”) pudesse ser mais ou menos igual, a posição de Roma era superior á dos germanos, como deixamos evidenciado. Hoje em dia, como o grau de cultura da Humanidade permite o dominio do frio, o que não podiam fazer os saxões e normandos do tempo dos romanos, a melhor posição geographica actual é, sem duvida, a dos climas entre os parallelos de 30 e 45°.

3ª lei — A trajectoria geographica da civilização indica, por extrapolação, que ella voltará ao Equador.

Esta lei é tambem o resumo de tudo aquillo que dissemos nas paginas anteriores. Não ha necessidade de insistir mais. As settas do mappa da pagina 70 esclarecem bem o nosso pensamento.

A doutrina que acabamos de expôr é lançada em fôrmas mui-

to largas, extendendo-se — como a nosso ver devem sempre ter — fazel-o as concepções sociologicas verdadeiramente scientificas — de um passado remotissimo a um remotissimo futuro.

Não tivemos o desejo, como já o dissemos, de lisongear tolas vaidades nacionaes. Não construimos uma theoria ad usum brasiliiani. Aproveitam as suas conclusões ao nosso Brasil? Dão ensejo a que o nosso patriotismo se enguirlande em vez de se abater? Tanto melhor. Que o nosso fito, porém, não foi esse, vai demonstral-o o seguimento da nossa obra, pois tendo de applicar a theoria geral ao momento actual da vida da Humanidade, veremos quão pouco lisongeira é a “posição” do Brasil no instante presente, que é afinal o unico que nos interessa. Esse “instante” presente já vem durando ha quasi cinco seculos e se extenderá por certo, pelo menos, por mais algum tempo mesmo admittindo a rapidez de progresso acceleradissimo que vae tendo a Humanidade.

O CONCEITO DE SUPERNAÇÃO

Tudo nos une e nada nos separa.

Saenz Pena.

Sentimento sui generis...

O “americanismo” é um sentimento sui generis. Ao passo que o amor á patria, o apêgo ao paiz onde nascemos, é commum a todos os homens, a noção de que pertencemos a um certo e dado continente não é verdadeiramente sentido sinão por nós americanos. Aos tres estagios de affeição civica — familia, patria e humanidade — indicados por Augusto Comte, os americanos sentem necessidade de interpolar mais um.

Parece-me que ha uma razão historico-geographica para que isso se dê na America e não occorra nos demais continentes. E' que a America tem bem marcada no decorrer dos seculos a data do seu descobrimento, e, ao mesmo tempo, forma um todo geographico indivisivel, com contornos bem nitidos de separação territorial, sendo a bem dizer uma enormissima ilha.

Em nenhum outro continente isto se dá.

... que não existe na Oceania

Talvez a Australia fosse o outro unico exemplo. Tendo sido, porém, dominada por uma só nação, a Inglaterra, ella pouco mais é do que uma colonia. O australiano sentirá o patriotismo, terá o apêgo ou o desapêgo á metropole, mas não pode sentir pulsar em si essa vibração especial que o americanismo gera, porque aquella ilha ou aquelle continente não é um agglomerado de paizes, mas um paiz unico, de modo que o australiano tem o patriotismo, mas não pode possuir o *australianismo*.

Dir-se-á que não é a Australia, mas a Oceania, que constitue “uma das partes do mundo”. Seja. O seu despedaçamento geographico em um polvilhamento de picos vulcanicos e praias de atolls, e de outras ilhas um pouco maiores, não lhe permite ter a unidade geographica indispensavel a um sentimento harmonico de conjunto. A Oceania é, a bem dizer, apenas um grande mar; não é um continente. Ora, ninguem se sente preso por qualquer sentimento civico ao mar, como, com muita razão, já notára Ratzel. Nem mesmo os marinheiros, que sobre elle vivem constantemente, consideram-n’o a sua “patria”; reservam este qualificativo para o lugar onde nasceram, onde se criam os filhos e onde reside a familia. A Oceania, em conjunto, embora possa, por conveniencia didactica, ser chamada uma “parte” do mundo, jamais dará aos seus habitantes, mesmo formando nações independentes sem subordinação a uma ou varias metropolés, um sentimento analogo ao que nós, americanos, experimentamos.

... que não existe na Eurasia

Na Europa e Asia a falta até agora de um europeismo ou de um asiaticismo é de outra origem. O continente eurasiatico forma um “todo” geographico, com uma certa unidade geologica e estructural, mas ethnographica e politicamente não tem nenhum elo de ligação. Os Estados nasceram independentes uns dos outros; foram se constituindo em pontos isolados, sem se conhecerem mutuamente, e só começaram a se apereceber da existencia do visinho quando já ambos se haviam fortalecido e dilatado bastante até formarem, por contacto, superficies de at-

tricto. Até então, um ignorava a existencia do outro, porque um simples rio caudaloso, um extenso pantanal ou a floresta virgem eram impecilhos intransponiveis para as populações daquellas remotas epochas em que estavam no berço as grandes nações de hoje. Não havia portanto, de inicio, nenhuma identidade de educação philosophica, de similitude ethnica, de organização politica, de disciplina religiosa entre os povos da Asia ou da Europa. Não houve, na antiguidade, nem mesmo na idade média. Com o advento das grandes descobertas que facilitavam a interpenetração e a intercompreensão entre elles, poderão se ter attenuado as diferenças raciaes e politicas, mas antes que se chegasse a esse estado mental, o que existiu, — e perdurará por muito tempo — será a reminiscencia dos attrictos anteriores. Ora, esses attrictos foram formidaveis, quer na antiguidade, quer principalmente na idade média, porque com a formação de varios Estados desenvolveram-se muito as fronteiras, e, portanto, tambem as “superficies de fricção”, como lhes chamam os allemães (*Reibungsflaeche*). Que tal espirito social de mutua irritabilidade se estendeu até aos nossos dias, temos a prova na guerra de 1914-18, que foi uma luta de vida ou de morte entre nações europeas, só apaziguadas quando a nossa America resolveu pelejar por um dos contendores. Até aquelle momento o que havia era um empate, e foi sob a base do empate que Wilson propoz os seus “quatorze principios”, infelizmente para a Humanidade postos de lado pela astucia de Clemenceau e Poincaré, que quizeram o esmagamento da rival do continente.

Ha muito, escriptores europeus falam na criação dos “Estados-Unidos da Europa”, mas essas suggestões são palavras vãs, que não encontram eco. O primeiro esboço dessa criação deve-o a Europa ao americano que lançou as bases para a formação de uma Sociedade das Nações, que pela força das circunstancias terá de ficar sendo uma simples Liga de Nações europeas. Nada nos indica, até o dia de hoje, que exista na Europa um sentimento innato de “europeismo”, ou que esteja elle a brotar daquelle confuso entrechocar de interesses. Artigos de revistas, propostas de sociologos, dissertações de professores, não chegam para abalar o animo de tantos povos, que se odeiam reciprocamente com rancor. O pacto de Locarno foi uma tentativa para aggregar a Al-

lemanha ao bloco occidental, isto é, ao gremio de nações com espirito philosophico critico, com tendencias politicas de caracter democratico e com o technicismo como feição intellectual. Procurou assim a Inglaterra, que é afinal a nação leader desse grupo, separar a Allemanha da Russia, que é o mais lidimo representante do mysticismo religioso e do despotismo governamental caracteristico dos povos da Asia. Já tivemos ensejo (*) de descrever essas duas tendencias politico-philosophicas que dividem a Europa nos dias presentes, e não precisamos repetir aqui os nossos argumentos.

Em qualquer caso, por isso ou por aquillo, a Europa, na melhor das hypotheses, conseguiria congregiar apenas as nações do occidente, pois o oriente europeu é asiatico por essencia anthropologica e por interesses economicos do momento. Mas nem isso mesmo está a pique de succeder, porque são profundos os odios que entre si ainda guardam as nações do occidente europeu.

Si a Europa não tem o sentimento de união, menos o têm os paizes asiaticos, que se desconhecem entre si. Pode o Japão, ou a China, ou a Russia, ou mesmo a Turquia, querer ter a vaidade ou o desejo de arvorar a flamula de commando; nada conseguirão. Não ha entre elles um liame de interesses communs. Afóra o pendor mystico de facto existente em todos, tanto que é de lá que têm partido os grandes creadores de religião, Kum-Fu-Tsen, Budha, São Paulo e Mohamed, nada mais ha de commum entre elles. Não é, portanto, possivel dizer que haja um "asiatismo", como já vimos não existir um "europeismo", nem, ainda menos, um "euro-asiatismo".

... que começa a haver na Africa

Existe acaso um africanismo? Não existe ainda, mas começa a se desenhar com muita precisão tal sentimento naquelle continente. A Africa, apesar da proximidade da Europa, só co-

(*) O artigo se intitulava Qual é o espirito de Locarno? e foi publicado n' "O Jornal" de 13 de Abril de 1926. O capitulo deste livro O Brasil na politica mundial contemporanea é exactamente aquelle mesmo artigo. Julgamos conveniente a sua reprodução aqui para melhor entendimento das directrizes effectivas da politica internacional que nos convem seguir.

meçou a interessar as nações poderosas ha menos de um seculo. Quando portuguezes e hespanhoes se arriscaram á grande empreza de alargar o ecumeno daquelle tempo, atirando-se ás "grandes descobertas", foram movidos menos pelo interesse politico e economico, do que pelo entusiasmo de realisarem empreendimentos de coragem. E' claro que o movel inicial teria sido falitar o commercio com as Indias, ricas e fabulosas, que exerciam um enorme poder de attracção sobre os espiritos escaldados dos habitantes das latitudes do Mediterraneo; depois, porém, foi o "panache", a gloria, o élan para a aventura. Aquelles povos mediterraneos não tinham a capacidade fria de organização para delimitar um projecto de ordem economica, como fazem hoje inglezes, holandezes, allemães e francezes. Queriam descobrir por descobrir. Ora, a Africa estava muito perto, não offerecia grandes difficuldades; teria sido já circumnavegada por phenicios e até mesmo, ao que se crê, por egypcios; não valia a pena, portanto, conquistar a Africa. Na sua costa, como marcos de passagem, teriam sido deixados postos de abastecimentos, dos quaes alguns conservam-se até hoje sob as bandeiras ibericas. O mais, era abandonado. Vasco, o que queria era dobrar o Cabo das Tormentas; Magalhães se esforçava em cortar com a quilha das suas náos todos os meridianos; Colombo iria ao encontro de uma nova India. O lado economico era posto de lado, por menos interessante.

A Africa só começou a valer quando os francezes, precisando de firmar como potencia naval no Mediterraneo, tomaram pé na Algeria, Tunisia e Marrocos; quando os inglezes, vendo a vantagem de se tornarem possuidores das maiores minas de ouro e diamante do mundo, se fixaram no Cabo e se alargaram por conquista contra os boers para o Transvaal e Orange e quando por conveniencia para as suas linhas de navegação se apossaram do canal de Suez, donde do Egypto; quando os allemães, com o "superavit" de população que abarrota de trabalhadores as suas industrias, precisavam obter de um lado mercados fornecedores de materia prima — e para isso os tropicos estavam especialmente indicados — e, de outro, mercados receptores dos seus productos machinofacturados; quando, mais recentemente, o phrenesi imperialista se apossou da Italia e esta se atirou á Africa á procura de terras para alargar o seu "espaço" politico; quando a Belgi

ca, pequenina em área, mas grande em força expansionista, viu a necessidade de dominar o Congo, para o que não recuou diante de nenhum obstáculo e de nenhum deshumano processo.

E' assim que a Africa, visinha da Europa propulsora da civilização, nasce para a economia mundial quasi quatro seculos depois da America distante. Já a America tinha se colonizado, desbravado as suas entranhas, se desligado das metropoles, se constituído em nações autonomas, e da Africa se conheciam apenas as faixas litoraneas. O febril movimento para o interior; as primeiras linhas ferreas; os delineamentos geopoliticos se fazem, a bem dizer, neste seculo. E' neste seculo que se forma a União Sul Africana, que está sendo, para as suas colonias, o nucleo de formação do sentimento de africanismo, analogo ao nosso americanismo. Com a posse das antigas colonias allemãs, a Inglaterra já pode pensar na realização do sonho antigo da linha ferrea Cap-Kairo que, como um meridiano, correrá de norte a sul, atravez de terras inglezas (para a Inglaterra as possessões portuguezas de Moçambique não precisam ser levadas em conta). Dessa linha tronco partirão outras transversaes, demandando os dois oceanos que banham as terras de Africa. Estamos que em menos de um seculo a Africa será toda ella — até mesmo o Sahara — tracejada pelos trilhos de aço, e pelas rodovias, e, quiçá, pontilhada pelos postos de atracação das linhas aereas. No momento em que isso acontecer — ou mesmo bastante antes — haverá um africanismo. Por ora, não.

... mas existe na America

Vemos assim que, hoje, no estado actual de formação geopolitica do mundo, só um continente — o americano — pode se apresentar, ufano e garboso, com qualquer coisa de mais elevado que o simples patriotismo.

A America não é nem uma confederação de Estados, nem uma Liga ou Sociedade onde as nações compareçam para tratar de interesses economicos ou politicos; a America é uma verdadeira super-nação.

A designação de super-nação não é nossa. Vimol-a ci-

tada por Malagrida (*) que refere ter ella sido usada por D. Isidro Lloret, em 1918. Malagrida reserva-a, porém, para o conjunto das nações por elle chamadas hispano-americanas, entre as quaes inclue tambem (!) o Brasil. Para esse autor o conceito de supernação é o de um verdadeiro nacionalismo "pero es un nacionalismo amplio, conciente, lleno de polycromia, és la historia americana que se rectifica a si misma."

Estamos "in partibus" de accordo com a definição de Malagrida, no que concerne o sentimento de supernação na America.

O sentimento de supernação pode ser definido afinal como qualquer coisa de analogo áquillo que succedia com os allemães, antes que o genio de Bismarck tivesse podido confederal-os em uma só nação. O bavaro, o prussiano, o saxão, o rhenano, eram patriotas na sua pequena pátria, que podia viver em lucta com as outras patrias germanicas, mas todos elles sentiam um certo desejo de união, um certo amor commum pelo territorio que havia sido anteriormente a Allemanha, antes das subdivisões. E' afinal o que hoje em dia se percebe existir entre austriacos e allemães, anciosos por formarem um novo e grande paiz, onde se congreguem todos os que falam a lingua que Goethe falou.

Dentro das nações em que se espatifou o bloco colonial hespanhol talvez haja esse sentimento de união, e o desejo de se resoldarem de novo em uma grande confederação. Mas não é este o sentido que devemos dar ao sentimento de americanismo, ou seja o de supernacionalismo das nações americanas. Talvez nem mesmo dentro dos paizes hispano-americanos elle exista. Estamos bem seguros que os "Estados Unidos de America del Sur" proposto por Sarmiento, nunca se poderá realizar, porque aquelle estadista platino queria a criação de tal confederação sob a hegemonia, ou "guiado", como elle dizia, pela Argentina, e contra isso se levantaram ou se levantariam logo varias vozes. Entre ellas estaria a desse formidavel Blanco Fombona, sem duvida um hispano-americanista ardoroso, que não supportaria côm tudo a idéa do predominio argentino (**).

(*) Malagrida (D. Carlos Badia) — El factor geographico en la politica sudamericana. Madrid — 1914.

(**) Fombona, Blanco — Evolution Politica — Jornal de Hispano-americana.

O americanismo a nosso ver, não prescreve a necessidade de se organizar uma confederação. E' um sentimento theorico, é uma emoção continental, é um anhelos de união que ninguém desejaria ver realizado sob uma fórmula politica tangível. Embora Alberto Seabra (*) tenha dito que "ha entre nós um esboço de superorganismo que nos ha de precipitar numa confederação sulamericana", estamos seguros que isso não se dará, mas que nem por isso deixará de existir menos o americanismo salutar e bemfazejo.

Que o sentimento de americanismo não é simplesmente restricto aos paizes ibero-americanos, vemol-o a todo o momento. A cada movimento hispano-americano succede outro de pan-americanismo. O grande Bolivar pretende reunir em Panamá um congresso das antigas colonias hespanholas, mas Santander, presidente da Colombia, logo estende a idéa, convidando os Estados Unidos e o Brasil. E' verdade que o congresso fracassou e o historiador mexicano, Carlos Pereyra (**), rancoroso inimigo dos yankees, diz que só fracassou porque o presidente Santander não comprehendera o pensamento sublime do Libertador, que era de fazer a reunião em bloco só dos antigos filhos emancipados de Castella. Mas não nos esqueçamos que é do proprio Bolivar, em uma das suas primeiras proclamações, a phrase eloquente que synthetisa o verdadeiro sentimento de super-nação que existe entre os americanos: — Nuestra America es la patria de todos.

Latinos e anglosaxonios

A duvida que pode existir no conceito de super-nação relativamente á America é, pois, simplesmente, de saber si os latino-americanos incluiriam nessa grande patria os Estados Unidos, e se estes nos incluiriam a nós, latinos.

Quanto á segunda parte, parece fóra de duvida que sim. Os Estados Unidos desejam ter o resto da America ao seu lado; não lhes fazemos sombra e servimos para lhes levantar mais alto o pedestal de gloria. Toda a politica norte-americana é de ap-

(*) Seabra, Alberto — Problemas sul-americanos, S. Paulo, 1918.

(**) Pereyra, Carlos — Bolivar y Washington.

proximação com os paizes ibericos. Aquella nação está um pouco na situação do parente rico que faz dos mais necessitados seus capangas e seguidores. São os creadores do "Monroismo", que, sob os novos matizes, é uma doutrina que se esforça em ser sympathica aos povos do hemispherio austral.

Quanto aos ibero-americanos já a questão muda um pouco de figura. Ha grupos de estadistas sul e centro-americanos completamente seduzidos pelas vantagens da amizade dos Estados Unidos. Sarmiento o foi, como o foi o nosso grande Rio Branco. Nesse numero talvez devamos incluir Saenz Pena, "o mais puro americanista", na phrase de Carlos Pereyra, e cujo synthetico "tudo nos une e nada nos separa" pode bem ser o lemma e a divisa da supernação americana. Outro grupo de estadistas e promadores latino-americanos é, porém, francamente contrario a qualquer approximação, a qualquer contacto, a qualquer sympathia, para com os E. U. A.. Eduardo Prado nos albores da republica brasileira nos pintou os perigos da "Illusão Americana"; os escriptores e estadistas mexicanos, com a ferida do Texas e da California sempre sangrando e com a ameaça de novas mutilações, são em regra anti-yankistas; Blanco Fombona, extremado e "caliente", exclama algures: "La imitacion de lo yanki, en cualquier orden que sea, debe resultar-nos odiosa".

O argentino Manuel Ugarte não é menos contrario a todo e qualquer pan-americanismo (*).

Todavia, os Estados Unidos exercem uma indiscutivel fascinação sobre os outros americanos. O seu progresso, a sua admiravel organização, os seus arrojios, e até mesmo as suas ruindades, são motivo de critica ou de admiração. O que nenhum de nós fica é indifferente a elle. O proprio Rodó (**), tão hispanico, tão latino, não repelle a adopção prudente e ponderada de alguns dos seus principios.

Dessa imitação, ás vezes pouco commedida, terá uma amostra todo aquelle que estudar as constituições politicas das republicas ibero-americanas. São copias servis, muitas vezes inconvenientes e erroneas, da constituição estadounidense.

O federalismo adoptado por quasi todos os paizes que se

(*) Ugarte, Manuel — El destino de un continente, 1923.

(**) Veja-se Rodó, Henrique — Ariel.

libertaram da Peninsula Iberica, era inapplicavel a paizes que se constituíam de um bloco homogeneo e unitario destacado ex- abrupto da metropole, ao passo que esse mesmo federalismo era logico nas 13 colonias que se reuniam, que se congregavam, que, cingamos o termo, que se federavam para gerar uma nova nação.

O que é incontestavel, repetimos, é a nossa ligação espiritual com os Estados Unidos, para amal-o ou para temel-o.

A alma da America

Ha pois, sem duvida, o sentimento de americanismo, de pan-americanismo, a que vimos alludindo. Malagrida, estudioso hespanhol que examinou geopoliticamente a America, dil-o: — “Todos aprecian la dualidad sentimental que se les impone y que orienta su amor patrio hacia das diversas espheras, la continental y la peculiar de cada republica”. Santos Chocano, o condoreiro peruano, fala da “alma de America” e o nosso Castro Alves, o Santos Chocano brasileiro, nos descreve em estrophes escaldantes e hugoanas o herculeo trabalho de Colombo ao descobrir o nosso continente.

Qual de nós, americanos, não venera, não respeita, não palpita, pela aventura Colombiana? Em que outro continente se poderá sentir coisa igual? E’ que em nenhum delles ha “um” descobridor, sinão varios descobridores, ou antes, varios expleradores, varios corajosos homens, que se arriscaram a lutar com feras, e intemperies, e terrenos angustiosos. Nenhum, porém, como o “nosso” Colombo, ao calcular a possibilidade da “nossa” America, e a entregal-a, de um jacto, ao mundo?

Os proprios conflictos que até hoje se tem travado em terras americanas, salvo talvez as conquistas um pouco brutaes dos Estadosunidenses contra as Antilhas, o Mexico e a Colombia, não trazem odios prolongados. Tudo acaba em boa paz, como se fosse briga de irmãos. Em Sul America talvez os mais rancorosos houvessem sido os dissidios entre o Brasil e as republicas do Prata. Eram restos de animosidades “européas”, de Hespanha e Portugal. Mas acabaram. Nem nós, nem os argentinos, guardamos o rancor antigo. Seremos, si quizerem, dois irmãos ciumentos um do outro, mas não somos dois inimigos. O Paraguai, vencido e

estragalhado, partilha hoje a amizade cordial com os seus vencedores. A fricção de Tacna e Arica ha de passar.

E para se ver bem o que é o sentimento americanista, esse caso da Costa do Pacifico pode servir de exemplo. Nós, brasileiros, assistimos á ameaça de conflicto com verdadeiro pesar. Não somos nem pelo Chile, nem pelo Perú, nem pela Bolivia. Somos por um accordo amistoso, que ponha ordem em tudo e affaste do horizonte americano a possibilidade de uma guerra civil, que tanto julgaremos assim, uma luta entre republicas americanas. Estamos assistindo o conflicto chileno-peruano com o mesmo pesar com que acompanhavamos o desaccordo de limites no “contestado” entre as provincias de Paraná e Santa Catharina.

A igualdade de origem:— a descoberta de todos os paizes americanos quasi que de um modo identico; a igualdade de historia:— a independencia de todos esses paizes tambem quasi que na mesma época; a igualdade de organização politica:— todos os paizes constituindo-se em republicas, com liberdade pelo menos theorica; todas essas igualdades acabam por dar unidade geopolitica a um continente que já possuia uma certa unidade geophysica.

Eis ahi, quer nos parecer, a funda origem do americanismo, ou seja do supernacionalismo americano.

ASSUMPTOS DEMOPOLITICOS

A POPULAÇÃO POSSIVEL DO BRASIL

Os calculos optimistas de Penck

Em fins de 1924, publicou a imprensa do Rio um telegramma de Berlim, annunciando que o professor Penck havia declarado que a população do Brasil poderia chegar á volumosa cifra de um bilhão e duzentos milhões de habitantes.

Quem olha para os nossos minguados 30.600.000 habitantes fica espantado da ousadia do algarismo e pensa — como teve a ingenuidade de o fazer um critico carioca — que o “homem enlouquecera”. Os que conhecem, porém, o prestigio pessoal do prof. Penck, que é hoje um dos geographos mais acatados do mundo, teriam visto logo que elle só fizera uma tão grave affirmação depois de ponderados estudos. E assim foi. No fasciculo XXII, de 1924, das actas da Academia de Sciencias da Prussia, appareceu o interessante communicado, que o egregio professor teve a amabilidade de me remetter.

Motivos estranhos á minha vontade, me têm impedido de dar ao publico, impressões sobre esta questão, que deve, creio eu, vivamente interessar toda gente.

O problema do povoamento do Brasil é, de facto, vital para o paiz, pois que a rala densidade de população em um solo real-

mente rico, é um dos mais tristes índices do baixo grão de cultura da nação.

Os meus compatriotas que se habituaram a estudos de anthropogeographia, terão sempre guardado dentro do pensamento, a prophesia de Ratzel, de que "ein geraumiges dünnbewohntes Land ist ein Grossstadt der Zukunft" (uma extensa região fracamente povoada é uma grande nação do futuro), a qual é muito verdadeira principalmente com a restrição que o proprio Ratzel introduz e que não transcrevo, porque não se applica ao Brasil. E', portanto, com um certo orgulho consciente que encaro o futuro da minha patria, pois não quero ser daquelles pessimistas, que pintam com as negras tintas do presente, a paizagem politica que ainda se ha de vir a desenrolar.

Huntington e o Brasil

Nem todos os geographos pensam, todavia, do mesmo modo. Ha alguns que negam a priori toda e qualquer "possibilidade" ao Brasil. Entre estes está o conhecido escriptor americano Huntington. Elle e os da sua escola consideram o clima, — e quasi que só o clima — como o productor de energia mental e corporal da humanidade; os paizes situados fóra da zona chamada cyclonica, estão fadados á submissão. São forças mortas no mundo. O Brasil é uma dessas regiões "que não contam". De uma incursão na obra de Huntington, especialmente na *Human Geography* e na *Business Geography*, voltará acabrunhado todo o brasileiro que tiver pouco senso critico. Os seus quadros referentes ao Brasil são desalentadores. Para os geographos desta "escola", que tudo vê vesgamente pela feição unilateral do clima — que realmente, cumpre dizel-o, nos é, em grande parte, desfavoravel — somos um paiz sem valor presente ou remoto... se não nos sujeitarmos ao dominio anglo-celtico ou escandinavo.

Depois de um mergulho na obra de Huntington, costume, por hygiene do espirito, voltar a ler algumas paginas de bom senso geographico e criterio scientifico de Ratzel, — que ainda é o mestre incontestavel, embora contestado, da moderna geographia

Penck, que durante quasi toda a sua vida se havia especializado em estudos de geographia physica, volta agora, na velhice, os seus argutos olhos para o fecundo campo da geographia humana, e dá, no communicado a que alludo, um seguro quadro da situação do mundo nas horas "que hão de vir". Tambem elle (como eu) prefere olhar mais para o futuro risonho que para o obumbrado presente. Subordina o seu estudo ao suggestivo titulo: O problema capital da anthropogeographia physica.

Nelle estuda a questão da população global da terra, baseando-se na productividade natural do solo e na aptidão do homem em explorá-lo. O numero maximo de habitantes que o planeta pôde abrigar depende estriictamente do numero de pessoas que elle possa nutrir.

Ora, a produção de alimento é função: de um lado, da geologia e capacidade agraria do solo e das condições climatericas; de outro, da actividade de trabalho do homem.

Não é possivel dar aqui, nem resumidamente, as considerações que faz Penck para justificar o seu calculo da população provavel e da população possivel da Terra. Basta dizer que elles são desenvolvidos tendo por alicerce estudos e observações locais feitas em muitissimas regiões do Orbe, e se depois de detalhar convenientemente a questão é que deduz as densidades admissiveis para as diversas zonas climatericas. Da somma destas diversas parcelas é que resulta o seu computo da população provavel em 7.689 milhões de habitantes e da população possivel em 15.904 milhões, ou seja, arredondando, 8 bilhões e 16 bilhões, respectivamente.

As zonas mais ferteis da terra

A avaliação de Penck nada tem de exaggerada. Lembremos que Ravenstein, em 1890, calculara a população potencial do globo em 5.994 milhões e que Wagner, na 10ª edição, 1923, do seu classico compendio de geographia, indica 7.800 milhões.

As zonas da terra que mais produção agricola podem ter — uma vez scientificamente aproveitadas —

são aquellas onde está o Brasil. Já Woeikof, na *Petermanns Mittheilungen* (1906), havia dado a segura documentação de que estava reservado aos paizes tropicaes o papel de futuro celeiro do mundo. Agora, Penck, por outros caminhos, chega a conclusões ainda mais formaes, citando de modo directo e especial, o Brasil. Assim é que, depois de referencias a outros paizes grandes e pouco povoados, declara categoricamente: *Brasilien aber erscheint als derjenige mit der grossten potentiellen Bevolkerung* (o Brasil, porém, apparece como o de população potencial maxima). Poderíamos nutrir, segundo a estimativa do illustre sabio, 1.200 milhões de moradores; isto é, poderíamos dar rendez-vous no nosso solo a quasi toda a população actual da Terra, visto como estaríamos (não quer dizer que estejamos) em condições de abastecer toda essa massa humana sem precisar recorrer á importação alimentar estrangeira.

Que isto é possível e não mero devaneio, provam-n'o os dados estatísticos de Penck. Mas... isto só será possível quando a Humanidade tiver átingido um gráo de cultura capaz de saber aproveitar as terras baixas tropicaes do typo das da Amazonia. Hoje em dia ainda não sabe. A hylea amazonense assim como as demais regiões florestaes dos tropicos, ainda estão praticamente intactas, e são mesmo, por muitos, tidas como inaproveitáveis. As difficuldades são, não ha duvida, enormes para vencel-as. Com o seu emaranhado de arvores, arbustos e cipós, sempre brotando com exuberancia, são um obice á exploração systematica.

Que, porém, os climas quentes e humidos comportam uma densa população, ahí está para proval-o a Ilha de Java (colônia hollandeza), que tem uma densidade de 266 habitantes por kilometro quadrado.

Quando Penck, portanto, attribue á Amazonia, uma capacidade de 200 habitantes por k. q., se excede. No entretanto, a situação, hoje, é bem diversa. O Amazonas tem 0,2 e o Pará 0,8 hab. por k. q. Quer dizer que no primeiro destes dois Estados cada habitante tem para se mover nada menos que 5 k. q. Os algarismos actuaes são pesadamente ridiculos, de ante do que é possível.

Não exaggeremos, porém, o nosso entusiasmo, com as previsões do sabio allemão. Ellas são para um remotissimo futuro. De facto. Para a Humanidade passar dos seus 1.800 milhões actuaes para os 16 bilhões calculados, ha de levar algum tempo. Em todo o caso, fica-se — depois das considerações do eminente geographo — convenido de que é frivolo o receio das consequencias da lei de Malthus.

A leitura do trabalho de Penck confirma-nos na idéa do largo e formidavel futuro do Brasil. Por agora, como programma de momento, para este seculo mais proximo, bastaria, porém, que encarássemos resolutamente a valorização do nosso planalto central, que comporta, segundo Penck, 90 habitantes por k. q. E' menos da metade da "possibilidade" da Amazonia, mas é um coeeficiente gigantescamente forte em face dos de hoje. Matto Grosso tem 0,2, Goiaz tem 0,8 e mesmo Minas tem apenas 9,9, o que é uma densidade mesquinha para o que "podemos" ter.

Um problema dessa magnitude deveria rotear a nossa politica. Estadistas de curto vôo são levados a pensar que "tudo" no Brasil se resolve em valorizar o café; sonhadores propensos a enlevos poeticos, nos levariam a querer ver, já e já, a Amazonia como um formigueiro humano; o futuro proximoamente meíado nos faria, porém, olhar de um lado para o Nordeste, perfeitamente saneavel, e de outro para o Planalto Central, cujo prompto progresso daria, outrosim, solução ao grave problema politico da Unidade Nacional, que é dos mais relevantes e com cujas consequencias deveriam estar preocupados todos os brasileiros.

O ENSINO PRIMARIO

Uniformidade do ensino

Desde que me convenci — por motivos varios dos quaes não é aqui o lugar de me occupar — que o grande problema brasileiro é o da manutenção da unidade da Patria, resolvi sujeitar todas as questões pelas quaes me venha a interessar a um previo e rigoroso exame, de modo a ver como as soluções alvitadas se en-

caixam no quadro rigoroso daquillo que tenho chamado "a equação geral do Brasil".

O problema da educação só ficará, a meu ver, convenientemente orientado no Brasil, se não aberrar da directriz que precisamos seguir atravez dos variados e complicados themes que a toda hora desafiam a argucia dos estadistas nacionaes. Assim, por exemplo, se, incrementando a educação, se viesse a dar a hypertrophia intellectual de uma parte do paiz em detrimento de outra, creio que deveríamos procurar maneiras de evitar esse desequilíbrio que terminaria, afinal, por uma tendencia á sissiparidade da parte muito desenvolvida no organismo da nação, a qual sentiria que as outras eram um peso morto de difficil e incommodo transporte.

Como conseguil-o? Parando ou retardando o progresso das regiões em pleno florescimento? Seria irrisorio e desarrazoado pensal-o. O que se deve é ir em auxilio dos Estados da nossa patria commum que, por circumstancias quaesquer, estejam em maior pobreza e não possam, por isso mesmo, custear o desenvolvimento da instrucção dentro da área da sua respectiva circumscripção administrativa.

A recente lei do ensino (decreto 16.782 A de 13 de janeiro de 1925), segue a caminho opposto. A União auxiliará mais os Estados ricos, que serão aquelles que mais facilidade terão em fornecer o predio e o material escolar para que o Thesouro Federal lhes forneça o professor. Quer dizer, portanto, que a execução da nova reforma do ensino vai augmentar as differenças de nivel intellectual entre os Estados que já hoje não estão na mesma cota mental.

Se não tivesse eu outros motivos para ser contra o recente decreto que regula a instrucção, teria este, porque nelle vejo mais uma das molas que voluntariamente estamos pondo no mecanismo federativo para alargar os élos da solidariedade nacional.

Este ponto, embora sério e grave pelos desarranjos que irá causar ao organismo nacional, tem uma importancia grande, mas no futuro. Elle será devidamente escripturado pró ou contra o Sr. João Luiz Alves conforme os resultados que dér. Ha, porém, desde já um outro aspecto do ensino primario no Brasil, cujos patentes resultados já estão conhecidos no campo de observação

dos investigadores dos problemas nacionaes. Todas as questões que se refiram ao ensino primario são vitaes para a vida de um paiz, por qualquer aspecto que sejam encarados, pois é fóra de duvida que o ensino primario, com o ser a aprendizagem fundamental a todo homem, é aquelle que delinea os primeiros traços do caracter de cada cidadão.

Que se está passando na Republica se se examinar a questão em confronto com as que dizem respeito á unidade nacional?

Cada Estado gosa, nesse tocante, da maior liberdade, seguindo assim ao pé da letra as regras de plena autonomia administrativa prescriptas pela Constituição Federal. Usando pois dessas prerogativas não necessitavam os governos de cada unidade federativa de olhar para os seus vizinhos, nem estão obrigados a se subordinar á regras e preceitos seguidos pelo outros, senão aquelles que o seu proprio interesse ditar.

Disto resulta um completo antagonismo quer de methodos, quer de concepções, quer de modos de execução, do ensino primario. A seriação das materias é diversa, como diversa chega mesmo a ser a escolha das disciplinas consideradas de maior necessidades e de maior interesse para a formação intellectual das creanças. De uma tal variedade nos preceitos da orientação fundamental deflue, espontaneamente, uma grande polychromia no modo de ser ensinado cada conhecimento, quer seja a historia, quer seja a escripta, quer seja qualquer outra disciplina das chamadas primeiras letras.

Antagonismos nocivos

Em regra, o que é tomado como ponto capital e essencial pelos governos estaduais é cada Estado fazer differente do que fazem os demais, mesmo que seja peór; parece até que timbram em frisar que nada ha de commum entre uns e outros.

Ha materias em que mais se fazem sentir os inconvenientes da disparidade no modo de orientar o ensino primario. A leitura e a historia, por exemplo.

Esta é ensinada fazendo sobresahir os feitos heroicos dos filhos daquelle "paizinho" onde a aula é dada, porque cada vez mais cada Estado federado da União brasileira se está tornando

um "paizinho" em perspectiva. Os heroes brasileiros nascidos em outros Estados são postos em propositada penumbra. A historia geral da nossa terra é assim anaformoseada para uma certa direcção do espelho reflector. Compreende-se que em geographia se procure a exemplificação com os accidentes locais, mais facéis de serem reconhecidos pelos alumnos, como igualmente logico é tomar da fauna, da flora e da geologia local os especimens a serem exhibidos e explicados na classe. Nas regiões agricolas o ensino teria de ter, uma orientação diversa do dado nos centros industriaes ou de mineração. Esta especialização de conhecimentos só começa, porém, a se fazer sentir ou mais tarde, ou em questões relativamente secundarias.

O ensino de historia é porém fundamental; devia ser um para todo o paiz.

Nos livros de leitura ainda mais estruge, como uma fanfarra estridente, a disseminação de idéas regionalistas, pois nelles são cantadas por todos os meios e modos, em todos os tons, hyperbolicamente, as qualidades locais, quer nas suas cascatas e florestas, quer nos seus homens illustres; já na sua riqueza, já no seu progresso.

E' claro que o elogio a um Estado não significa critica ou censura a outro. Não. Mas o espirito infantil facilmente preparado para receber as impressões que nelle são deixadas, amolda-se á uma concepção vesga e erronea do nosso paiz: tudo para aquella provincia, nada para as outras.

E' por taes processos que se alicerça o fatidico espirito regionalista; é desta maneira que se fórma no cerebro dos cidadãos a noção injusta da superioridade do seu Estado natal sobre todos os demais Estados da União; é dahi que brota uma semente de odio contra os seus irmãos que tiveram a desasizada idéa de nascer em outras partes do solo brasileiro. Não é de admirar, portanto, que se habituando desde os primeiros bancos a ver o seu paiz por esse prisma obliquo, acabem se tomando de irritado ciúme quando ouvem filhos de outros Estados, educados pela mesma cartilha "patriotica", gabar as riquezas e qualidades de outros torrões, também brasileiros. Cada qual considera — na melhor boa fé — o outro como mentiroso ou ao menos como filaiucioso, pois a verdade pura e exacta deve ser aquella que os

seus mestres lhe teriam ensinado na escola primaria do "seu" Estado.

Este prejuizo que acabo de apontar, é de caracter geral, e em regra, por só ter manifestação tardia não é aquilutado na devida conta.

Sempre tropeços

Ha outros, porém, e immediatos. Quero me referir, por exemplo, á transferencia de alumnos da escola primaria de um Estado para a escola primaria de outro Estado.

Isso só se realisa com immensa difficuldade e um sem numero de tropeços. Quando os paes precisam mudar de terra pelos azares da sorte — e esta hypothese não é tão rara no Brasil que não se precise cogitar della — são as creanças as que mais soffrem. Parecer-lhes-á que se transportaram para paiz estrangeiro.

Tudo lhes é differente: os livros, a distribuição das materias, as mesmas materias professadas, o methodo geral do ensino, além naturalmente (o que já é de si inevitável) a maneira de ser professado o magisterio. Ha um desarranjo geral na vida do menino, pois as classes não coincidem, resultando afinal tudo isso em um hiato ou em um atraso no progresso da sua instrução.

Ora, isso não se dá na França unitaria, nem na Allemanha, confederada, nem na Suissa federativa. Acolá a creança sáe de uma escola no norte do paiz e se transporta para outra no extremo meridional sem soffrer maior abalo intellectual. Tudo obedece a um mesmo regime, tudo marcha na mesma direcção. Nada disso se dá, porém, no Brasil. Naquelles paizes, que zelam em se conservar uma massa homogenea, a creança aqui ou ali sente que é de um só paiz. Salvo detalhes physiographicos, sente que está na mesma terra. No Brasil, não. Afóra a mudança de ambiente physico, ha uma alteração brusca do modo de ser intellectual. A creança deve soffrer muito com isso. Ella perde a noção de que o collegio de onde veio e o collegio onde está, as creanças com que convivia e as creanças com que passou a viver junto, estão todos dentro de uma mesma Patria. Pois se tudo é differente...

Redunda, repito, de todas estas diversidades de ensino pri-

mario uma noção primordial, que se vae enraizando no espirito de cada brasileiro, isto é, que o nosso Brasil é uma coisa secundaria e que de importante só ha "o seu" Estado.

Como corrigir esta tendencia que nenhum espirito bem equilibrado poderá considerar feliz e vantajosa ?

Tenho para mim que a melhor regra a adoptar seria a fixação de uns tantos preceitos geraes a que "todas" as escolas primarias, publicas ou particulares, do Brasil, tivessem de obedecer.

Imagino logo a objecção que aflora aos labios dos que se lembram da critica feita a certo ministro francez que se vangloriava de a uma mesma hora estar em todas as Escolas de França, sendo dada a mesma lição e do mesmo modo. Isso seria quasi impossivel no Brasil. Impossivel e afinal pouco desejavel. Eu não pensaria nunca em propor um exaggero em tal direcção. Mesmo, porém, ficando muito aquem deste ponto extremo e extremado, ha modos de unificar o ensino, estabelecendo determinações didacticas bastante precisas, ainda que de ordem sufficientemente lata, para que por ellas se guiasse o ensino.

Não vejo em que isto fira a Constituição de 24 de Fevereiro, que tem sido interpretada de modo a diminuir cada vez mais os effeitos do seu exuberante federalismo. E' possivel que os ferrenhos federalistas digam que fêre, mas neste caso eu pouco me importo. Acho que acima da Constituição está a Patria. Se fôr de todo impossivel aos interpretadores sempre tão abundantes e sempre tão eruditos, arranjarem um meio de encaixar os processos aqui suggeridos dentro da letra amoldavel da Constituição, então será o caso de reformal-a, corajosamente, na boa direcção.

E esta boa direcção é, a meu ver, aquella que garantir ao Brasil ser elle um todo unido e indestructivel e não um méro conglomerato politico.

A REVISÃO CONSTITUCIONAL E O ENSINO

A mentalidade dos constituintes

Parece que, apesar das reiteradas manifestações da opinião sobre a inoportunidade do momento, vae ser feita agora a revisão constitucional (*). Não estando em nossas mãos impedir que a reforma se venha a dar neste difficil instante da vida nacional, melhor é que procuremos trazer a publico, lealmente, como bom brasileiro, o resultado das nossas meditações sobre assumptos em que, por dever de officio, somos obrigados a pensar continuamente. Talvez algum homem de boa vontade com ligações que não temos com a actual situação, queira aproveitar as nossas timidas suggestões.

Um desses assumptos é o ensino.

A proposta de reforma não fere decisivamente este ponto: Ao contrario, quasi que o evita. Deixa que persistam as duvidas que até hoje têm atropelado os que procuram disseminar a instrucção, ou, melhor, os que se esforçam por implantar os fundamentos de uma educação nacional tendente a dar ao Brasil uma grande força cohesora.

Os constituintes de 1891 traziam, mesmo sem o querer, a intelligencia moldada pelas directrizes da educação imperial, que se havia esforcado em formar um escol de letrados assentando os pés em uma massa colossal de analphabetos. A preocupação dominante no Imperio, em grande parte (diga-se corajosamente) por culpa de D. Pedro II, todo preocupado com pruridos literarios e scientificos, foi de manter luxuosamente estabelecimentos de ensino superior e um grande collegio nacional, no qual o ensino era tendenciosamente orientado para as "bellas letras", e nunca se preocupou sinceramente com o ensino primario.

Os moços idealistas e entusiastas que argamassaram a constituição em vigencia, foram assim educados em uma sociedade dividida em dois grupos: um, o dos escravos e trabalhadores ruraes quasi escravizados, e outro, o dos dirigentes, intellectuaes,

(*) Este artigo foi escripto em Julho de 1925.

"gosando a vida", illustrando o espirito nas academias que se esforçavam por estar sempre em dia com as mais recentes discussões "philosophicas" da Universidade de Paris (*).

Ser-lhe-ia — ao constituinte republicano — impossivel ver as coisas por outro modo, pois este "modo" era a essencia mesma da sua existencia, da individualidade de cada um.

Disso redundou uma consequencia lamentavel. O ensino com o qual se preocupa dominantemente a Constituição de 24 de Fevereiro é o ensino superior e secundario. O ensino primario e profissional, que é o fundamental na vida das democracias e especialmente no Brasil, "paiz de analfabetos", não é assumpto de maiores cogitações; quasi que a elle se não refere a Carta Magna.

Os erros persistem

No mesmo erro está cahindo a reforma proposta agora. O que vem suggerido na publicação de character official feita pela imprensa, relativamente ao ensino é, mais ou menos, apenas aquillo que, arranhando a Constituição, foi feito pela lei de ensino da lavra do Sr. João Luiz.

Procura-se assim pôr a Constituição nos moldes da lei, uma vez que a lei sahiu fóra da Constituição. E' pouco. E' muito pouco. Compreende-se que o Sr. João Luiz, com os movimentos peiados pelas restricções constitucionaes, procurasse abrir um estreito caminho, porque pela larga estrada legal lhe estava vedado o transito. Uma vez, porém, que se está procurando fazer os reparos na pavimentação da via appia constitucional para que por ella transitem todos os comboios abastecedores do bem publico, por que reformal-a acanhadamente, timidamente, vesgadamente?

Uma das preocupações do constituinte germanico, em ma-

(*) Ao revermos, em Setembro de 1926, as provas deste livro temos em mão um interessante resumo do curso feito na Universidade de Berlim pelo Dr. W. Mann, sobre "Volk und Kultur Lateinamerikas", apparecido no numero de Junho deste anno da revista "Iberica".

Segundo esse autor, é caracteristica para todos os povos latino-americanos uma separação nitida em duas classes: uma, pequena "élite", muitissimo preparada, e outra, numerosa plébe, em um grau de atrazadissima cultura.

teria de educação popular, foi no que se refere á egualdade perfeita e completa de todas as creanças, pobres ou ricas, nobres ou filhas de operarios. Todos os estabelecimentos de instrucção primarios, mesmo os particulares, devem ministrar o ensino obedecendo rigorosamente aos mesmos principios fundamentais, sendo até, pelo art. 147, § 2º, abolidas as chamadas "Vorschule" até então existentes em certos estabelecimentos particulares.

A razão de ser desta prescripção origina-se do facto de ter havido na Allemanha imperial (como ainda hoje ha no Brasil republicano) uma distincção entre as escolas primarias propriamente publicas, destinadas ás classes sociaes menos abastadas (Volkshule) e as escolas primarias que funcionavam, com um curso prévio (Vorschule), nas escolas complementares frequentadas pelos filhos de familias nobres ou ricas. Hoje, na Allemanha, a distincção de classes sociaes não se pôde fazer sentir na educação das creanças. Até 18 annos, que é a idade de sahida dos meninos da escola de aperfeiçoamento (Fortbildungsschule), o ensino é não só obrigatorio, como igual, perfeitamente igual, para todos os jovens teutonicos, sejam de familias ricas ou de familias pobres.

Quando á familia faltarem recursos para educar sua prole até essa idade, o Estado fornecerá os meios pecuniarios indispensaveis. Taes disposições são de molde nitidamente republicano.

Não é, porém, do commentario a todas as disposições da Constituição Allemã, na parte referente á educação, que nos queremos referir no presente artigo, mesmo porque o modo synthetico pelo qual está redigida a Constituição Brasileira impede que nella penetrem os detalhes de que está recheada a "Reichsverfassung".

Ha um ponto, porém, que parece dever merecer a attenção dos nossos constitucionalistas. E' aquelle que entrega (art. 143) os deveres da manutenção do ensino conjuntamente á União (Reich), aos Estados (Laender) e aos municipios (Gemeinde), ficando, porém, todo o ensino (art. 144) sob a direcção do Estado (Staat). A' Allemanha, paiz resultante de uma confederação de Estados, anteriormente independentes, não passou despercebida a urgente necessidade de estabelecer fórmulas centripetas que contrabalançassem o centrifugismo federativo. E, dessas forças, uma das

mais importantes, é a educação popular vasada nos mesmos moldes, obedecendo, em linhas geraes, aos mesmos principios e ás mesmas regras.

Esse sentimento não é novo naquella nação, pois no regimen monarchico anterior, já esses preceitos haviam merecido especial carinho do legislador. Graças a elle, adquiriu o Reich tão forte cohesão politica que ponde resistir até hoje aos esforços da politica internacional do Sr. Poincaré de desagregar as suas partes componentes.

O Brasil apresenta espontaneamente maior unidade do que a Allemanha, mas ella se diluirá com a actuação persistente de factores dispersivos. Um dos meios a empregar está em unificar tanto quanto possivel, a sua instrucção; não é preciso ir ao exaggero de querer, como se dá em França, republica fundamentalmente unitaria, que a uma mesma hora em todas as escolas do paiz se esteja dando a mesma lição. Não vamos tão longe, porque a extensão territorial do Brasil impede que seja proficua uma tão rigorosa uniformidade.

Entre esse extremo e o extremo opposto, da completa disparidade de methodos e programmas de ensino, ha um salutar meio termo. Fiquemos nelle.

Na constituição federal não é possivel incluir preceitos muito rigidos, porque, em materia de ensino, a evolução se está fazendo vertiginosamente. Fazendo figurar, portanto, apenas o que ha de essencial na materia, propomos uma redacção bastante lata mas sufficientemente clara.

Emendas á Constituição

1ª emenda — Ao art. 34 da Constituição, que trata das deliberações privativas do Congresso. Acrescente-se: Legislar sobre todo o ensino (primario, secundario, technico, profissional e superior), que poderá ser dado, isolada ou conjuntamente, pela União, pelos Estados, pelos municipios e pelos particulares, estabelecendo regras geraes a que se tenham de subordinar todos os institutos publicos e particulares, incluindo

preceitos que nivelem a instrucção primaria e fundamental de todas as classes sociaes.

2ª emenda — Ao art 35, que trata das attribuições não privativas do Congresso, substituam-se os numeros 3 e 4 pelo seguinte: Criar instituições de ensino primario, secundario, technico, profissional e superior.

3ª emenda — Ao n. 30 do art. 34, que trata das attribuições privativas do Congresso, redija-se assim: Legislar sobre a organização municipal do Districto Federal, bem como sobre a policia e os demais serviços que na capital forem reservados ao governo da União, supprimindo-se assim as palavras ensino secundario, que ha depois da palavra policia, na Constituição actual.

IMMIGRAÇÃO INTELLECTUAL

Uma concorrente temivel

Quanto mais meditamos nos problemas fundamentaes da vida social brasileira, tanto mais nos convencemos da necessidade e urgencia de um rigoroso incremento da immigração européa. Ella é talvez menos necessaria na função material, chamada do braço agricola (embora ainda ahí seja ella a bem dizer indispensavel ao progresso economico do paiz), do que como sangue novo e puro que venha corrigir por salutaes mestiçagens as avarias deixadas pelo clima tropical na terceira ou quarta geração de troncos originariamente europeus.

E' facto scientificamente indiscutivel que as condições climaticas do Brasil, excluidas em parte as do nosso meridiano, depauperam a raça, obrigam-na á indolencia, ao nirvanismo, á incapacidade de reacção e a essa outra doença, peor quicá do que as demais, que é a falta de continuidade de esforço em qualquer direcção, ou seja a volubildade innata do caracter brasileiro. Os

correctivos para esta temivel e lamentavel situação seriam: de um lado, o affluxo de gente energeticamente capaz, ou seja levas de immigrantes brancos, physica e intellectualmente sadios; e, por outro lado, a educação do povo levada a cabo com methodo, prolongadamente, de modo a ir, pouco a pouco, corrigindo os damnos produzidos pela temperatura exaggerada, que aqui reina.

Está a se formar no nosso paiz uma corrente patrioteira que pretende obturar, por medidas de toda ordem, o conducto que encaminha para aqui a gente que está sobrando no formigueiro europeu e que, se fôr impedida de para cá vir, transbordará para os varios receptaculos vasilios que ha na America, Australia e Africa, para lhes levar elementos de vida e de riqueza.

Lembremo-nos de que assim procedendo, estamos a fazer o jogo das nações da Europa, interessadas agora em vitalisar a Africa, cuja situação geographica é perfeitamente analogia á do Brasil, e que podendo ter productos agricolas semelhantes aos nossos, está apta a ser, em dias proximos, a nossa mais terrivel concorrente, concorrente talvez vencedora se não nos decidirmos a estudal-a de perto, com argucia e intelligencia, para receber (e melhorar, se possivel) as lições que de lá nos estão sendo dadas.

A luta contra a atmospheria ambiente é, no Brasil e na Africa, a mesma, quer por parte da população indigena, quer por parte dos novos colonos.

O que na Africa, porém, é differente daqui é a "élite" directora. Acólá ella recebe directamente a orientação politica e administrativa de cerebros vivendo nos privilegiados climas estimulantes das regiões cyclonicas das zonas temperadas. Aqui as espheras superiores que dirigem a politica e a administração são ellas mesmas indigenas, vivem aqui permanentemente, recebendo ha quatro seculos a actuação de um calor que vae desfibrando as energias mais resistentes e fazendo com que a raça perca a actividade emprehendedora e a capacidade de reacção que tanto illustraram os fastos da nossa vida colonial e do tempo do imperio.

O correctivo, portanto, representado pela componente — educação — não póde ser obtido pela só actuação de forças internas. A mecanica social ainda neste particular, está de accordo com a mecanica physica. Ainda ahi precisaremos recorrer a um esforço, collocado fóra do systema em equilibrio dinamico

para modificar-lhe a directriz. Para esse esforço precisamos, pois, recorrer ao estrangeiro.

Nem outra coisa significa a necessidade que todos sentiram da vinda de missões militares (pondo de lado a circumstancia de terem sido mal escolhidas as que vieram) para o exercito e para a marinha, afim de corrigir essas nossas corporações de vicios que se estavam enraizando com o tempo e que ninguem do paiz conseguia estirpar.

"Missões" intellectuaes

Parece perfeitamente consentaneo com os vitaes interesses da nação brasileira a vinda de uma ou de varias missões intellectuaes á semelhança daquella pleiade brilhante de geologos francezes que vieram fundar a Escola de Minas de Ouro Preto.

Apesar de termos um posto no magisterio superior, somos daquelles que entendem utilissima a vinda de mestres estrangeiros para proporcionar o aperfeiçoamento dos que aqui ensinam, pois que na grande maioria de casos, o nosso professorado é constituido por auto-didactas. E o auto-didactismo é um mal! Um mal para os professores principalmente, porque os obriga a um longo e desnecessario esforço, que seria poupado se os candidatos ao magisterio tivessem tido adequada assistencia technica.

Pelo modo de provimento de cargos do professorado no Brasil só por acaso as cadeiras são regidas por pessoas de capacidade, porque o que se apura nos concursos (quando se apura alguma coisa) é tão sómeite o saber livreseo dos concorrentes. O salutar regimen da livre docencia, nos moldes estabelecidos pela brilhante reforma Rivadavia, foi posto de lado e nunca entrou na pratica effectiva.

A vinda de professores estrangeiros só póde ser vantajosa para o Brasil. Estes inculcar-nos-ão, além do saber, um certo methodo de trabalho que nos permittirá poder reagir com mais efficacia contra o clima hostil.

Um outro processo de melhorar os nossos corpos docentes seria o de mandar ao estrangeiro, para aperfeiçoamento prolongado, os nossos intellectuaes, tal como se tentou fazer no

governo Affonso Penna, com tanto exito. E', porém, financeiramente impossivel ao erario enviar congregações inteiras á Europa ou á Norte-America. Conclue-se, portanto, que a outra maneira é a unica praticavel.

Os Institutos de Alta Cultura

A criação do Instituto franco-brasileiro de alta cultura deve ter obedecido a esse criterio.

Sempre supuzemos que o governo brasileiro, no interesse da nação, procurasse incrementar a fundação de institutos analogos com outros paizes. Falou-se mesmo que em breve teriamos um instituto italo-brasileiro, mas a idéa não foi adiante.

O que resta apurar agora é se a maneira pela qual está sendo encaminhado o instituto franco-brasileiro é a mais util para os interesses nacionaes. Cremos que não, e acreditamos, ainda mais, que nem mesmo estão sendo vantajosamente curados os da propria França. Se não, vejamos.

Para cá têm vindo alguns nomes que nos dizem illustres nas letras scientificas da Republica Franceza, e que estariam, sem duvida, em condições de promover o preparo dos mestres brasileiros. Para isso, porém, seria indispensavel que houvesse cursos seleccionados, para pequena assistencia, muito limitada mesmo.

Deveria haver de preferencia trabalhos de laboratorio, "aulas praticas", como chamamos aqui, para darem aos nossos professores a technica manual (se nos permittem a expressão) que lhes falta. A dissertação theorica, a conferencia publica, pôde lisongear o orador que vem de Paris, onde se está habituado ás enchentes da Sorbonne. Não trazem ellas nenhuma vantagem pratica para um paiz que precisa preparar magisterio adequado.

Seria conveniente que o nosso governo, ou o Departamento Nacional do Ensino ou quem quer que fosse, promovesse a organização dos programmas que os professores francezes aqui vem desenvolver, como tambem se encarregasse de recrutar, voluntaria ou compulsoriamente, o auditorio que tivesse de frequentar os cursos. Esse grupo fixo seria constituido, por exemplo, pelos professores, assistentes, preparadores e livres docentes da materia doutrinada.

O Brasil não está em situação financeira de se dar ao luxo de mandar vir professores eminentes com a obrigação unica de fazer conferencias de vulgarização para a sociedade elegante, esta que frequenta com a mesma ingenua e luzidia ignorancia chás dansantes e concertos no Municipal. Não é disso que precisamos.

Que interesse, por outro lado, pode ter a França em que seus filhos illustres venham aqui repetir de viva voz aquillo que elles mesmos já terão escripto nos seus compendios! Para mergulharmos mais fundo na cultura franceza, para melhor apreciar a necessaria se torna que possamos conhecer mais intimamente os seus methodos de trabalho.

Conviria orientarmos nessa direcção a immigração intellectual, tão necessaria ao nosso Brasil.

ESPELHO EM QUE SE MIRAR

Educar é fazer imitar bons modelos

A lei da imitação, enunciada pelo sociologo Tarde, é das mais geraes em todos os dominios da sciencia. Poderia figurar sem desdouro entre as de philosophia primeira.

Encontram-se exemplos de mimetismo no mundo physico e biologico, bem como nas esferas da sociologia. Na vibração ondulatória da luz, as ondas subsequentes nada mais fazem do que reproduzir (digamos "imitar") a primeira. Pela hereditariedade o filho "imita" as qualidades essenciaes dos progenitores. Os proprios mineraes, parecendo embora se furtarem a influencias hereditarias, crystalizam mimeticamente, procurando reproduzir a fórmula geometrica do germen que houver sido introduzido na agua mãe de crystalização. Isso que se passa em phenomenos inorganicos e organicos, ocorre tambem — e então com grande abundancia de exemplos evidentes — em tudo que diz respeito ao homem isolado, e, muito principalmente, ao homem em sociedade.

Ha em tudo, e por toda parte, uma espontanea e invencivel

tendencia a imitar; ora a imitar o que é bom; ora a reproduzir o que não presta.

A função capital da educação é proporcionar modelos para que os seguindo, os homens se aperfeiçoem e melhorem. E' preciso chamar muito a atenção para a espécie de modelo. Ellos devem ser não só perfeitos, como também "convenientes". Muita vez o paradigma é completo e excellente, considerado de modo absoluto, mas apresenta sérios inconvenientes sob aspectos praticos ou de momento.

Imitar cega e irracionalmente é macaquear. Educar é fazer imitar de modo vantajoso e com criterio.

Fundada no Rio de Janeiro uma Associação Brasileira de Educação, o primeiro cuidado dos seus membros — em cujo numero tenho a honra de ter sido incluído — será o de achar, e indicar ao estudo dos demais consocios, exemplos dignos de util imitação, ou, o que é a mesma coisa, cada qual de nós deve dar a sua contribuição pessoal de esforço em bem dessa bellissima causa, pondo em fóco certas questões fundamentaes, de accordo com os assumptos scientificos em que se tenha especializado.

Relembrando noções

Vejamos o que a tal respeito pode ensinar a "geopolitica", a mais recente das ramificações das sciencias sociaes, cujo synthetico e expressivo nome devemos ao esclarecido espirito do illustre norueguês Kyellen. Para que o leitor possa bem acompanhar o nosso raciocinio e assim alcançarmos juntos um resultado proveitoso, convém relembrar alguns pontos essenciaes da geographia do Brasil, no que diz respeito á sua estrutura geopolitica.

O Brasil é um paiz collocado no hemispherio austral; na sua maior parte, salvo o sul, é tropical; tem um littoral extenso e massigo, no typo das costas africanas; as suas fronteiras internas são, a bem dizer, inactivas, sem que por ellas se manifeste, sobre o paiz, sensível coefficiente de pressão, excepto na zona meridional, em que, pelas Missões, se sente o pollegar da Argentina comprimindo o territorio brasileiro; o coração do paiz é occupado por uma extensa savanna em distendido planalto, de tem-

peratura inferior áquella que é determinada pelos parallellos respectivos; o modo de penetração da onda migratoria é essencialmente de feição colonial, isto é, avança da periphéria maritima para o centro — nada se assemelhando, portanto, á maneira da marcha das populações da Eurasia, onde a civilização parece ter descido do Pamir para as planícies mongolicas, e, através dos steppes russos, para a recortada peninsula europica; e, finalmente, a população brasileira é também de typo colonial, isto é, formada de mestiços, empregando esta palavra no seu sentido lato e não pejorativo, quer dizer, a população brasileira é constituida por gente nascida do caldeamento de raças e sub-raças, quer seja de brancos, negros e indios entre si, quer seja do cruzamento de brancos mediterraneos com brancos nordicos, de negros de diversas modalidades ethnicas e de indios de varias origens.

Tal quadro geographico evidencia que somos uma nação que pouco de semelhante pode ter (salvo as tradições historicas que são, não ha duvida, um grande factor social), com as nações europeas, de um continente com fortes indentações maritimas: com fronteiras multiplas e de grande actividade politica e economica; com civilização originaria (não importada); habitado por povos de raças relativamente puras; e, principalmente, de clima temperado e estimulante. Com os Estados asiaticos, como a China, Japão, Persia, etc., ainda menos se parece o Brasil. O nosso parentesco geographico com os Estados Unidos se reduz quasi que só á dupla circumstancia de sermos da mesma unidade continental e de termos tido um inicio historico mais ou menos igual por isso que, U. S. A. e Brasil nasceram de antigas colonias.

A nossa grande semelhança geopolitica é com os paizes latino-americanos tropicaes; com as colonias europeas da Asia (Indo-China, Hindostan), da Australasia (Sumatra, Java, Borneo, Philipinas, Nova Zelandia e Australia) e, de modo muito caracteristico, com a da União Sul-Africana. Com esses paizes ou regiões temos multiplos pontos de contacto geographico.

Os problemas dos paizes latino-americanos — bem como as difficuldades praticas para resolvel-os — são visceralmente os nossos, e, como nós, vivem elles embaraçados para uma solução que lhes abra a rota do progresso e da efficiencia politica no mundo. A's nossas são semelhantes também as condições clima-

téricas, mesológicas em geral das demais terras colonias das zonas tropicaes do velho e do novissimo mundo, embora já muito diversas sejam as suas condições economicas e mesmo culturais, relativamente a nós.

Por mais arrojada e abstrusa que pareça á primeira vista a nossa asserção, a reflexão longa que temos tido sobre o assumpto, faz-nos chegar á conclusão de que são estes ultimos os espelhos em que se deve mirar o Brasil.

De facto. Tão dissemelhantes, quasi estamos a dizer, tão divergentes, são as nossas condições sociaes, geographicas, economicas e raciaes das que existem na Europa e U. S. A., que imital-as é macaquear. Podemos trazer para cá o que elles fazem; podemos querer reproduzir seus habitos, costumes e qualidades; nunca poderemos, porém, assimilal-os, porque a natureza repellirá com energia tudo quanto quizermos adquirir contra o que ella formalmente proscreeve. Este tem sido, todavia, o methodo até hoje adoptado no Brasil. Mandamos os nossos estudiosos ver de perto, examinar e esmiuçar os modos de trabalho, os processos de laboratorio europeus e americanos e acabamos copiando a sua legislação. A grande difficuldade não está, porém, em conhecer e reproduzir o que já ha por lá, mas em saber fazer a adaptação ao nosso uso e gasto. Resultados? Estão ahí aos olhos de toda gente.

E' possivel que á Argentina, que tem a felicidade de estar implantada em um clima temperado, o processo de imitação aos europeus e usamericanos (*) convenha. A nós, ao Brasil, não.

Um paralelo que parece envergonhar

Teremos então (estamos adivinhando a pergunta do leitor que tiver conseguido chegar a esta altura do nosso artigo), teremos então de imitar os negros da Costa d'Africa?

E' bem claro que não vamos ter a falta de sizo de dar um tal conselho. O que devemos imitar é, não os negros da Costa d'Africa, mesmo porque a Africa já não é hoje um continente só de negros, mas os processos de civilização introduzidos na-

(*) Denominamos usamericanos os filhos dos Estados Unidos da America do Norte (U. S. A.) ou seja os U. S. americanos.

quellas regiões pelos europeus cultos, já para exploral-as mais efficientemente, já — o que é muito mais importante — para obter meios de furtar o homem aos effeitos das horriveis influencias climatericas.

Ora, o problema brasileiro é, considerado na sua maior simplicidade, exactamente aquelle que os europeus estão resolvendo com sagacidade nas suas colonias tropicaes. E se divide em dois: de um lado, tem aspecto economico; do outro, tem aspecto cultural ou educacional.

E', pois, preciso que o povo brasileiro se compenetre de que um paiz com a vasta área do nosso não se deve dedicar a explorações industriaes, peculiares aos paizes super-povoados, nem tão pouco ao cultivo agricola de frutos europeus, mas deve se preoccupar em conservar ou em adquirir a supremacia de fornecimento de productos tropicaes, a que o mundo já se habituou e que não pode dispensar. Estão nesse numero o café, o fumo, o assucar, o algodão, as madeiras de construcção, o cacáo, a borracha. Ora, destes productos já perdemos o primeiro logar no algodão, em que fomos dominados pelo Egypto, China, India e U. S. A.; no assucar, vencidos por Cuba; na borracha, por Ceylão; no cacáo, pela Costa d'Ouro; no fumo, por varios paizes, como Indias Hollandezas, Cuba e Phillippinas. Quasi que só nos resta o café, mas deste mesmo a Africa nos desbancará, se attarmos aos recentes progressos dessa cultura em Tanganika (antiga Africa oriental allemã). Eis em que, pelo lado economico, o Brasil lucraria em se instruir, em vez de ouvir cursos de alta cultura sobre Montesquieu e quejandos assumptos.

A face, porém, em que a nossa imitação dos processos europeus nas suas colonias é de maior alcance, é a das questões propriamente educacionais. Nas colonias europeas, como no Brasil, o homem tem, como é sabido, de vencer um inimigo terrivel e persistente, que actúa com calma e sem descanso: — o clima. E' uma batalha desigual, porque o clima dos tropicos é muito mais forte do que o homem. Ora bem. O europeu (ou o usamericano em Phillipinas e Hawai), já não coloniza ás cegas, como fizeram portuguezes e hespanhões na época do descobrimento da America. Estudam os problemas climatericos com o maximo de attenção; recolhem dados de toda sorte e submettem aos seus

subios em laboratorios scientificos optimamente aparelhados, o exame de molestias e avarias tropicaes e já estão chegando a resultados satisfactorios, como ainda ha dias narrava pel'O JORNAL o nosso eminente compatriota dr. Rocha Lima, professor da Universidade de Hamburgo.

Nos manuaes praticos de geographia humana, taes como os de Huntington, Williams e Cushing, podem ser encontrados alguns uteis preceitos sobre o melhor modo de fazer a adaptação do homem branco ao meio adverso para conseguir dominar e se assenhorar em definitivo das grandes áreas tropicaes até ha pouco quasi perdidas para a civilização.

Esses preceitos, absolutamente não seguidos aqui no Brasil, não são por certo nem muito rigorosos nem definitivos, e, em outra occasião, os analysaremos. Mas, mais do que a leitura de livros, ha a ver, examinar e aprender — em beneficio do Brasil — com o conhecimento directo, "in loco", do que se está passando nas demais regiões da Terra. Ha por lá um progresso accentuado e vertiginoso, especialmente na União Sul Americana, nas Indias Holandesas e na Australia, progresso que a nossa gente e os nossos homens publicos parecem ignorar.

A educação do nosso povo, se quizermos que elle consiga melhor classificação sob o ponto de vista eugenico, e para que acabe conseguindo dominar o clima inhospito que nos esmaga, terá de ser feita nos moldes postos em foco pelas nações europeas nas suas colonias. Só assim alcançará a nossa patria uma força de trabalho tal que a ponha em competição economica vantajosa com os paizes australianos e africanos.

Felizes ficaremos nós se um gremio do prestigio e autoridade da "Associação Brasileira de Educação" se dispuzer a pôr na ordem do dia dos seus estudos o problema da educação do nosso povo, por estes largos moldes que a geopolitica suggere.

O thema nos parece ser dos mais curiosos, e muito lucraría em ser elucidado em um cenaculo ponderado e culto como é este da A. B. E., que, desauxiliado embora pelos poderes publicos, vae cumprindo com gallardia a sua missão.

MAIS ENSINO E MENOS DISCURSOS

Uma faculdade de ciencias

A proposito da criação de uma Faculdade de Sciencias, fomos procurado por um redactor d'O Globo, brilhante vespertino carioca, que resumiu as nossas opiniões como se vai ver abaixo.

Uma Faculdade de Sciencias Puras no nosso paiz é um emprehendimento de grande importancia para orientar a mentalidade brasileira. O assumpto entra, portanto, perfeitamente, no quadro dos problemas sociologicos fundamentaes da estrutura politica do Brasil.

Assim escreveu O Globo:

"Numa reunião convocada pelo presidente da Associação Brasileira de Educação acaba de se debater um assumpto de grande alcance para os destinos da sciencia nacional, qual o da possível e efficaz collaboração da Missão Rockefeller para a manutenção de uma Faculdade de Sciencias no Rio de Janeiro. Numa época em que nem todos têm sabido comprehender os actos objectivos daquella philanthropica missão de sciencia estrangeira, talvez um tanto divorciada da mentalidade official reinante na classe medica, é de sensação um debate como esse, aberto pelo professor Fernando Magalhães, presidente da referida associação. Que se teria passado nessa reunião de tanta importancia? Sabiamos que entre os mestres que a ella concorreram, estava o professor Evertado Backheuser, de modo que encontre-o hoje foi o mesmo que exprimir o nosso desejo de mais amplas informações sobre o palpitante debate. O festejado professor da Polytechnica não se fez rogado, nem falou com mysterios. Disse tudo com a clareza que se vae ver:

— E' exacto. A A. B. E. está cogitando disso, porque, como sabe, a Missão Rockefeller já está auxiliando uma grande faculdade em S. Paulo e fará, conforme nos disseram, cousa semelhante no Rio de Janeiro, por intermedio de uma instituição do alto valor da Associação Brasileira de Educação. Foi convocada pelo Dr. Fernando Magalhães uma reunião de alguns dos profes-

sores membros da A. B. E. que se interessassem pelo problema. O ambiente em que se estabeleceu o debate do projecto era dos mais autorizados, pois que ali estava um conclave de professores e idealistas, homens tangidos pela mais completa dõse de boas intenções e, ao mesmo tempo, dos mais competentes que, em assumptos scientificos, existem no Rio. Lá estava, por exemplo, o professor Amoroso Costa, que é o nosso mais authentico sabio em mathematica, ao lado dos abalisados physiologistas irmãos Osorio (Alvaro e Miguel) e da notavel autoridade em jurisprudencia que é o Dr. Carvalho Mendonça. Os demais presentes, salvo eu, eram mais ou menos do mesmo quilate e pureza de agua. A discussão foi fina e elevada, sem as reservas e cautelas que estou acostumado a ver nos comicios politicos. Cada qual expunha o seu pensamento com boa fé e inteira sinceridade. Houve opiniões extremadas sobre alguns aspectos nativistas do problema mas, apesar de sermos cerca de duas dezenas, acabou reinando um completo e leal accordo, o que é cousa rara em assembléas numerosas. E' que todos se sentiam movidos pelos mesmos intuitos e acceitavam sem relutancia as ponderações alheias, aesde que fossem sensatas e justas.

O Dr. Backheuser, com uma ponta de ironia, continuou:

— Tive vontade que o Sr. Rocha Vaz pudesse, de seu canto e sem tugar, assistir áquelle debate de um conjunto numeroso de professores, sem as aguas de barrella em que elle costuma lançar as congregações das nossas escolas superiores, depois que está, com tantó desazo, dirigindo o departamento do ensino.

Valioso auxilio

E o professor Backheuser continuou:

— A missão Rockefeller, ao que foi dito, se dispõe a auxiliar a montagem de laboratorios de uma Faculdade de Sciencias Puras. E' um grande e immenso auxilio, mas não é talvez o auxilio maior que pôde ser prestado ao Brasil. Não é propriamente, e só, de laboratorios que precisa a sciencia em nosso paiz. Ha em algumas escolas, principalmente nas de agricultura e nos institutos de chimica, bem como na propria Faculdade de Medicina, algumas installações magnificas, luxuosas até. Os nossos gover-

nos, ao contrario do que habitualmente se diz e se pensa, têm gasto muito com a parte material do mesmo. Tem talvez gasto indiscretamente e sem bem distribuir os dinheiros; mas tem, em alguns casos, dispendido muito — esbanjado mesmo — com installações nababescas, deante das quaes recuariam muitos governos europeus. Não basta, porém, ter laboratorios. E' preciso ter professores. Um optimo professor é capaz de dar um bom curso, mesmo não dispondo de excellente laboratorio, ao passo que com o melhor dos laboratorios um máo docente será sempre um máo docente.

Interrompemos o nosso interlocutor para indagar:

— Esta opinião é sua exclusivamente, ou foi partilhada pelos demais professores presentes?

— Foi este, mais ou menos, salvo detalhes, o pensamento do professor Alvaro Osorio, que tem immensa autoridade para lançar taes proposições, pois que elle é, sem duvida alguma, um dos poucos brasileiros a quem se pôde dar a designação de "sabio", no sentido europeu da palavra. Houve na assistencia um geral assentimento a esse modo de ver. Folguei immenso em notar que a maioria dos collegas presentes — e os presentes eram, sem lisonja, a nata do nosso magisterio superior — não se offendia em irritado patriotismo ou em agudo jacobinismo, a ouvir dizer que nós precisamos de professores capazes.

Menos discursos e mais ensino

Então, o professor Backheuser declarou:

— Do que o Brasil está necessitando, no campo do ensino superior ou secundario, é de uma ou varias missões scientificas que aqui venham preparar o magisterio, dando aos que já são professores a pratica de laboratorio que lhes falta, exigindo que elles, os professores brasileiros, permaneçam o dia inteiro nos gabinetes, em vez de "cavarem" a vida em outras occupações. Esta é uma das condições que faz a Rockefeller para prestar o auxilio pecuniario. Ficando nos laboratorios, os nossos docentes acabarão por se enthusiasmar pelas pesquisas desinteressadas e virão a ser autoridades verdadeiras e authenticas, e não terão apenas conhecimentos livrescos. Não é de professores que façam discursos.

sos, como os do Instituto Franco-Brasileiro, que precisa o Brasil. E' de mestres que fiquem nos laboratorios ensinando uma meia duzia de alumnos dedicados, que está com urgencia necessitando a sciencia nacional. Quando digo que o Instituto Franco-Brasileiro de Alta Cultura não tem tido até hoje efficiencia, pensam logo que falo por germanophilismo. E' um puro engano. Têm vindo mestres capazes, apenas nós, a nossa direcção intellectual, é que tem desviado o Instituto dos seus fins. Ninguém mais autorizado que os irmãos Osorio de Almeida para imprimir a esse instituto uma melhor directriz em beneficio do Brasil e da propria França. Não é de discursos que precisamos. Cursos de alta cultura podemos conseguir com a nossa boa prata de casa e, modestia á parte, mesmo um pouquinho melhores do que os que têm sido realizados por alguns professores estrangeiros. Ahi estão as lindas conferencias feitas por Amoroso Costa e Roquette Pinto, na serie organizada pela Associação Brasileira de Educação: quem as ouve, sae maravilhado de tanta erudição.

Trabalho de laboratorio

O professor Backheuser concluiu:

— Isto quer dizer que não precisa o Brasil da vinda de professores europeus para aqui se exhibirem em simples preleções. Isso comprehendeu, comosco, a Missão Rockefeller, que está disposta a montar gabinetes bem aparelhados e a mandar possivelmente professores capazes de nos ensinar a praticar, a lidar com um instrumental que, não sendo manipulado, será apenas objecto de luxo. A Missão Rockefeller realiza, assim, aquillo mesmo que eu propuz, em janeiro, pelo "O Jornal", em artigo intitulado "Immigração intellectual."

Bravos, pois, á Missão Rockefeller."

ASSUMPTOS AUTARCO- POLITICOS

O "ESTRANGEIRO", DE PLINIO SALGADO, E A ALMA GEMENTE DO NORDESTE

Contraste doloroso

Dois factos sem ligação apparente — a feitura de um romance e uma collação de grão de engenheiros — vieram pôr de novo sobre a minha retina, sempre propensa a se impressionar com os phenomenos politicos, o grande problema da nossa unidade nacional.

O romance é "O Estrangeiro", em que a penna habilissima de Plinio Salgado estuda a sociedade paulista de nossos dias, sob a influencia das recentes correntes immigratorias, que se caldeando com as raças implantadas acolá ha mais tempo, dão afinal a S. Paulo uma população activa, preocupada com a industria, com a agricultura, com o commercio. Na collação de grão dos engenheiros de 1925, falou um moço cheio de vida e intelligencia, que fez vibrar os corações de quantos o escutaram, com a descripção impressionante do seu "Nordeste" abandonado, soffredor e resistente. A voz cava de Gentil de Souza, o orador dos novos profissionaes saídos da Polytechnica, pareceu-me a alma gemente daquellas paragens.

De um lado, o justo entusiasmo, que se adivinha na prosa vibrante de Plinio Salgado, cheia das novidades do futurismo,

mas suggerindo idéas e emoções, por uma região rica e exuberante, de onde partiram os bandeirantes que alargaram o ecumeno brasileiro; onde se fez ouvir a proclamação do Ypiranga, ella mesma preparada por um paulista de escol — José Bonifacio —; onde hoje se constróe o travejamento da mais completa das organizações geopoliticas dos Estados brasileiros; que se desenvolve e se destaca do resto do Brasil não só pelo lado economico, como pela educação de seu povo, pelo preparo das suas élites, que tambem ellas tomam a deanteira no movimento de renovação das nossas artes e das nossas letras.

De outro lado, o reclamo justissimo de um pedaço da nossa grande patria commum, pedindo que não n'a deixem perecer por completo, pois que é daquellas terras ressequidas que têm partido os colonizadores da Amazonia; porque é ella que tem dado á nossa anthropologia o typo ethnico mais legitimamente brasileiro, denominado pelos especialistas "o cearense", mas que engloba, de facto, todo o habitante da zona semi-arida do nordeste; e porque aquellas mesmas terras, hoje improductivas, se tornarão ferezes se tiverem a beijal-as perennemente a gota d'agua de um rio permanente.

Esses dois factos são na sua singela apresentação o grande problema autarco-politico do Brasil: o desencontro de interesses economicos e raciaes, entre o Sul e o Norte. São os dois pedaços do grande bloco nacional, agindo em um centrifugismo condemnavel, mas irresistivel, se a elle não se contrapuzer, a tempo, o correctivo indispensavel. O espirito regionalista resumbra da linguagem dos dois jovens e brilhantes patricios, embora ambos sejam dois patriotas de fina agua, muito preocupados com o futuro do proprio Brasil; mas não podem, ao escrever, se furtar á influencia do proprio meio physico que os gerou, porque cada um de nós tem, queira ou não queira, de pagar esse tributo fatal á terra em que vivemos. E' por conta desse fatalismo geographico que decorre a apresentação e a aggravação do dissidio entre o septentrião e o meredião do paiz.

Se, por um lado, a vastidão do nosso paiz é uma riqueza latente de importancia, porque, sendo grande, pode encerrar variadas "possibilidades" economicas, e abrigar uma formidavel massa de população,— por outro, aquella extensão é um mal enor-

me, porque permite notavel differenciação ethnica. Essa differenciação tende a se aggravar com o tempo. Vae nascendo o espirito regionalista, a principio hesitante, depois, mais ousado, se exteriorisando na literatura, em congressos regionaes, em medidas de guerra aduaneira com a criação de impostos inter-estaduaes, com a irritação reciproca sob diversas modalidades e aspectos.

Ha, sem duvida, meios e modos de corrigir essa fatal differenciação; mas isto é assumpto de grande vulto, que não posso abordar em um curto artigo.

A questão capital é que, para impedir os efeitos dessa differenciação, nada se ha feito nestes ultimos tempos, senão accental-a com um regimen politico inadequado.

Federalismo e desunião

O excessivo federalismo que foi implantado aqui por macaqueação aos Estados Unidos, já vae dando os seus maleficos frutos. Nunca o federalismo poderia florescer bem nesta parte da America. O problema politico das colonias ibericas ao se tornarem independentes era, de facto, mui diverso do problema da constituição da nação norte-americana ao se libertar da Inglaterra. Como diz tão brilhantemente o illustre historiador de "Bolívar e Washington" — "en los Estados Unidos, federar era unir, atar lo disperso, hacer de la primera confederacion laxa, provincial y divergente, un conjunto nacional, mientras que sus imitadores en la America del Sur entendian y intienden por federar todo lo contrario de lo que expresa la palabra, pues para ellos un sistema federal era, en la teoria, la separacion sistematica, de partes que habian estado ligadas bajo un poder central y en los hechos, una dissolucion de la sociedad reducida a focos locales."

Seria injustiça dizer que o federalismo provocou o problema: — apenas o está pondo em fóco, mais rapidamente do que seria de esperar, se houvessemos nos mantido no regimen unitario.

Como quer que seja, as queixas ahi estão, e a voz do sr. Gentil Ferreira nada mais fez do que reavival-as, depois de se ter perdido pela negligencia inacreditavel do governo actual a obra benemerita do sr. Epitacio Pessoa, que procurou restituir o nor-

deste á communhão brasileira. Ha quem diga que o ex-presidente só se movera por interesses de popularidade naquella zona, mas não é menos verdade que elle estava realmente prestando um grande serviço a todo o Brasil. E eu que não temi censural-o quando d'elle divergi em outros assumptos, não devo calar o elogio de que elle é grande merecedor. Suspender, ou sequer retardar, aquelle empreendimento, fêre menos os interesses politicos do sr. Epitacio Pessoa, a quem se pretendia talvez vizar, com a cessação das obras, do que á integridade nacional do Brasil.

E' um crime, como disse o orador dos engenheiros de 1925, e que se ha feito inutilizando o esforço do presidente anterior. Que se não acabasse um quartel dos muitos que a Companhia Constructora de Santos administrou, no quadriennio passado, comprehende-se; que se abandonassem de novo, egoisticamente, á sua miseria, os nordestinos, nossos irmãos, victimas de um clima inhospito, não; é, de facto, um crime. Eis por que não contive o meu entusiasmo e quebrando o formalismo official sahi, sem tardança, da minha cadeira na Congregação para ir estreitar em um effusivo abraço o meu antigo alumno, que com tanta energia e coragem, não temia exprobar o procedimento do actual governo.

Auxiliar o Nordeste não significa abandonar o Sul, e especialmente abandonar S. Paulo nas crises acaso occorrentes na venda do seu — do nosso — producto principal de exportação. Ao contrario. Não pode haver um brasileiro que se não orgulhe com o esfoço refulgente daquella terra.

S. Paulo tem como principal factor do seu progresso um elemento raramente citado: — seu clima estimulante. O planalto brasileiro offerece, dos campos de Piratininga até o Rio Grande e até Goiaz, excellentes condições meteorologicas que facilitam as culturas da terra e que dynamisam as energias do homem. Eis a causa primordial da rapida evolução economica do Sul: — o homem é, acolá, mais activo, porque o clima não o torna tão nirvanico, como no resto do Brasil. Ratzel acha que o predomínio da Prussia sobre o Sul da Allemanha se deu em virtude de viver aquelle povo em regiões mais frias, e Huntington, em toda a sua obra, demonstra a efficiencia energetica de certas latitudes. O Brasil não podia escapar á regra dogmatica. O predomínio geopolitico do Sul sobre o Norte teria de se dar e se deu. Isto

não é culpa nem de uns nem de outros. Ninguém é culpado de ser organicamente mais fraco e menos productivo que outrem, e ainda menos de ter nascido e de viver corajosamente em um clima hostil.

Não podemos desprezar ou ligar pouca importancia ás populações do Nordeste e do Norte, senão louval-as pela energia com que lutam sem cessar contra calamidades varias.

O que cumpre ao Sul (e sou tanto mais insuspeito para falar, quanto, sendo fluminense, sou sulista) é não abandonar o Norte ás suas fatalidades geographicas. Nisto é que o Homem se mostra um agente geographico intelligente: — sabendo corrigir ou attenuar os effeitos esmagadores do meio physico.

E' o que, por exemplo, fazem os norte-americanos das boas regiões do Atlantico para com as terras deserticas do Far-West. Empregaram capitães immensos para irrigal-as e cultural-as. E conseguiram. E' isto que deve fazer o "paulista" (assim chamando genericamente o habitante do planalto meridional do Brasil) para com o "cearense" (ou seja com o filho de todas as terras do nordeste do nosso paiz): auxilial-o e amparal-o.

Transmutação do sangue

Para tanto será de grande valor a entrada continua de estrangeiros, que nos trarão do Norte da Europa ou da sua região mediterranea o sangue vivo para o aperfeiçoamento do typo ethnico nacional. Caldeamentos successivos, sempre com gente recém-chegada, portadora de grandes energias vitaes, irá fazendo um typo crioulo de condições excellentes.

O estrangeiro traz-nos a ambição que é uma grande virtude social, pois que é ella que supera difficuldades. O desalento, a passividade, a resignação conduzem ao anniquilamento.

Ora, essa louvavel ambição já existe no Sul, principalmente nos filhos de estrangeiros, que se tornaram ricos e poderosos. E' esta gente rica com sangue amarello, na feliz expressão de Plinio Salgado, que está dando o novo sangue azul da futura aristocracia paulistana.

E' isto, realmente, o que se ha observado sempre — desde as cruzadas e aqui mesmo entre nós. São dos energicos (chame-

mos os que têm sangue vermelho) que se formam os abastados (ou sejam os de sangue amarello), que com o tempo, a educação, a pratica das artes liberaes vêm a dar a élite intellectual e social do povo, quer dizer, a gente do sangue azul. A transmutação de sangue na evolução geopolitica do Brasil coincide, como se está vendo, com as cambiantes do espectro solar, do vermelho ao amarello, e do amarello ao azul. Depois, aqui como algues, o sangue azul se dilue, se esbate, se lymphatiza na ociosidade dos incapazes, até que novas injeções de energia rubra revitalisem o organismo combalido.

O "paulista" tem tido a tonifical-o o clima favoravel e o imigrante pertinaz; o "cearense" se forma pela acção secular do Equador, actuando sempre sobre elemento nativo, isto é, refundido sem o affluxo de fortes correntes vindas das zonas temperadas.

Atenuar essas differenças por uma educação commum, por uma organização judiciaria e administrativa concordante, por um intercambio permanente de favores e de productos, por um "Zollverein" intellectual e moral, eis o dever do grande agente geographico activo — o Homem — representado pelos governos e pelas classes dirigentes do Brasil.

COOPERAÇÃO ALLEMAN NO BRASIL (*)

Triplice cooperação

A cooperação allemã para o desenvolvimento economico da minha Patria — Brasil — é de tres ordens differentes. Em primeiro lugar, deve ser citada a collaboração propriamente colonizadora, isto é, a do colono allemão, que vem morar e cultivar um pedago do sólo brasileiro, derrubando a floresta virgem. Em segundo lugar, ha o allemão que vem directamente para a industria como operario ou empresario, e aquelle que se dedica ao commercio e aqui chega caixeiro para acabar, não raro, dono de grandes estabelecimentos. Finalmente, ha ainda os allemães que influiram nas sciencias e nas artes para o desenvolvimento cultural do paiz, fazendo conhecer os valores economicos (mineraes, plantas e animaes) do territorio brasileiro em regiões ainda não muito conhecidas.

São tres influencias bem diversas e todas tres muito interessantes.

O Brasil, como todos os paizes americanos e especialmente sul-americanos, descobertos no correr dos seculos XV e XVI, tem enormes extensões territoriaes e ao mesmo tempo uma pequena densidade de população. No Brasil essa situação se aggrava pela circumstancia de ser enorme a sua superficie; basta dizer que a Allemanha de antes da guerra, com todas as suas colonias, caberia dentro do Brasil. Esse gigantesco territorio está em grande parte situado na zona torrida, e a visinhança do Equador não é propicia á vida dos europeus de climas temperados ou frios. E' preciso que a cobiça ou a necessidade os force a isso. Os habitantes estrangeiros do extremo norte do Bra-

(*) Este artigo foi originariamente escripto para apparecer em uma revista allemã que m'o havia pedido. Será aproveitado, com modificações, na Estrutura antareo politica do Brasil, quando estudarmos a cooperação estrangeira na constituição do nosso povo. Estudos semelhantes faremos sobre os italianos, polacos, tcheques e outros que têm contribuido poderosamente para a formação do nosso typo ethnico e para o fortalecimento da economia nacional.

são quasi que exclusivamente os primitivos descobridores, os portugueses. Acolá vive, porém, um typo de homem especial, resistente ao clima e inconfundível com qualquer outra raça. E' o que nós chamamos o nortista, de têt fortemente trigueira e musculatura de rigidez especial.

Houve um inicio de colonização hollandeza no seculo XVII na região de Pernambuco, onde o Conde Mauricio de Nassau deixou vestigios varios. Não ha ao Norte do Brasil nucleo preciso de colonização allemã. A região meridional a partir do Estado do Espirito Santo já é, porém, favoravel á implantação dos colonos europeus.

A civilização custou, porém, a vencer certos obices naturaes para penetrar, mesmo no Sul, o interior do Brasil, chamado sertão. E' que entre a zona costeira baixa, mas pouco larga, e o planalto interior, ha uma grande serra, a Serra do Mar, de difficil accesso, quasi intransponivel. Só em meados do seculo XVII é que se dá o desbravamento do sertão brasileiro pelo portuguez, que galgou a Serra do Mar, e estendendo os olhos pelo planalto enorme, pôde ver, então, como o Brasil era grande e havia de ser um factor economico importante no concerto mundial. Mas as columnas (bandeiras) de portuguezes iam quasi que só a procura de ouro (que encontraram, encontrando tambem o diamante), da prata e da esmeralda (que não atheram): não se importavam com as grandes montanhas de ferro, que tão grande papel hão de ainda representar no futuro da nação, e não se faziam agricultores. Preferiam trocar os productos mineraes que arrancavam da terra virgem com os alimentos e objectos manufacturados que faziam vir de Portugal. Essa phase de penetração havia de ter um paradeiro, porque um paiz só está effectivamente constituido quando se pôde prover a si mesmo. O exemplo da Allemanha, durante a guerra, ha de ser citado por muitos annos na historia. A grandeza da Allemanha na Grande Guerra foi tão gloriosa pelos feitos guerreiros como pela longa resistencia ao bloqueio. Um paiz de grande extensão territorial como o Brasil, com variedade de climas e de terrenos, precisa ser agricola. O Brasil já tornado independente (7 de Setembro de 1922), isto é, depois de se ter separado politicamente do reino de Por-

tugal, ainda lhe ficou durante muito tempo vassallo sob o ponto de vista economico. Só quando os seus dirigentes viram a necessidade de fazel-o, de facto, agricola é que se iniciou a independencia economica. Começaram, então, a ser favorecidas as correntes immigratorias.

O allemão colono

E' deste periodo, cujos antecedentes historicos assim summariamente esboçamos, que data a vinda do allemão colono para o Brasil. O allemão, o austriaco e o hungaro, assim como os tchecos e polacos que procuraram o Brasil, ou por meio de agentes de immigração ou expontaneamente, encaminharam-se naturalmente para as regiões mais temperadas. Essas regiões são as do extremo Sul do Paiz (Paraná, Santa Catharina, Rio Grande do Sul), onde pela latitude os invernos já são relativamente bem frios, ou então outras mais septentrionaes, mas neste caso implantadas nas montanhas, como Itapequirim (no Espirito Santo), Petropolis (no Estado do Rio), Juiz de Fôra (no Estado de Minas), e varios lugares do Estado de S. Paulo. Não ha, no Brasil, região alguma de inverno penoso como na Europa. Em dia algum do anno temos temperatura demoradamente muito abaixo de zero. Em um ou outro lugar, citam-se exemplos raros de taes temperaturas. A população pobre não precisa nunca de aquecer as casas; basta o agasalho forte de lã. Em Petropolis, no mais rigoroso inverno brasileiro (Julho e Agosto) vi creanças allemãs de capote e pé no chão. Si ha essas vantagens, de ausencia de inverno, ha, porém, o contrario, o terror ao calor do verão. A esse, o colono allemão custa a se habituar. Acostuma-se, então, a usar o minimo de vestuario. Uma calça de brim, uma camisa de peito aberto, grande chapéo de palha e pé no chão. Esse habito do "pé no chão" acompanha o colono até muito mais tarde, quando, enriquecido, se faz pequeno industrial. As donas de casa na região colonial allemã, assim como as creanças, andam sempre de pé no chão. Foi o calor excessivo que as obrigou a isso, embora o pé no chão seja um perigo pela infiltração de certas molestias, como o tetano e a ancylostomiasse, ou simplesmente do bicho de pé que pôde trazer erisipelas. Mas, compensando o exces-

so de calor com o menor rigor do frio, essas regiões são favoráveis á localização dos allemães.

Ha, mesmo, localidades excepcionalmente propicias para o allemão prosperar. São as regiões das montanhas do Sul do Brasil; São Bento é, por exemplo, um lindo sanatorio, de clima esplendido. Dessas montanhas, o terreno se estende por um largo planalto pelo paiz a dentro. Paiz quasi desconhecido, cheio ainda de mattas, propicio á colonização intelligente.

Mas, mesmo as terras baixas do littoral, nas latitudes de Santa Catharina, nunca foram prejudiciaes aos advenas; tanto assim que ali se implantaram elles.

Novos bandeirantes

Tiveram de lutar; foram bandeirantes de outra especie. Também desbravaram a matta virgem, não para fazer picadas de caminhamento em procura de uma prata hypothetica ou de uma hypothetica esmeralda, mas para transformarem os 25 hectares de terra do seu lote em um terreno de cultivo. Pagando a longo praso o terreno, pôde o colono reunir elementos para fazer, a principio, uma choça e depois, uma casa; para comprar uma carreta e tres cavallos; para adquirir vacas; para ser proprietario de porcos.

A colonia é uma longa estrada dividida em lotes de 200 a 250 metros de frente com 1000 a 1200 de fundos, isto é, uma extensão superficial de 20 a 30 hectares em média. Lado a lado, sem solução de continuidade, portanto, succedem-se as propriedades. Quasi todas são semelhantes, havendo um trecho em varzea e um trecho em morro. Ora é maior, ora é menor a extensão de plano, mas sempre existe parte de um e parte de outro. Recebem porém o terreno, coberto de matto, o matto especial dos nossos climas quentes e humidos. Ha arvores enormes, de troncos espessos que o machado do colono leva dias para derrubar e ha o matto ralo que se intromette por entre os grandes robles e faz com que a nossa floresta virgem seja de difficil penetração. A floresta, porém, embriaga pelos aromas fortes que exhala e pela polychromia das flôres em variados tons.

O primeiro trabalho do colono é derrubar-a, o que custa bastante e com o que se desencorajam muitos dos que aqui chegam, vindos de paizes onde não ha, a bem dizer, florestas virgens, porque todas ellas já foram domadas pelo Homem. Varios escriptores allemães, domiciliados no Brasil, têm descripto as phases de lutas e vicissitudes dos primeiros tempos de colono. (Vide Wolfgang Ammon). Não me vou deter em descrever. Prefiro falar dos que venceram, dos que dominaram a terra.

Como é lindo o aspecto da colonia depois de toda povoada! Esse aspecto impressiona bem a todos os brasileiros, filhos de outras regiões, e que visitam as terras de seu paiz onde predomina a colonização allemã. E como é differente — para melhor — o que se vê ali, no asseio, na boa ordem, na elegancia, daquillo que nos é dado observar em outras colonias!

O colono que vence, torna-se proprietario, compra logo cavallos e carretas com que possa levar os seus productos aos centros populosos. A sua producção é, em geral, não a do agricultor propriamente dito, mas a de um pequeno industrial. As plantações são feitas com o fim quasi unico de dar alimento ao proprietario e ao gado. Só excepcionalmente vendem o milho, o feijão, a mandioca, a canna de assucar.

O objectivo do colono é essencialmente este: — produzir uns tantos litros de leite por dia para ser levado ao engenho onde se fabrica a manteiga e o queijo, e por outro lado ter uns tantos porcos para delles extrahir a banha e vender a carne depois de salgada. Essa é a industria da grande região colonial de Santa Catharina, cujo centro é Blumenau de um lado e Joinville de outro. Ha por parte dos luso-brasileiros uma industria analoga no Estado de Minas Geraes, mas aqui não ha propriamente a divisão da propriedade em um sem numero de lotes, mas, ao contrario, ha a grande propriedade — as grandes fazendas de criação — exploradas por um unico proprietario tendo ao seu serviço muitos empregados. E' differente, portanto. Aqui, ha um homem que fica muito rico; lá, ha uma porção de individuos que acabam remediados, mas enriquecem o paiz.

Elevação social

Ha, naturalmente, algumas pessoas que pela capacidade emprehendedora sobem mais alto que os seus companheiros, ou porque economizaram mais, ou porque souberam fazer melhores relações. Estas se fazem industriaes de maior vulto. Montam a uzina de queijo, ou de banha, ou de fumo. Tornam-se centros de concentração de esforços. Em alguns lugares, generaliza-se o amor por uma certa industria, como, por exemplo, o cortume em New Hamburgo e Hamburgo Berg, e toda a gente fica sendo mais ou menos curtidor.

Esse amor á terra e ás industrias derivadas da agricultura e pecuaria se estende de paes a filhos, e assim é que as novas colonias que se estabelecem mais para o interior do paiz já vão sendo povoadas pelos descendentes dos primitivos colonos aqui chegados. Em regra a concorrência se dá mesmo entre esses filhos ou netos de allemães e os novos allemães que chegam. É evidente que os primeiros vencem porque já estão, desde o berço, habituados ao clima e ás condições de vida, ao passo que os recém-vindos têm de fazer essa adaptação em idade adulta e com muito maiores difficuldades. E' uma luta calma e amiga, onde não raro o acclimado presta auxilio ao novato, mas nem por isso deixa de ser uma luta economica.

Em certos pontos mais favoraveis da colonia forma-se o núcleo de população, a aldeia, depois villa e mais tarde cidade. É uma méra concentração occasional. E' a estrada colonial adensada em população. Não ha ali uma cidade nascendo de chofre, projectada por engenheiro, planejada antecipadamente.

Ha no Brasil, como nos Estados Unidos e outros paizes novos, innumeros exemplos de cidades creadas primeiro no papel, e, depois, locadas no terreno. Desse modo surgiram, no Brasil, Teresina ao Norte, Bello Horizonte ao Centro e Curitiba ao Sul. As cidades coloniaes, ao contrario. Ficam sendo a antiga estrada apenas com um maior numero de casas. Blumenau é, nesse tocante, typica. E' uma linguica com 6 kilometros de extensão. Santa Cruz, no Rio Grande, do mesmo modo.

Nesses centros populosos tendem a se formar, porém, de logo, outras industrias de maior vulto. Joinville é uma cidade in-

dustrial, fortemente industrial. Os grandes capitaes ali empregados são allemães. Ha fabricas de rendas e meias das maiores do Brasil. Em Blumenau, até hontem simples centro agricola, do mesmo modo já estão surgindo fabricas de tecidos e tecidos de meia de grande importancia. Pertencem a allemães e a filhos de allemães.

E' assim, pois, que evolue o colono allemão que chega ao Brasil.

Na industria e commercio

A segunda corrente emigratoria allemã introduzida no Brasil é representada pelas varias pessoas que partem da Europa, destinando-se ao commercio ou á industria, ou por aquell'outras que, vindo sem um destino certo, aqui se fazem commerciantes ou industriaes. O grande talento que os brasileiros reconhecem nos allemães é, sem duvida, o do commercio. O brasileiro, como o latino em geral, é pouco affeito ás habilidades da technica commercial, em que se exige actividade de um lado, mas ruserie de outro. Não se percebe mesmo como o allemão, em regra tão credulo e até certo ponto ingenuo em problemas politicos internacionaes, revela tamanha arte em se tratando de assumptos commerciaes.

O facto é, porém, que o allemão tem, geralmente, successo no Brasil, quando se encaminha para o commercio.

O Rio de Janeiro é um exemplo. O commercio no Rio era especialmente de portuguezes e francezes. Pouco a pouco os allemães vieram chegando, estendendo a sua rêde de actividade commercial e, em pouco, eram senhores do mercado, asphyxiando por completo o commercio francez e alliando-se ao commercio portuguez, do qual se tornaram os principaes fornecedores. A abertura de credits longos para os pequenos commerciantes, a correspondencia na lingua destes (os francezes e inglezes se correspondem predominantemente nos seus proprios idiomas), a facil adaptabilidade aos modos e gostos da freguezia, fazem do allemão no Brasil o *nec plus ultra* do commerciante. A guerra, supprimindo quasi as relações com a Allemanha, veio mostrar como eram queridos e estimados os productos allemães

e, principalmente, a maneira allemã de commerciar. Os americanos naturalmente introduziram-se no mercado, mas não puderam, findas as hostilidades, e restabelecido o intercambio com a Europa, manter as posições conquistadas.

Pouco a pouco, o commercio brasileiro e portuguez se foi voltando para a antiga corrente amiga. Hoje os allemães quasi reconquistaram as antigas posições e, si mais não fazem, é por culpa da difficil situação politico-economica de sua patria.

Contra as casas allemãs, mesmo antes do Brasil romper em guerra, se voltaram os odios dos concurrentes, com o estabelecimento da lista negra, onde as maiores mesquinhasias foram feitas. Perdiam seus creditos todas as casas brasileiras ou portuguezas que directa ou remotamente tivessem relações commerciaes com allemães. Pois bem; apesar da terrivel campanha anglo-franceza, houve brasileiros que se mantiveram fieis á sua antiga amizade e preferiram entrar na lista negra. Isso prova como são boas e intimas as relações de amizade entre as casas e bancos allemães e as casas luso-brasileiras.

O commercio allemão é dos mais fortes — senão o mais forte — no Brasil e, apesar da guerra em que também entrou com o meu paiz, ainda é poderoso.

Não vale a pena citar nomes de casas porque pareceria uma reclamação e porque omissões seriam praticadas, mas basta que eu diga — sem receio de contestação — que elle occupa lugar de destaque.

Com a industria tem, no Brasil, também se occupado allemães. Para ella têm ido quer os que prosperam no commercio, quer os que se encaminham bem na agricultura colonial do Sul do Brasil. A principio, a industria allemã foi apenas a da cervejaria. Não havia uma fabrica de cerveja que não pertencesse a individuos dessa nacionalidade. Depois, vieram, porém, outras industrias. Em rendas, — são afamados os Hoepeke de Santa Catharina e os Arp de Joinville. Em Blumenau vi uma enorme fabrica (de Hering & C.) de tecidos de meia. S. Paulo está cheio de fabricas allemãs, assim como o Districto Federal e os Estados do Rio e Minas. Os cortumes allemães de São Leopoldo e Santa Cruz (em Rio Grande do Sul) concentram em suas mãos, a bem dizer, a especialidade no Brasil.

Na Bahia, a industria do fumo é quasi exclusivamente de allemães, concentrada nas mãos dos Dannemann, cujo espirito de patriotismo e de generosidade é por certo tão conhecido no Brasil como na Allemanha.

Essa habilidade commercial e industrial passa de paes a filhos. Os Rheingantz, da cidade Rio Grande, já não são allemães de nascimento, mas são riquissimos e poderosos industriaes de tecidos. O mesmo se póde dizer do Sr. Alberto Bins, já brasileiro, mas um homem que é bem um expoente da capacidade teuto-brasileira e cuja "Granja Progresso", nos arraballes de Porto Alegre, é um modelo de organização, de que se utilizam até mesmo os governos quando desejam mostrar a visitantes estrangeiros o que vale o progresso no Sul do Brasil.

São exemplos esses citados ao acaso da memoria, mas que servem para mostrar a importancia da cooperação industrial e commercial allemã no progresso do Brasil.

Isto reconhecem todos os brasileiros. Mesmo no mais acceso da luta internacional, quando o desvairo do momento levou a população á pratica de actos de depredação á propriedade allemã, a parte sã e calma da população, a grande maioria da população, nunca applaudiu violencias e sempre testemunhou amizade aos allemães.

Um folheto valioso

Com o titulo deste capitulo appareceu, editado pela firma Theodor Locher, de Curityba, um folheto de 87 paginas em que o Dr. Aldinger, de Hammonia, reúne muitos dados sobre as diversas modalidades da cooperação germanica no nosso paiz.

O Dr. Aldinger, habitando uma zona catharinense, onde se tem feito especialmente sentir a benefica e intelligente cooperação allemã, estava em condições de dar um desenho vivido do que tem sido ella. Bastaria narrar o que se passa em torno da seductora Blumenau para que deixasse no leitor a mais lisonjeira das impressões. O objectivo do autor não é, porém, este. Elle ao envez de dar informações novas preferiu colligir, resumir e um pouco anotar a relativamente vasta bibliographia sobre o assumpto, destinando o seu trabalho — que propositadamente

vende por um preço assás barato, dez tostões apenas — aos seus patricios que vêm fazer vida no Brasil. Teve assim em vista mostrar a seus compatriotas o que tem sido, desde o descobrimento do Brasil, o esforço allemão no progredir e evoluir da nossa patria. O livrosinho tinha portanto de ser escripto em allemão, dado o destino em mira. Aliás, a relativamente vasta literatura a que me referi, também é escripta nessa lingua. Em portuguez pouco ha — que eu saiba; e o pouco que ha, está extraordinariamente espalhado por toda parte, em revistas, jornaes e folhetos. Disso estou em condições pessoaes de poder informar, porque tenho tido muitas difficuldades para colligir dados a tal respeito.

O trabalho do Dr. Aldinger tem a vantagem de resumir, em phrase simples, sem grandes requintes literarios, mas por isso mesmo de facil accesso a todas as intelligencias, o que de principal ha no assumpto. A volumosa obra do Dr Hinden — “*Deutsche und deutscher Handel in Rio de Janeiro*” — publicada por ocasião do centenario do Club Germania (1921), é rara e, além disso, de difficil consulta, porque os factos e personalidades, de que trata, vão apparecendo sem destaque especial, no desenrolar da historia daquelle Club, que é o objectivo principal do trabalho. O pequeno, mas excellente estudo do Sr. Freidrich Sommer — “*Deutsche Characterbilder*” — é também muito restricto, occupando-se com oito apenas das multiplas individualidades allemãs que estiveram no Brasil. A consulta aos escriptos, varios, eruditos mas também muito disseminados por toda a imprensa, brasileira e allemã, do Dr. Clemente Brandenburger, não podem estar ao alcance de toda a gente. A collecção Rottermund tem varios volumes de interesse. Não posso, porém, citar aqui toda a literatura sobre o assumpto, que é, como disse, vasta e por isso mesmo de trabalhoso manuseio.

Por todos esses motivos a obra do Dr. Aldinger vae ser util porque por ella se poderá ver como tem sido polymorphica a actuação do espirito germanico na formação da nossa nacionalidade. De facto, “a cooperação allemã, como diz elle, começa com o desenvolvimento politico e cultural do Brasil até os dias de hoje”.

A concatenação da obra está racionalmente feita, pois estabelece as grandes divisões sob o ponto de vista historico, subor-

dinando as sub-divisões ao caracter especializado da respectiva actividade cultural, seja scientifica e artistica, seja commercial, seja de mera colonisação. E’ impossivel fazer em tão poucas paginas — eu que o diga! — um trabalho completo e perfeito; mas o folheto em questão é um bom resumo.

Allemães na historia do Brasil

Poucos brasileiros saberão, por exemplo, que entre os 400 homens que Martim Affonso de Souza trouxe para o Brasil em 1530 achavam-se também allemães. Isso consta da narração da viagem feita por Pero Lopes de Souza, irmão do donatario. Logo depois (1547) visita-nos Hans Stadten, de Homburg em Hesse. A primeira narrativa sobre o Brasil em lingua não portugueza é realmente a de Hans Stadten e apparece em Marburg em 1557.

Esse opusculo fez conhecida a nossa terra fóra do ambiente lusitano e foi traduzido em varias linguas graças ás curiosas informações que dava sobre os nossos incolas, dos quaes havia estado prisioneiro.

São quasi da mesma época Heliodorus Hesse, Peter Roesel e Ulrich Schmiedl, que, por motivos diversos, actuam na nossa historia.

Vê-se assim, bem claramente, como desde os primordios da nossa vida nacional encontra-se o allemão, como um amigo da nova terra de adopção, como um trabalhador intellectual, indefesso no desvendar os nossos valores, como um collaborador da nossa obra de constituição ethnica.

Todos nós nos lembramos do entusiasmo que nos causavam, quando principiavamos os nossos estudos de historia do Brasil, as façanhas e martyrios do “Bequimão”, no Maranhão, em 1684, nos iniciais movimentos da nossa independencia. O “Bequimão” é afinal Manuel Beckmann, um teuto legitimo, domiciliado em S. Luiz. Mais tarde, de 1766 a 1788, surge a figura do General João Henrique Bohem, que defende o Brasil dos ataques de Castella nas provincias meridionaes. Talvez tivéssemos perdido — para augmento do poder argentino — se não fôra a brilhante conducta desse allemão.

No momento da Independência brilham, em destaque, os nomes dos teutos J. K. A. von Oeynhausen e General D. N. Mueller, aquelle tendo mesmo figurado na primeira junta governativa de S. Paulo, proclamada logo depois de declarado o movimento de separação de Portugal.

E' dessa época a vinda para o Brasil de Guilherme von Varnhagen, pae que havia de ser do nosso tão querido Visconde de Porto Seguro, e de Luiz Guilherme von Eschwege. São dous engenheiros de minas, ao primeiro dos quaes se deve a criação dos fornos de ferro de Ipanema e ao segundo, os mais solidos estudos sobre a geologia do Brasil em geral e especialmente de Minas Geraes. Calogeras, nas suas "As Minas do Brasil" põe em assignalado relevo o esforço e a competencia de ambos esses allemães.

Cooperação intellectual

A viagem da Princeza Leopoldina da Casa da Austria, que tão infeliz havia de ser com o seu dissoluto esposo Pedro I, provoca o encaminhamento para o Brasil de innumerados sabios. Spix e Martius — ambos tão conhecidos nos nossos meios scientificos — nos são enviados pela Côrte da Baviera. Martius deixa para columna monumental da sua gloria, a formidável "Flora Brasiliensis". Acompanham a princeza o zoologo Natterer, o Professor Mikau, o medico Dr. Pohl, que todos cooperam, cada qual na sua especialidade, para um melhor conhecimento do Brasil.

Impossível será em um curto artigo dizer de cada nome allemão, que, em especialidades diversos, trabalhou pelo nosso engrandecimento.

Os Langdorffs, os Max von Wied, os Tautphoeus, os Halffelds, os Rugendas, os Ave Lallemand, os Blumenau, os Schaffer, os Burmeister e tantos e tantos outros são nomes de artistas e scientificos que ficam ligados á nossa patria e com as suas glorias mundiaes arrastam tambem o conhecimento desse querido Brasil.

Os homens de sciencia e os artistas visitam, vêem, permanecem um pouco e, depois, partem de novo. "Aber der Bauer bleibt", como diz o Dr. Aldinger, mas o camponez fica. Este é

e propulsor, modesto, humilde, imperceptivel quasi, do nosso progresso nas colonias que se fundam. Leopoldina, Ilhéos, Petropolis, Friburgo, Joinville, Blumenau, S. Leopoldo, Santa Cruz, são os nucleos fixadores do homem probo e trabalhador que se vem misturar na nossa nacionalidade, trazendo-lhe sangue novo e novas energias e que vem a produzir o mestiço teuto, nacionalista ferozmente amigo da terra onde nasceu. Da formação historica de algumas dessas colonias trata o livrozinho de que me venho occupando.

E' pena que a revisão do trabalho tivesse sido mal feita, quer no allemão, quer no portuguez. Neste principalmente, ha um erro que, por ser repetido, se torna imperdoavel. E' assim que o nome do nosso Estacio de Sá, figura como "Epitacio de Sá". Ha outros menores que precisam de mais attenta correção quando o trabalho apparecer em segunda edição.

A cooperação allemã no Brasil pôde ser bem aquilatada com uma visita ao Museu Nacional do Rio de Janeiro. Dentre as 39 salas desse estabelecimento, nada menos de 11 são consagradas em homenagem a allemães. São elles — Eschwege, Virchow, Humboldt, Spix, Burmeister, Schreiner, Maregrav, Fritz, Muller, Wied, Natterer, Martius e o teuto Varnhagen. Convém notar que o Museu só presta homenagem identica a 12 brasileiros, incluídos nesse numero os portuguezes do tempo colonial, a oito francezes, a dous inglezes e a dous americanos.

Não ha como negar a decisiva influencia dos allemães nos trabalhos de desvendar ao mundo as riquezas e possibilidades brasileiras.

PROSPERIDADE DO SUL E O PARCELLAMENTO DO SOLO

O bem estar dos particulares

Quem quer que visite os nossos Estados do sul, fica agradavelmente impressionado com o progresso material e relativo bem estar da população, ao lado, às vezes, de governos enalacrados ou sem orientação segura na direcção dos publicos negocios. Esse bem estar decorre da capacidade de trabalho da grande parte da população, occupada em pequenas lavouras e pequenas industrias.

As grandes industrias, como por exemplo, a de cerveja, no Paraná, já começam a ser asphyxiadas por pesados impostos, meio que os governos encontram para corrigir as orgias financeiras de outros maus governos. A pequena industria e a pequena lavoura, essas, vão podendo ainda viver; e é nellas que se empregam muitos dos possuidores de pequenos lotes de terra em que está subdividida grande parte do territorio local. São as colonias, pois, a causa principal da prosperidade do sul.

E' um encanto ver algumas dessas colonias. Allemães, polacos e italianos são os colonisadores bemfazejos do nosso sólo, verdadeiros bandeirantes dos tempos modernos, que desbravam, com coragem, a matta virgem para ali fazerem a roça, a cultura, em seguida, e afinal, a industria. Essa luta formidavel entre o colono corajoso e a floresta agreste, nos é descripta de modo vivo pelo romancista allemão Wolfgang Ammon, na sua novella "Familie Rottorff im Urwald" (ein Lebensbild aus Sudbrasilien). Na luta vence o homem quando está elle preparado para as condições locais, já pelo conhecimento que tenha travado na sua patria com o trabalho agricola, já pela pertinacia que emprega para tornar-se possuidor de uma pequena porção de terra. Os fracos e os maptos são vencidos. Dahi resulta que aquillo que o observador chega a ver é um forte punhado de gente disposta a vencer.

Com a vinda desse povo de trabalhadores, justamente ambiciosos, com ansia de constituir fortuna, só pôde lucrar o Brasil, principalmente si elles não são trabalhadores nomades, como em

certas zonas paulistas, tendo por quasi unica função social economica enviarem o dinheiro para as respectivas patrias.

O colono que adquire um lote de terreno, uns 20 hectares de terra, fica amarrado ao sólo brasileiro, aqui constitue familia, aqui produz filhos para o nosso exercito, aqui vem a ser um coeficiente de augmento permanente da nossa população. E' um elemento de prosperidade real.

Si, além dessa capacidade de trabalho é elle portador de uma cultura superior, é o novo colono um elemento ainda mais importante de prosperidade, desde que saibamos nós colher com geito e beneficio para o Brasil os frutos dessa mesma cultura. O colono analphabeto, que aqui aporta, traz o braço, mas traz, tambem, a indolencia intellectual, o amor á rotina, e pouco se incomoda que os filhos fiquem o que elles já o eram na sua patria europeá. Têm, apenas, a ambição do dinheiro. São um factor quasi nullo no nosso desenvolvimento intellectual. Se, ao contrario, elles chegam de uma patria onde ha a obrigatoriedade do ensino, onde saber lêr não é um luxo superfluo, tendo assim, habitos de relativo conforto da intelligencia, procuram naturalmente que os filhos aprendam tambem, para que não fiquem mergulhados na triste e negra ignorancia do nosso "Jeca" bom, simplorio e desambicioso. O colono que nos traz esse contingente de ambição intellectual é, portanto, muito mais valioso (por isso que eleva, lentamente embora, o grau da cultura popular brasileira) do que aquelle que apenas tem a ambição do dinheiro, porque essa ambição do dinheiro todos os que aqui aportam a têm, e só aportam aqui porque a têm. O brasileiro bohemio e imprevidente despreza essa ambição, mas, devemos nos lembrar que é ella que faz a prosperidade das pessoas, assim como dos povos.

Blumenau, a encantadora

Realizando esses dois "desiderata", temos, no Sul, a colonisação allemã. O colono allemão, ou antes, o colono germanico, porque devem ser incluídos os austriacos e os tchecos, é um formidando elemento do progresso moral e material do sul do Brasil. Quem quizer ver uma pequena cidade encantadora, quem quizer examinar um municipio excellentemente administrado, que

com pequenos recursos financeiros consegue manter sem auxílios do governo estadual, estradas de rodagem quasi como as da Capital Federal, vá a Blumenau. Blumenau é um recanto formoso e é bem o exemplo de uma cidade colonial (pois agora é que começa a nascer ali a grande industria), posto de intercambio dos productos agricolas, transportados em carretas caracteristicas das regiões circumvisinhas. Ao lado dos productos da pequena lavoura, desenvolve-se a industria do leite, do queijo, da manteiga, assim como da banha e da carne de porco. Conseguem esses minusculos proprietarios abastecer, pela cooperação de esforços, quasi que o Brasil inteiro. E' um trabalho de formiguinha, mas que alcança resultados colossaes. Blumenau é um valle florido com commercio proprio, com varias escolas, com duas magnificas casas de saude, uma das quaes podendo servir de modelo para as melhores do Rio de Janeiro, com bibliotheca, modesta embora, de 10 a 12 mil volumes, mas com o conforto, enfim de uma grande cidade. Não é, no entanto, propriamente uma cidade, porque é a bem dizer uma rua, a antiga estrada colonial, que se estende ainda hoje até Gaspar, de um lado e, de outro até Itoupava Secca (Altona, na linguagem local), sempre bordada de lindas casinhas colonias. Que mimo que é Blumenau! A casa colonial! Não ha uma que não tenha o seu jardim cultivado, cheio de flôres, de trepadeiras, de grammados; que não tenha a sua varanda tambem florida, tambem confortavel, lugar onde se ha de dar o repouso da familia, á tarde, depois do trabalho fatigante; em cada janella uma cortina mimosa; em cada mesa, uma toalha reluzente de limpeza; em cada sala e em cada quarto, um pote com flôres, e sempre um canto, o cantinho adorado, onde ha a poltrona, a mesa e uma taboa ao menos com a bibliotheca, modesta embora, de 10 a 12 volumes, mas que serve de refrigerio intellectual aos moradores.

Isto é qualquer cousa de novo e quasi de sobrenatural, para quem está habituado a ver o agricultor ter uma choça para morada, vestir-se de remendos, ter a sujeira como elemento representativo da pobreza. Quem entrou um dia nessas horrendas pocilgas, que são as casas de trabalhadores de fazenda, e entra no lar do colono allemão, sente uma forte e agradável impressão. A propria casa, feita por elle, é caracteristica; em tijolo apparente,

rejuntao a cal e com prumos e traineis muito negros pelo pixe que empregam para melhor conservação, tem um lindo aspecto, pois se destaca pelas côres vivas, na extensão cultivada da propriedade.

Quem vê a região de Blumenau, com Hammonia e Braço Sul, tem visto o que são as demais colonias. Com o augmento da colonia surgem os pequenos nucleos urbanos, como o sergeiro, o vendeiro, o pharmaceutico, o dentista, o florista profissional, o agougueiro, etc., como em Neu-Berlim e Neu-Bremen da colonia Hansa. Isso se dá por toda a parte.

Joinville, que é hoje uma grande cidade industrial, teria surgido assim. Amanhã será Jaraguá, será São Bento, será o Anitopolis. O Rio Grande já havia dado São Leopoldo, Novo Hamburgo, Hamburgo Velho, Santa Cruz e tantos outros centros, que seria longo citar, quer lá, quer no Paraná.

O ambiente é sempre o mesmo. Progresso, bem estar relativo, pequenas fortunas pessoas, ausencia de grandes proprietarios latifundios que, como alhures, concentram em poucas mãos a riqueza, sugando-a do trabalhador, que permanece em miseria. A terra é aproveitada razoavelmente, pois até nos cocurutos dos morros, a floresta virgem é conservada para fins de irrigação e por ser a fornecedora de gravetos para lenha. Não ha desperdícios de energias para tirar em um só anno o trabalho que só se póde alcançar em muitos. Ao contrario, ha proprietario defendendo a terra que é "sua", que será dos filhos, a terra bem patrimonial, que precisa ser conservada como fonte de riqueza.

O livro e o baralho

Mas, o colono allemão tem ao lado disso o horror ao analphabetismo. Em cada logarejo surge, como cogumelo, um mestre-escola, que vai dar á creança a luz da instrução. Não ha colono, menos abastado, que não faça o sacrificio da quota pecuniaria para mandar o filho á escola. O allemão lê, lê sempre, e custa a vêr-se um que não esteja, na hora do lazer, agarrado a um livro, romance, revista ou "almanach". Visitando os hospitaes mixtos, de allemães e outros colonos, a observação se impõe ao menos perspicaz; na mesa de cabeceira de cada doente allemão ha um livro

ou jornal, que é de vez em vez lido e relido; nas outras, ou não existe cousa alguma, ou ha um baralho de cartas. Symptomatico ! O filho de allemão ha de, pois, aprender a lêr. O mestre-escola é um colono um pouco mais instruido, que, á tarde, reúne a "guryzada" em casa para o trabalho de desbravar o cerebro, como de dia desbravára a matta. Mas esse mestre-escola só sabe allemão e ensina, portanto, em allemão. Mas, que é preferivel ! Que fiquem creanças analphabetas ou que aprendam a lingua allemã ? Só os obsecados responderiam pelo primeiro alvitre.

Isso, praticado ha longos annos, com a desattenção dos governos brasileiros, monarchicos ou republicanos, provinciaes ou estaduaes, deu lugar a uma situação de facto, que a guerra veio aggravar e que o governo quiz resolver bruscamente, ao calor do momento, e que realmente não resolveu senão augmentar, pouco se está trilhando um caminho positivamente errado, como me convenci depois que lá estive.

Brasileiro, como me prezo de ser, com tanto amor á minha terra como aquelle que mais o tenha, vejo que estamos mantendo e aggravando um conflicto que se pôde, todavia, resolver de optima maneira, desde que haja boa vontade e tacto das pessoas enviadas para o mistér de ensinar a lingua nacional a uns tantos brasileiros que ainda a desconhecem.

ASSUMPTOS CENOPOLITICOS

INDICES DA CIVILISAÇÃO NO BRASIL (1)

(Indicação do modo de ser tentado o trabalho)

Comparação scientifica

Cada povo com um certo grau de desenvolvimento social tem a natural tendencia — quasi estamos a dizer, tem a instinctiva tendencia — de se julgar "civilisado", e, por outro lado, de considerar "barbaros" ou, pelo menos, com certos aspectos de "barbarismo" os demais povos, principalmente se estes são, por circumstancias quaesquer, seus tributarios ou seus inimigos.

Não é moderno tal conceito. De Grecia e especialmente de Roma herdamos essas idéas. Os povos de raça latina têm, ainda hoje, o preconceito de imaginar os povos germanicos, e os seus ascendentes historicos, Vandalos, Hunos e Godos, como elementos barbaros, no sentido de "atrasados", com muito pouco, ou mesmo sem resquícios de civilização. De nada valeram os estudos de Gobineau (2) e de Lavallée (3) mostrando a superiorida-

(1) Ver, para maiores detalhes sobre este assumpto, as obras de Alfredo Niceforo, pelas quaes está muito orientado este capítulo. Entre outras:

"La misura della vita", Torino, 1919.

"Antropologie der nichtbesitzenden Klasse", Leipzig e Amsterdam, 1910.

"Les indices numeriques de la civilisation et du progrès", Paris, 1923.

(2) Gobineau — "Essai sur l'inégalité des races humaines", 1854.

(3) Lavallée — "Histoire des Français", 1842.

de moral dos germanos, que trouxeram ao mundo o predomínio da moral christã na decomposição social do Imperio Romano, nem as phrases de Michelet (*) que falam, por exemplo, com justiça "da abnegação e desinteresse do genio allemão". São palavras isoladas. A idéa generalisada em França — e por ella disseminada entre latinos — é precisamente a opposta. Durante a ultima guerra um tal juizo se revigorou por uma propaganda tendenciosa, do bombardeio da Cathedral de Reims e do incendio da bibliotheca de Louvain. Da parte da Allemanha, existe o mesmo prejuizo de julgamento.

Os allemães se consideram um povo privilegiado e superior, á vista de cuja cultura ficam a perder de vista as outras civilisações. O grau mais elevado de cultura scientifica e moral estaria encarnado nelles. E sentem, por isso, um irreprimivel desprezo pelo atraso em que jáz a França. Não manifestam com ribombo essas opiniões, mas, realmente, esses sentimentos se anham em cada peito teutonico e se exteriorisam pelo asco que lhes causam certos actos francezes na zona de occupação "post-bellum": permanencia de tropas de côr, occupação de hospitaes e escolas por soldados, installação officiosa de bordeis, expulsão de allemães do solo patrio, etc.

França e Allemanha se pagam, pois, na mesma moeda. Cada qual se julga superior á outra.

Tomamos este exemplo por ser o mais palpavel na epoca presente. Mas quasi que o mesmo se dá entre cada dois povos rivaes. Todas as nações *leaders* enchem a bocca com a superioridade da "sua" civilisação. E, em cada uma dessas disputas, os estranhos, mesmo que quizessem, não poderiam fazer um julgamento perfeito. Perfeito ou approximado. E' que não tem havido até agora um estalão para aferir o "grau de civilisação".

Surge, então, em cada espirito a duvida: como estabelecer, com certo rigor, a comparação entre duas civilisações? Só o emprego de indices numericos ou graphics — é a resposta — dará visos de precisão a uma comparação que aspire cunho scientifico. Ha mesmo quem gradue o valor de um conhecimento "pela quantidade de mathematica" que nelle entra. A mathe-

(*) Michelet — "Introduction á l'histoire universelle".

matica fica reduzida a muito pouco, quando serve apenas para estabelecer uma certa relação numerica entre dois factos a comparar. Mas esse quociente é o *quantum satis* de mathematica para inculcar á sociologia um certo facies de precisão.

Quando se gradúa uma serie de phenomenos por meio, apenas, de adjectivos, dá-se uma descripção vaga, sem vigor. O adjectivo é poetico, é rhetorico, não é rigoroso. O numero, ao contrario, já deixa — embora muitas vezes não mereça tanto — a impressão da concisão scientifica.

Quando se diz que alguém tem febre, por se lhe ter tocado a testa com a ponta dos dedos, dá-se uma impressão; quando o mercurio registra no thermometro o numero 40° dá uma indicação. Dizer, portanto, que em um paiz o grau de civilisação é baixo ou elevado, porque "tudo está mostrando isso", é traduzir por vocabulos uma méra e gratuita impressão. "Tudo" em casos taes é quasi synonymo de "nada". O sentimento geral é de que se torna urgente traduzir essas vagas "impressões" por "indicações" precisas. Passar, porém, em um phenomeno qualquer, da descripção mais ou menos detalhada para a caracterisação numerica é dar um agigantado passo, é, em uma palavra, caminhar para o rigor da sciencia.

Ora, como estamos em um seculo em que não se prescinde, para tudo, do instrumental scientifico, em que tudo é controlado, comparado e "medido", claro está que nos phenomenos complicados da "civilisação" havia se de procurar fazer algo de analogo ao que já se pratica na physica, na chimica e na biologia.

Na determinação do grau de adeantamento de uma civilisação, longe ainda se está de querer uma mensuração absoluta. Muito será chegar, no presente momento, a bons resultados numericos comparativos. Assim, mesmo que não seja possivel declarar, pela sommação dos indices respectivos, que uma civilisação é boa ou má (valor absoluto), grande progresso se terá alcançado quando fôr possivel dizer com segurança que tal civilisação é superior ou inferior a tal outra (valor relativo).

Mesmo para alcançar um tão modesto resultado, as difficuldades têm sido gigantescas, porque sendo a civilisação um phenomeno social assás complicado, não tem sido possivel achar com facilidade os sub-phenomenos que devam, de preferencia, ser su-

jeitos á medição. Em outras palavras, a difficuldade tem residido em determinar os *symptomas* característicos da civilisação. E a difficuldade tem sido grande exactamente pelas controversias multiplas que ainda apparecem nos estudos sociaes. Cada observador julga um certo *symptoma* como o de maior valia e procura realçar-lhe a importancia, obscurecendo a de todos os outros. A indispensavel harmonia de vistas geralmente já bem sedimentada nas sciencias chamadas exactas, não existe no phenomeno a que nos estamos referindo. Dahi a indecisão de julgamento ainda reinante.

E' claro que, conseguida essa harmonia de vistas, ficaria muito facilitado — embora longe de estar resolvido — o trabalho de determinação dos indices numericos. Possivel seria obter logo a seguir a representação dos phenomenos *symptomatologicos* em analyse, por uma curva simples ou mesmo por uma recta. Obtida essa representação *graphica*, facil seria a sua traducção por meio das respectivas equações *analyticas*.

Isto que estamos dizendo não é um sonho; já está em via de realisação. Já ha varias equações (aliás simplicissimas, rectilineas) para a pintura de certos factos e *symptomas* da civilisação. Os phenomenos de movimento de população, do decrescimento de analphabetos, da mortalidade, da natalidade e outros podem ser representados por equações, do typo

$$J = a \pm bx$$

em que *a* indica a média de todo um periodo, e *b* a quantidade de que augmenta (+) ou diminue (—) essa média para cada periodo successivo de tempo *x*.

Como se alcançam esses brilhantes resultados?

Por um methodo em que toda gente criteriosa parece estar de accordo: o methodo estatistico, com o seu sequito de regras e preceitos para a determinação de média. O sociologo só edifica hoje em dia qualquer theoria quando pôde lançar as fundações do seu edificio utilizando-se da alvenaria que lhe dá a estatistica. Os mappas onde os numeros se enfileiram militarmente em columnas cerradas parecem a leigos cançativos e inexpressivos. Elles, no entretanto, quando intelligentemente manipulados, passam a falar com eloquencia e expressão.

Ha quem tenha allegado contra os methodos estatísticos, que elles por si nada valem. Exigem sempre habilidade e descortinio em quem os maneja. De facto. Mas as experiencias da physica e da chimica, os dados biologicos por si sós nada valem, e em mãos inespertas ficariam eternamente mudos. Só o sabio é capaz de tirar do material accumulado, conclusões geniaes. Não é, porém, possivel exigir que alguém tire conclusões se não lhe dão os elementos necessarios, isto é, se não lhe dão os instrumentos para experimentar ou as estatisticas para compulsar.

Carencia de estatisticas

E', pois, indispensavel para formular conclusões — por ténues que sejam — sobre o estado da civilisação em qualquer paiz, ter a base resistente das estatisticas. Somos assim chegados a um ponto doloroso para o Brasil — o primeiro de uma serie que A Estrutura Política do Brasil vae exhibir.

No Brasil, é quasi impossivel tirar deducções sociologicas, porque ainda nos faltam muitos dados estatísticos indispensaveis. Estamos agora, a bem dizer, no inicio dessa organisação. A Directoria de Estatistica, apesar do grande esforço e boa vontade do seu director, o illustre dr. Bulhões Carvalho, já tem conseguido muito, mas este muito é muito pouco. Não possuímos senão algumas estatisticas e isso mesmo das alcançadas por meio do recenseamento directo. Faltam-nos, por exemplo, as estatisticas da natalidade e mortalidade, que são de uma importância transcendental, como veremos adeante, para a determinação dos indices da civilisação. E' que para esta estatistica seria preciso o treino intelligente de todos os encarregados de registros civis de nascimentos e obitos. Esses funcionarios teriam de remetter, com regularidade, todos os informes para a necessaria triagem nas machinas da Repartição de Estatistica. Mesmo entre as estatisticas por via do questionario directo, ha falhas. Razões façois de adivinhar fizeram com que não fosse incluída, entre as perguntas do recenseamento de 1920, uma referindo-se á côr dos habitantes do Brasil. Ficaram os anthropologos e ethnographos na impossibilidade de raciocinar com segurança sobre o coeiciente de negros e mestiços na população branca predominante.

A leitura dos trabalhos de Oliveira Vianna (*) sobre a nossa grave questão social e de clarificação do homem nacional, é desalentadora. Os mesmos pontos de interrogação que existiam antes do recenseamento de 1920 persistem depois desse recenseamento, e os illustres especialistas, apesar da enorme vontade que teriam de tirar conclusões, limitam-se a um malabarismo de palavras.

E' que — repetimos — sem boas estatísticas nada se pôde fazer.

A só declaração de que não possuímos as estatísticas para o estudo dos nossos phenomenos sociaes importa na confissão do nosso atraso. Aquillo que possuímos é, ainda assim, obra da Republica. No Imperio, o monarcha não se mostrava satisfeito, mandando para o Index, com quem não louvasse de modo descommedido a nossa riqueza, a nossa cultura, o nosso progresso. Para elogios pomposos, mas gratuitos e sem o fundamento de uma justificação, não eram precisas as estatísticas. Apesar, porém, do esforço republicano, ainda precisam os estudiosos andar de porta em porta, collectando por empenho, os dados estatísticos de que carecem. Valem-se para isso de relações e amizades nas repartições e... ainda ficam devendo favores (**). Triste recurso é o de ser indispensavel recorrer, muitissimas vezes, á documentação estrangeira, nos relatorios de consules e addidos commerciaes.

A difficil situação causada pela deficiencia de estatistica no Brasil impossibilita respostas seguras e promptas, quer aos detractores que nos collocam numa posição infima na escala do progresso, quer aos optimistas que nos elevam aos mais altos pincares da civilização mundial, querendo que a toda hora "a Europa se curve ante o Brasil".

Póde o Brasil preencher, de agora por diante, essa lacuna? E' bom que o faça no mais breve tempo. Mas o erro do passado é irreparavel. Ser-nos-á possivel, com os novos dados estatísticos, que formos recolhendo, falar do estado social do paiz;

(*) Oliveira Vianna — "A evolução do povo brasileiro", 1922.

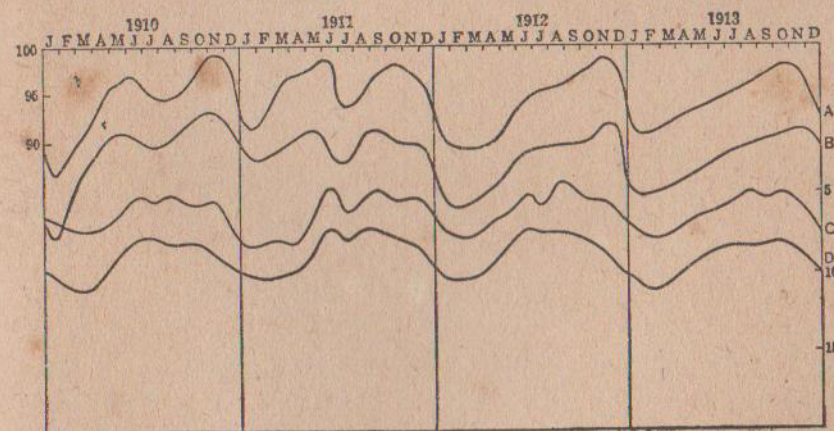
(**) Este trabalho que é escripto estando o A. em carcere politico, re-sentir-se-á, repetidas vezes, de falta de segura documentação, que só seria obtida indo elle, em pessoa, falar a amigos nas repartições publicas.

não poderemos, porém, fazer, relativamente ao passado, o exame analytico do movimento da civilização. A curva rigorosa dos estagios da civilização na nossa patria só será desenhada a partir da abscissa correspondente aos tempos em que se começar a ter o serviço organizado.

Feito este parenthesis — que serve ao mesmo tempo de resalva para todos os que tenham tratado ou ainda venham a tratar do movimento social no nosso paiz — voltemos a examinar quaes os melhores symptomas — e portanto quaes os indices numericos ou não — para a caracterisação da civilização.

Phenomenos de correlação

A civilização depende, repetimos, de um certo conjunto de circumstancias, que condicionam um grande numero de symptomas. Nenhum pôde ser, porém, tomado como indice unico. Existe, sem duvida, uma estreita correlação entre certos factos, mas isso não significa dizer que um seja a causa do outro.



A observação estatística mostra que ha certos phenomenos que se deixam representar por curvas que entre si tem um certo grau de similitude ou covariação. Um exemplo disto são as quatro curvas desenhadas por Huntington (*) e referentes á corre-

(*) Huntington and Williams — Business Geography, New York, 1922.

lação entre saúde e energia, nos estados de Connecticut e Pennsylvania nos annos de 1910 a 1913. A energia physica (medida por methodo que adeante resumiremos) é dada pelas curvas A e B, respectivamente para Conn. e Pens. As curvas C e D são as curvas de salubridade, obtidas invertendo as relações que davam a mortalidade em Conn. (C) e Pens. (D).

Ha uma flagrante concordancia na allure das curvas. Existe portanto uma covariação, uma correlação entre ellas.

Essas covariações permitem deduzir, ás vezes com muita verosimilhança, o estado dynamico de uma civilização pela variancia de um só symptoma. Mesmo sem precisar proceder ao exame das curvas, o raciocinio leva a encontrar essas covariações. Um baixo coefficiente de mortalidade coincide com um melhor estado geral da saúde publica, donde com uma maior capacidade de trabalho (pois se todos gosam saúde!), donde com um incremento na produção; terá de haver, portanto, maior riqueza, que, por seu turno, coopera para uma maior facilidade de diffusão do ensino, donde da cultura gera. Ligando o ultimo ao primeiro termo das diversas equações, poder-se-ia concluir "um baixo coefficiente de mortalidade equivale a um alto grau de cultura".

Um primeiro exame, perfunctorio e superficial, levará a concluir por uma relação ou por uma serie de relações de "causa a effeito". E' duvidoso que assim seja. Ha simples correlações, ás vezes confirmadas por outros dados estatisticos, colhidos em outras regiões, mostrando desconnexão e mesmo opposição entre os phenomenos.

Ha mesmo, ao lado de covariações do typo acima indicado (as quaes mostram uma certa logica nas suas ligações) outras que são esdruxulas e quasi paradoxaes. Assim, por exemplo, a natalidade. A estatistica demonstra que em localidades onde os chamados elementos de cultura têm elevados coefficientes, ha uma baixa natalidade. O raciocinio parece indicar o contrario. Se a riqueza e bem estar são maiores, logico seria concluir o desejo dos casaes, terem mais filhos ou, pelo menos, não impedirem o nascimento e gestação dos que naturalmente fossem surgindo. As difficuldades de sustento da familia, que são grandes para os po-

bres, poderia leval-os a praticas ante naturaes. Aos ricos não pesa uma prole numerosa. No entretanto, o contrario é o que se verifica — como o demonstram as estatisticas. Contra factos não ha argumentos.

Não se pôde, pois, procurar relações de causa a effeito, mas simplesmente — como dissemos — modestas covariações. Em innumeros casos nem essas covariações existem; logo, ellas não podem ser tomadas como regras absolutas, como principios rigorosos, como leis scientificas. Escolher, pois, um symptoma unico para, por elle, ajuizar de uma civilização, será um erro.

Cada symptoma tem um valor relativo. Totalizal-os intelligentemente, "integral-os", como se diria em mathematica, será o futuro trabalho dos sociologos. Pode-se, desde já, escrever as equações parelladas representativas de quasi todos os phenomenos symptomaticos em que se decompõe o phenomeno complexo da civilização. A equação geral exige o emprego de um grande numero de coefficientes experimentaes de difficilima obtenção. Cada um desses coefficientes daria o peso do phenomeno parcial, ou seja a importancia que elle tem na sommação de todos os phenomenos. Ingente, gigantesco e genial trabalho que ainda não encontrou — que nos conste — um systematisador. Cada tratadista dá, por invenciveis pendores pessoaes, mais ou menos valor a este ou áquelle symptoma.

A difficuldade, que parecia grande, da obtenção do indice numerico de um dado symptoma é relativamente facil quando se pôde dispôr de boas tabellas estatisticas. Esses indices não são — repetimos — absolutos, mas relativos, e para que a comparação se torne facil basta reduzir todas as medidas em relação a uma, tornada igual a 100. O simples conhecimento da elementar theoria das proporções permite isso. Assignalando depois, em uma escala, o numero representativo de cada phenomeno (analfabetismo, riqueza, criminalidade, mortalidade, natalidade, etc.) é facil, por simples inspecção visual, descobrir quaes os symptomas de superioridade (acima de 100) ou de inferioridade (abaixo de 100) entre as duas regiões, os dois paizes, as duas zonas estudadas.

Symptomas de civilização

Façamos agora, em rápida revista, o exame dos diversos symptomas que podem ser chamados a caracterisar um estado de civilização, e, tanto quanto possível, como esses symptomas se apresentam no Brasil.

O estado de uma civilização é função e, ao mesmo tempo, traz como consequencia, um certo modo de ser na vida material, na vida intellectual, na vida moral e na vida social e politica dos povos. A vida economica é principalmente um dos aspectos da vida material.

Dissemos que um estagio de civilização é função e, ao mesmo tempo, causa. Dissemol-o de caso pensado. Ha de facto condições que se entrecrocão e entrecruzam no bizarro rendilhado da vida moderna de um modo tão complicado que difficil é saber, no final do exame, se foram ellas que provocaram ou se são ellas a resultante da civilização.

Os indices que vamos detalhar são indicados por varios especialistas como resultado do longo estudo a que tem sujeitado a questão.

Indices da vida material

Entre outros, podemos citar:

a) a população. A população é um indice pouco seguro. Ha paizes densamente povoados, como a China e o vale do Ganges e Bramaputra, que não occupam hoje em dia lugar de destaque na civilização. Isto não leva a concluir que a reciproca seja verdadeira, isto é, que os paizes deserticos (minimo de população) possam ter um elevado grau de civilização. Assim, pois, é licito ficar no meio termo e achar que a população, até certo ponto, suggere a possibilidade de uma civilização elevada.

No estudo da população, deve-se entrar, porém, em linha de conta não só com o valor absoluto, como também com a densidade e com o augmento (ou diminuição) annual dessa população. Da capacidade reproductora da raça que habita um paiz não se tem um indice pelo só exame global da população. E' preciso distinguir o augmento proveniente da immigração do augmento

oriundo da differença entre mortes e nascimentos. Aquella parcella (immigração) tem um extraordinario alcance nos paizes como o Brasil.

Tivemos occasião de dizer, linhas acima, que as estatisticas mostram que nas civilizações mais modernas ha em geral uma diminuição da natalidade. Contra essa diminuição de natalidade forma-se, em França, uma grande campanha chefiada pelos mais eminentes escriptores. Zola chicoteou esse vicio social dos francezes no seu romance *Fecundité*. Bourget e tantos outros proseguem na peleja saneadora. De nada vale ella — ao que parece. O habito de não ter filhos passou as fronteiras francezas e já penetrou na Allemanha, na Italia, na Inglaterra. E no Brasil, também. Nas nossas grandes cidades são rarissimas, nos dias de hoje, as familias numerosas. Só no "interior" são ellas encontradas. Ora, o que é um vicio social em França e em outros paizes densamente povoados, é um crime no Brasil onde existem enormes tractos de terra completamente desertos. Seria preciso cogitar desde já da punição severa dos actos contra os nascituros ou contra os meios illicitos utilizados para impedir a gestação.

b) — a riqueza. No exame do coefficiente de riqueza, que é um dos mais significativos para o conhecimento da vida material de uma nação, ha a distinguir a riqueza privada e a riqueza publica ou seja a riqueza nacional propriamente dita.

1) A riqueza privada corresponde quasi áquillo que, em inglez, se denomina o *standard of life*, isto é, ao nivel da existencia. Os indices para medir esse *standard of life* são varios. Em primeiro lugar, poderia ser dado pela somma dos impostos directos pagos por cada cidadão, principalmente do imposto sobre a renda que dá bem o grau de bem estar do individuo. Toda a vez, portanto, que fosse grande o numero de pessoas ricas poder-se-ia concluir pela elevação do nivel da existencia. Indirectamente podem se ter indices de riqueza por diversas outras medidas. Assim, por exemplo, pelo maior consumo de objectos de luxo. Só em uma população atacada de insanía collectiva, ou em que a imprevidencia haja alcançado extremos inacreditaveis, seria possível imaginar que a população pobre adquirisse muitos objectos de luxo. Mesmo que

quizesse, acabaria não podendo. Os gosos, que se permitissem os individuos de usufruir, seria um outro indice. Só os paizes de civilização muito avançada podem offerecer aos remediados ou mesmo aos pobres a rapidez, frequencia e barateza nos meios de transporte dos individuos (estradas de ferro e navegação) ou do pensamento (telegraphos, telephones, correios rapidos), na distribuição domiciliar de agua corrente, de luz e de energia; a instalação de rêdes de esgoto ou de canaes de irrigação dos campos. Ora, todos estes symptomas de bem estar podem ter uma representação signalética, uma vez que se faça recenseamento da kilometragem das estradas e das linhas telegraphicas, telephonicas e postaes, ou do numero de passagens, de cartas, de telegrammas, ou do numero de aparelhos telephonicos installados; de kilowats ou litros d'agua consumidos. São dados positivos, insophismaveis. São esplendidos indices do conforto de uma civilização bem apetrechada.

Por outro lado, uma estatística da frequencia das casas de diversão (não em um só dia, como no Carnaval, mas durante largos periodos) serviria tambem de indice de *standart of life*.

Um outro indice de vida material é dado pelo consumo de certos generos alimenticios. A população que mais pôde consumir será a de mais elevado *standart of life*. A escolha dos generos é relativamente facil porque os habitos são os mesmos dentro de um mesmo paiz. De paiz a paiz será indispensavel fazer certas reduções compensadoras. Entre nós escolher-se-ia o feijão, a carne sêca, o arroz, a farinha, o café, o açúcar e o sal, que são os de uso generalizado no Brasil. Estatísticas desse consumo são faceis em paizes que tenham o monopolio, onde, por exemplo, fumo, alcool e sal só são vendidos pelo governo. O vendedor unico sabe o que vendeu e onde vendeu. A organização do *standart of life* baseado nesse elemento — consumo de genero de primeira necessidade — é dos melhores. E', porém, quasi impraticavel, por ora, no Brasil, porque não havendo (graças a Deus!) monopolio do Estado, seria preciso computar, para cada localidade, aquillo que fosse ahi mesmo produzido, do que fosse recebido do paiz e do que fosse impor-

tado do estrangeiro. O nosso aparelhamento censitario ainda é muito rudimentar para tentar este trabalho.

Varios outros elementos deste jaez — o que seria longo enumerar — poderiam ser tomados para indicativo de vida material.

Ha, porém, alguns indices de conforto que, á primeira vista, poderiam parecer bons, e não o são, no entretanto: os salarios, por exemplo. Alguns tratadistas têm lembrado este indice, porque lhes pareceu que o augmento de salario deveria corresponder a um acrescimo de bem-estar. O contrario é que, em regra, se dá. O augmento de salario provem da carestia da vida, que não corresponde, portanto, a uma situação de bem-estar colectivo. O salario e o conforto estão em um circulo vicioso. Do augmento de salario resulta uma majoração no preço da mão de obra, logo, dos generos de produção interna, donde do custo da vida, o que obriga a elevar novamente os salarios.

2) A riqueza publica pôde ser tambem medida de diversos modos. Ella caracteriza, melhor do que qualquer outra indicação, a vida economica da nação. Um paiz rico (embora momentaneamente pobre sob o ponto de vista financeiro) tem intensa vida economica. Esta se evidencia, dentre outros modos, pela quantidade de carga transportada, pela produção geral do paiz, quer a que soffre exportação, quer a que fica dentro do territorio, e pela balança commercial.

As nossas estatísticas de transporte nas vias ferreas e nos navios de cabotagem, com a discriminação de artigos, assim como a nossa estatística de produção não sabemos que estejam publicadas.

Apenas o foi a estatística da Agricultura, que não vem ao caso para a parte em exame. A balança commercial já é mais facil de indicar, graças á organização da Estatística Commercial, feita por Joaquim Murtinho, quando ministro da Fazenda (1900). Mas, ainda neste caso, a comparação com outros paizes torna-se difficil pela variação das nossas taxas cambiais. Feita a comparação em moeda-ouro, que é o padrão universal, muitos dos quadros apparecerão desfavoraveis a nós, muito embora a situação economica nos seja vantajosa. Esse estudo da nossa situação economica é dos mais interessantes e por isto estamos

obrigados, embora reconheçamos a nossa incompetencia, a tratar della com mais detalhe quando nos occuparmos da Estructura autarcica do Brasil.

c) a mortalidade. E' um indice de grande importancia para a vida material porque elle registra a salubridade do paiz. Da salubridade de uma região depende, até certo ponto, a sua energia de trabalho, a sua capacidade de ganhar a vida e, portanto, de elevar o grau da riqueza publica e particular. O coefficiente de mortalidade pôde ser obtido com relativa facilidade nos paizes regularmente organisados, pois casos de não enterramento são de natureza tão excepcional que nem devem ser tomados em conta. Basta, portanto, a collecta systematica dos registros civis, para a organização perfeita da estatistica. No computo da mortalidade, para o fim de verificação da salubridade, devem ser excluidas as mortes por accidente e as mortes por senilidade, porque umas e outras fraudariam o numero representativo.

A impressão que o estrangeiro tenha da salubridade do Brasil nos era muito desfavoravel, principalmente por causa da febre amarella que reinava no Rio de Janeiro nos mezes de verão. Apesar de ter ella acabado, desde o benemerito quatriennio Rodrigues Alves e graças á orientação energica de Pereira Passos e Oswaldo Cruz, ainda ha, de vez em quando, referencias a isto, principalmente nos livros francezes para viajantes onde são descriptos os perigos, já inexistentes, da nossa Capital.

Com a terminação da febre amarella, parece se ter dado por satisfeito o governo nacional. Muitas outras, e graves enfermidades ha por estes Brasis á fóra. Tantas são ellas que o Dr. Miguel Pereira não se arreceiou de declarar que "o Brasil era um vasto hospital". Exaggero talvez, mas exaggero resultante da "impressão" de quem andou por sertões a dentro a estudar o assumpto. Preciso é que, para desmentir ou confirmar as palavras do illustre hygienista, possam ser apresentados dados positivos, numeros signaléticos, indices reaes.

A salubridade de uma região é influenciada poderosamente pelo seu clima. Dizemos poderosamente e não decisivamente, porque não nos queremos filiar á escola unilateral de Huntington. Para este, é possível concluir da salubridade pelo exame das con-

dições climaticas, e mais principalmente da temperatura e humidade do ar. Graças ao estudo combinado das medidas referentes a estes dois factores e mais ao da variabilidade algum tanto brusca desses mesmos factores em cada região, traça Huntington um mappa de alguma coisa que é mais do que da propria salubridade e a que elle chama da energia humana.

A energia humana tem uma parte meramente material, mas tem tambem uma outra parte eminentemente espiritual. As duas se entrelaçam tão intimamente nas observações de Huntington que nos parece preferivel, para methodo de exposição, estudarmos a influencia do clima em outra occasião.

Indices da vida intellectual

Passemos assim aos indices da Vida Intellectual, que é para muitos, melhor indice de civilisação, porque, por si só pôde servir para indicar a cultura de um povo. De facto, um povo relativamente inculto terá, ás vezes, uma situação de momentanea superioridade, quer por motivos estranhos á sua propria capacidade, quer por circumstancias determinadas por forças exteriores, ao passo que o povo realmente culto tem um pendor natural para se ir elevando cada vez mais. O povo inculto, cessados os effeitos transitorios da melhora, volta á apathia anterior. Isto parece indicar que o standard of life podendo ser ephemero não mostra, na melhor hypothese, sinão um certo estagio da civilisação. E', pois, um indice estatico; emquanto que a cultura é um indice mais dynamico, mais representativo da civilisação, porque a civilisação é, na phrase de Stuart Mill, "um processo que tende sempre para o mesmo fim: melhorar a humanidade".

Exemplos do caso que estamos figurando, deram-se na última guerra. Paizes houve — e entre estes, o nosso — que forneceram generos, productos manufacturados e outros varios artigos aos belligerantes. Estes, impossibilitados de produzir, compravam tudo, e a bom preço. Os paizes vendedores tiveram um incremento na produção, incremento não paulatino mas brusco. Formaram-se então rápidas fortunas. Houve um certo bem-estar geral. Acabada a guerra, voltou tudo repentinamente á situação primitiva. A' situação primitiva ou á situação peor.

As nações que sabiamente aproveitaram-se dessa riqueza que lhes cahia sobre a cabeça, para se organizarem melhor, lucraram, fortaleceram-se, dominaram. E' indubitavelmente o caso dos Estados Unidos; é também um pouco o caso da Republica Argentina. Ora, estas nações procederam assim porque já estavam mais bem organizadas, porque já tinham attingido um grau de cultura que lhes facultou se equilibrarem estavelmente em uma cõta mais elevada sem soffrerem da vertigem das alturas. Não serão, pois, como as outras, arrastadas pela tromba d'água que parece a caminho de devorar a Europa carcomida.

O facto do indice de vida intellectual ser tomado para indice de civilisação dá lugar a que se confundam as duas noções de "cultura" e de "civilisação".

Georges Brandes e Chamberlain (*) accentuam, porém, muito bem a differença. Cultura é propriamente o saber intellectual, quer nas sciencias, quer nas artes; e civilisação é algo dependente da organização social, em geral. Póde haver paizes, como Roma, onde a civilisação seja grande e a cultura relativamente baixa, em comparação com a da Grecia. A Grecia nunca teve uma hegemonia política, apesar de sua desenvolvida cultura. Isto, porém, vai se tornando — quer nos parecer — cada vez mais raro. A regra moderna será de admittir a covariação da civilisação com a cultura. Os Estados Unidos ainda têm mais desenvolvimento material que intellectual. Mas a Allemanha, por exemplo, possui uma elevada cultura (grandes sabios, grandes musicos, grandes pensadores) e uma civilisação moderna (perfeita organização social, quer dos serviços publicos, quer dos empreendimentos particulares. Como a Allemanha, a Inglaterra, os paizes escandinavos, a Belgica, e, até certo ponto, a França e a Italia.

Póde-se, portanto, admittir correlação entre vida intellectual e civilisação. Vejamos alguns dos indices dados pela diffusão da cultura.

a) **Analphabetismo.** Quanto menor fôr elle, tanto maior a diffusão da cultura. O vocabulo "analphabeto" deve ser aqui tomado no lato sentido da palavra. Não deixa de ser anal-

(*) Chamberlain — "Die Grundlagen der neuzeitlichen Jahrhunderte" — 1904. Munchen.

phabeto o individuo pelo facto de saber soletrar letra de imprensa e de saber desenhar o nome. Esta açanhada accepção que os legisladores republicanos do Brasil têm emprestado ao preceito constitucional que exige "saber lêr e escrever" para todo o cidadão ser eleitor, tem prejudicado muito á nação. Permittiu a formação de um corpo eleitoral eminentemente incapaz. "Saber lêr" é saber entender o que se lê, para o que é preciso — pelo menos — instrucção primaria; "saber escrever" é ter a capacidade de redigir o proprio pensamento, e não, simplesmente, o exercicio calligraphico de cópia de um requerimento. Estas unicas exigencias da nossa legislação eleitoral, fazem inscrever na lista de eleitores uma massa consideravel de pessoas que não têm, de facto, cultura alguma. Apesar disso, isto é, apesar de serem computados como não analphabetos, individuos de um tal quilate de atraso mental, ainda é brutalmente pesado o coeeficiente de analphabetismo no Brasil.

O quadro do analphabetismo mundial nos é pavorosamente desvantajoso.

b) **Numero de escolas e de alumnos.** Um povo verdadeiramente culto não deixa de mandar seus filhos á escola. Não é preciso para isso prescripções legaes, que são, todavia, sempre burladas nos paizes onde a comprehensão das vantagens do ensino não estiver bem vulgarizada (*). Por outro lado, um povo que frequenta escolas e recebe instrucção eleva gradativamente o seu nivel intellectual. O numero de escolas deve, portanto, ser um bom indice de cultura. Indice, porém, melhor do que o numero de escolas, é o da frequencia ás escolas, e principalmente o da relação entre este numero e o de creanças em idade escolar. Conhecemos localidades do Estado do Rio — e o Estado do Rio está a dois passos da Capital da Republica — onde tem sido fechadas escolas por falta de frequencia. Como no Estado do Rio, o mesmo deve succeder em outros muitos Estados. De nada vale, pois, uma estatistica de escolas para symptoma de cultura. As estatisticas brasileiras, nesse tocante, como em tan-

(*) Comprehende-se bem a dolorosa impressão que teve a Allemanha, paiz sem um analphabeto, quando veio a saber da providencia do inspector escolar Orestes Guimarães, fechando escolas em Santa Catharina, sob o pretexto do ensino ser feito em allemão, sem mandar logo e incontinenti, abrir outras.

tos outros, são defficientissimas. E' possível que a iniciativa particular algo realise nesse sentido, uma vez que a esta ingente empreza se está abalanzando a Associação Brasileira de Educação.

c) O numero de bibliothecas e, se possível, a sua frequencia. E' obvio que uma nação que funda e mantem bibliothecas é não só uma nação culta, como preocupada com a diffusão da cultura.

d) O numero de periodicos. Se um paiz possui grande numero de jornaes e revistas, é porque possui também uma população avida de saber, uma população que se interessa pela causa publica. Não cremos que propriamente o numero das publicações periodicas seja o melhor indice, antes, porém, as tiragens sommadas. E' difficil alcançar a verdade sobre as tiragens dos periodicos, pois cada jornal se jaeta de ser mais lido e procura assim dizer que a tem maior. Mesmo levando em conta unicamente o numero de periodicos, a solução brasileira não parece vantajosa. Temos poucos jornaes e muito poucas revistas. Basta dizer, para citar um só exemplo, que o Brasil não possui nenhuma revista de sciencia pura. As varias tentativas feitas têm sido infructiferas, ou têm tido pouca durabilidade. Ha algumas revistas de classe, isto é, de medicina, de engenharia, de direito, de arte dentaria, mas de sciencia pura nenhuma. Isto demonstra ou que não temos leitores para esse genero um pouco mais cultural, ou que não temos homens capazes de fazer uma revista interessante, o que depõe também contra a nossa capacidade organisadora.

e) A criminalidade. Terá o numero de crimes uma certa correlação com o grau de cultura de um povo ou região? Sim e não. Já ninguém presta fé ao aphorismo "de que cada escola que se abre é uma cadeia que se fecha". Nos campos onde ha menos escolas do que nas cidades, ha também menos crimes. Um indice de cultura é a modalidade que toma a criminalidade. Nas zonas mais incultas predomina a criminalidade "pela violencia"; os homicidios, os attentados em que se emprega a força e corre sangue. A' proporção que o paiz se vai tornando mais culto, o instincto dos criminosos se vai modificando e então as prisões se enchem dos que fraudam, dos que roubam, dos que praticam o estellionato, ou, para usar a linguagem dos preson

communs da Casa de Detenção, dos que "fazem fermentos sem sangue" (*).

Esta parece ser a regra revelada pela estatistica de quasi todas as nações mais adiantadas. O indice, pois, de criminalidade parece adequado á uma boa medida do typo de civilisação. Convém exceptuar da regra as grandes metropoles, onde se accumulam populações de diversos graus de cultura, ás vezes com e ás vezes sem separação de bairros. Cidades ha, como Paris, com bairros inteiros onde os "apaches" são senhores quasi absolutos.

f) Intellectualidade creadora, ou seja o numero de sabios, de poetas, de artistas, de pessoas que tenham descoberto ou produzido qualquer coisa de brilhante acima do common dos mortaes. Não ha duvida que os paizes cultos, com ensino disseminado, com escolas de aperfeiçoamento, com laboratorios bem installados, devem ter um mais intenso intercambio intellectual e devem, portanto, mais facilmente permittir a eclosão dos genios ou das intelligencias superiores. A capacidade intellectual póde existir, é certo, por toda a parte, mas o ambiente desfavoravel abafa a possibilidade dessas manifestações cerebraes. Quem, como Huntington, attribue toda a civilisação á "energia" das populações, diz isto mesmo de um outro modo, que equivale, afinal, ás nossas palavras: "They (os homens dos paizes cultos) do not necessarily have more ideas than others, but their energy makes it possible to put the ideas into practice" (**).

Não ha duvida que, mesmo em paizes secundarios, surgem nomes que alcançam fama universal, que se reflecte, beneficamente, sobre toda a nação. Poucos individuos terão feito tão bem á sua patria como Siemkiewicz, com a publicação do "Quo Vadis?" Outro exemplo é o de Vargas Vila e Ruben Dario, graças aos quaes veio o mundo pensante a conhecer a Colombia e Nicaragua. A determinação deste indice é, porém, difficillima, pois não se trata de obter apenas o numero de individuos que se-

(1) A redacção desse trabalho está sendo feita na Cadeia de presos communs, onde fomos mettido no governo Bernardes, com flagrante infracção do art. 80 da Constituição. Brota, sob a penna, certa terminologia de cafagestes, com os quaes fomos obrigados a conviver.

(**) Huntington e Custing — "Principles of human geography". New York. 1922.

guem profissões liberaes. Isso seria fraudar o indice, por isso que a estatística dos individuos formados não significa mais intellectualismo, mas apenas maior pendor para profissões mais lucrativas e menos laboriosas. Trata-se propriamente de ter a quantidade de creadores. Esta estatística é assás transcendente, e de quasi impossivel obtenção.

g) As eleições. Ha quem tenha procurado tirar conclusões signaléticas do gráo de cultura de uma região, ou, pelo menos, da orientação dominante nessa cultura — pelo resultado das eleições. Os districtos ruraes, menos progressistas, não elegem habitualmente representantes das esquerdas, os quaes sahem, em regra, victoriosos nas zonas urbanas já mais cultas. Bastaria, pois, para distinguir, dentro de um mesmo paiz as provincias retrogradadas das avançadas, examinar a sua representação nacional.

Seria irrisorio querermos, no Brasil actual, tomar qualquer indice eleitoral para o mais rudimentar estudo de cultura. Todos nós, brasileiros, sem nenhuma excepção, temos a inteira e vergonhosa consciencia daquillo a que no Brasil se dá o nome de “eleições”. Já Erico Coelho as chamava de “guerra de papeis”, isto é, de concorrência e disputa de actas falsas. As tentativas soerguedoras da veracidade eleitoral, iniciadas no Districto Federal no governo Wenceslão Braz, foram reduzidas a menos de zero pelo Sr. Arthur Bernardes, actual presidente da Republica (*). A fraude é a regra desde o primeiro acto do prelio eleitoral, no momento da constituição das mesas, até o solemne momento do reconhecimento de poderes.

Este indice pôde ser valido para todos os paizes cultos, inclusive os nossos vizinhos do Sul (Argentina, Uruguai e Chile), onde todos os parlamentos se subdividem em grupos da extrema esquerda á extrema direita.

O nosso parlamento é, como se sabe, composto de uma compacta maioria “amiga da situação, e de dois ou tres gatos pingados que “fazem opposição”. O indice não pôde ser usado entre nós. A menos que esta ausencia de criterio politico já não seja, por si só, o melhor indice da nossa incultura.

(*) O Sr. Irineu Machado, eleito por mais do dobro de votos dados ao seu concorrente, teve o seu diploma rasgado, por exigencia vingativa do presidentada Republica.

Indices da vida moral

Os indices de vida moral são, talvez, mais arduos de obter do que quaesquer outros. A vida moral de uma nação se caracteriza por actos que redundam, afinal, no espirito de sacrificio do individuo pela collectividade, em actos portanto de requintado altruismo. Os actos de altruismo são os de mais difficil realisação. As religiões, que são o instrumento de que se servem as sociedades, para elevar o seu proprio nivel moral, raramente ousam propôr, de frente, a pratica do altruismo. Usam de subterfugios, de maneiras insidiosas no prescrever o bom medicamento. A caridade é apresentada pelo christianismo sob uma modalidade egoistica. O preceito é “quem dá aos pobres, empresta a Deus”. Só se deve dar aos pobres, porque se vai receber o pagamento, com juros, das mãos de Deus. Deve se “amar o proximo como a si mesmo”; quer dizer, que o maximo que se concede ao altruismo é que elle se iguale ao egoismo. “Mais do que a si proprio”, não. Tanto como a si proprio. Ora, o catholicismo, que é uma das religiões mais perfeitas, aconselha isto, com o objectivo de ser pratica, com o fim de se tornar viavel e acceitavel pelo homem — ser infinitamente egoista. Só — que saibamos — o positivismo manda seguir em toda sua plenitude a maxima altruista “Amar a outrem”, mas, por isso mesmo, o positivismo não teve proselytos religiosos.

a) Justiça — Uma modalidade da symptomatologia moral deve ser o respeito á Justiça. A verdadeira Justiça pôde ser rigorosa ou carinhosa, mas é calma. Não se excede nem condemnando innocentes, nem, tão pouco, commutando penas de culpados, mas procura punir os que prevaricam. Um paiz onde o povo sente que a Justiça é malbaratada, ao bel prazer da magistratura, pela desidia, pelo medo, ou pelo suborno, é um paiz sem garantias. Ninguém se sente bem. As épocas de tyrannia são exactamente as épocas onde não ha Justiça. Os paizes onde ella não é nem praticada, nem respeitada, são paizes em dictadura franca ou disfarçada. Não se pôde, porém, — cremos nós — medir esse factor. O numero de causas julgadas não pôde servir em caso algum, por ser exactamente sobre a rectidão das

sentenças que pesa a arguição. Do que seja a Justiça no Brasil, com o Jury absolvendo matadores e as grandes empresas tendo as suas causas sempre victoriosas, têm a impressão todos os brasileiros (*).

b) Probidade — A probidade, ou seja a honesta prática das funções exercidas, é um outro indice de vida moral. Deve ser exigida não apenas dos juizes, mas de todos os homens de governo, de todos os directores de serviço, de todos os funcionarios, de todos os cidadãos. Só assim não se verificaria o peculato, o dolo, o suborno, a prevaricação, a delapidação dos cofres publicos. As republicas (e reinos, e imperios) sem a responsabilidade effectiva dos administradores são uma lepra que vai lastrando com incrível velocidade pelo mundo afóra, parecendo contagiosa. Nós nos queixamos, porque largo vulto tem tido a impunidade de taes crimes; mas, Deus louvado, não somos a unica nação infeccionada pelo *micrococcus rapinæ*. E' talvez uma das toxinas da propria civilização.

Como avaliar, porém, esse indice? Como julgar do grau de probidade? Pelas punições? Mas isto é impossivel: onde ha punição, isto é, onde ha justiça, a prevaricação não se reproduz; só lavra onde existe a segurança da impunidade, logo onde não ha punição.

c) Previdencia — Um povo de sã moral desenvolve a intelligente caridade, assistindo aos velhos, ás creanças e aos enfermos. Quer dizer que tem em perfeito funcionamento a organização da previdencia social.

A caridade pura, ou seja a distribuição desordenada de esmolas a todos que pedem ou mesmo a todos que precisam, é um mal social; incrementa a vadiagem, o desamor ao trabalho. E' um alimento para a calaçaria mascarada ou patente. A boa e sadia virtude é como que a regulamentação da caridade pela previdencia.

A previdencia se manifesta pelo cuidado que tem cada um em se acautelar contra a miseria, contra accidentes da vida,

(*) Uma chronica detalhada da vida na Casa de Detenção daria bem uma impressão do que é a nossa Justiça. Um exemplo. Um homem que assassinou outro está tirando (linguagem de sentenciados) menos tempo do que um pobre rapaz que desfaleceu de 200\$000 a caixa da Companhia onde trabalhava.

contra a morte. E' este um indice que representa não só um symptoma de vida moral, como de vida social. De facto, um imprevidente é um mau homem porque deixa em cheque a sua pessoa e a sua familia, não fazendo antecipadamente hypotheses sobre calamidades (molestia, perda de emprego, accidentes) que a todo momento podem desabar sobre sua cabeça; o imprevidente é tambem um mau cidadão porque acorôga o mal social da miseria e da vadiagem.

E', porém, um indice perfeitamente mensuravel. As estatisticas das companhias de seguro e dos montepios (excluidos os obrigatoriamente instituidos pelo governo ou empresas) dar-nos-ão immediatamente parte deste indice, de que a outra parte seria fornecida pelas cadernetas de pequenos depositos nos bancos e caixas economicas. Um signo negativo é revelado pela assiduidade da população aos prestamistas, aos montes de socorro, ás casas de penhores, ás sociedades de emprestimo. Cre-mos que não seria coisa das mais trabalhosas organizar um censo para este indice. Antes que esteja elle feito, no Brasil, podemos dar uma impressão.

E a impressão é que são os brasileiros muito imprevidentes. A nossa posição climaterica nos induz a isso. Ao passo que os habitantes de climas frios precisam guardar no verão para ter o que comer no inverno — porque, no inverno, é impossivel o trabalho nos campos — nós, moradores dos tropicos, não necessitamos usar os mesmos cuidados. A natureza não nos educa na previdencia. Tanto faz no calor, como no frio (?); o solo carinhoso acalenta-nos na "laissez faire, laissez passer". Ninguém pensa no dia de amanhã. Vivemos cantando como a cigarra da fabula. Como a terra é rica (?) e a vida é facil, ninguém se cança em pensar no que ha de vir.

Ousamos manifestar a opinião de que um dos defeitos que mais pesa na nossa organização social é o da imprevidencia. Ahi está, sob os nossos olhos, a quantidade de Bancos e "Caixas Mutuas" para emprestimos ao funcionalismo. Cada empregado publico (e uma grande massa de cidadãos é ou está em vias de ser funcionario publico) tem sempre o seu orçamento sobrecarregado com durissimos juros de emprestimos, contrahidos para fins ridiculos. Quando m uma das ultimas partes

da **Estrutura Politica do Brasil** mostrarmos a necessidade que ha de fazer, antes de tudo, a educação do nosso povo, mostraremos que a "educação da previdencia" é uma das mais graves a ser considerada. Situação analoga, neste tocante, á do Brasil, cremos que só existiu na Servia de antes da guerra, conforme nola descreve Muzet (*).

De um povo composto de cidadãos intrinsicamente imprevidentes, só era licito esperar que surgissem governos imprevidentes. De nada cogitam os nossos governos com antecedencia. Nem se diga que isto se dá na Republica pelo egoismo de cada quadriennio só querer levar a cabo empreendimentos realisaveis em quatro annos; na monarchia, dava-se mais ou menos o mesmo. E' "sempre" sob a pressão do tempo que se resolvem, no Brasil, todos os problemas, os menos importantes, como os mais graves (**). Como um bohemio que viva a "queimar" heranças sobre heranças, assim vive o Brasil, confiando na Providencia divina, porque "Deus é brasileiro". E' que os governos agem do mesmo modo que os individuos: pedem dinheiro emprestado a não importa que juro, para gastar em brodios, farras e exposições, o dinheiro do prestamista (que é o onzenario da esquina ou o banqueiro inglez); oneram, portanto, os seus orçamentos com um pesadissimo serviço de juro (a amortisação é a longo praso), juros que desequilibram todas as previsões de receita; chegado o tempo das vacas magras, voltam ás mesmas aperturas que se resolvem por um "funding", por um novo empréstimo, ou por um calote.

Não sabemos como seguir o calculo de um indice bem representativo dessa nossa imprevidencia. Talvez pudesse ser dado pela differença entre a somma dos empréstimos feitos e as quantias realmente despendidas naquillo para que foi o empréstimo tomado (***). Com um pouco de esforço e de boa vontade talvez um dos nossos financistas bem documentados pudesse chegar a um resultado.

(*) Muzet, Alphonse, "Les pays balkaniques", Paris.

(**) Ou perde-se o tempo em interminaveis discussões, o que tambem é um outro aspecto da imprevidencia: a irresolução, a que teremos de alludir mais adiante.

(***) O caso da electrificação da Central, no governo Epitacio, é typico: o empréstimo de quatro milhões de dollars evaporou-se e a Central não foi electrificada.

Indices da vida social

Um dos elementos da vida social de um povo é dado, como acabamos de dizer, pela sua previdencia ou imprevidencia, assumpto de que vimos de nos occupar, sendo portanto desnecessario repetir os mesmos argumentos. Para a vida social, é talvez este o unico indice de facil medida.

De facto, a vida social de uma nação se define em uma palavra pela organização. A organização por isso mesmo que se revela em tudo, em todos os actos, e por todos os modos e maneiras, não comporta, senão difficilmente, uma medida, comporta talvez — dir-se-á — muitissimas, e, nesta circumstancia, está exactamente a grande difficuldade.

Da boa organização depende o bom funcionamento do mecanismo, diremos melhor, da machina governamental; a disposição concatenada da hierarchia das profissões e dos encargos de cada individuo, ou de cada grupo de individuos; da conveniente disposição do trabalho de modo que nada se atropelle e que as industrias, a agricultura e o commercio se prestem mutuamente auxilio; da equitativa pratica do direito e das liberdades publicas. Este só enunciado de symptomas de civilisação, segundo a vida politica e social, indica a impossibilidade de se conseguir indices numericos seguros. Tudo tem de ficar na estimativa imprecisa dos adjectivos. O Brasil, como aliás todas as outras nações, terá de ter, neste tocante, uma classificação approximada.

A organização é, porém, ao mesmo tempo que effeito do estado social da civilisação uma das causas primordias dessa mesma civilisação. Dahi a urgencia que para todos os pensadores e estadistas clarividentes têm os problemas de organização nacional. Quem se abalance a escrever sobre transcendentaes themas de sociologia economica no Brasil, deve ter os olhos fixados, sem pestanejar, sobre este assumpto, que é o alicerce sobre o qual vai repousar toda a architectura prosaica ou elancada do edificio em projecto. Tambem nós que com a nossa incompetencia, espontaneamente reconhecida, nos vamos embrenhar no cipoal dos problemas brasileiros, estamos norteando o nosso trabalho para uma proposta de organização, que figurará no fim da obra.

De facto, o Brasil soffre de uma grande e geral debilidade organica. Esta fraqueza manifesta-se sob as mais variadas fórmas, dando a impressão de que a nação soffre de varias enfermidades. Cada especialista que ausculta o doente, attribue enorme alcance ao mal que corresponde aos seus estudos predilectos. Para o financista todas as desgraças que caem sobre as nossas cabeças, provêm da má distribuição das despesas em relação á receita. Para outros é do ensino ou da justiça ou antes, da falta de ensino e de justiça, que nascem os nossos males. Muitos preferem voltar suas vistas para o pauperrimo e inefficiente aparelhamento militar, de cujo perfeito funcionamento dependerá a nossa salvação em um momento critico. O metallurgista, certo de que “o ferro e o carvão são as bases physicas em que repousa o magico poder das grandes nações”, garantiria que estamos em atraso na civilisação porque não exploramos as jazidas daquelles dois productos naturaes. E assim, um a um, falaria todos os que vêem apenas um aspecto nas questões.

Ora, um doente que soffre de tantos males não deve procurar especialista de doença alguma, porque estes só enxergam os detalhesinhos da “secção” que exploram.

Um exemplo estrangeiro esclarecerá ainda melhor o assumpto. Durante a grande guerra, era costume dizer que a Alemanha resistia, com aquella heroica coragem que todos lhe reconheceram, unica e simplesmente porque havia sabido fazer um exercito forte. A proposição reciproca é que seria a verdadeira: o exercito resistia porque a nação era forte.

A Allemanha era, antes da guerra, um organismo são e rijo. Excellente o seu ensino; inexcédível a sua industria; formidavel o seu commercio; deslumbrante a sua arte. Em uma nação assim sabiamente organizada, sadia, róbusta, tudo havia de ser bom e perfeito, logo (effeito e não causa), o exercito havia de ser, como foi, invencível.

Quando a nação se enfraqueceu pela fome e pela lucta civil, o exercito — o poderoso e indomavel exercito de Hindenburg e Luddendorf — teve de recuar, mas recuou sem perder uma só batalha.

A nação onde tudo anda mal, onde a tyrannia se implanta, onde a covardia é generalizada, onde o desrespeito á lei não é

punido, onde a prevaricação é a regra, onde não ha justiça nem ensino, onde as forças armadas são insufficientes, onde o commercio é timido, a agricultura rudimentar e a industria insipiente, a nação com esses caracteristicos é uma nação com uma falha fundamental, visceral: falta de organização. Em um tal paiz as proprias tentativas revolucionarias, que são afinal a benefica reacção contra o abuso de poder dos governantes, hão de fracassar. Já Quetélet (*) dizia, ha muito tempo, que “la mesure de l'état de civilisation où est parvenue une nation se trouve dans la manière dont elle fait ses révolutions”; e isso é bem uma pungente verdade, de que estamos tendo a evidencia na tristissima hora presente (**).

Um povo desorganizado não caminha, não progride, não avança. Nem se diga que a organização é um resultado da riqueza do paiz, que paiz pobre é mal organizado. A organização social é o mesmo que o methodo de vida é para os individuos. Methodo de vida póde ter o rico e o pobre, o sabio e o ignorante, o culto e o inculto. Só graças a elle, é que as pessoas passam da pobreza á riqueza, da ignorancia ao saber. Tudo, pois, nos sugere a magnitude da implantação da methodisação da vida no Brasil, ou seja a sua organização, problema maximo que será a proposta ultima que apresentaremos como remate ao nosso estudo sobre a **Estructura Politica do Brasil**.

A importancia social da riqueza

Ficam assim, perfunctoriamente, analysados alguns dos indices de civilisação. Outros ha a que não foi possivel abordar nos estreitos limites deste escripto. Em qualquer caso póde-se garantir que um só indice será insufficiente para dar idéa rigorosa do evoluir da civilisação. E' que, de facto, o progresso material, intellectual, social e moral não caminham com a mesma velocidade. A maior velocidade é, sem duvida, na vida material. A somma de conquistas, neste campo, é sempre mais rapida; tem sido enorme.

Um operario actual, que no ponto de vista social é quasi um

(*) Quetelet — *Physique social*, Bruxelles, 1869.

(**) Escripto em Março de 1925.

escravo romano, tem mais conforto do que um patricio ou quicão do que um Cesar nos aureos tempos da Decadencia. Lembremo-nos que apesar de todo o "luxo oriental" dos imperadores romanos, elles não dispunham de agua corrente, de esgotos, de luz electrica, nem do trem de ferro e do automovel de que goza o mais miseravel dos homens nos paizes civilisados.

A velocidade de progresso da vida intellectual já é menos accelerado, apesar de ser — ainda nisto — prodigiosa a differença de cotas entre o nivel actual e o nivel dos gregos. Um menino de escola sabe muito mais do que um homem culto da Hellade.

Mais lenta ainda é a marcha do progresso social. As conquistas da liberdade, do direito, da justiça são lentas e sujeitas a frequentes retrocessos. Quanto ao progresso moral o deslocamento ascensional é tão pequeno que se chega a ter a impressão de paralyção. Em alguns casos mesmo, a velocidade passa a ser negativa, isto é, regride-se em vez de se progredir. A desenfreada libidinagem durante o periodo de maior opulencia material de Roma é um exemplo classico sempre citado. Estamos assistindo nos dias presentes, que são os da Decadencia da Europa — analogo phenomeno. A moral vai baixando em razão inversa ao conforto da vida. Parece haver, portanto, um certo antagonismo entre "civilisação" e "moral", o que se vê — em pequeno — nos habitos sobrios e honrados dos homens do campo (onde é baixo o grau de civilisação) em comparação com a vida dissoluta das cidades.

Parece poder se concluir, portanto, destas considerações, que a civilisação traz em si os germens da propria destruição, isto é, que ella traz embraiada um volante que freia a velocidade quando muito accelerada. O augmento de riqueza permite muitos gosos licitos e outros prejudiciaes, como o jogo, a embriaguez, a luxuria, e demais vicios galantes. O goso excessivo degenera em vicio. Ora, os viciados entregam-se á indolencia, abandonam o trabalho e fazem, assim, cessar as fontes de riqueza. Cada povo que attinge um alto grau de civilisação, se não consegue desenvolver parallelamente as suas qualidades moraes pela assidua pratica da religião, acaba se estiolando e desaparecendo. A civilisação não cessa, porém, em sua marcha; é retomada por outro povo, visto como "a civilisação é uma só e consiste em um pro-

cesso que tende sempre para um mesmo fim: melhorar a Humanidade", como diz Hill (*).

Estas ponderações fazem hesitar sobre se ha vantagem em um povo adquirir riqueza, desde que esta traz como consequencia final a baixa da altura dinamica da civilisação. E occorre repetir a pergunta que a esposa de Hieron fez a Simonide: o que é melhor: a riqueza ou a sabedoria? Os philosophos têm dado a esta interrogação respostas diversas. A mais curiosa é talvez a de Aristoteles, que era um sabio: "A melhor é a riqueza porque não se vê os ricos baterem á porta dos sabios, enquanto que se vê os sabios baterem ás portas dos ricos".

Para os povos, como para os homens, é de facto a riqueza elemento indispensavel ao progresso. Não se pergunta o que vale mais, mas o que é melhor. Por certo a sabedoria vale mais, mas sem o dinheiro pouco pôde realisar em beneficio proprio ou alheio; ao passo que com o dinheiro cada qual acaba, com esforço, obtendo a sabedoria. E' verdade que o saber — isto é, a sciencia — dá seguros meios de desenvolver a riqueza. Mas a acquisição da riqueza é mais facil do que a do saber. Tanto é assim que o progresso material é mais rapido do que o intellectual. O perigo de vir a perder a fortuna, só podem ter os que têm fortuna. A primeira necessidade, portanto, será — para os homens como para os povos, — a de adquiril-a. Depois, cumpre saber não perdela.

Tudo indica ao Brasil que o seu primeiro dever é valorisar as suas riquezas. O resto pôde ser adquirido concomitantemente, mas sel-o-á com muito mais rapidez e segurança se nos pudermos apoiar sobre montes de ouro. Basta ver o que se passa com as pessoas. O individuo que "sahindo do nada" enriquece rapidamente, é considerado por todos como um "parvenu", como um "novo rico", como um imbecil pretencioso. A' custa do contacto que passa a ter com pessoas de nivel superior, vai perdendo as rebarbas, e se não consegue, no curto praso de vida que lhe resta, obter para si o completo polimento, pode ter a convicção de que isso será alcançado pela prole, graças á esmerada educação que lhe pôde dar. Ao lado disso, reflita-se na situação do sabio po-

(*) Hill, L'Etat moderne et l'organisation nationale, Paris, 1912.

bre que não tem recursos para instruir convenientemente os filhos.

Assim, os povos ricos. São, como os americanos o foram a princípio, e um pouco ainda hoje, quasi ridiculos pelo modo louco de jogar dinheiro fóra, ou pelas maneiras pouco elegantes. A sua sciencia e a sua arte foram, muito tempo, de importação; faziam como os ricacos que chamam nurses e fraulein para educar os filhos. Pouco a pouco, graças á força de vontade e ao esforço, algam-se aos primeiros degraus do saber, fazendo elles proprios descobertas scientificas. Hoje, occupam um lugar de verdadeiro, real e incontestavel destaque. Os scientists americanos já são alinhados pelo mesmo estalão dos sabios europeus. Graças á "sua" sciencia e aos "seus" methodos, desenvolvem as "suas" industrias e conquistam o "seu" progresso.

Ao nosso lado, na Argentina, está se passando, a nossos olhos, phenomeno semelhante. Tendo conquistado a riqueza, sendo hoje abastada, a Republica Platina pôde fazer vir do Velho Mundo mestres illustres que vão dar o polimento aos rastacouêres de hontem. Diariamente os navios conduzem para lá levas de immigrantes para os campos, para as industrias... e para as cathedras do magisterio.

Dentro do nosso proprio paiz, vemos o quanto vale para aquisição da cultura um solido fundamento pecuniario. Sem a sua riqueza, S. Paulo não poderia desenvolver a instrução, não poderia manter institutos de agricultura experimental, não poderia ter, em uma palavra, o apetrechamento intellectual de que já dispõe. Dahi a ecclosão da brilhante pleiade de romancistas, poetas e pensadores que estão apparecendo em S. Paulo.

Tudo isso evidencia a importancia da aquisição da riqueza. O Brasil está ainda neste estagio rudimentar da civilização, e querer dispensal-o, tem sido um erro de irreparaveis consequencias no passado e que persistimos em proseguir no caminho do futuro. E' este, portanto, um dos primeiros passos que o Brasil tem a dar. Para isso é preciso (e voltamos assim á primeira tecla) é preciso se organizar. Todos os que trabalham efficientemente acabam conquistando a independencia economica. O que não é possivel, é esperar a riqueza pelo bilhete de loteria ou pelo bicho premiado. Basta trabalhar. "On réussit toujours lorsqu'on tra-

vaille", disse-o Zola (*). "Basta trabalhar" quer dizer "basta organizar".

Para que uma organização seja perfeita é preciso conhecer bem aquillo que se vai organizar. Primeiro, estudemos o Brasil. E' o que pretenciosamente vamos tentar fazer, encarando-o sob multiplos aspectos da sua estrutura.

Como, porém, não basta que progridam as diversas partes do Brasil, mas que progrida elle mesmo como um todo "uno e indestructível", cumpre que procedamos ás nossas investigações, encarando-as sob o aspecto que nos parece essencial e basico, o da Unidade Nacional. Pouco adiantaria ao Brasil, que duas ou tres porções do paiz se hypertrophiassem de riquezas, quando outras se atrophiassem na miseria. O que nos interessa, a todos, é a prosperidade e a felicidade da "nossa" patria e não da "patriasinha" de cada um.

IRMÃOS COLUMNIADOS

Capacidade e disciplina

O sul do Brasil apresenta um notavel desenvolvimento economico, que todos nós conhecemos e a que já tive ensejo de alludir, em artigos na imprensa diaria, quando voltei da minha ultima viagem áquelle encantador recanto da terra brasileira.

E' fóra de duvida que, ao lado de outros factores, alguns climatericos, outros de ordem politica, deve-se ir buscar, porém, a causa principal dessa prosperidade no contingente de esforço, de capacidade e de disciplina do elemento allemão que acolá existe. Houve quem temesse essa immigração pelo medo do predomínio que acaso viesse a ter essa raça tão popularisada, pela propaganda franceza, como capaz dos maiores crimes e despauteorios. Disse propositadamente — houve quem temesse — porque hoje em dia é impossivel de se querer dar á Allema-

(*) Zola, Emile — Le Travail.

nha quaesquer sonhos de hegemonia, a ella que está alquebrada sob as desmesuradas exigencias do mais rancoroso dos seus inimigos. Mas, apesar de não se ter medo do allemão que, aliás, sempre fôra inoffensivo e ordeiro, ainda ha quem prégue o odio a elle, no Brasil.

O maior receio que poderíamos ter, seria o de que os allemães — e sua próle — quizessem ficar mais allemães do que brasileiros, que não viessem a amar bastante o nosso paiz e que se sentissem mais presos á terra dos avós do que ao torrão onde os seus filhos vissem a luz. Um engano. Dá-se com o filho do allemão o mesmo que com os nossos patricios descendentes de portuguezes. Tornam-se tão brasileiros que passam a jacobinos. Esse jacobinismo dos teuto-brasileiros é, analysado a fundo, bem igual ao dos luso-brasileiros. Na intimidade, ou quando não haja nisso inconveniente, mofam, ridicularisam até a terra e os patricios dos paes, que para aqui tenham vindo com a arca ás costas. No instante, porém, em que se torna preciso uma prova de affecto por essa terra, acaso amesquinhada por outrem, surge logo um grande e forte amor e se vê assim como os filhos de portuguezes ou os descendentes de allemães querem muito bem a Portugal e á Allemanha, de uma affeição doce e pura, estimando esses paizes como uma segunda patria.

A segunda patria

Os proprios allemães que aqui constituem familia, tomam, em pouco, um intenso amor á essa bôa terra brasileira e não querem mais voltar á patria senão a passeio. Parece que o nosso sol lhes faz penetrar nas veias um pouco do ardor que nós outros temos por este pedaço de continente.

Assisti, em Porto Alegre, a uma scena que comprova bem estas minhas palavras. Foi em uma festa intima no dia 1º de Abril, realisada em homenagem a Bismarck e organizada quasi que só para que alguns allemães se dêssem reciproco testemunho de fidelidade á unidade germanica, naquelle momento tão embaiançada pelas tentativas dissolventes do Sr. Poincaré. Era em casa de um patriota entusiasta e ardente, o Sr. Aloys Friedrichs. Havia em torno á mesa (onde só era possivel beber do legitimo e

generoso vinho da Mosela e do Rheno), uns vinte e poucos convivias todos allemães, excepto dois, que eram teuto-brasileiros, um dos quaes aquelle que escreve estas linhas. Aloys falou uma primeira vez para relembrar com calor o dever de todos os allemães para com a patria e para com a gloriosa memoria do seu unificador — Bismarck. Depois, falaram varios dos presentes; poesias foram lidas; cada qual narrou uma reminiscencia, quando, afinal, Aloys se levanta de novo para saudar Porto Alegre, o lugar que o acolhera, quando menino chegara ao Brasil. Conta então — e em pouco os seus olhos se marêam e as lagrimas incontidas se precipitam — as torturas que soffrera com uma doença de que fôra acommettido durante a sua ultima estadia na Allemanha. E' que elle não podia conceber como possivel a sua morte longe da "sua" Porto Alegre. Aquelle allemão que minutos antes vibrara de entusiasmo ao falar da patria, cuja grandeza elle sentia abalada, que se lembrava, tremente de saudade e de odio, das margens do "seu" Rheno, pisadas pelo senegalez odiento, era agora commoção e amor pela "sua" cidade. Era ali, em Porto Alegre, que elle queria morrer; era ali que elle queria deixar o seu corpo inanimado para todo o sempre. O seu coração se dividia bem em partes iguaes na fidelidade á terra de nascimento e no affecto á terra da adopção.

As palavras de Aloys commoveram a todos; e aos dois unicos brasileiros de nascimento que ali estavam, tocaram a mais sensivel das fibras.

E' este um typico exemplo de devotamento de um allemão á nossa terra. E' um allemão que não se quiz naturalisar, que se conserva até hoje cidadão germanico, mas que mostra o mais real e positivo carinho para com o Brasil.

Da efficiencia da colonisação germanica, transformando e dando vida ao nosso sólo, não me quero occupar neste artigo. Quero, porém, citar como evolue, para se identificar com o nosso meio, o elemento allemão, desde que seja carinhosamente acolhido e prestigiado, como tem sido desde muitos annos no Estado do Rio Grande do Sul. Infelizmente, a mesma politica intelligente não tem sido desenvolvida em outras regiões, donde attrictos e malquerenças.

A politica do trabalho

No Rio Grande do Sul o elemento germanico tem uma forte representação na Assembléa Estadual; creio que 12 deputados são para lá enviados. Entre estes, ha alguns allemães de nascimento — como o escriptor Arno Philipps — e outros brasileiros de origem teuta, como foi no passado o geologo Englert e é hoje o Major Bins.

O Major Alberto Bins é um industrial de largo descortino, activo, forte, trabalhador. Trabalhador e batalhador. Fala o allemão com a mesma facilidade com que se expressa em portuguez. Educou os filhos — uns rijos e bellos rapagões! — na mesma escola do trabalho. Fez com que cada um aprendesse a lingua allemã de modo a ter sobre a maioria dos seus compatriotas a formidavel vantagem de poder penetrar nos thesouros do saber teutonico; e para que se não esqueçam os filhos da aprendizagem feita, fala-se em casa do deputado Bins obrigatoriamente a lingua allemã no periodo das refeições. No mais, inteiros brasileiros. Tão bons — ou melhores! — do que os peralvilhos da Avenida. “Tão bons” porque os filhos do teuto Bins são ardorosos no patriotismo com em geral são os riograndenses — homens da fronteira; “ou melhor” porque sabem ganhar a vida com um certo brilho e desempenho, o que muitos dos bachareletes das nossas academias não podem fazer.

De politico e industrial, fez-se Alberto Bins um dia agricultor. Plantou a vinha e dos lindos parreirae da Granja Progresso sahe o melhor vinho que bebi no Rio Grande; preparou o sólo para o cultivo do arroz, installou machinas de beneficiamento e em pouco uma larga área da sua linda fazenda, a dois passos de Porto Alegre, apresentava-se á brisa suave, pejada das formosas espigas. Que intimo prazer sente esse fino cavalheiro, que é o Major Bins, ao obsequiar na linda vivenda da sua Granja aos visitantes deslumbrados.

E eu via, ali, o odiado sangue allemão transplantado para o Brasil, brotar exuberantemente na vinha, no arrozal, nos cereaes diversos, que ali se produzem. E esse homem que não se envergonha de se dizer germanophilo, que não tem medo de declarar alto e bom som o respeito que lhe inspira a patria dos seus

antepassados, que se orgulha no preito e homenagem ao grande paiz hoje amesquinhado, é um brasileiro ás direitas, patriota no sentido largo da palavra, activo, envolvendo-se na vida politica do Estado e dando o exemplo do trabalho real e effectivo no commercio e na industria.

Por que distinguir com um ferrete de ignominia a esses brasileiros, só porque não são oriundos directamente do sangue lusitano? Por que, pois, procurar amesquinhar com epithetos ridicularisantes os filhos do Sul, com outras origens ethnicas? Por que chamal-os de “allemãinhos de Santa Catharina”, como que para separal-os do convivio nacional? Não será por estes meios e processos que aggregaremos ao nosso povo elementos acaso recalitrantes; ao contrario, por estes modos só conseguiremos afastar mais os que já sejam arredios por natureza.

Vendo o Sul e examinando as condições locaes de franca prosperidade, é que chegarão, os outros brasileiros, a presar e estimar muito e muito esses irmãos calumniados.

A LINGUA DOS BRASILEIROS

Um só idioma

A lingua dos brasileiros é o portuguez e parecerá incompreensivel que haja no Brasil brasileiros que se não saibam expressar em portuguez, que é a lingua official do nosso paiz.

Quem resolve os graves problemas nacionaes sentado em uma poltrona confortavel de um elegante gabinete das Laranjeiras ou, apenas, perambulando pela Avenida, sem nunca ter ido ao interior do paiz, o menos que pede para esses brasileiros desnaturados, é a expulsão pura e simples. E’ facil, para estes, resolver com duas pennadas as mais graves questões. Quem, porém, tenha viajado, examinando “in situ” o problema, estudado como elle se estabeleceu e criou raizes, pensa um pouco antes de dar solução a um tão ponderoso problema.

A lingua unica é, sem duvida, um forte ligante para a co-

hesão dos povos e das nacionalidades, embora seja importante excepção a nação suíça, onde ha uma grande unidade ethnica, apesar de falar o seu povo tres linguas differentes. O povo judeu dividido e subdividido entre um sem numero de paizes, falando idiomas diversos, e quicá, ignorando o hebreu, ou, pelo menos, não se entendendo nessa lingua, guarda através dos seculos e das lutas e perseguições, uma notavel cohesão de raça. Mas, essas e outras excepções não infringem a regra geral de que a lingua é o grande estimulante das unidades nacionaes.

No Brasil, pois, a lingua de todos é e deve continuar a ser a portugueza, differenciando-se, embora, pouco a pouco, da que se fala em Portugal, de modo a ir constituindo um dialecto e afinal uma outra lingua, como já vae sendo percebido pelos grammaticos e glossologistas. Essa differenciação se vae dando graças á influencia do indio, do negro, dos colonos diversos que temos acolhido, e graças, tambem, ás proprias condições dos nossos meios locais, tão diversas dos da nossa antiga metropole. Todos nos devemos esforçar por manter essa nossa lingua e fazel-a conhecida dos colonos diversos que aqui aportam, de modo a identificar-os pouco a pouco, em gerações successivas, com o nosso sentir, com a nossa historia, com a nossa vida.

E ha, no entretanto, um grande numero de nucleos coloniaes que mal sabem falal-a, e que a pronunciam com immensas incorrecções, ou que a ignoram até. Ha. Ha, mas é preciso que acabe esse estado de coisas. Italianos em São Paulo, polacos no Paraná, allemães em Santa Catharina e Rio Grande do Sul, francezes, inglezes e escandinavos por toda a parte, no commercio e nas industrias, ficam estranhos ao palpar do nosso coração, nas nossas alegrias e tristezas, porque nos ignoram, porque desconhecem a nossa lingua.

Não me estou referindo aos estrangeiros que aqui chegando querem ficar estrangeiros, mantendo a sua nacionalidade, sem gozarem dos nossos direitos politicos, mas dos que aqui constituem familia e se vinculam ao solo.

De todos os estrangeiros installados no Brasil por via de colonização, são, sem duvida, os allemães os que mettem mais medo, embora igualmente grave seja o problema para todos os outros que não falam o portuguez. O "perigo allemão" é, porém, o que

avulta aos olhos dos brasileiros da Avenida. Isso decorre um pouco de ser o povo allemão o de grau cultural mais elevado por um lado, e por outro, por pensarem-n'o capaz de tentar a hegemonia politica da Terra, como se suppoz durante muito tempo, antes da guerra, durante a guerra principalmente, e como ainda hoje em dia inculca a Franga, para desviar de si os olhos severos do mundo. O problema teuto sobreleva, pois, no Brasil, a todos os outros.

Em outros paizes, de colonização estrangeira, como os proprios Estados Unidos, tambem a questão se apresentou; durante muitos annos o allemão foi um elemento quasi inassimilavel, e isso naturalmente preoccupou os estadistas americanos. A tal se refere com grande competencia o Dr. Carneiro Leão no seu livro sobre "Problemas da educação", no qual bordou conceitos muito apreciaveis sobre o "problema allemão do Sul". Quem lê esse livro sem lá ter ido, propende talvez em approvar as idéas do autor, já pela sua autoridade, já pelo aspecto razoavel da exposição. Quem, porém, esteve no Sul, foi ás colonias, ouviu depoimentos diversos, auscultou a opinião, orientou-se por si, passa a approval-o com calor e enthusiasmo, porque o autor soube ver com clarividencia aquillo que outros têm olhado com displicencia e sem criterio.

Em momento inoportuno

A resolução do problema teuto-brasileiro foi tentada no peor momento: — durante a guerra. Nessa ocasião os odios eram immensos contra a Allemanha e contra os allemães. Nós deixamos que a colonização se implantasse solidamente, nunca dando professores ás creanças, de modo que estas só sabiam e só aprendiam o allemão. Nunca mostramos aos adultos as vantagens de serem brasileiros para gozarem dos direitos de representação e do direito mais importante de se immiscuirem na nossa vida politica. Tiravamos dessa gente tudo quanto a sua agricultura e a sua industria nos podiam dar; arrancavamos com os impostos a contribuição pecuniaria desses productores para os nossos gastos faustosos, e, em retribuição, não lhes installavamos escolas, nem lhes davamos ensino, nem as menores noções sobre o que era a

terra que elles estavam habitando, porque para ella haviam sido chamados. Era um punhado de gente que vivia á parte, segregada; os brasileiros, filhos de allemães, eram chamados pelos outros brasileiros de "allemães de Santa Catharina". Isso pesava-lhes como um ferrete de ignominia, significava-lhes que nós não os consideravamos nossos irmãos e nossos patrícios. Em vez de ajudar os que se approximavam, nós os escorraçavamos. Um ou outro, — de raro em raro, — conseguia emergir.

Eram poucos, porém. A grande massa lá ficava no eito, a fazer manteiga e banha e a ser desconsiderada, e ao mesmo tempo a ser temida, a ser quasi odiada pelos seus patrícios. Lá ficava a trabalhar, e abandonada pelos poderes publicos, que economisavam a instrução dessa gente toda porque elles se desanalphabetisavam graças aos esforços das congregações religiosas e dos pastores protestantes que lhes ensinavam o allemão.

De repente, houve a guerra. Tudo mudou. O "perigo allemão" mostrou-se em todo o seu terrível horror. Quiz-se, então, em dous dias corrigir-se o erro de cem annos. E enviou-se para a zona um inspector de ensino, francophilo entusiasta, para acabar de uma vez com as escolas de ensino allemão e pôr no lugar outros do ensino de portuguez. Em um anno todos saberiam o portuguez e se teria conjurado a crise.

Foi assim que os estadistas daqui pretenderam resolver o problema: — a ferro e a fogo. Ninguém pensou que os meios suaviosos são muito mais efficazes que os processos violentos. Ninguém reflectiu que, se esses brasileiros não sabiam falar o portuguez, a culpa não era delles, mas dos nossos proprios governantes, que se haviam desinteressado do grave caso.

A chegada do inspector deu-se como se na região houvesse desabado um furacão. Vestigios desse cyclone tive ensejo de examinar agora, quatro annos depois (em 1923). E a occasião me parece propicia — agora que a calma está restabelecida e os odios da guerra estão sarando — para dizer dos resultados obtidos por esses processos violentos de nacionalização, a meu ver completamente contraproducentes.

Methodos violentos

Todos sabem que os processos violentos raramente são fructuosos, especialmente nos trabalhos de catechese. No entanto, foram elles os adoptados para realisar a chamada nacionalização do ensino na zona dessa nacionalização que se refere ao colono germanico que, todavia, todos reconhecem laborioso e obediente. Tão obediente elle é que o policiamento do vasto municipio de Blumenau pôde ser feito por duas praças de policia, e tão laborioso que os seus peores inimigos nunca lhe inculcaram esse defeito.

Foram violentos os methodos empregados pelo inspector de ensino durante a guerra — época de inicio da nacionalização — e ainda o são hoje, talvez, embora muito attenuados. No entanto, convinha que o delegado do governo agisse com prudencia, procurando conhecer o meio, ouvindo as diversas opiniões antagonicas. Para isso, seria condição primordial que o inspector geral soubesse sufficientemente allemão para auscultar com segurança o sentir daquella gente. Nos primeiros tempos devia ter a condescendencia de ouvir os nossos patrícios, falando-lhes em allemão, e mostrar-lhes, então — sem o perigo dos maus ou tendenciosos interpretes — a utilidade que tinham em saber o idioma official do paiz.

Isso foi o que se não fez. O inspector enviado era uma pessoa de muita illustração, talvez, mas de tendencias francophilas declaradas e rubras. Não queria ouvir ninguém. Aos teutos que delle se aproximava para formular duvidas na interpretação das ordens, não permittia que falassem senão portuguez, e como nessa lingua — por culpa da nossa inercia anterior — lhes era impossivel a conversa, preferiam calar-se e desaparecer. O que ouvi em toda a região de Santa Catharina, de innumeras bocas, foi a expressão de uma magua profunda pelo modo brutal por que foram tratados.

O Sr. Orestes Guimarães, — era este o inspector em questão — tem, em materia de patriotismo, um ponto de vista differente do commum dos brasileiros. Elle faz a apologia do analphabetismo, enthusiasmando-se pelas façanhas dos analphabetos no Paraguay, no Acre, com Placido de Castro, nos Guararapes,

declarando que toda essa gente gloriosa — a partir dos bandeirantes — não sabia lêr nem escrever. Li, boquiaberto, em um escripto do Sr. Orestes Guimarães, esta curiosa theoria do patriotismo. Eu penso — e commigo pensa, por certo, a massa nacional brasileira — que o patriotismo consiste em elevar o nível da nação, pela cultura, pela intelligencia, pelo preparo. Coherente com o seu ponto de vista, o Sr. Orestes Guimarães tem procurado realizar o seu objectivo em Santa Catharina, impedindo que os teuto-brasileiros saibam ler. Prefere augmentar os 89 % dos nossos analphabetos! Foi tolhido o funcionamento das escolas allemãs e foram creados uma meia duzia de collegios, onde as creanças não aprendem o allemão, porque isso é prohibido, mas onde, graças ao pessimo methodo adoptado, não aprendem tambem o portuguez. Consegue-se assim fazer analphabetos em dous idiomas... A guryxada fica em optimas condições para vencer a terceira batalha dos Guararapes!

Eu não estou dizendo essas cousas de oitiva. Eu fui a Santa Catharina especialmente para examinar as escolas, porque, mais do que o Sr. Orestes Guimarães, estou preocupado em incorporar a nós totalmente — e portanto pela lingua tambem — essa gente que tem um vivo patriotismo brasileiro e uma tristeza enorme por não saber o portuguez. Estou em melhores condições para dizer isso que qualquer outra pessoa. Esses “allemães” de Santa Catharina falam commigo ou me escrevem francamente, sinceramente. Não têm medo de mim, porque eu não os trato como um Senhor de escravos. Elles desejam, elles querem, elles anseiam por serem tidos por tão bons brasileiros como os outros seus patricios do resto do paiz.

A nacionalisação do ensino

Procurei ver, pois, em Santa Catharina, varias escolas. Acompanhou-me em algumas das visitas o Sr. Henrique Fontes, director de Instrucção, moço muito mais habil e muito mais capaz (segundo a voz geral) do que o Sr. Orestes, mas ainda muito orientado pelos methodos postos em pratica durante a guerra. As escolas do governo catharinense e as subvencionadas são analogas, quasi sem differenças essenciaes, sob o ponto que interessa agora examinar.

Faziam, para que eu visse o resultado dos methodos empregados, que as creanças lessem em portuguez. Liam bem, não ha duvida. A mim, porém, isso não bastava. E eu, então, fazia, em portuguez, algumas perguntas sobre a leitura. Não percebiam, em regra, as perguntas, e em um sem numero de vezes, não tinham comprehendido nada do livro em que se falava do Amazonas, de João Ramalho, e outras cousas interessantes para a nossa historia e geographia, mas fóra do alcance para quem tem o mundo limitado por Itajahy, Braço Sul e Jaraguá. Certa vez, logo na primeira vista, dirigi-me ás creanças em allemão. Senti que pela classe correria um arrepio. Como? Uma pessoa graduada ousava falar ali, naquella recinto, em uma lingua prohibida? E, no entanto, eu nada mais fazia do que applicar o methodo esboçado no livro do Sr. Dr. Carneiro Leão, que não é suspeito de germanophilismo.

E' que, em Santa Catharina, o processo todo tem por base o principio de que a criança desde que entra na escola só deve falar em portuguez. Como, porém, a criança não sabe portuguez, não entende nada. Apenas repete machinalmente as palavras ouvidas, mas... vae subindo de classe. O resultado final do processo pode-se aquilatar pelo que, segundo informação fidedigna, se deu em uma escola secundaria federal em Pommeroda. Ao fim “de quatro annos” de pratica do methodo de só se falar portuguez nas escolas sem que os alumnos articulassem ali uma syllaba em allemão, fez-se o exame de 18 meninos. Tres, apenas, foram capazes de entender um texto de leitura; os 15 restantes estavam no estado das creanças que examinei em Brusque! Bello resultado!

Ao lado disso, que é pratica do governo, tive occasião de ir á Escola de Franciscanos de Blumenau. O methodo é outro. Ao que se matricula, se ministra o ensino em allemão; aprende a criança a ler e escrever nessa lingua, que é a lingua que ella fala. No anno seguinte, vae ao mesmo sendo ensinado pouco a pouco, paulatinamente, o portuguez, sempre os esclarecimentos sendo dados, porém, na lingua que lhe era mais familiar. Ao fim do curso, a criança fala e entende o portuguez. Isto eu vi; ninguem me disse.

Não se me diga, porém, que o inspector e o governo estão de

facto muito preocupados com o desenvolvimento do amor aos assumptos brasileiros entre a população teuta. Não ha pelas paredes senão pouca cousa que lembre, de modo especial, a nossa historia ou os nossos feitos. Ha, porém, ao contrario, uma porção de cousas que lembram o amor á... França! Basta dizer que os quadros muraes pintam scenas de vida rural, industrial e domestica desse paiz e os letreiros estão escriptos em "lingua... franceza". Curioso amor á lingua nacional! Os quadros de mathematica têm symbolos apenas usados pelos inglezes e americanos e aos quaes nós brasileiros não estamos habituados; e são esses quadros — sem adaptação alguma — os empregados para "abrasileirar" as creanças teutas. Por ocasião das festas do Centenario, os folhetos enviados daqui para, em commemoração á nossa Independencia, serem distribuidos pelas creanças, eram escriptos em... "francez". Isso tudo causa pasmo a um observador imparcial e, no emtanto, é a pura realidade; é assim que está orientada a "nacionalisação" do ensino no Estado de Santa Catharina...

Tenho a impressão de que de tal modo "nunca" se conseguirá fazer cousa alguma pela nacionalisação desses brasileiros. Conseguiremos — isso sim — fazer maior numero de analphabetos. Quem considerar o analphabetismo uma honra e um caracteristico do bom patriota, deverá ficar contente, porque isto se está sem duvida, obtendo.

ASSUMPTOS CRATOPOLITICOS

CONGLOMERATO POLITICO (*)

O problema da unidade nacional é a questão culminante do nosso futuro.

Alberto Torres.

Os extremos politicos e o centro

Parece estar definitivamente quebrado o respeito fetichistico pela Constituição de 24 de Fevereiro. Governo e opposição pedem a revisão.

A "arca santa" só era, de facto, defendida com tenacidade pela politica governista do Rio Grande do Sul. O general Pinheiro Machado, representante ostensivo do pensamento do sr. Borges de Medeiros, foi sempre — lembramo-nos todos — o principal obstáculo a qualquer tentativa de modificação. O espirito opportunistista do presidente gaúcho terá tido, porém, tempo de se convencer da inconveniencia de irritar um presidente da Republica, quando este se manifesta resolutamente a favor da reforma. O principal obice "theorico" terá sido assim affastado.

A ansia da revisão se traduz nas palavras das duas facções extremas da nossa politica, que ambas a querem, embora cada

(*) Este artigo foi publicado tambem na "Zeitschrift fuer Geopolitik", vol. 8, 1926.

qual a seu modo. Uma corrente — a da Alliança Libertadora, propugna por mais liberdade, donde por mais rigor na apuração do voto, por um mais severo regimen de justiça, por uma maior restricção na acção do poder executivo; a outra, ao contrario, lamenta que este mesmo poder executivo esteja tão desarmado para abafar qualquer movimento de opinião conduzido por caminhos não considerados idoneos pelo governo, requisita mais força para o presidente, e chega até a pedir a pena de morte para os delictos politicos. Como se vê são duas tendencias bem oppositas e interessantes de serem estudadas em confronto uma com a outra, em discussão larga e ampla, pelos jornaes, o que é infelizmente impossivel em uma época em que a palavra está sempre ameaçada de cerceamento já pela lei de imprensa, já pelo estado de sitio. Não será portanto a conturbada hora actual a mais propicia para tomar reflectidas decisões sobre a grave questão constitucional. O adiamento, que o espirito moderado dos centristas conseguirá, (*) só póde ser benefico. Um e outro programma tem pontos accetaveis, como o debate esclareceria. O facto de ser alguém — como eu por exemplo — partidario “em linhas geraes” da orientação da Alliança Libertadora, não impede de ver a necessidade de cercar de prestigio o principio da autoridade, uma vez que esteja ella se exercendo dentro da lei e das boas normas republicanas. Só uma salutar troca de idéas poderia esclarecer os principaes pontos de divergencia.

Ambos os partidos, porém, se põem de accordo para defender o regimen federativo. Nem o sr. Arthur Bernardes procura atacar de frente a questão dos excessos a que nos tem levado a federação, nem, tão pouco, o sr. Assis Brasil. Este até, no seu, aliás, brilhante manifesto, publicado no “*Dario Official*”, de 9 do corrente, declara peremptoriamente que a Revolução “conservará o systema federativo como insuperavel da boa administração de um paiz das dimensões e da variedade geographica do nosso”.

Vê-se assim que sobre este ponto, ao menos, ambas as partes, agora em litigio, consideram como o melhor e o mais consentaneo com os interesses do Brasil o regimen politico vigente.

(*) Infelizmente não conseguiu.

Mas será — pergunta-se — a federação, tal como está sendo praticada entre nós, o melhor cimento para ligar as diversas porções dispaes do agglomerado politico constituido pelos vinte Estados da Republica?

O crystal e a formação politica

Quando uma nação se forma — como, por exemplo, a França, ou mesmo os Estados Unidos — pela apposição successiva de camadas territoriaes em torno de um forte nucleo de aggregação, a organização politica do paiz tem qualquer coisa de analogo a um crystal: é um solido unido e homogeneo. Quando, porém, a formação se dá — como na Allemanha e mesmo no Brasil — pela reunião mais ou menos heterogenea de diversas unidades, a nação não apresenta a bella estrutura crystalina: é um mero conglomerato, mais ou menos resistente conforme a força cohesiva do ligante interposto entre os pedaços juxtapostos. A natureza desse tecido conjuntivo do nosso organismo social é que deveria, a meu ver, ser estudada com a maxima attenção pelos homens com a responsabilidade da direcção politica do paiz, quer fossem governistas, quer fossem opposicionistas.

De facto. Dentre os grandes problemas referentes á vida do Brasil, nenhum ha que supere o da sua unidade. As proprias questões de educação, tão intimamente ligadas ao progresso de nossa patria, devem ser exploradas, nunca perdendo de vista que o escopo principal de todos os brasileiros deve ser o de nos manter como um todo uno e indestructivel, pois lamentavel seria afinal, termos um povo muito instruido, sem analfabetismo, mas corroido pelo microbio do separatismo.

Um regimen que rue

A experiencia federativa que estamos fazendo, ha 36 annos, deve nos ter dado tempo para reflectir sobre ella e apurar no fim de sete lustros em balango patriotico, o saldo ou o “deficit” em que estamos relativamente ás tendencias da manutenção ou destruição da nossa unidade. Tanto quanto me permite a minha mentalidade de simples geographo e os conhecimentos pessoais

que tenho tirado pela visita a varios Estados do Brasil, presinto — mais do que isto! — começo a sentir já os primeiros estalidos e até bem estridentes do desmoronamento do edificio federativo.

Quem atravessa a linha limitrophe saindo de um Estado para entrar em outro, sente-se quasi em paiz estranho. Differente é a justiça; differentes são as regras administrativas; differente é o modo de ensinar mesmo as primeiras letras; differente é até a maneira de ver o Brasil através do diaphragma da historia local anteposta á historia geral do paiz; differentes são os interesses de cada pequenino “povo” segregado do resto dos seus irmãos pelas barreiras fiscaes, de modo que cada qual se julga hostilizado pelos “outros” como se estes fossem inimigos estrangeiros. De commum quasi que só ha a lingua, e esta mesmo se está “expandongando” em dialectos que os literatos estadoaes — para desenvolver o espirito regionalista — têm garbo em consolidar em seus livros.

Não é um devaneio de lyrismo pessimista dizer que já ha terras brasileiras onde parte da população colloca o Brasil em segundo lugar, depois da Provincia de seu nascimento. Isto é o começo do fim. Toda vez que qualquer individuo se considerar primeiro paulista, ou bahiano, ou paraense para depois se declarar brasileiro, póde se ter a certeza de que elle não experimentará qualquer emoção no dia em que houver quem queira destacar a “sua terra” do resto do corpo nacional para constituir uma naçãozinha á parte.

O unitarismo brasileiro

Attribue-se geralmente ao regimen monarchico a gloria de ter mantido coheso o nosso paiz. Fôra talvez preferivel escripturar esse benemerito feito á conta do unitarismo que mantivemos durante o Imperio. Temos vivido no Brasil, (já a accentuaram alguns historiographos) em uma oscillação permanente entre tendencias centralizadoras e pendores de regionalismo mais ou menos federativo. A divisão em capitánias deixou o germen, que até hoje perdura, de um separatismo latente. As capitánias, e em parte tambem mais tarde as proprias provincias naturaes que dellas se geraram, se ligavam a um centro de attração com-

mum localizado em Lisboa, e se desconheciam reciprocamente. Os governos geraes e depois o governo unico implantado no Rio de Janeiro iniciaram o trabalho de unificação do Brasil. Realmente, a esse tempo, o Rio de Janeiro não era, como é hoje, uma cidade periphérica, mas estava em uma região meã, a conveniente distancia de todos os pontos habitados do territorio nacional, e se prestava a actuar como centro de gravidade do nosso systema politico. Logo depois, com o augmento da área povoada, o Rio de Janeiro deixou de ter essa importante função, de modo que muito bem andaram os constituintes de 1891 em exigir a mudança da capital para um planalto central, medida que seria urgente realizar pela vantagem de se estimular a centralização politica da nação. A capital central é um dos correctivos aos exaggeiros do federalismo.

O unitarismo que predominou no Imperio foi o agglutinante dos bloeos politicos espontaneamente criados, graças ás favoraveis condições topographicas e climatericas, em torno de Belém, de Recife, do Rio de Janeiro e de S. Paulo.

Não é erroneo ir buscar tão longe — nas capitánias — o rudimento historico das tendencias separatistas, augmentados pelas condições geographicas e quiçá acceleradas — praza a Deus que não! — pelo regimen federativo. Lembremo-nos que as ridiculas questões de limites inter-estadoaes, que tantos odios acirraram entre os Estados, têm o seu embryão naquella primitiva divisão da colonia desconhecida.

Os interesses desencontrados entre os Estados parecem estar querendo levar alguns governos locaes a desenvolver até intuitos armamentistas, o que cooperará para gerar mais desconfianças, rancores e possivelmente lutas armadas em uma especie de guerra inter-estadoal. Que horror! Isto não é sonho, é realidade dos dias presentes, como ahi está o “exercito” de S. Paulo para demonstrar.

Quem portanto, com espirito calmo, vê o que se vae passando por ahi afôra, sentirá, como me observou ha dias uma pessoa altamente insuspeita ao governo actual “o rilhar de dentes entre os representantes regionaes, quando se discute no Parlamento algo que diga, em particular, respeito ao interesse antagonico dos respectivos Estados”.

A organização da unidade nacional

Já era tempo, portanto, de que os nossos homens publicos collimassem os estudos dos problemas nacionaes mirando-os sempre pela superior maneira de Alberto Torres. O eminente e saudoso mestre qualificou, na sua "Organização Nacional", o "problema da unidade nacional como sendo a questão culminante do nosso futuro". No entretanto, em toda a azafama politica em que vivemos, não se percebe — quer de um lado, quer de outro — um brado nitido e vehemente em prol dessa desmoronante unidade. As vozes isoladas, ainda que energicas, como as do sr. Oliveira Vianna, não conseguem dominar a gritaria da politicalha.

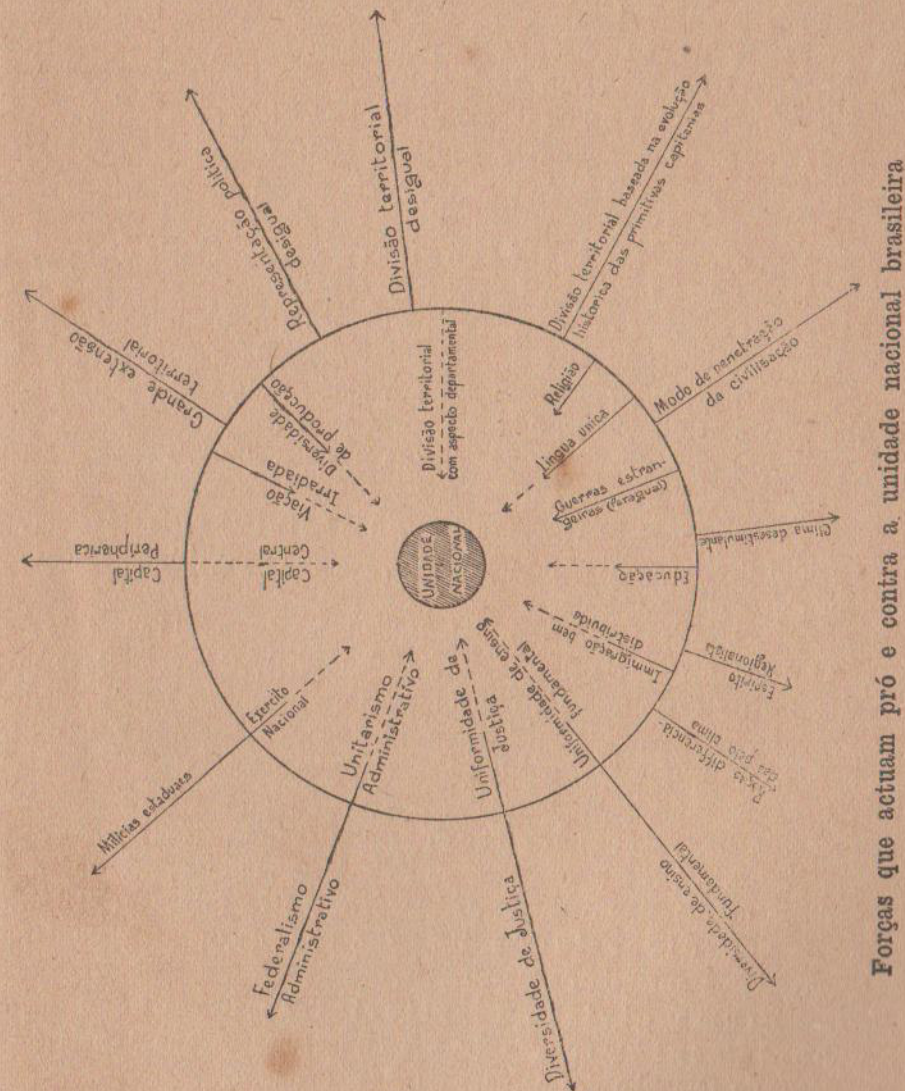
Sob qualquer ponto de vista que se encare a questão, — para defender ou para condemnar o regimen federativo — urge proceder a um detalhado exame de todas as forças quer positivas, quer negativas, isto é, quer centripetas, quer centrifugas, que actuam sobre o organismo nacional. Só depois de serem bem contrabalançadas e medidas é que (usando da terminologia mathematica) é que será possível compol-as racionalmente para traçar então, a resultante que tenha de servir de directriz á alta e larga politica brasileira.

Para deixar desde já no leitor uma impressão do conjunto de taes forças, procuro reunir em um graphico o aspecto geral do problema, tal como eu o vejo á serena luz da anthropogeographia, que derrama sobre todas as coisas uma tonalidade suave que deixa, todavia, apparecer em relevo os factos culminantes. O cumprimento das settas são proporcionaes á intensidade que me parece ter o phenomeno, a parte em traço interrompido significando a grandeza que o phenomeno precisaria ter para actuar mais vantajosamente sobre a unidade nacional.

Podemos resumir no quadro ao lado o conjuncto de forças favoraveis ou desfavoraveis que actuam sobre a nossa unidade nacional.

Actuam desfavoravelmente :

- a capital situada na periphéria do territorio (Rio de Janeiro)
- a grande extensão territorial desigual



- a representação politica (numero de deputados enviados ao parlamento por cada um dos Estados)
- o tamanho desigual de cada um dos Estados
- a divisão territorial baseada na evolução historica das antigas capitanias
- a maneira pela qual se deu a penetração da civilização, de modo que a população está demasiadamente accumulada em uns pontos e rarefeita em outros
- o clima desestimulante
- o espirito regionalista, cada vez mais desenvolvido por uma literatura tendenciosa
- os *typos ethnics* rapidamente diferenciados pelas condições climatericos e pelas concentrações de imigrantes
- a diversidade de ensino fundamental, variando os metodos e as disciplinas de Estado a Estado
- a diversidade de maneira de distribuir a justiça, em cada um dos Estados da Federação
- o aparelhamento administrativo tambem muito diverso, e mesmo antagonico, em cada uma das unidades nacionaes
- a pujança e desenvolvimento dados ás milicias estaduais (especialmente em S. Paulo e R. G. do Sul) como se fossem exercitosinhos promptos a guerrear.

Actuam favoravelmente :

- a capital central (no planalto goiano)
- a viação ferrea ou rodoviaria muito grande e irradiada de um ponto central de concentração (a futura capital)
- a diversidade de productos, o que póde desenvolver a autarcia do Brasil
- uma divisão territorial com aspecto departamental, ou seja em grandes comarcas que jamais seriam do tamanho dos actuaes estados
- uma lingua unica, naturalmente a portugueza
- as guerras externas, como foi a do Paraguai, a qual serviu para unir todos os brasileiros em torno de um mesmo e forte sentimento

- uma certa uniformidade de crença religiosa
- uma educação systematisada de modo a attenuar as influencias climaticas
- uma conveniente distribuição das correntes immigratorias
- uniformisação do ensino, da justiça, e dos processos de administração, tanto quanto o permitirem as condições locaes
- o fortalecimento do exercito e marinha, fazendo-se entrar nas mesmas fileiras os filhos de todos os Estados, de modo a se estabelecer mutuo conhecimento pessoal.

VOTO SECRETO E CONSCIENTE

Voto consciente

A proposito desse assumpto, fomos, certa vez, procurado por um redactor d'A Tribuna, que assim descreveu o nosso encontro:

“O professor Everardo Backheuser tem se tornado conhecido pelo desassombro de suas attitudes e pela coragem com que afirma o que pensa.

Numa época em que a subserviencia é quasi a lei, numa época em que os homens são accomodaticios, o professor Backheuser faz parte desses poucos casos esporadicos, dessas poucas pescas que não entram no “cordão” carnavalesco, vulgarmente conhecido por politica dominante.

O seu espirito culto vê, com um vago infinito, as forças e o desvirtuamento do regimen.

Havíamos tido, ha témpos, ensejo de conversar, em viagem de trem, com o professor Everardo Backheuser, a respeito do voto secreto. S. S. lia então “O Espirito das democracias” de Sampaio Doria, e, mostrando-nos o volume, dizia que os argumentos desse autor eram tão claros e convincentes que haviam chegado a modificar a sua orientação a respeito do assumpto.

Para o Prof. Backheuser o que, anteriormente á tal leitura lhe parecia mais conveniente para apuração do sentimento da população pelos torneios eleitoraes, era o voto consciente. Como voto consciente entendia o nosso interlocutor o restabelecimento de uma especie de censo alto.

— Mas, objectamos, o censo alto é contrario á nossa constituição, que estabelece como condição para ser eleitor “saber lêr e escrever, apenas”.

— Muito bem. Para ficar dentro dessa formulá constitucional, bastaria definir o que seja saber lêr e escrever. Hoje entende-se como tal, saber soletrar um texto impresso e saber desenhar o nome.

Muitos eleitores, no interior e mesmo aqui no Rio, pouco mais sabem do que isso. Desconhecem, totalmente, o Brasil, a sua historia, a sua geographia, as suas necessidades economicas e sociaes e, no entretanto, pesam com o seu voto tanto como Oliveira Vianna ou Levi Carneiro. Queria-me parecer (repetia-nos então o dr. Backheuser), que com uma medida na lei eleitoral, estabelecendo que só pudesse votar quem tivesse completado o curso primario, teriamos afastado das urnas toda essa massa inconsciente e simplesmente numerica, massa de escravos que o interesse ou o medo atam ao sequito dos cabos que preparam alistamento. Creio, porém, depois da leitura dos folhetos e livros de propaganda da Liga Nacionalista de S. Paulo que mesmo isto, mesmo esta selecção, pode ser feita automaticamente pelo voto secreto, pois o eleitor ignorante, que só é eleitor porque faz negocio com o voto, não teria mais vantagem em continuar com essa sinecura, porque, com o regimen secreto, ninguém compraria mais votos porque seria pôr dinheiro fóra.

O voto secreto, mas secreto de verdade, e não como já o imaginaram os politikeiros, resolve a grande maioria dos problemas de falseamento da opinião que actualmente existe no Brasil.

Voto secreto

Isso conversamos com o Prof. Backheuser, ha cerca de um anno, logo depois de ter elle voltado á liberdade, após os longos quatro mezes em que andou peregrinando pelas prisões do sitio.

As referencias que o Presidente Bernardes faz ao voto secreto deram-nos vontade de ouvir pessoa que ha muito tempo reflecte com calma sobre o assumpto, porque o Prof. Backheuser sabe guardar, sempre, muita calma em julgar os homens e os acontecimentos, apesar das contrariedades por que esteja passando.

Fomol-o encontrar entrando, ha dias, na sessão do Conselho Director do Club de Engenharia e indagámos:

— Já leu a Mensagem Presidencial na parte que se refere ao voto secreto, e pôde nos dar a sua opinião?

— Lamentavel a mensagem nesta parte, como de resto em quasi todas as outras. O Presidente mostra ignorar tudo quanto se ha escripto e dito sobre o voto secreto. Para elle com o voto secreto pôde haver compressão, intimidação e corrupção do eleitor. Como? pergunto eu. Que luera o chefe politico em amedrontar, se o eleitor pôde dizer que vota em um candidato e ir votar em outro. A corrupção e o amedrontamento desapparecem automaticamente.

A regeneração do suffragio, acredita o sr. Bernardes, não se pôde obter só com o voto secreto. De accordo. O voto secreto não basta. Não corrige nem os vicios de alistamento (que terão de ser remediados por outro modo) nem principalmente o descaçamento usado pelas camaras para depurar os desaffectedos do poder. Apesar de toda a compressão havida, o nobre eleitorado do Rio elegeu o sr. Irineu Machado. E o resultado? O povo fluminense elegeu o sr. Raul Fernandes, mas o sr. Bernardes, depois de o empossar durante 15 dias, resolveu depol-o. Contra essas arbitrariedades do poder, é claro que nada pôde o voto secreto...

— Mas, dissemos, interrompendo a sua exposição, o dr. Bernardes allude tambem á possibilidade de se viciar a apuração, majorando votações nas secções finanimes ou sem fiscalização da opposição.

Uma machina para votar

— Poder-se-á fazer isso emquanto não se empregar a machina de votar, como já está sendo feito em alguns paizes. Tivemos ensejo de ver photographias das usadas na Rumania ou Bulgaria. A contagem se faz, como nas machinas de calcular ou

nesses registradores tão em uso nas casas commerciaes. Cada botão corresponde ao nome de um candidato. A somma se faz sem que ninguém reuna as parcellas. E' claro que o aparelho não é, em tudo, semelhante a essas caixas registradoras.

— E como é, então? Póde-nos dizer?

— E' difficil a descripção, não havendo, ao lado, a photographia que não possuo agora. O conjunto é, porém, mais ou menos, este: Ha um compartimento, do tamanho de uma casinha de banho, com duas portas, apenas. A primeira só dá entrada, e a segunda só sahida, e sempre a uma só pessoa. Verificada a identidade do eleitor, o presidente do acto abre a porta e o eleitor, por dentro a fecha. Só depois de fechada esta, é que se abre uma janellinha onde figuram os nomes e os retratos dos candidatos no lado de botões. E' preciso que o eleitor calque o botão, para que o seu voto seja dado.

A porta de sahida se abrirá, tambem, automaticamente, depois do eleitor haver calcado o numero de botões correspondentes aos votos que elle póde dar. Collocada essa "casinha", ou antes, este "quarto", sobre um caminhão automovel, andará de logar em logar, de cidade em cidade, de parochia em parochia, recolhendo votos. A abertura se fará por uma junta, que não se poderá dizer que é de apuração porque é de simples constatação. A fita retirada da caixa, dá logo mathematica e seguramente, a somma de votos, obtidos pelos candidatos.

E, concluindo, porque já havia sido chamado duas vezes para a sessão do Club:

— O voto secreto não é uma novidade que vá ser tentada, timidamente, pela primeira vez, entre nós. Grande numero de paizes já o adoptaram.

E, aqui perto de nós, na Republica Argentina, por Saenz Pena, que assim conseguiu o saneamento eleitoral daquella republica, extinguindo tambem os pronunciamentos, que eram tão frequentes, como em todos os povos que não têm outro modo de manifestar o seu pensamento e a sua opinião."

UM PROGRAMMA PARTIDARIO PARA O MOMENTO

Prévia definição de principios

Nesta época de febril e quasi infantil entusiasmo pela revisão por parte dos politicos governistas (*) parecerá esdruxulo que ainda haja quem pense em dizer que será nocivo ao Brasil uma profunda reforma na Carta Maxima sem que, preliminarmente, se haja preparado o ambiente propicio a tal reforma.

Mas, sem éco embora neste angustioso momento de conflagração material e cerebral por que passa a nação, talvez, mais tarde, seja possivel tentar uma volta ao bom caminho e, se Deus nos dê vida e saude, lá estaremos então, como estamos agora, ao lado dos que aspiram que o Brasil seja governado de accordo com a vontade do povo consciante manifestada de modo inequivoco.

A primeira exigencia para que uma reforma constitucional fosse tentada seria a de que o Congresso, que disso tratasse, tivesse sido eleito com prévia definição de principios por parte dos candidatos. Isto quer significar, que antes da eleição, deveria o eleitorado ser informado de que aquelle pleito ia servir de base á revisão almejada por todos os brasileiros.

Assim sendo, estabelecer-se-ia a franca discussão nos jornaes e nos comicios, nos gremios meramente politicos e nas associações de classe. Cada qual compareceria com o seu programma, com o seu quadro de idéas, com o arsenal de retoques que iria propôr. No debate, assim superiormente conduzido, cada qual procuraria adduzir melhores argumentos para convencer os adversarios de boa fé. E' claro que nenhuma restricção poderia ser feita á explanação das idéas, nem tão pouco ás proprias idéas em si.

Disso resultaria um Congresso composto de todas as tintas, da extrema direita á extrema esquerda, com cambiantes subteis, em uma irisada polychromia vicejante, que não é raro encontrar nos demais parlamentos do mundo, mas de que não se encontra, infelizmente, exemplo no do Brasil.

(*) Este artigo foi escripto em Agosto de 1925, como se está vendo, quando mais intensa estava a campanha do Sr. Arthur Bernardes para tornar victoriosa a "sua" reforma.

Aqui os parlamentares, quando não se exhibem na repugnante apparencia do *unanimismo*, se scindem de um só modo, em uma dichotomia simples: um ramo maior, compacto e subservente, apoiando o governo, só porque é governo, seja este qual fôr; e outro ramo, menor, irrequieto, audaz, fazendo opposição "pelo prazer da reclamação oratoria". Ha maioria e minoria. Ha governo e opposição. Não ha direita nem centro, nem esquerda. Estas expressões são, no Brasil, fantasias de glossario, sem o sentido proprio consagrado pelo uso em outras nações.

Esse estado de coisas é a antinomia do regimen de opinião. No regimen representativo — o só nome está a proclamal-o — é indispensavel que, dentro dos corpos electivos nacionaes, "se representem" todas as correntes de opinião, por pequenas que sejam desde que sejam ponderaveis. Quando systematicamente se calca essa opinião publica, sem lhe deixar modos de se manifestar, ella força a sahida. Força-a pelos meios licitos ou pelos meios illicitos, fazendo as revoluções. Para que a opinião não se veja obrigada a recorrer a este ultimo processo, tentando derrubar a barragem de compressão para se extravasar com borbo-rinho confuso e arrazador, é que nos paizes bem organizados e criteriosamente governados, são deixadas permanentemente abertas as adufas da imprensa, do comicio, da eleição respeitada.

Ha muito tempo que no Brasil, ora com menos, ora com mais intensidade, este salutar regimen vem soffrendo hiatos. A restricção do pensamento vem se fazendo sentir quer para os problemas propriamente nacionaes, quer para os de character geral que preoccupam a todos os povos, os quaes os politicos brasileiros teimam em atirar no porão, para que não se exhibam á luz da ribalta. E não ha como sonegal-os.

Elles ahi estão á vista, como ainda ha dias salientou o illustre sociologo francez Sr. Albert Thomas. As suas clarividentes palavras foram applaudidas por uma boa parte do auditorio, e as nossas mãos não nos doeram das effusivas palmas com que interrompiamos, de instante a instante, o seu sisudo, calmo, eloquente mas incisivo discurso. Mas as suas palavras foram ouvidas tambem por ministros de Estado, que lá estavam presentes e que deverão estar, a estas horas, reflectindo sobre ellas.

Havendo, como ha, no Brasil, o reflexo das questões sociaes

que abalam nos seus alicerces a velha organização social do mundo, poderia um Congresso que fosse verdadeiramente um Congresso Nacional se esquivar a estudal-os ao tratar de uma reforma constitueional?

Mas, como se está vendo, deste sério problema nem se cogita agora. E por que?

Porque no nosso parlamento não têm voz as diversas correntes de opinião que por ahi andam se esgueirando nas sombras das esquinas; como se não fosse licito aos homens brasileiros o direito de pensar como pensam os cidadãos francezes, ou americanos... ou argentinos.

Um programma de partido

Se o parlamento que tivesse de fazer a revisão fosse eleito sob a base de uma verdadeira representação de opinião, lá teriam assento desde o mais ponderado e timido conservador até o mais arrojado communista; desde o anarchista ao clerical; desde o presidencialista ferrenho, concentrando nas mãos do chefe do Executivo a maior somma de poder, até o parlamentarista cioso de dar ao Congresso o maximum de responsabilidade na direcção da coisa publica; desde o federalista entusiasta do lema de Venancio Ayres, até o unionista preocupado em soldar os pedaços deste nosso querido Brasil. Todos, todos teriam o direito ou a possibilidade de penetrar no novo Congresso Constituinte para dizer o seu modo de ver, para esboçar uma directriz politica para a nação, para suggerir a medicação mais efficiente ao revigoramento do organismo nacional.

Deste entrechocar de designios, deste embate de pensamentos variegados, sahiria afinal uma constituição que fosse o reflexo do pensar e sentir da opinião publica brasileira.

O primeiro passo, portanto, para se fazer uma revisão limpa e honesta, sincera e leal, da Carta de 24 de Fevereiro, seria uma eleição livre, liberrima, como nunca se teria visto no Brasil, mas como se vê no nosso flanco sul, na Republica Argentina, no Uruguay e no Chile, prova de que isto é possivel nos povos novos e ainda não totalmente organizados no ponto de vista social.

No momento presente, no Brasil, se estão, pois, invertendo os

termos do problema. Faz-se a revisão quando poucos podem falar, e quando falam, fazem-no assim mesmo timidamente, como estamos fazendo neste artigo com receio que a censura corte as rebarbas como é seu costume.

As etapas para a revisão seriam, pois, balisadas:

1) pela decretação de uma nova lei eleitoral, dando o direito de representação a todas as classes sociais, sob a base do voto secreto e consciente, como, em formula concisa, nós mesmos propuzemos algures;

2) por uma eleição realizada no regimen de pleno respeito á liberdade de manifestação de pensamento;

3) pelo procedimento elevado e digno da Assembléa Nacional, de modo a não cercear, por processos hoje em dia em voga em certos parlamentos, a propugnação de qualquer ideal.

A realização de um tal programma, na apparencia modesto, seria, por si só, uma bandeira de arregimentação partidaria dentro da qual teriam agasalho, no periodo da propaganda preliminar, todos os homens de boa fé que existam no Brasil.

O individuo ou grupo de individuos que lograsse realisalo, dando valores concretos aos diversos coefficients desta equação, teria de ser considerado, mais tarde, como benemerito da Patria, porque teria realizado assim a mais profunda modificação de costumes politicos que jámais assistira o Brasil.

Depois da revisão feita

Este artigo, escripto como viu o leitor, no periodo em que se fazia a revisão, tem ainda todo o seu valor, pois que a revisão imposta aos politicos pelo Sr Arthur Bernardes não representa uma aspiração nacional.

Todo o trabalho dos homens sinceros estará agora em annullar o que foi feito. O que foi feito fortalece o poder executivo contra os outros poderes, assim como a União contra os Estados. Sentimo-nos tanto mais sinceros, pedindo a destruição dessa revisão, quanto somos pessoalmente partidarios de um regimen com tendencias unitaristas. Mas o que é essencial é que qualquer trabalho de reforma constitucional seja feito com liberdade de opinião.

O BRASIL NA POLITICA MUNDIAL (*)

O "Espírito de Locarno"

O rapido e tragico desenrolar de acontecimentos em Genebra em Março de 1926 poz em evidencia o nosso paiz, expondo-o a acerbas, embora ás vezes injustas criticas de jornalistas e mesmo de homens de governo. Não vale a pena agora retaliar, aos olhos de toda gente, a conducta da nossa chancellaria que, quiçá involuntariamente, ia pondo em cheque o espirito de Locarno, sellado pelo pacto a que se conseguiu chegar depois de um herculeo trabalho da diplomacia ingleza.

Nunca poderíamos pensar que partisse de um paiz americano, e ainda menos do Brasil, cuja imperturbavel norma pacifista é assás conhecida, a collocação de um obstaculo, por menor que fosse, ao benemerito esforço tentado pelo grupo europeu occidental. Foi, porque nos parecia certa a conducta da nossa chancellaria, que saudamos anteeipadamente, a admissão da Allemanha na Liga das Nações, o que afinal era o primeiro passo para a convalescença da desequilibrada saude do Orbe Terraqueo. O nosso artigo, retardado por motivos diversos, foi infelizmente publicado muito depois de escripto, de modo que só veio á luz quando já havia estalado o dissidio entre o Itamaraty e Wilhelmstrasse.

A inoportunidade era evidente e o mais contrariado com a publicação fomos nós mesmos. Afóra esta ressalva, porém, nada ha que retocar no que dissemos, sendo quasi idiotas as criticas com que procuraram nos ferir, allegando-se até que nem brasileiro eramos. Tolice. Pela circumstancia de termos o sobrenome germanico não somos menos brasileiro do que os demais homens que aqui nasceram, e temos de sobejo demonstrado o nosso patriotismo.

Deixemos, porém, de lado o caso do nosso artigo (que é sem importancia e a que alludimos só de passagem), e consideremos de preferencia a possibilidade de se ter posto por terra o bem-fasejo espirito de Locarno. O facto era de tal gravidade internacional, que difficilmente homens, com a consciencia da verdadeira responsabilidade, se abalancariam a alluir aquella

(*) Este artigo foi publicado em Abril de 1926.

obra. Eis porque, nem um só minuto duvidamos das consequências estipuladas na Italia septentrional pelas grandes potencias da Europa.

Por qual razão se fez o famoso accordo nas margens do Lago Maggiore? Simples devaneio? Apenas a ansia de mais uma conferencia internacional e de mais um tratado para ser reformado em curto prazo? Nada disso. Algo de mais forte e mais positivo; qualquer coisa de muito differente do que nestes ultimos tempos se ha feito em diplomacia.

Se não, vejamos.

Euramericanismo e Euroasiatismo

Ha dentro da Europa dois grandes grupos de povos visceralmente antagonicos. Esse antagonismo não decorre das vicissitudes de guerras perdidas ou de batalhas ganhas. Mesmo que o entrechoque não se tivesse nunca dado entre elles no terreno militar, nem por isso seria menor o mutuo desaccordo. E' que o antagonismo é de ordem racial e gerado pela diversidade do substractum psychologico dos dois grupos que se defrontam. Divergem elles pela religião e pelo typo de cultura. Cada um delles vê os phenomenos sociaes por um diverso angulo de collimação. X e uma harmonia duradoura entre elles é impossivel. São civilizações que se esbarram de ha muito, através dos seculos e de que se presente um proximo e mais violento embate. Este choque se prepara agora no campo dos grandes problemas economicos e politicos que cada um delles procura resolver a seu modo e em completa opposição com o outro.

Desses dois grupos um é o "occidental", liderado pela Inglaterra. Tem a actividade intellectual voltada para o lado pratico da vida, absorve-se pouco com os problemas religiosos, e tem uma philosophia de fundo nitidamente scientifico. O seu espirito é o do racionalismo e do technicismo. E' na ordem politica, o regimen da democracia ampla, ou seja do predominio da opinião publica das massas, levado a um grão tal que um sabio chinês dos nossos tempos, Ku-Hung-Ming, o denominou de regimen de veneração da ralé. Desse typo de civilização são expoentes, além da Inglaterra, os paizes latinos

X- *Collimação - acção de visar, de mirar, de abscurar um ponto de mira por meio de um instrumento - Linha de collimação, linha que passa pelo eixo do ocular das pinculas do graphometro.*

européus e principalmente a America, considerada em conjunto, como uma só unidade politica. E' um dos polos sociaes da Terra e poderíamos denominar-o o polo euramericano.

O outro é symptomaticamente mystico. Nem as noções religiosas nem as philosophicas são passadas, como no occidente, pelo crivo do raciocinio: — é o irracionalismo que predomina acolá. E' o sonho, sem a noção das realidades e do opportunismo. Vivem aquellas nações, por outro lado, em um regimen predominantemente despotico. Não se implanta bem por aquellas terras o feittio politico representativo. Tudo gyra, em torno de personalidades, talvez eminentes, mas sempre absorventes e autoritarias. Esse é o espirito asiatico, quer na India, quer no Japão, quer na China, quer na Turquia. E a Russia, que é um prolongamento da Asia, a se intrometter pela Europa, representa no concerto das nações deste continente o polo politico que poderíamos denominar eurasico.

São dois grupos incompativeis e inamalgaveis, porque cada um delles é representado por uma certa alma. Mesmo quando se dá o intercambio de idéas, estas se deformam ao passarem de um para outro lado, de modo tal que se tornam irreconheciveis. A democracia occidental ao ser enxertada na Russia, se transforma no bolchevismo. O christianismo que na Russia é orthodoxo e tyrannico, tal como o judaismo, ao florescer nas bandas de Oeste, se humaniza no catholicismo e se liberaliza no protestantismo. As tyrannias perennes no Oriente são (graças a Deus!) sempre passageiras nos povos da Europa e da America; acabam depressa, porque ou o tyranno morre na ponta de uma faca, ou desaparece pela victoria de uma revolução, ou apodrece sem que ninguém o tome a sério. Foi o fim de Napoleão e será o de Mussolini, de Primo de Rivera e de outros despotas conhecidos.

Terreno politicamente neutral

Entre estas duas enormes massas movidas por tão oppostos sentimentos, ha na Europa uma zona politicamente neutral, ou antes, influenciada quasi que no mesmo grão, por uma e outra das duas correntes. E' a zona que geographicamente fica entre

ellas e se estadeia desde a Scandinavia até a Austria, tendo por leader natural a Allemanha, cuja mentalidade cultural partilha um pouco do idealismo eurásico e do technicismo euramericano.

A Allemanha é, portanto, uma região de transição na ordem politica do mundo. Quem se aprofunda no estudo da cultura alemã, depois de ter penetrado um pouco na alma oriental e no espirito occidental, percebe bem a dupla modalidade dos sentimentos moraes e intellectuaes dos germanicos.

Se, sob o aspecto anthropogeographico, tal é a Allemanha, melhor se apresentam as suas qualidades de região de transito sob o ponto de vista material: — ella é, no antigo continente, uma verdadeira ponte de passagem entre os dois grupos que ethnica e culturalmente se defrontavam ha muito e que agora, com o surto que tomou a politica universal depois da guerra, parece que se querem encontrar mais uma vez de armas em punho, em um conflicto temeroso. Este conflicto pode se desencadear de um momento para outro porque as repartições territoriaes decorrentes do tratado de Versalhes vieram criar varias superficies de attrictos entre estes dois blocos, além das que possam gerar fricções internas dentro de cada bloco com repercussões externas concomittantes.

A adhesão da Allemanha a qualquer dos dois grandes agrupamentos passou a ter uma capital importancia, por isso que ella, embora militarmente enfraquecida e mesmo, quasi annullada, conserva todavia a mesma pujança scientifica, intellectual e moral. Era logico que começasse a ser requestada pelos leaders dos dois blocos culturalmente antagonicos, e agora, neste preciso momento, tambem economicamente competidores nos mercados mundiaes, quer na Syria, quer na India, quer na China, quer no Norte da Africa.

Predominio do grupo occidental

Em Locarno se deu, afinal, a união definitiva da Allemanha ao grupo europeu occidental. A maior difficuldade teria sido encontrada em vencer certas resistencias da França, muito preocupada com os seus velhos dissidios. Mas este paiz, desde que se

libertou da tutela militarista do sr. Poincaré, começou a ver a vantagem de esquecer rixas pequeninas, para pensar nos grandes problemas do futuro de toda a Terra. Se permanecesse o regimen de picuinhas e sancções contra o Reich, este acabaria se cansando da fidelidade ao occidente e, unindo-se á Russia, serviria de pinguela para se extravasar nas planicies da França e da Belgica a avalanche moscovita dos libertarios, a qual, guiada por generaes tedescos, provocaria a hecatombe no debilitado organismo europeu.

Quando isso se viesse a dar, estalaria uma nova e formidavel guerra, na qual teria de entrar a America toda, não de brincadeira apenas, mas de facto, na dura realidade, perdendo gente, perdendo dinheiro, retardando o seu proprio progresso, ainda que fosse victoriosa.

Assim, pois, mesmo sem ter sentado embaixadores especiaes á mesa de Locarno, toda a America, iberica ou saxonica, lá estava realmente; o espirito de Locarno é o espirito "occidental", é o nosso espirito euramericano. Do que se tratou lá foi do socego, da paz, do progresso, não apenas daquellas nações que formaram o pacto, mas de todo o Universo, e especialmente da America e mais especialmente, da America latina.

Como, portanto, dizer que o Brasil nada tem com o que se fez em Locarno? Como nos considerarmos alheios áquella benemerita obra? Como nos julgarmos com o direito de perturbar a com a allegação de não termos sido ouvidos? Tem algum americano o direito de deslocar uma pedra sequer da vasta constracção pacifista esboçada e argamassada com tanta habilidade?

Para tal praticar, preciso fôra desconhecer não só o problema racial e economico que vimos de esboçar, mas tambem todos os demais da diplomacia mundial hodierna, que, aliás, andam por ahi tratados em revistas, não sendo preciso uma grande erudição internacional para apprehendel-os. E, no entretanto, houve brasileiros que perdendo o senso das oportunidades, atiravam o nome do Brasil ao fiasco internacional, ao passo que teriam por certo visto alcançar apoio as nossas justissimas pretensões se as lançassem na hora apropriada. Nada conseguiram para a satia-

fação dos nossos anhelos. Bem ao contrario. Puderam apenas annuiar o horizonte de Locarno, que é o nosso proprio horizonte politico americano.

E, todavia, julgam-se muito patriotas, e acreditam ter servido á sua terra.

Que setembro não reserve (*) ao Brasil, sob taes conspicuos guias, horas mais desagradaveis...

(*) Reservou. Sahimos ex-abruptamente e sem justificação rasoavel da Sociedade das Nações, porque a mentalidade municipal do Sr. Arthur Bernardes chegou até Genebra.

ULTIMA PAGINA

Algumas observações

Quasi todos os capitulos deste livro, quando publicados em jornaes e revistas, receberam criticas e contestações. A nenhuma respondemos de publico, porque nos desagrada — e desagrada aos leitores — o bate bocca, em geral improficuo, de dois escriptores sobre assumpto technico.

Não nos passaram, porém, despercebidas as ponderações que os Srs. Newton Belleza e Affonso Varzea nos fizeram, o primeiro sobre o problema da unidade nacional e o segundo sobre os perigos e inconvenientes do nosso clima. Eram criticas elevadas, dignas dos escriptores que as subseveram. Si se dignarem de passar os olhos sobre este volume e, especialmente, sobre os que se vão seguir, verão que os nossos pontos de vista não são tão antagonicos, como poderiam parecer, pela curta exposição de uma parte apenas do nosso pensamento em artiguetes da imprensa diaria.

Celeuma grande levantou-se em Santa Catharina a proposito do que dissemos sobre os methodos de ensino adoptados para os allemães e filhos de allemães que não sabem falar portuguez. Nos Estados enfeudados não existe imprensa de opposição, porque... porque... Todos nós sabemos porque. Disso resulta que os governantes não estão acostumados a ouvir a mais pequenina critica. As ponderações que fizemos eram calmas e sensatas, como terá visto o leitor no capitulo A Lingua dos Brasileiros e outros que versam sobre o mesmo assumpto. Pois foi um Deus nos acuda. Descompuseram á vontade. E' claro que não lhes demos a honra de uma resposta.

— Si o leitor leu todo o livro terá visto que as mesmas idéas são repetidas em varias paginas. Não podia deixar de ser assim. Os capitulos deste volume appareceram em epochas diversas, em varios jornaes, visando publicos differentes. Era impossivel deixar de repetir os pensamentos primordiaes, as idéas directoras.

Esta circumstancia empresta a este volume um aspecto desconnexo, esfarrapado, que, diga-se a verdade, não desestimamos. Não desestimamos no typo Nota previa. Evital-o-emos, porem, tanto quanto nos seja possivel, na obra definitiva.

— O artigo intitulado Conglomerato politico mereceu as honras de uma traducção e de uma transcripção no estrangeiro. A traducção foi feita pelo nosso presado amigo Dr. Georg Glueksmann, a quem aqui, de publico, agradecemos a sua amabilidade espontanea, e appareceu no *Zeitschrift fuer Geopolitik*, afamada e autorisada revista sobre assumptos geopoliticos, da qual são directores os eminentes professores Haushofer, Obst, Lautensach e Otto Maull.

O projecto futuro

Chega agora a pergunta dolorosa: Executaremos nós a obra que planejamos, com a vastidão que tencionamos lhe dar, investigando a “Estructura Politica do Brasil” em todos os seus cinco ramos? Teremos a necessaria pertinacia para leval-a a cabo?

Eis a terrivel interrogação.

Por varias vezes dissemos neste volume — e estamos sinceramente convencidos — que o clima quente tolhe as energias. Não as energias emprehendedoras, mas as energias de execução. Somos — nós brasileiros — capazes de projectar grandes coisas, mas a continuidade não é a nossa virtude mais predilecta.

Um caso.

No capitulo em que na Estructura Geopolitica do Brasil nos occupamos da Psychologia do brasileiro em função do clima, levamos a analyse do phenomeno ás suas ultimas consequencias. Citamos um sem nu-

mero de exemplos que demonstram “a capacidade de idealizar e incapacidade de realizar”.

Quando acabámos de escrever o capitulo era um dia de calor e estavamos exhaustos. Parámos. Descansámos. Reflectimos. E não nos sentimos com energia para iniciar o capitulo seguinte. E’ que a nossa producção tem de ser “espasmodica”, usando da expressão do Sr. Fritz Gerald.

Estará, portanto, fadada á não realisacão a obra que hemos projectado, para estudar sobre os seus cinco aspectos differentes a Estructura politica do Brasil?

Cada vez mais vão se tornando raras as obras de grande envergadura no nosso paiz.

Os nossos literatos raramente se entregam á composiçãõ de romances, e, a nosso ver, issó se dá porque para fazer um romance preciso se torna a perduradoura continuidade que nos falta. Preferem o conto ligeiro, cuja redacção pode ser principiada e acabada na mesma semana, e ás vezes no mesmo dia. Si passar mais tempo, a volubilidade faz o pensamento logo esvoaçar para outra idéa.

E’ em virtude desse estado d’alma que resulta, a nosso ver, o encaminhamento dos nossos intellectuaes para o jornalismo. Quando fulano “cae” no jornalismo, não o faz porque ahi a remuneração seja melhor, como nos ponderou Medeiros e Albuquerque. Ha innumeras pessoas que fazem jornalismo gratuito, pelo só prazer de escrever. Fazem-no, sinão brilhantemente, ao menos com bastante interesse. Poderiam executar, no socego dos gabinetes, obras de maior vulto. Falta-lhes, porém, a estabilidade da vontade, e, por isso, preferem o artiguete curto, rapido, escripto ao calor do primeiro enthusiasmo.

Com os scientistas se dá o mesmo. As sessões na Academia Brasileira de Sciencias têm nos dado vasto campo para observação. A Academia é sem duvida constituida pelo que ha de melhor entre os investigadores brasileiros, e, no entretanto, salvo duas ou tres excepções, não se percebe nenhum esforço continuado nas pesquisas de laboratorio. Os nossos scientistas não sentem interesse na especialisação do detalhe, porque para obter resultados tangiveis nesse campo é preciso o esforço persistente e desse esforço persistente elles não são capazes.

E' sempre odioso trazer ao debate uma dada pessoa, mas esta que vamos citar merece de tal modo a nossa admiração que ninguém supporá que pretendamos amesquinhal-a.

Queremos nos referir a Oliveira Vianna, que é uma intelligencia de escól e um estudioso e erudito cultor das sciências sociaes. Que succedeu a Oliveira Vianna? Fez apparecer o primeiro volume do seu estudo sobre as Populações meridionaes do Brasil. E' um trabalho brilhante que fez successo. Tal successo, raro nos annaes da livraria brasileira, que uma segunda edição é tirada. E' uma obra, pois, que o publico apreciou... e pede mais. Mas os volumes seguintes não apparecem. Por que? Talvez o cansaço para executar um estudo longo. Eis o clima actuando.

Nós que não possuímos o merecimento de todos esses patricios illustres, scientistas e literatos, temos muitos motivos para pensar que nos faltará energia de levar a termo a presente tentativa, que é assás vasta e por isso mesmo nos atemorisa.

Em todo caso, sem muita confiança na nossa capacidade de realisação, vamos deixar aqui consignado, sob a fórma de "ante-projecto", o plano da obra, sujeito naturalmente, como todos os anteprojectos, a modificações ultteriores.

Plano da obra

Será composto de seis partes, que reuniremos em dois ou tres volumes:

I — Estructura geopolitica do Brasil (Estudo do territorio politico — O Paiz)

A — O "espaço" (area):

- a) vantagens dos grandes "espaços":
 - 1) influencia psychosocial
 - 2) possibilidades economicas variadas
- b) desvantagens dos grandes "espaços":
 - 1) retardamento da penetração da civilisação
 - 2) facilidade de desmembramento, que pode ser corrigida:
 - por uma divisão territorial logica
 - pela centralisação da séde do governo.

P — a forma:

- a) crescimento e fronteiras:
 - 1) a dilatação do meridiano de Tordesilhas
 - 2) guerras, quer passadas, quer futuras
- b) vantagens e inconvenientes politicos da actual fórma do Brasil.

C — a posição:

- a) mathematica, donde o clima, influenciando:
 - a vegetação
 - os germens pathogenicos e sua propagação
 - a energia humana
 - os phenomenos geopsychicos
- b) geographica:
 - 1) substractum geologico — possibilidades mineraes
 - 2) relevo topographico e suas caracteristicas psychosociaes em:
 - montanhas
 - planicies
 - planaltos e peneplanicies
 - curros d'agua
 - 3) coefficiente de maritimidade
- c) politica:
 - 1) valor das visinhanças:
 - em paz
 - em guerra
 - 2) a "supernação" americana
 - 3) coefficiente de pressão.

II — A Estructura demopolitica do Brasil (Estudo do povo — A Nação)

A — quantidade de população:

- 1) absoluta:
 - actual
 - possivel
 - provavel marcha do crescimento da população

- 2) relativa (densidade):
por Estados e municipios
urbana e rural.

B — qualidades da população, adquiridas:

- a) por herança:
brancos
pretos
índios
mestiços
- b) por influencia do meio:
1) physico (clima e relevo)
2) social
- c) por educação:
physica: hygiene e saneamento
intellectual: ensino
moral: vontade.

C — Lealismo e nacionalismo:

Aplicação ao caso brasileiro dos sentimentos indicados por essas duas expressões no seu sentido scientifico.

D — Os problemas da nação (espírito de unidade):

- 1) liames historicos
2) lingua e literatura
3) religião
4) pressão externa (guerras).

III — A Estructura autarcopolitica do Brasil (Estudo da independencia economica — Autarcia)

A — Caracteristicas da autarcia:

- a) politica economica interna: inhomogeneidade dos productos
b) politica economica externa: alianças logicas.

B — Fontes de riqueza:

- 1) quedas d'agua

- 2) mineração
3) exploração de florestas
4) agricultura
5) pecuaria.

C — Rede vascular:

- a) actual:
rios e canaes
portos
estradas de ferro
estradas de rodagem
aviação
- b) plano geral de viação, organizado tendo em vista os principios de autarcia e de unidade politica.

IV — A Estructura cenopolitica do Brasil (Estudo dos problemas attinentes á Sociedade)

A — Caracteres da sociabilidade:

- a) harmonia das classes
b) antagonismo das classes
1) antagonismos de cultura:
elite directora
massa popular
2) antagonismos de concepção:
theismo e atheismo
tradiceionalismo e progresso
idealismo e realismo
3) antagonismos economicos.

B — Influencias estrangeiras:

- a) portuguezes
b) negros
c) italianos
d) allemães
e) outros povos.

C — Typos sociaes:

- a) segundo a localisação:
 - 1) ruraes
 - 2) urbanos
- b) segundo a profissão:
 - 1) agricola
 - 2) pastoril
 - 3) industrial e commercial
 - 4) profissões liberaes
- c) segundo a economia:
 - 1) capitalistas
 - 2) proletarios.

V — Estructura cratopolitica do Brasil (Estudo dos problemas que dizem com a forma de governo e exercicio d'A Soberania)

A — regimen constitucional:

- a) monarchia e republica
- b) unitarismo e federalismo
- c) parlamentarismo e presidencialismo
- d) a harmonia dos poderes
- e) direitos do cidadão.

B — regimen administrativo:

- a) administração propriamente dita
- b) ensino
- c) justiça
- d) força publica.

C — regimen representativo:

- a) direito de voto
- b) processo eleitoral
- c) representação das classes
- d) efficiencia legislativa.

IV — Synthese final — Educação e organização

O estudo desses dois problemas capitaes para a vida do Brasil será feito tendo em vista:

- a) modificar as influencias:
 - 1) do clima
 - 2) da extensão territorial
 - 3) da distribuição da população
- b) fortalecer os elos unitarios:
 - 1) pelo ensino fundamental
 - 2) pela igualdade da justiça
 - 3) pela semelhança da administração
 - 4) pelo serviço militar
 - 5) pela divisão territorial e localisação da capital
- c) crear o espirito nacional:
 - 1) pela lingua
 - 2) pelo nacionalismo racional.

INDICE

	Pgs
Primeira pagina	7
Mudando de rumo, 7 — A chave do xadrez, 9 — Na Ilha Rasa, 10 — Na Detenção, 12 — Projecto a realizar, 13.	
Assumptos Geraes	15
Dizer a verdade	15
Dizer ou calar, 15 — O regimen da franqueza, 17.	
A pratica do patriotismo	19
A sensação do patriotismo, 19 — Grandesa e unidade da patria, 20 — Patriotismo militarista, 22 — Patriotismo nacionalista, 24.	
A nova concepção da geographia	28
Sciencia antiga e moderna, 28 — O homem, como agente geographico, 32 — Uma nova definição de geographia, 37 — Sciencias correlatas, 40 — A especialização geographica, 42.	
A politica e a geopolitica, segundo Kyellen	44
Os primeiros passos, 44 — Algumas definições, 46 — As subdivivões da Politica, 48 — Alargando horisontes, 51 — O Estado como ser vivo, 52.	
Assumptos geopoliticos	55
O nosso fatalismo é ingenito	55
O homem e o clima, 55 — Os dois typos de ambiente geographico do Brasil, 56 — Confrontos e comparações com a Africa, 57 — Um parentesco climaterico, 58 — O nirvanismo do brasileiro, 59.	

	Pgs.
A equação geral do Brasil	60
O nosso fatalismo tem cura, 60 — Espaço e posição, 61 — Solo e clima, 62 — “Sangue novo” e “gymnastica”, 63.	
Clima e civilização: Theoria do grau de cultura	65
Sahindo do Equador, 65 — No Mediterraneo, 67 — O choque das columnas, 69 — Nas regiões cyclonicas, 70 — A marcha geographica da civilização (gravura), 71 — Regiões chamadas hostis á civilização, 73 — O declínio da Europa, 75 — Variação no tempo, 76 — Leis do “grau de cultura”, 79.	
O conceito de supernação	81
Sentimento sui generis..., 81 — ... que não existe na Oceania, 82 — ... que não existe na Eurasia, 82 — ... que começa a haver na Africa, 84 — ... que existe na America, 86 — Latinos e anglosaxonios, 88 — A alma da America, 90.	
Assumptos demopoliticos	93
A população possível do Brasil	93
Os calculos optimistas de Penck, 93 — Huntington e o Brasil, 94 — As zonas mais ferteis da Terra, 95.	
Ensino primario	97
Uniformidade do ensino, 97 — Antagonismos nocivos, 99 — Sempre tropeços, 101.	
A revisão constitucional e o ensino	103
A mentalidade dos constituintes, 103 — Os erros persistem, 104 — Emendas á Constituição, 106.	
Immigração intellectual	107
Uma concorrente temível, 107 — “Missões” intellectuaes, 109 — Os Institutos de Alta cultura, 110.	
Espelho em que se mirar	111
Educar é fazer imitar bons modelos, 111 — Relembrando noções, 112 — Um paralelo que parece envergonhar, 114.	
Mais ensino e menos discursos	107
Uma faculdade de sciencias, 117 — Valioso auxilio, 118 — Menos discursos e mais ensino, 119 — Trabalho de laboratorio, 120.	

	Pgs.
Assumptos autarcopoliticos	121
O “Estrangeiro”, de Plinio Salgado, e a alma gemente do Nordeste	121
Contraste doloroso, 121 — Federalismo e desunião, 123 — Transmutação de sangue, 125.	
Cooperação alleman no Brasil	127
Triplíce cooperação, 127 — O allemão colono, 129 — Novos bandeirantes, 130 — Elevação social, 132 — Na industria e commercio, 133 — Um folheto valioso, 135 — Allemães na historia do Brasil, 137 — Cooperação intellectual, 138.	
A prosperidade do sul e o parcellamento do solo	140
O bem estar dos particulares, 140 — Blumenau, a encantadora, 141 — O livro e o baralho, 143.	
Assumptos cenopoliticos	145
Indices da civilização no Brasil	145
Comparação scientifica, 145 — Carencia de estatisticas, 149 — Phenomenos de correlação, 151 — Indices da vida material, 154 — Indices da vida intellectual, 159 — Indices da vida moral, 165 — Indices da vida social, 169 — A importancia social da riqueza, 171.	
Irmãos calumniados	175
Capacidade e disciplina, 175 — A segunda patria, 176.	
A lingua dos brasileiros	179
Um só idioma, 179 — Em momento inoportuno, 181 — Methodos violentos, 183 — A nacionalisação do ensino, 184.	
Assumptos cratopoliticos	187
Conglomerato politico	187
Os extremos politicos e o centro, 187 — O crystal e a formação politica, 189 — Um regimen que rue, 189 — O unitarismo brasileiro, 190 — A organização da unidade nacional, 192 — Actuam desfavoravelmente, 192 — Forças pro e contra (gravura), 193 — Actuam favoravelmente, 194.	

Voto secreto e consciente	195
Voto consciente, 195 — Voto secreto, 196 — Uma machina para votar, 197.	
Um programma partidario para o momento	199
Previa definição de principios, 199 — Um programma de partido, 201 — Depois da revisão feita, 202.	
O Brasil na politica mundial	203
O "Espírito de Locarno", 203 — Euramericanismo e euro-asiatismo, 204 — Terreno politicamente neutral, 205 — Predomínio do grupo occidental, 206.	
Ultima pagina	209
Algumas observações, 209 — O projecto futuro, 210 — Plano da obra, 212 — Estructura geopolitica, 212 — Estructura demopolitica, 213 — Estructura autarcopolitica, 214 — Estructura cenopolitica, 215 — Estructura cratopolitica, 216 — Educação e organização, 217.	